



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Ana Cláudia Faria Ribeiro

REVISTA NU

UM CORPO (QUE VIVE) EM CONSTANTE MOVIMENTO

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pela Professora Doutora Carolina da Graça Cúrdia Lourenço Coelho
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias
da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2020

REVISTA NU

um corpo (que vive) em constante movimento

Agradeço à Professora Carolina, pela orientação rigorosa e sensível, e por tantas vezes ser uma inspiração.

Ao André, ao Renato e à Maria, pela amizade que tão solidamente vamos construindo.

Ao Nina, pelo tanto que me ensina, e por ser a minha figura paterna sempre presente.

À minha mãe, por ser o meu farol, por me estimular a ser inquieta e a jamais considerar o conformismo.

Ao Hugo, por ser ternura e esperança, bondade e alegria, e por ser o meu grande amor.

RESUMO

Reconhecendo que a escola de arquitetura se deverá posicionar criticamente em relação ao seu tempo e ao seu lugar, adaptando e adequando as suas formas de estar, ensinar e aprender (sem se autolimitar), a presente dissertação visa compreender de que modo os seus agentes – mais concretamente o corpo estudantil – poderão contribuir para atmosferas de ensino e aprendizagem despertas, inquietas e jamais conformadas com a sua existência.

Tal argumento adquire especial relevância (e pertinência) quando analisado aos olhos da Revista *Nu* que, ao assumir-se como objeto de estudo, possibilita decifrar aquilo que terão sido, em parte, as contaminações entre os seus agentes e o Departamento de Arquitetura da UC – seja por sincronia, oposição ou, tão validamente, por complementaridade. Neste seguimento, analisam-se os enredos e personagens, a evolução editorial, social e pedagógica da *Nu* que, quando cruzados com as especificidades e paradigmas do DARQ, permitem defini-la como ferramenta catalisadora da intensidade da Escola, das suas motivações e das suas dinâmicas.

A transposição de tais premissas para outros contextos específicos permitiu, simultaneamente, aferir do que comungam e o que distingue realidades aparentemente distintas, determinadas pelos seus contextos, agentes e momentos de contaminação específicos.

Salienta-se, por fim, o papel da Revista *Nu* enquanto espaço (informal) de aprendizagem, no qual se potencia a expressão estudantil e instigação das suas posições individuais e coletivas – entre sinergias, afinidades e contradições – e que, por ser fértil em inquietudes e interrogações, estimula e permite a construção (de mais um pedaço) da Escola.

Palavras-chave: revista *nu*, departamento de arquitetura, ensino, aprendizagem, contaminação

ABSTRACT

Recognizing that the school of architecture should critically position itself in relation to its time and place, adapting its ways of being, teaching and learning (without being self-limited), this dissertation aims to understand how its agents – more specifically the students – can contribute to awakened and restless atmospheres of teaching and learning, never conformed to their existence.

This argument acquires special relevance (and pertinence) when analyzed in the eyes of *Nu* Magazine which, by assuming itself as the study case, makes it possible to decipher what may have been, in part, the contaminations between its agents and the Department of Architecture of the University of Coimbra – either by synchrony, opposition or, so validly, by complementarity. In this sense, the plots and characters, the editorial, social and necessarily pedagogical evolution of *Nu* are analyzed and, when crossed with the specificities and paradigms of DARQ, allow to define *Nu* as a catalyst tool of the intensity of the School, its motivations and its dynamics.

The transposition of such premises to other specific context allowed, simultaneously, to assess what they share and what distinguishes apparently distinct realities, determined by their specific contexts, agents and moments of contamination.

In conclusion, is it crucial to understand the role of *Nu* Magazine as an informal learning space, in which student expression and instigation of their individual and collective positions are enhanced – between synergies, affinities and contradictions – and due to being fertile in concerns and questioning, stimulates and allows the construction (of another piece) of the School.

Keywords: *nu* magazine, department of architecture, school, teaching, learning, contamination

Nota à edição:

Na presente dissertação utiliza-se a Norma Chicago 17h Edition para a referência bibliográfica. As citações diretas de fonte original estrangeira que integram o corpo de texto foram sujeitas a uma tradução livre pela autora, permitindo uma maior fluidez da leitura, e estão transcritas na língua original da consulta em nota de rodapé.

SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA	3
INTRODUÇÃO	5
ESCOLA (DE ARQUITETURA) ENTRE ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM	
Espaço-escola: potenciador de relações, partilhas e vivências	19
DARQ: paradigmas e especificidades	27
Movimentos estudantis na construção da Escola	51
REVISTA NU ENTRE CONFRONTOS, INQUIETUDES E PROVOCAÇÕES	
Agentes: corpo e dinâmicas editoriais	63
Publicações: temas-conceito	91
estrutura e secções	117
artigos e abordagens	135
Eventos: um estímulo de atmosferas externas	139
CONTAMINAÇÕES COMO TERMÓMETRO DE MOTIVAÇÕES E DINÂMICAS	
Um olhar sobre a FAUP: Revista <i>Unidade, Dédalo e Ma</i>	151
Revista <i>Nu</i> e DARQ: sinergias, afinidades e contradições	163
A REVISTA NU ENQUANTO ESPAÇO (INFORMAL) DE APRENDIZAGEM	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
ÍNDICE DE IMAGENS	191
ANEXOS	203

NOTA PRÉVIA

Uma escola que consente deixar-se representar pela indiferença é uma escola que não o é.¹

A escola de arquitetura apresenta-se como um organismo desejavelmente vivo, estimulador de confrontos, numa constante relação e discussão das suas formas de estar, ensinar e aprender. A sua definição dependerá, pois, de um conjunto de condicionantes variáveis, que deambulam entre as atmosferas sensíveis das partes e do todo.

Tal premissa constitui, assim, o ponto de partida do trabalho de investigação. Como tal, não se ambicionam as respostas mais irrefutáveis, mas sim as buscas mais descomplexadas. Questionar os limites da escola de arquitetura é perentório, ainda mais, claro está, quando questionados por ela própria; caso contrário, concretizar-se-á apenas e nada mais do que somente uma mera simulação de escola.

O pensamento construído ao longo do percurso académico, solidificado através de relações pessoais, espaciais, pedagógicas e disciplinares, poderá desencadear observações tendencialmente aproximadas e nem sempre imparciais no trabalho a desenvolver. Não obstante, entender-se-á tal condição jamais como uma fragilidade, mas como uma especificidade tão válida quanto desejável; como se, no fundo, de um olhar apontado, sensível e *nu* se tratasse.

¹ “UMA GERAÇÃO QUE CONSENTE DEIXAR-SE REPRESENTAR POR UM DANTAS É UMA GERAÇÃO QUE NUNCA O FOI!” José de Almada Negreiros, *Manifesto Anti-Dantas e por extenso* (Porto: Assirio & Alvim, 2013), 19

INTRODUÇÃO

O debate em torno das potencialidades e fragilidades da escola de arquitetura não é novo¹, no entanto, é tão apaixonante quanto necessário; porventura, quanto *nosso*²: dos que a ocupam e tantas vezes a estimulam e provocam. A total compreensão da mesma não é, acredita-se, tangível; contudo, o espaço para a questionar é tão vasto quanto o desejável.

A reflexão sobre a escola de arquitetura carece, por si só, do entendimento desta enquanto organismo que depende, desde logo, de um conjunto de condicionantes absolutamente vastas e necessariamente variáveis. Assim, a escola de arquitetura tenderá a encontrar-se em constante mutação à medida que as mais diversas intenções, vivências e relações entre agentes se vão alterando e adequando a contextos necessariamente específicos.

Ora, uma compreensão mais ampla da sua dimensão necessita, porventura e muito fundamentalmente, de um *olhar*³ sobre as demais condicionantes que, indelevelmente, a influenciam – desde o seu contexto urbano e social, ao seu espaço físico e pedagógico, até aos agentes que, individual e coletivamente, a compõem.

¹ Reconheça-se, neste sentido, a existência de trabalhos académicos que desenvolvem, precisamente, tal tema de investigação, entre os quais: Bruno Gil, “*Escola de Arquitectura, hoje*” (Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2005); Rosa Bandeirinha, “*O Limiar do Claustro: Origens e Práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra*” (Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2013); e Marco Silva, “*Escola de Arquitectura em debate: Entre os (des)Encontros, Entre Porto e Coimbra*” (Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2017)

² Entenda-se por *nosso* o sentido de pertença relativo aos que, ao lerem as palavras enunciadas, se atrevam a pensar a Escola.

³ Entenda-se igualmente por *olhar* a capacidade atenta e sensível de avaliar criticamente o que, por vezes, está além de superfícies necessariamente visíveis e palpáveis.

A escola depende, desde logo, do seu espaço corpóreo, seja este um vazio livre para ser atravessado; um espaço fragmentado que de forma autónoma se estende pela atmosfera; ou, tão simplesmente, um claustro dependente das ações cruzadas que decorrem no seu interior. O edifício escolar apresenta-se, deste modo, como uma variável capaz de “responder e, acima de tudo, melhorar o processo de aprendizagem”⁴, traduzindo-se, desde logo, num elemento “relevante para as ações e resultado que proporciona”⁵. Por sua vez, deverá este ser capaz de propiciar conformemente a agregação e um conjunto de relações verticais e horizontais, propensas ao debate, discussão e pensamento crítico.

De igual modo, a escola depende de todos os agentes que intervêm no seu espaço – entendido como algo que se estende além de uma dimensão tão somente física –, influenciados por contextos absolutamente específicos, externos à escola, sejam estes sociais, culturais ou temporais. “A performance da escola atinge o seu máximo quando existe o diálogo, quando existe o debate, quando existe a opinião, quando existe a comunicação, quando a escola vive e quando dessa vivência uma geração desponta”⁶ e, nesse sentido, deverão os agentes da escola ser capazes de estimular o encontro, as relações e trocas, evitando a indiferença, a apatia e a consequente estagnação da escola. O incumprimento destas premissas, implicará (acredita-se) uma escola estagnada, que não fará jus a uma disciplina em constante movimento – tal como a arquitetura, efetivamente, o é.

É concretamente no ponto no qual estas duas realidades se confrontam – o espaço da escola e os seus agentes – que surge o objeto de estudo da investigação: a Revista *Nu*; através desta procurar-se-á compreender do que comungam e, em simultâneo, o que as distingue. Idealizada e concretizada pelos estudantes do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (DARQ), a *Nu* assume-se como uma “publicação imparcial e descomprometida”⁷, tendo esta “como objetivo a reflexão e o debate de diversos temas relacionados com a arquitetura”⁸.

⁴ “they [school buildings] have the potential to answer and foremost to enhance the learning process” Carolina Coelho, “Place and action: The school building as an enhancer of learning process” in *Arquitectonics: Mind, Land & Society*, 30 (Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2013), 314

⁵ “recognizing school space as relevant to the actions and outcomes that it provides” *Ibid.*, 316

⁶ Bruno Gil, “*Escola de Arquitectura, hoje*” (Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2005), 102

⁷ O descritivo definidor da Revista *Nu* surge, pela primeira vez, no número #20 *Onde está Portugal?* a propósito da sua apresentação internacional na Bienal de Veneza, em 2004: “NU is the name of a magazine planned and produced by the students of the Architecture Department of University of Coimbra (DARQ), Portugal. Essential, impartial and uncompromised, Nu is a learning tool which aim to achieve debates on several architecture, enriched by the collaboration of several architects, scholars and students around the world.”

⁸ *Ibid.*

Ora, partindo da premissa que a Revista *Nu* se materializou, desde o início, segundo ideais de procura, crítica e pensamento coletivos – constituindo-se como uma ferramenta efetiva de aprendizagem –, pretende-se apurar, desde logo, o contributo da *Nu* face a uma Escola que se deseja capaz de pensar e questionar e, tão simultaneamente, aferir o contributo da Escola face à *Nu* enquanto “revista desprendida de formalidades académicas, à qual se afluem livremente aforismos e onde as notas de rodapé são dispensadas”⁹.

Procurar-se-á assim, durante a investigação, provocar um olhar atento sobre um conjunto de interrogações e visões críticas para que se aventure, através das mesmas, responder à questão de investigação:

De que modo a Revista Nu e a Escola se contaminam e se estimulam, traduzindo-se estas num espaço para pensar?

A Revista *Nu* surge no contexto do DARQ; será, por isso, impossível negar-lhe uma tal proximidade com a Escola – qualquer influência de uma sobre a outra revelar-se-á (acredita-se) expectável, embora se reconheça que nem sempre terá sido devidamente potenciada. Embora se apresente, hoje, devidamente estabelecida – com quase cinquenta números publicados –, a *Nu* terá sido, em certa parte, influenciada pelas atmosferas que a Escola terá despertado e, embora não tenha surgido com o objetivo claro de ser uma representação desta, poder-se-á afirmar que a Revista *Nu* “justifica-se no contexto do DARQ; fora dele o carácter será necessariamente diferente”¹⁰.

No seguimento de tal argumento, denota-se a existência de uma tal intimidade da Revista com a Escola – ou não fosse a *Nu* constituída e estimulada, muito fundamentalmente, pelos seus agentes mais sensíveis. Importará clarificar, neste seguimento, que embora não se considere que estudantes e docentes se apresentam, necessariamente, como corpos autónomos e dicotómicos, entender-se-á durante a investigação que a temperatura dos primeiros agentes será necessariamente mais volátil e suscetível ao meio. Dito de outro modo, o entendimento destes como entidade passageira carregará, em si, camadas mais ou menos ativas e vigorosas, pese embora, inevitavelmente inconstantes.

Compreenda-se, de igual modo, que a *Nu* tem vindo a ocupar o seu espaço próprio; “já adquiriu a sua personalidade”¹¹ enquanto espaço de pensar arquitetura além dos limites da

⁹ José António Bandeirinha, “Matriochka Portugalia”, *Nu* #19, Abril, 2004, 21

¹⁰ Bruno Gil, “Rasgar através do toque”, *Nu* #18, Março, 2004, 3

¹¹ *Ibid.*, 3

Escola – ganhou asas e soube voar além dos limites do claustro. De facto, nem sempre a *Nu* e a Escola terão manifestado ser um reflexo claro uma da outra; e não é, claro está, imperativo e desejável que o sejam; um tal distanciamento poderá garantir, na exata medida, uma acrescida capacidade de questionar criticamente um tal *status quo* e que, de outra forma, dificilmente se concretizaria. Não obstante, acredita-se que a contaminação destes dois corpos é nada mais do que necessária: dois corpos jamais ocuparão o mesmo espaço, mas um cruzamento das suas pluralidades permitirá rasgar limites, extravasar fronteiras e, assim, *haver vida*.

Tratar-se-á, durante a investigação, não só da Revista *Nu* ou tão somente de Escola *per se*; o desafio reside, precisamente, em compreender e decifrar de que modo uma informa a outra, o que partilham e o que, tão validamente, as distingue. Toma-se assim necessário, por conseguinte, desenvolver uma análise retrospectiva que conduza a investigação num sentido de perspetivação. No fundo, procura-se compreender de que modo a Revista *Nu* e a Escola se contaminam e, naturalmente, despertam e estimulam as mais diversas dinâmicas, manifestando-se assim como um *espaço para pensar*¹².

Convém salientar, contudo, que o objeto de estudo da presente investigação – a Revista *Nu* – se constitui, necessariamente, como elemento protagonista, através do qual se ousará levantar questões, hipóteses e, desejavelmente, perspetivar (infindáveis) respostas. Salienta-se, ora então, ser relevante compreender de que modo a Revista *Nu* se relaciona e interage com o espaço da Escola – físico, social e pedagógico –, para que se possa aferir, conseqüentemente, a temperatura de ambas. A questão do espaço da Escola carrega em si um conjunto de camadas, tão vastas quanto complexas; logo, importa apreender de que forma a *Nu* poderá ser traduzida segundo essas mesmas camadas, constituindo-se como uma ferramenta indispensável no modo como estas se vão sobrepondo e densificando.

Por outro lado, procura-se analisar mais amplamente as condicionantes que conferem forma e matéria à Revista *Nu*, através das quais se poderá manifestar a sua pluralidade, tão mutável e necessariamente suscetível – desde logo, os seus agentes, as suas publicações e eventos. Tais campos de análise apresentam-se tão sensíveis quanto subjetivos, o que poderá dificultar uma tal interpretação desejavelmente objetiva e absolutamente rigorosa; contudo, de outro modo, dificilmente se poderia descrever a *Nu* como *um corpo (que vive) em constante movimento*.

¹² Compreenda-se, primeiramente, a dificuldade de caracterizar objetivamente *espaço para pensar*. Entender-se-á o mesmo, durante a investigação, como um campo claramente subjetivo, incorpóreo e intangível, relativo ao espaço para estimular uma atitude crítica dos agentes da Escola, através de um pensamento enriquecido pela procura e reflexão: mais concretamente, através da capacidade de questionar e, assim, desenvolver um pensamento inquisitivo.

Assume-se, portanto, a existência de dados e métodos baseados em suposições e argumentos que, pese embora algo empíricos, se suportarão por um levantamento e sistematização até então nunca realizados e, por isso, verdadeiramente relevantes, pertinentes e originais. Através destes, dificilmente se alcançará, tal como seria desejável – contudo, jamais expectável –, uma abordagem absolutamente convencional; todavia, acredita-se ser precisamente este o desígnio da presente investigação: uma abordagem certamente sensível e, mais ainda, tão necessária.

Ora, não se pretendem estimar forçosamente resultados; parte-se da análise e interpretação das marcas deixadas ao longo do tempo – corpóreas ou, tão simplesmente, imateriais –, para que se possa traçar um caminho no sentido de debater coletivamente determinados fenómenos. Deste modo, deprender-se-á, porventura, o papel da Revista *Nu* enquanto ferramenta catalisadora, motivada e motivadora. Mais concretamente, desenvolve-se uma análise do material físico da Revista *Nu*, através do qual se sintetizam debates e reflexões conjuntas, constituído este pelos números até então lançados e que foram, para o efeito, criteriosamente selecionados, a par da recolha de participações em fontes consideradas informais, através das quais se poderão mapear contributos que informem e fundamentem, tanto quanto possível, a simbiose *Nu* – Escola.

Deste modo, constituem-se os primeiros dados da investigação, necessitando estes, impreterivelmente, de uma reflexão e debate com o coletivo. Neste sentido, reconhece-se a importância das entrevistas formais realizadas no âmbito da presente dissertação aos atores da Revista *Nu*; mais concretamente, aos diretores dos diversos corpos editoriais – constituindo-se estas como base de trabalho original – transcritas e disponibilizadas em anexo, possibilitando, assim, eventuais desenvolvimentos futuros. Assim, possibilitar-se-á cruzar perspetivas, apontar direções e, portanto, efetivar o progresso protagonizado pela *Nu* enquanto organismo que se deseja ativo.

Não obstante, recorre-se à leitura de diversas fontes bibliográficas para que se possa, por um lado, clarificar e identificar determinadas abordagens relativas ao espaço da escola enquanto potenciador e estimulador de diversos modos de estar, ensinar e aprender, no qual se efetivam trocas e despertam relações e, assim, compreender a pertinência deste para a investigação; e, por outro lado, para que se compreenda o contexto geográfico, social e pedagógico da Revista *Nu*, que terá influenciado, certamente, a sua especificidade.

O facto da Revista *Nu* se ter constituído em Coimbra, no Departamento de Arquitetura, impulsionada pelos seus estudantes, interessados e interessantes, terá conferido à *Nu* uma especificidade tal que não seria efetivamente possível num outro local, com distintos agentes. Dito de outro modo, acredita-se que num outro contexto a *Nu* estaria, certamente, deslocadíssima; seria, *quicá*, uma qualquer outra coisa.

Ora, propõe-se, numa primeira abordagem da investigação, estimular uma linha de pensamento que procure, desde logo, decifrar as especificidades e paradigmas característicos do espaço da escola, ainda que não necessariamente de arquitetura. Uma compreensão mais ampla dos conceitos a si intrínsecos – sejam estes de uma dimensão física, social ou pedagógica – permitirá, tão necessariamente, decifrar os momentos de partilha e aprendizagem decorridos no DARQ e, tão desejavelmente, refletir sobre os contornos e fragilidades de uma Escola de Arquitetura em Coimbra que se propõe ser palco de imensuráveis dinâmicas, vivências, provocações.

Colocar tal análise em perspetiva é imprescindível; entenda-se, desde logo, que somente desse modo se desvendarão as influências do meio, tanto na criação da Revista *Nu*, como na definição das suas frentes e campos de ação. Uma certa atmosfera determinará, necessariamente, o ambiente e as condições que, por consequência, desencadeará; do mesmo modo, também a Escola determinaria uma ideia de construção da *Nu*, impossibilitando, desde logo, uma visão autónoma das duas partes.

Conformam-se, assim, as primeiras incógnitas de uma equação que, longe de ser unívoca, permitirá aferir, muito fundamentalmente, os momentos de interseção e contaminação efetivas destes dois corpos.

Numa abordagem posterior – intimamente relacionada com a que lhe antecede –, mais analítica, pese embora, efetivamente provocatória, a investigação debruça-se sobre a análise e interpretação de diferentes campos de intervenção da Revista *Nu*. Neste ponto, coabitam diferentes tempos, agentes e ações, impreterivelmente necessários para a ampla e concreta compreensão do todo. Assim, as diversas transmutações e dinâmicas de cada corpo editorial, as motivações de cada tema-conceito, a estrutura e secções, os artigos e devidas abordagens, assim como os eventos por si estimulados, permitirão, *quicá*, desvendar os possíveis momentos de proximidade, distanciamento e provocação da *Nu* face à Escola.

Constituindo-se, nesse exato momento, o cerne da investigação – materializado através de recolhas, pesquisas, levantamentos e testemunhos tão diversos quanto particulares –, compreenda-se, tão validamente, a necessidade de mapear o desenvolvimento e respetivo crescimento da Revista *Nu*, para que se compreenda a sua essência, hoje, enquanto organismo devidamente autónomo do seu meio e dos seus agentes.

Contudo, saliente-se que afirmar que a *Nu* se revela, hoje, autónoma do seu meio e dos agentes não significará, necessária e simultaneamente, declarar que esta não será influenciada quer pelos agentes quer pelo meio e pelos tempos em que decorre; uma tal contaminação será, tal como anteriormente exposto, desejável e, em certa parte, inevitável.

O desafio da investigação reside, por fim, em estabelecer uma apreciação crítica e devidamente informada que responda, desde logo, à questão de investigação para que, assim, se compreendam os diversos fenómenos inerentes à contaminação *Nu* – Escola. Olhar para tal relação de forma rigorosa – talvez concetual –, evitando perspectivas enviesadas e tendo em vista uma abordagem imperativamente horizontal é, efetivamente, perentório.

Compreenda-se, ainda, que não se pretende desenvolver um padrão caracterizador e definidor de determinadas práticas, modos de estar, ensinar e apreender – os fundamentos e meios desta investigação jamais o permitiriam. Assim, privilegiar-se-á sempre a existência de hipóteses, pensamentos e diálogos cruzados, assumindo que também a Revista *Nu* e a própria Escola nesse sentido deverão caminhar.

Atente-se, ora então, que a presente investigação não pretende desenvolver uma abordagem meramente bibliográfica, tão simplesmente descritiva de um tempo ou de um conjunto de ações; tal abordagem poderia, porventura, conter inúmeras limitações e, deste modo, constituir-se uma investigação menos frutífera e proeminente como se pretende que a presente seja. Reconhece-se, claro está, a existência de investigações que utilizam como caso de estudo o Departamento de Arquitetura (DARQ) e a Revista *Nu*¹³, constituindo-se estas como importantes pontos de partida do estado da arte nesta matéria. Contudo, a investigação que aqui se pretende desenvolver procura levantar um olhar crítico sobre um tempo, um espaço e sobre um conjunto de agentes específico.

Saliente-se, por fim, a importância da Revista *Nu* na compreensão e interpretação das diversas contaminações, evidentes e inevitáveis, que ocorrem numa Escola desejavelmente participada, heterogénea e, tão simplesmente, inquieta.

¹³ Reconheça-se, neste sentido, o trabalho de investigação desenvolvido por Pedro Patrão Amado, a propósito da importância da dinâmica editorial na cultura arquitetónica portuguesa, na qual a Revista *Nu* se afigura, precisamente, como caso de estudo. Pedro Patrão Amado, “*Dinâmicas editoriais na cultura arquitectónica: Leitura crítica do posicionamento e das estratégias de comunicação da Revista NU entre 2002 e 2012*” (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade Vasco da Gama, 2013)

ESCOLA (DE ARQUITETURA) ENTRE ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

“A escola para a qual vamos encontrar uma forma é uma escola de menos educação e mais aprendizagem. O que é necessário é um ambiente que estimule e incite à aprendizagem através de perguntas, um clima que provoque troca e conforto, intelectual, cultural e político”¹

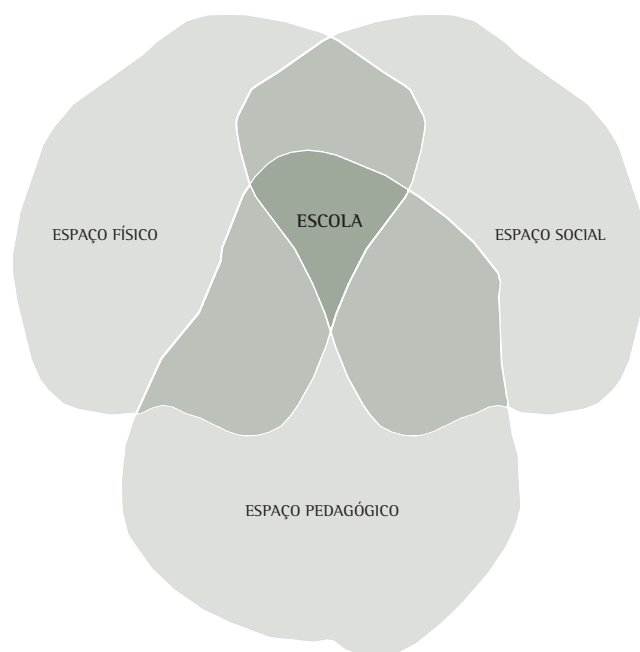
Espaço–escola: um potenciador de relações, partilhas e vivências

Desenvolver um pensamento sobre o espaço da escola (não necessariamente de arquitetura) alicerçado, tão somente, na sua condição física, revela, desde logo, uma fragilidade estrutural. Dito de outro modo, a sua componente física – matéria central da arquitetura –, revela-se insuficiente quando considerada dado único e absoluto de tal equação.

Além do espaço físico, assumido como palco da ação e, necessariamente, “da vida”², dever-se-á considerar ainda o espaço social e pedagógico enquanto campos tão validamente potenciadores de agregação, de dinâmicas e, claro está, de aprendizagem. Transposto tal paradigma, poder-se-á desenvolver, somente então, um pensamento sobre o espaço da escola, sem se incorrer no erro de o diminuir a uma condição que, pese embora absolutamente determinante, não revela em si capacidades suficientes ou, tampouco, únicas para o caracterizar, decifrar e questionar

¹ “The school for which we are to find a form is one of less education and more learning. What is needed is an environment that stimulates and incites learning by asking questions, a climate that provokes exchange and confrontation, intellectually, culturally and politically” Herman Hertzberger, *Space and Learning: Lessons in Architecture 3* (Rotterdam: 010 Publishers, 2008), 70

² Carolina Coelho, “Cumplicidades no espaço escolar de hoje” *ARQ’A 109*, Setembro/Outubro, 2013, 118



1 | Diagrama de abordagem abstrata do espaço-escola

plenamente enquanto “ambiente que estimule e incite a aprendizagem”³.

Ora, procura-se, a partir de então, estimular uma compreensão una do espaço–escola, à imagem da relação entre espaço físico, íntimo com edifício escolar na sua condição e preponderância mais corpórea; entre espaço pedagógico, formal e informal, relacionado com os paradigmas e estímulos ao processo de ensino e aprendizagem; e espaço social, no que às relações verticais e horizontais diz respeito, bem como especificidades inerentes ao indivíduo e a um tal coletivo – tão particulares e absolutamente distintas.

De facto, a literatura existente sobre o espaço escolar é tão extensa quanto abrangente e, por vezes, difícil de adaptar, tão imediatamente, ao espaço da escola de arquitetura que aqui se procura descodificar. Contudo, e apesar das perspectivas e abordagens absolutamente particulares, todas as leituras evidenciam em si a relação íntima entre o espaço e a aprendizagem.

Assim como defendido por John D. Bransford, Ann L. Brown e Rodney R. Cocking, “a teoria da aprendizagem não fornece uma receita simples para conceber ambientes de aprendizagem eficazes”⁴; não obstante, ressalva-se a importância da transferência de conhecimento enquanto processo desejavelmente dinâmico⁵. Neste sentido, a transferência de conhecimento deve procurar potenciar a aprendizagem e, por isso, centrar-se no aluno, estimulando os *learner-centered environments*, termo utilizado para designar, mais concretamente, “ambientes que prestam atenção ao conhecimento, competências, atitudes e crenças que os alunos trazem para o ambiente educativo”⁶.

O processo de aprendizagem deve ser potenciado, vertical e horizontalmente, numa relação entre professor-aluno e contacto frutífero entre os pares, para que, coletivamente, se constituam ferramentas e estímulos férteis de adaptação às novas práticas pedagógicas e teorias educativas, tão acutilantes e enriquecedoras das atmosferas pedagógicas. O ensino centrado, tão somente, no professor e a aprendizagem entendida como *cosa* estática, passiva e inquestionável, não parece ser adequado aos objetivos e expectativas pedagógicas contemporâneas.

³ “What is needed is an environment that stimulates and incites learning” Herman Hertzberger, *Space and Learning: Lessons in Architecture 3* (Rotterdam: 010 Publishers, 2008), 70

⁴ “Learning theory does not provide a simple recipe for designing effective learning environments” John D. Bransford, Ann L. Brown & Rodney R. Cocking, *How People Learn: Brain, Mind, Experience and School* (Washington, DC: National Academics Press, 2000), 131

⁵ Cf. *Ibid.*, 66

⁶ “We use the term ‘learner-centered’ to refer to environments that pay careful attention to the knowledge, skills, attitudes, and beliefs that learners bring to the educational setting” *Ibid.*, 133-134

A escola necessita, por isso e tal como defende Herman Hertzberger, ser um ambiente estimulante e em constante mudança⁷; deste modo, repensar o modo como se ensina e, por consequência, o modo como se aprende manifesta-se perentório. A aprendizagem não se concretiza quer com a transmissão⁸, quer com a absorção de conhecimentos absolutamente básicos e inquestionavelmente aceites⁹; tal argumento indica, precisamente, que a escola enquanto espaço de relações, de ensino e de formação deverá despertar formas de estar, de ensinar e aprender jamais passivas.

Neste seguimento, Teresa Heitor salienta, ainda, “o espaço como ferramenta educativa, tanto no que diz respeito à transmissão de conhecimentos (socioculturais–científicos–técnicos), como à promoção da capacidade de aprendizagem”¹⁰, precisamente enquanto algo que “pode ser efetivamente usado como uma ferramenta pedagógica”¹¹. Para tal, o espaço de ensino e aprendizagem deve, desde logo, “reivindicar todo o espaço do edifício”¹²; o primeiro dependerá sempre do segundo que, tão necessariamente, de si decorre.

Ora, compreenda-se que, para tal, as práticas pedagógicas não devem acontecer somente na sala de aula, podendo a configuração dos ambientes de aprendizagem “variar amplamente de acordo com o leque diversificado de atividades – formais e informais, em grupo ou individuais”¹³, como aliás elucida Carolina Coelho. Dito de outro modo, os processos de ensino-aprendizagem reconhecem, hoje, “espaços informais e atividades sociais como momentos de criação e transmissão de conhecimento”¹⁴, ou seja, além dos espaços formais – como a sala de aula, a biblioteca e salas de estudo –, privilegiam-se ambientes informais, nos quais decorrem trocas inesperadas e espontâneas, absolutamente férteis, como os corredores, espaços de estar, de reflexão e de encontro social, entre tantos

⁷ Cf. Herman Hertzberger, *Space and Learning: Lessons in Architecture 3* (Rotterdam: 010 Publishers, 2008), 8

⁸ “As long as learning goes no further than conveying the officially accepted basic knowledge” Cf. *Ibid.*, 68

⁹ “Learning has to be more than just absorbing basic knowledge” Cf. *Ibid.*, 8

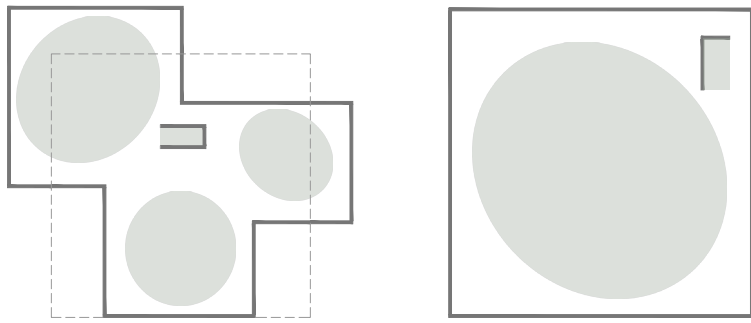
¹⁰ “space as an educational tool regarding both the transmission of (social-cultural-scientific-technical) knowledge and the promotion of the learning capacity” Teresa Heitor, “Potential Problems and Challenges in Defining International Design Principles for Schools”, *OECD/PEB* (2005): 44

¹¹ “how can space be effectively used as a pedagogic tool” *Ibid.*, 45

¹² “will claim the entire space of the building” Herman Hertzberger, *Space and Learning: Lessons in Architecture 3* (Rotterdam: 010 Publishers, 2008), 70

¹³ “whose configuration can widely vary according to the diverse range of activities - formal and informal, group or individual” Carolina Coelho, “*Life within architecture from design process to space use*” (Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2017), 335

¹⁴ “the learning process guided by informality also recognises informal spaces and social activities as moments for knowledge creation and transmission” *Ibid.*, 166



2, 3 | Diagrama ilustrativo da sala articulada *versus* sala básica

outros igualmente importantes e nos quais decorrem “diversas atividades de criação e comunicação de conhecimento”¹⁵.

De igual modo, a aprendizagem decorre, ainda e tão validamente, através de atividades não compreendidas, necessariamente, no *curriculum* pedagógico da escola – desde conferências, debates, seminários, exposições, *workshops*, publicações –, ocupando estas o espaço da curiosidade e da descoberta, e estimulando, neste caso, uma aprendizagem desperta e inquisitiva por parte dos agentes que são, normalmente, recetores.

Logo, a escola é responsável por estimular este tipo de dinâmicas, que em tanto contribuem para uma aprendizagem que se deseja ativa, construída individual e coletivamente – tão influentes no sucesso escolar e, acredita-se, profissional.

Os edifícios escolares, além de “palcos”, são também “potenciadores do comportamento humano”¹⁶; como tal, podendo o espaço físico ser um catalisador da criação, transmissão e assimilação de conhecimento, deverá assumir configurações espaciais que estimulem o seu potencial como ferramenta de resposta às necessidades dos seus agentes. Por conseguinte, caberá aos arquitetos desenvolver e adequar, precisamente, essas mesmas respostas, “através de espaços que permitam uma maior variedade de utilizações e diferentes níveis de interação”¹⁷.

Ora, o desenho do edifício escolar tem influência nas vivências que nele decorrem, na experiência individual e coletiva, e na interação e nas relações sociais e educativas dos seus agentes. Como tal, Gary T. Moore e Jeffrey A. Lackney esclarecem que o desenho arquitetónico determina os resultados da educação¹⁸ – no que ao tamanho da escola e da sala de aula diz respeito –, compreendendo que tais características “conduzem diretamente a diferenças significativas e substanciais na realização da aprendizagem”¹⁹. Assim, espera-se que o edifício escolar reúna em si as condições necessárias para que a aprendizagem efetivamente se proporcione, podendo esta ocorrer de modo mais ou menos profícuo.

¹⁵ “Learning is conceived outside the classroom and by means of diverse activities of creation and communication” Carolina Coelho, “*Life within architecture from design process to space use*” (Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2017), 109

¹⁶ “that considered buildings not only as stages but also as enhancers of human behaviour” *Ibid.*, 223

¹⁷ “it was now up to the architects to structure responds to these new requirements, though spaces that allowed a wider variety of uses and different levels of interaction” *Ibid.*, 113

¹⁸ Cf. Gary T. Moore & Jeffrey A. Lackney, *Educational Facilities for the Twenty-First Century: Research Analysis and Design Patterns* (Milwaukee: Wisconsin University, School of Architecture and Urban Planning, 1994)

¹⁹ “school size and classroom size directly lead to significant and substantial differences in learning achievement” *Ibid.*, 11

Mark Schneider questiona, ainda, “como poderemos esperar que os alunos se comportem a níveis elevados em edifícios escolares precários?”²⁰; mais concretamente, conduz a sua investigação no sentido de reforçar que condicionantes como a qualidade do ar, ventilação, conforto térmico, iluminação, acústica e morfologia são, no fundo, “uma oportunidade para melhorar os resultados académicos, criando melhores ambientes de aprendizagem”²¹. De facto, as condições físicas do edifício escolar assumem elevada preponderância; compreendendo que estas influenciam, evidentemente, as ações decorridas no espaço, bem como o comportamento, atitudes e sentido de compromisso dos indivíduos, importa sublinhar a importância da sua conceção muito além das questões unicamente corpóreas e materiais.

Pensar o espaço escolar de modo adaptado, contemporâneo e perspetivado é, efetivamente, um desafio pedagógico, político e sociocultural absolutamente necessário. Não obstante, e como exposto anteriormente, o espaço da escola desenvolve-se, paralelamente, pela instigação pedagógica e social, pela sua intensidade, pelo seu poder de comunicação e pela consciência da singularidade dos seus agentes. Assim, não pretendendo, em momento algum, ditar uma tal solução ou instrução de um modo de ensinar ou aprender, ter-se-á aspirado apresentar (algumas) possibilidades de o fazer de um modo desperto, vivo e em constante relação com o mundo exterior, partindo da relação entre espaços, vivências e aprendizagens.

DARQ: paradigmas e especificidades

A problematização até então exposta, bem como as questões estabelecidas e confrontadas, pretendem aferir uma tal particularidade quando transportadas para um contexto específico, de uma escola específica, neste caso, de arquitetura: o DARQ (Departamento de Arquitetura da UC). Atente-se, desde já, que a justaposição das diversas esferas e atmosferas a si intrínsecas poderá ser, porventura, enviesada; o distanciamento por vezes inexistente ditará, desde logo, a construção de um pensamento devidamente sustentando, ainda que se reconheça, simultaneamente, as potencialidades de um olhar informado pela experiência pessoal e, por isso, mais rico e motivado.

Evitando uma abordagem tão somente histórica e um encadeamento necessariamente temporal,

²⁰ “how can we expect students to perform at high levels in school buildings that are substandard” Mark Schneider, *Do School Spaces Affect Academic Outcomes?* (Washington, DC: National Clearinghouse for Educational Spaces, 2002), 1

²¹ “as an opportunity to enhance academic outcomes by creating better learning environments” *Ibid.*, 1



e pretendendo, desde logo, decifrar as especificidades e paradigmas de tal contexto – físico, social e pedagógico –, parte-se do pensamento (já encetado) que a escola depende de variáveis diversas e absolutamente determinantes. Tal contexto pode assumir direções ilimitadas, pese embora igualmente válidas e inevitavelmente influenciadas pelo contexto político, universitário, financeiro e social em questão.

Tendo por base que a escola de arquitetura se apresenta como “organismo em constante redefinição”²², na qual se cruzam múltiplos discursos, perspetivas e intenções, traça-se uma análise da performance desta Escola em concreto, do seu passado e do seu presente, na ambição de construir e, *quicá*, provocar um pensamento perspético e estratégico assente num possível cenário futuro – podendo este ser, tão validamente, outro. Deste entendimento decorre, por conseguinte, a compreensão de que “a escola deve estar atenta à contemporaneidade, sensível à transformação, crítica na construção do saber através do projecto e do debate”²³, podendo estes ocorrer, numa primeira análise, na sala de projeto, mas simultaneamente nos espaços informais da escola, desejando-se esta em constante e frutífera comunicação²⁴.

Ora, o Departamento de Arquitetura, criado em 1988, surge num contexto nacional que contava, até então, com apenas duas escolas de Arquitetura; tratava-se, pois, da criação da terceira escola pública, inserida na mais antiga Universidade portuguesa – a de Coimbra –, expondo-se, simultaneamente, a clara pretensão de “a longo prazo, criar uma Faculdade de Arquitectura”²⁵. Algures entre Lisboa e Porto, o curso de Arquitetura decorreria, no seu primeiro ano de formação, “em condições precárias no que diz respeito a instalações, conteúdos programáticos, condições de lecionação e contratação de docentes”²⁶, ditando, deste modo, um percurso que se revelaria, no mínimo, complexo e suficientemente conturbado.

O curso de Arquitetura teve início sem as instalações e infraestruturas necessárias e adequadas ao modelo de escola e tipo de formação que se estaria a propor e a construir. Em Setembro de 1989, um ano após a criação do curso, “foi atribuída a ala norte do primeiro piso do Colégio das

²² Bruno Gil, “*Escola de Arquitectura, hoje*” (Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2005), 102

²³ *Ibid.*, 134

²⁴ Nesse sentido, Bruno Gil argumenta que “Apesar de tudo, despoletar a comunicação na escola de arquitectura é também promover o encontro, a confrontação, a interação e conhecimento entre os seus principais agentes, professores e alunos, e a actividade gerada.” *Ibid.*, 56

²⁵ Ata da Reunião da Comissão Coordenadora da FCTUC, 1987. Ver anexo III.D, Rosa Bandeirinha, “*O Limiar do Claustro: Origens e Práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra*” (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013), 329

²⁶ *Ibid.*, 153



5 | Vista aérea do Departamento de Arquitetura em relação com a zona Alta e Baixa de Coimbra

Artes²⁷, que seria progressivamente ocupado – ainda que no seguimento e por consequência dos constantes protestos, manifestações e reivindicações dos agentes do DARQ. Importa salientar, neste sentido, que a “escolha das suas precárias instalações no Colégio das Artes correspondeu, também desde o primeiro momento, a essa condição de elemento de articulação entre a Alta e a Baixa, entre o mundo académico da universidade e o espaço público da cidade”²⁸.

Ora, pretendia-se estimular, desde logo, uma relação de proximidade da escola de arquitetura com o seu meio envolvente, numa ambição clara de estender o debate e presença crítica do DARQ à restante comunidade. A permanência no Colégio das Artes resultou, pois, de uma certa resiliência em manter o Departamento de Arquitetura em permanente relação – académica, política e social – com o seu espaço de intervenção por excelência: a praça pública²⁹. Tal resiliência seria comprovada, por diversas vezes e de diversas formas, não só no que à permanência no Colégio das Artes terá dito respeito; à parte disso, ter-se-ão denunciado publicamente as condições precárias, a par da exigência de reformas estruturais (tão necessárias) de um edifício marcado pelo tempo, pelo uso e pelo seu valor intrínseco, histórico, patrimonial e social.

A reivindicação por melhores instalações não seria, por isso, uma memória de um passado longínquo e tampouco terá decorrido de modo pontual; trata-se, muito contrariamente, de uma exigência recorrente e transversal aos trinta anos de existência e permanência do Departamento de Arquitetura – como aliás argumentam Rosa Bandeirinha³⁰ e Marco Silva³¹ nos seus trabalhos de investigação. Contudo, acredita-se que, em certa parte, as reivindicações até então decorridas, principalmente num período inicial de instalação do curso de arquitetura em Coimbra, terão determinado a conquista gradual das instalações, bem como as intervenções concretas no edifício – ainda que estas se tenham revelado (lamentavelmente) pouco significativas.

Neste seguimento, estabelece-se o juízo de que os agentes do Departamento de Arquitetura – estudantes, docentes e funcionários – terão determinado o percurso então atravessado, com as peripécias e adversidades a si intrínsecas. Saliente-se, neste âmbito, o papel do Núcleo de Estudantes de Arquitetura (NUDA), formado em 1998, enquanto organismo impulsionador de

²⁷ Rosa Bandeirinha, “*O Limiar do Claustro: Origens e Práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra*” (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013), 155

²⁸ José António Bandeirinha & Gonçalo Canto Moniz, “O Workshop como Projecto de Investigação”, *ECDJ 11*, Abril, 2008, 8

²⁹ Cf. *Ibid.*, 8

³⁰ Cf. Rosa Bandeirinha, “*O Limiar do Claustro: Origens e Práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra*” (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013), 159

³¹ Cf. Marco Silva, “*Escola de Arquitetura em debate: Entre os (des)Encontros, Entre Porto e Coimbra*” (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2017), 226



6 | Manifestação Barricada, 2001
7 | Manifestação Arquitetura na Ruína 2.0, 2018

iniciativas nesse sentido, das quais se destacarão o protesto *Barricada*, decorrido em 2001, e a manifestação *Arquitetura na Ruína 2.0*, decorrida em 2018. Ambas as iniciativas procurariam, na sua génese, denunciar e contestar as condições primárias do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra.

Barricada tratou-se, no fundo, de um “protesto original”³² no qual estudantes, docentes e funcionários mantiveram, durante 24 horas, “encerrada a Arquitectura da UC, na degradação onde é ensinada e investigada”³³. *Arquitetura na Ruína 2.0*, despoletada pela tempestade Leslie que acabaria por fragilizar mais ainda o edifício do Colégio das Artes, tratou-se, pois, de um protesto que teve como palco as Escadas Monumentais, no qual estudantes e docentes lutariam por um espaço de ensino que, “para além de *utilitas* e *venustas*, quer ser *firmitas*”³⁴.

Os protestos foram assim acontecendo, de forma mais ou menos pontual, com maior ou menor intensidade, e ainda que ao longo do tempo tenham decorrido intervenções pontuais no Departamento de Arquitetura – essencialmente de manutenção do espaço –, todas se revelariam incapazes de responder às lacunas mais significativas da Escola no que ao seu espaço físico terá dito respeito.

Não obstante, encontra-se em desenvolvimento, hoje, o Projeto de Adaptação do Edifício do Colégio das Artes a Instalações do Departamento de Arquitetura, promovido pelo Departamento de Arquitetura e apoiado pela Faculdade de Ciências e Tecnologias e pela Reitoria da Universidade de Coimbra, visando esta a intervenção, reabilitação e recuperação do edifício. Sucintamente, prevê-se a delineação de uma estratégia projetual que “considere o edifício e as suas potencialidades, atendendo, desde logo, às características específicas do espaço”³⁵; assim, antecipa-se uma intervenção faseada, com enfoque nas salas de projeto, nas fachadas, cobertura e galeria do Departamento de Arquitetura.

As intenções projetuais decorrem, fundamentalmente, de uma ideia de projeto pedagógico que, estando absolutamente implícito, reconhece “na atividade de projeto uma área fundamental na formação dos estudantes”³⁶ e que, por isso, considera que no piso superior do edifício, “por ser menos condicionado, poderão distribuir-se os espaços de projeto”³⁷; à parte disso, salienta-se,

³² “Arquitetura ‘barricada’”, *Diário de Coimbra*, 24 de Abril, 2001

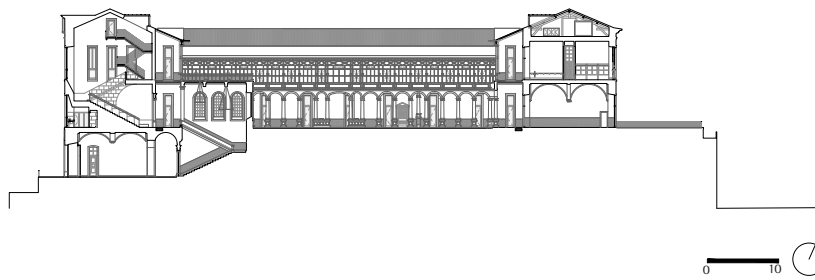
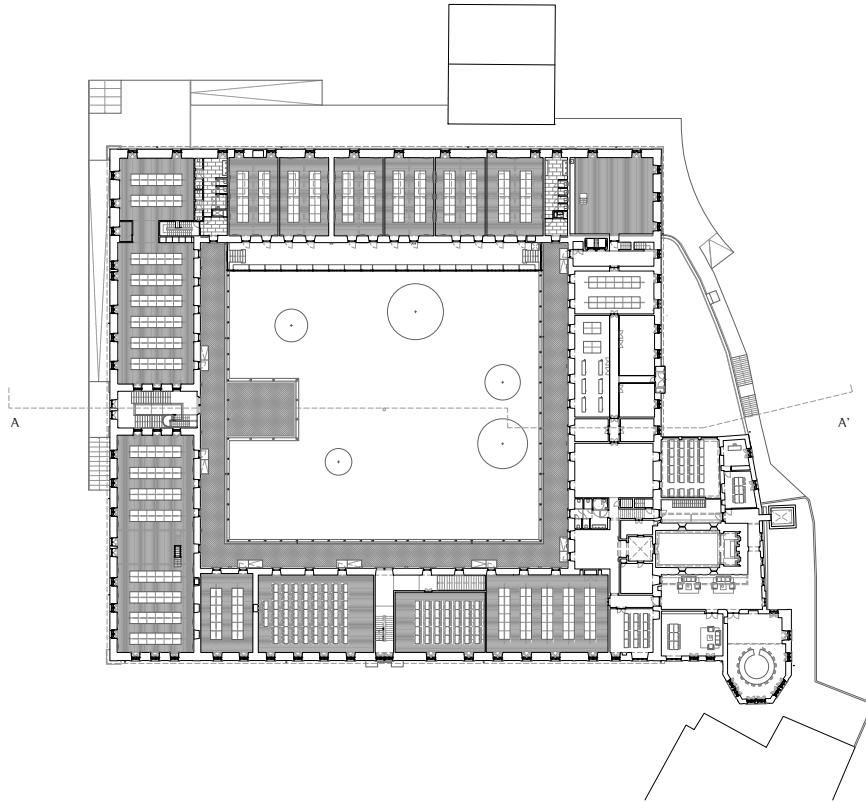
³³ *Ibid.*,

³⁴ Núcleo de Estudantes de Arquitetura, “Manifesto Arquitetura na Ruína 2.0”, Outubro, 2018, 1

³⁵ Paulo Providência, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 29 de Setembro, 2020

³⁶ *Ibid.*

³⁷ *Ibid.*



8 | Proposta de Intervenção, Planta do Piso 1

9 | Proposta de Intervenção, Corte AA'

tão validamente, a importância dos “espaços complementares de troca e convívio”³⁸ que, ao serem distribuídos pelo piso térreo, permitirão uma dinâmica de cruzamento e relação efetiva, quer com o claustro, quer com o ambiente externo.

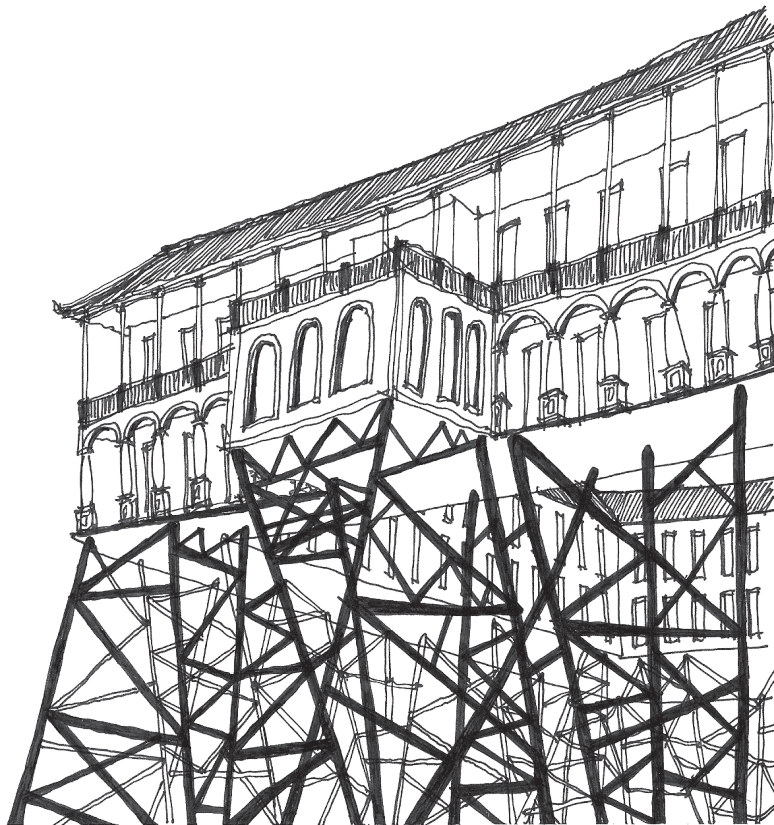
De facto, reconhece-se que o projeto de requalificação do espaço físico do Departamento de Arquitetura permitirá, na exata medida, caracterizar e dignificar, tão necessariamente, os seus espaços de estar, ensinar e aprender. Simultaneamente, possibilitará colmatar algumas das fragilidades que haviam sido, até então, recorrentemente apontadas: desde logo, a criação de oficinas de maquetes, em estreita relação com os espaços de projeto; o auditório, no qual poderão decorrer momentos de debate, estimulando a análise e crítica coletivas; assim como arquivos, assegurando estes, de modo algo contínuo, a construção de uma narrativa coletiva no que às origens e percurso do Departamento dirá respeito; e, tão validamente, a contemplação de espaços de exposição, salas de informática e gabinetes específicos para docentes e administração, absolutamente essenciais à comunicação.

Contudo, pese embora se reconheçam as potencialidades do projeto de requalificação e reestruturação do espaço físico do Departamento de Arquitetura, compreende-se que a luta por condições adequadas se terá tratado, efetivamente, de um momento coletivo e transversal de reivindicação dos agentes da Escola. Neste seguimento, acredita-se que tal plano peca, ainda assim, por não contemplar recorrentemente a discussão e debate públicos, tão abrangentes quanto transparentes. Terão decorrido, efetivamente, momentos de apresentação pública – o último decorrido a Março de 2019, no âmbito da Comemoração dos 30 anos do DARQ³⁹ –, contudo, não terá sido contemplado (uma vez mais) o espaço para o confronto de ideias ou, tampouco, para o esclarecimento de possíveis dúvidas. De tal argumento decorre a premissa que se tais estímulos decorressem com uma frequência considerável e se a participação no próprio projeto não fosse absolutamente restrita e, em parte, seletiva e parcial, resultaria deste momento de projeto debatido, porventura, a construção coletiva e participada do espaço físico que influenciará a vida que nele decorrerá.

As características e especificidades físicas do Departamento de Arquitetura têm-se revelado propensas às trocas e interações entre os pares. O claustro em si, pela sua forma intrinsecamente protetora, estimula o encontro casual e inevitável, o diálogo por vezes curto e fugaz, propiciando

³⁸ Paulo Providência, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 29 de Setembro, 2020

³⁹ A apresentação pública do Projeto de Adaptação do Edifício do Colégio das Artes a Instalações do Departamento de Arquitetura inseriu-se na iniciativa *30 anos em Coimbra [Encontro]*, decorrida no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, a 26 de Março de 2019, coorganizada pelo DARQ, Núcleo de Estudantes e Revista *Nu*.



uma vivência em comunidade que se estende ao longo do espaço da Escola e que não se deixa reduzir, tão somente, às conversas de estirador. Simultaneamente, a sua disposição física tem determinado a relação entre interior e exterior, apresentando-se por vezes como um filtro, embora se acredite que este não deva representar um entrave à comunicação e contaminação entre agentes internos e externos.

Assim, acredita-se que a Escola deve voltar-se tanto para dentro quanto para fora; deve pensar-se ao mesmo tempo que reflete e procura ser interventiva na vida que decorre além do claustro – caso contrário, incorre o risco de sofrer de claustrofobia. Neste sentido, o claustro parece ter sido o palco da construção de uma tal essência, para a qual terão sido determinantes os diversos debates desenrolados, tão absolutamente comprometidos com a arquitetura; através destes, permite-se traçar estratégias estruturais, adequadas e adaptáveis, ressaltando a escola de arquitetura enquanto organismo desejavelmente vivo e em constante mutação.

Os Encontros de Tomar, por sua vez, revelariam ser absolutamente essenciais no sentido em que se terão instituído “como espaço de reflexão e discussão internas, aberto a todos os docentes, e que tem contado com a presença de delegações de alunos”⁴⁰ – ainda que muito pontualmente –, cada um com a sua estratégia de análise, discussão e intervenção. O 1º Encontro de Tomar decorreu em Março de 1995, em Tomar – como aliás indica a sua designação –, num período em que se haviam formado os primeiros licenciados do Curso de Arquitetura de Coimbra; “deu-se prioridade ao debate dos conteúdos e métodos de ensino”⁴¹, ambicionando-se “encerrar um complicado período de constituição e abrir um novo tempo de consolidação”⁴². Tratou-se, portanto, de uma iniciativa que visava a reflexão sobre o ensino da Escola de Arquitetura em Coimbra; no fundo, pretendia-se traçar, de modo consciente e aprofundado, aquele que seria o perfil do curso que então se implantara, “depois de ultrapassada uma primeira fase em que uma série de equívocos punham em causa a sua legibilidade enquanto curso de Arquitetura.”⁴³ Decorreram, entretanto, mais quatro Encontros sobre o Ensino da Arquitetura na Universidade de Coimbra⁴⁴, entre Tomar, Coimbra e Figueira da Foz, embora sobre o último pouca informação

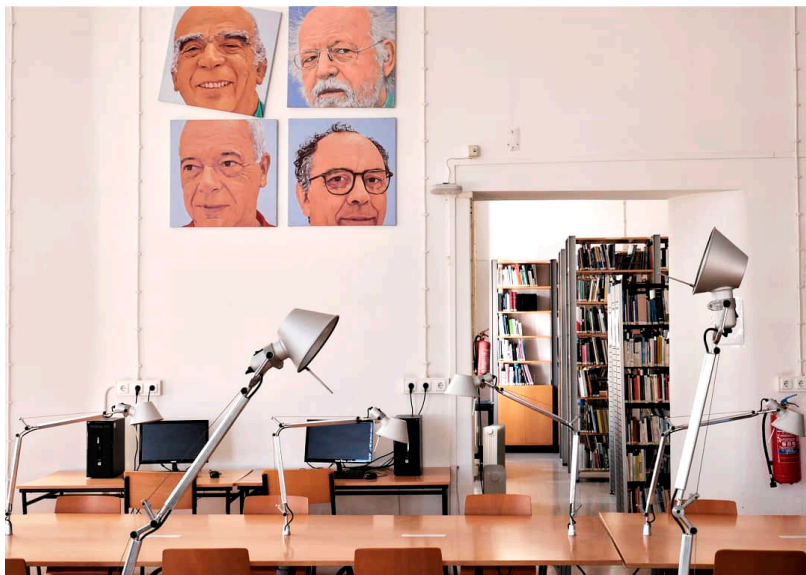
⁴⁰ Rui Lobo, “A propósito da edição das actas dos encontros”, *ECDJ* 2, Março, 2000, 2

⁴¹ Alexandre Alves Costa *et al*, “Escola de Coimbra...”, in *Encontros de Tomar: I Encontro sobre o Ensino da Arquitetura na Universidade de Coimbra* (Coimbra: e|d|arqu, 1997), 7

⁴² *Ibid.*, 7

⁴³ Jorge Figueira, “Notas sobre o I Encontro sobre o Ensino da Arquitetura na Universidade de Coimbra”, in *Encontros de Tomar: I Encontro sobre o Ensino da Arquitetura na Universidade de Coimbra*, (Coimbra: e|d|arqu, 1997) 77

⁴⁴ Sobre o 2º e 3º Encontros de Tomar, realizados em Junho de 1997 e Junho de 1998, respetivamente, ver: *ECDJ* 2*: *Encontros sobre o Ensino de Arquitectura*, 2000. Sobre o 4º Encontro de Tomar, decorrido em Maio de 1999, ver: *ECDJ* 2: *10 Anos de Arquitectura no Colégio das Artes*, 2000



11 | *Biblioteca, Dep. Arquitetura, Universidade de Coimbra
com 4 pinturas de António Olaio*

exista nesse mesmo sentido⁴⁵. Destacar-se-á, neste seguimento, o 4º Encontro de Tomar, o primeiro no qual os estudantes do DARQ tiveram, de facto, uma voz ativa, representando-se através de uma comunicação realizada pelo Núcleo de Estudantes de Arquitetura – sendo este, então, o único Encontro contemplador de um debate devidamente alargado e coletivo. Tal comunicação resultou de um conjunto de reuniões promovidas pelo Núcleo de Estudantes, contado estas com as contribuições de todos os estudantes do Departamento; procurava-se, portanto, representar uma posição coletiva dos agentes “que vivem diariamente o corpo concreto das ideias, dos conceitos, em suma, das tentativas de escola.”⁴⁶

Pretendia-se, pois, pôr a nu as lacunas da Escola; contudo, as instalações do Departamento de Arquitetura não terão sido, efetivamente, as fissuras ali denunciadas. O corpo estudantil terá solicitado um modelo de funcionamento interno que ocorresse com rigor, com planeamento e, sobretudo, com presença; uma estrutura pedagógica consolidada, produtiva, diversa, criativa, mas, sobretudo, eficaz; a existência de um debate culturalmente abrangente, argumentando estes que “uma escola que cresça alimentada só por si mesma corre o risco de rapidamente implodir, asfixiar”⁴⁷. No fundo, o que se terá pretendido com tal comunicação seria, de facto, pôr a Escola pensar, horizontal e verticalmente, sem que, dessa vez, tal debate permanecesse “arrumado numa acta”⁴⁸ ou reduzido, tão simplesmente, “a uma qualquer outra publicação.”⁴⁹

Tal como terá argumentado Raúl Hestnes Ferreira, “os estudantes são efectivamente a Escola”⁵⁰, assim como corroboraria, mais tarde, Alexandre Alves Costa⁵¹; neste sentido, ainda que não subscrevendo absolutamente tais suposições na presente dissertação, reconhece-se que estudantes e docentes desempenham um papel estrutural na construção e consolidação da Escola, pelo que as reflexões e opiniões de todos os agentes são essenciais quando deste debate se trata. Contudo, não se poderá deixar de salientar que nem sempre o debate terá sido, por um lado, reconhecido – como se verificará através da ausência de qualquer referência à comunicação proferida pelo Núcleo de Estudantes na publicação que procuraria retratar o que foi, na sua génese, o 4º Encontro de Tomar⁵² – e, por outro, nem sempre terá sido privilegiado

⁴⁵ Sobre o 5º Encontro de Tomar, ver: Marco Silva, “*Escola de Arquitectura em Debate: Entre os (des)Encontros, Entre Porto e Coimbra*” (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2017), 273

⁴⁶ Núcleo de Estudantes de Arquitetura, “Comunicação no 4º Encontro de Tomar”, 27 de Maio, 1999, 1

⁴⁷ *Ibid.*, 7

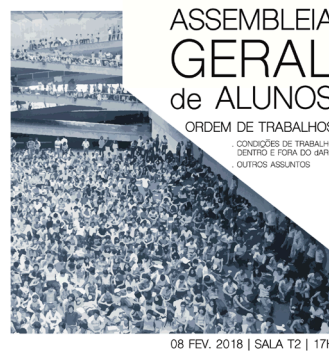
⁴⁸ *Ibid.*, 9

⁴⁹ *Ibid.*, 9

⁵⁰ Raúl Hestnes Ferreira, “Comunicação”, *ECDJ 2*, Março, 2000, 74

⁵¹ Cf. Alexandre Alves Costa, “Entrevista”, *Nu #45*, Março, 2019, 18

⁵² Pretende-se fazer uma referência à publicação *ECDJ 2: 10 Anos de Ensino de Arquitectura no Colégio das Artes*, 2000



12,13 | Cartaz de divulgação da Assembleia Geral de Alunos, 2018

14 | Cartaz de divulgação das Jornadas Pedagógicas, 2016

– tal como terá acontecido com a publicação *Cadernos DARQ*⁵³, o Anuário do Departamento de Arquitetura que, pretendendo resumir o clima e práticas pedagógicas do DARQ entre 2010 e 2016⁵⁴, não terá privilegiado uma voz presente e ativa dos estudantes na construção de tal publicação que pretendia, no fundo, afirmar a Escola.

Dada a necessidade de refletir sobre o funcionamento do curso de arquitetura em Coimbra, hoje, têm decorrido as Jornadas Pedagógicas do DARQ, centradas fundamentalmente em questões de didática. A primeira edição das Jornadas, decorrida a 14 de Setembro de 2018, contou com a presença dos docentes do DARQ, tendo em vista a discussão de assuntos de índole pedagógica, no sentido de melhorar a coesão do curso. Terão decorrido mais duas sessões das Jornadas Pedagógicas do DARQ, a primeira a 11 de Julho de 2019 e a segunda a 16 de Julho de 2020, destacando-se estas pela participação dos estudantes na discussão do funcionamento do Mestrado Integrado em Arquitetura – colmatando, portanto, algumas das falhas anteriormente enunciadas na presente dissertação no que à comunicação coletiva diz respeito. Os resultados de tais iniciativas não foram, até ao momento, tornados públicos – quer da parte dos docentes, quer da parte dos estudantes – contudo, têm sido manifestados esforços nesse sentido.

Deste entendimento decorre, ainda, a necessidade de referir, uma vez mais, o papel do Núcleo de Estudantes de Arquitetura no estímulo de momentos de reflexão e discussão estudantis, do estado físico e pedagógico do DARQ. Destacam-se, neste sentido, as Assembleias Gerais de Estudantes – um momento de reunião dos estudantes –, através das quais se têm debatido temáticas relativas à comunidade académica e nas quais têm participado, por diversas vezes, docentes do DARQ, a convite do Núcleo de Estudantes. Deste modo, as Assembleias de Estudantes têm-se traduzido em momentos coletivos de relevante importância, compreendendo que, além de um espaço de reflexão e discussão operativas, tais momentos ambicionam ser uma via para o mapeamento das fragilidades da Escola e desenvolvimento de estratégias de recuperação nesse sentido⁵⁵.

Tão validamente, também as Jornadas Pedagógicas, desenvolvidas pelo mesmo organismo pretenderiam “através da realização de inquéritos dirigidos à realidade do Departamento de

⁵³ Jorge Figueira et al. *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC*. Coimbra: e|d|arq, 2018

⁵⁴ Jorge Figueira, “O Departamento de Arquitectura. E a seguir?” in *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC* (Coimbra: e|d|arq, 2018), 8

⁵⁵ Destaca-se, desde logo, o esforço do Núcleo de Estudantes em garantir uma sala acessível aos estudantes do 3º ano, no Piso 1 do Departamento de Arquitectura, garantindo um estirador por estudante; a requalificação da sala dos alunos, com espaço próprio de trabalho e refeição; e a construção da Livraria Nu/NUDA. Todas as fragilidades colmatadas através de tais iniciativas haviam sido apontadas, precisamente, em Assembleia Geral de Estudantes.

Arquitetura e do Mestrado Integrado em Arquitetura, fazer um levantamento dos problemas enunciados pelos estudantes”⁵⁶, procurando estas ter como conclusão uma reunião geral de estudantes e docentes, na qual se discutiriam possíveis soluções para as debilidades elencadas⁵⁷. Embora se pretendesse, com tal iniciativa, “gerar uma discussão entre estudantes e docentes, Núcleo de Estudantes e Direção do Departamento, tendo em vista um ensino e uma escola mais rica”⁵⁸, as Jornadas Pedagógicas não terão apresentado, por um lado, uma participação significativa por parte dos estudantes – contando com apenas 108 respostas das 565 possíveis (e absolutamente necessárias) aos inquéritos promovidos – evidenciando, *quicá*, um certo desinteresse ou despreocupação por parte destes agentes sensíveis da Escola. Por outro lado, não se terá verificado um resultado concreto decorrido da iniciativa, podendo tal fator ser justificado, em certa medida, pela transição de direção do Núcleo de Estudantes e do próprio Departamento de Arquitetura, decorridas no seu período de conclusão – não chegando o Relatório Final das Jornadas Pedagógicas a ser devidamente finalizado, tornado público e levado a discussão pelos agentes da Escola.

Resulta da perceção construída ao longo da investigação o entendimento de que terá existido, de facto, uma preocupação transversal, vertical e horizontal, no sentido de construir e afirmar a existência de uma Escola em Coimbra. Contudo, assume-se de igual modo que o caminho a percorrer se apresenta ainda longo, pelo que se acredita que a Escola deverá manifestar-se desperta nesse sentido. O Departamento de Arquitetura, pese embora marcado por diversas vicissitudes – algumas das quais já elencadas –, pela sua dimensão e localização características e pelo descompromisso e desconsideração (históricos e constantes) manifestados repetidamente pela Reitoria da Universidade de Coimbra, deverá procurar desenvolver e reunir condições perenes que possam sustentar e potenciar devidamente a transmissão do saber.

Compreende-se, neste sentido, que a Escola deve ser pensada internamente, ou seja, partir de um olhar retrospectivo e crítico do seu passado e construir um caminho perspético em constante relação com o futuro. Ressalva-se, desde logo, a importância da conceção de um plano de estudos em constante atualização e adaptação à contemporaneidade, às mudanças e avanços temporais, sociais e tecnológicos; sendo a “fase visível do *iceberg* da estrutura institucional”⁵⁹, este não deve ser inibidor, permitindo, pois, “o desenvolvimento do debate, do avanço no sentido da descoberta.”⁶⁰

⁵⁶ Núcleo de Estudantes de Arquitetura, “Relatório Final das Jornadas Pedagógicas 2015-2016”, Julho, 2016, 4

⁵⁷ Cf. *Ibid.*, 4

⁵⁸ *Ibid.*, 120

⁵⁹ Gonçalo Byrne, “Ok Técnico”, *ECDJ 2*, Março, 2000, 97

⁶⁰ Alexandre Alves Costa, “Ok Técnico”, *ECDJ 2*, Março, 2000, 96



15 | Exposição TAPE 2011-2012, DARQ, Setembro, 2012

16 | Exposição TAPE 2018-2019, CAPC Sereia, Fevereiro, 2020

Privilegiando, em primeiro plano, a relação projeto-construção, projeto-teoria-história e projeto-urbanismo, deverá constar nos seus conteúdos uma relação pluridisciplinar, íntima com a arqueologia, a sociologia, a geografia e tantas outras áreas absolutamente complementares e necessárias à da arquitetura; de facto, “o projeto de arquitetura é uma disciplina de síntese que se socorre tantas das ciências sociais, como das artes e humanidades, ou das ciências e tecnologias, para construir um argumento narrativo transformador.”⁶¹

Do mesmo modo, deseja-se que o plano de estudo seja alargado culturalmente, que se deixe contaminar por universos diversos, por esferas igualmente distintas, *quixá*, díspares, estimulando e despertando a construção de um pensamento crítico e fundamentado. Na sequência, considera-se igualmente necessário privilegiar uma “estrutura que favoreça um contacto directo com a prática profissional”⁶²; que se introduzam temáticas variadas e adaptadas, não por estarem em voga, mas por serem, de facto, cruciais à formação de um arquiteto que se deseja capaz de dar resposta ao mundo contemporâneo, sejam estas a ecologia, a sustentabilidade, a tecnologia digital (tão mais) além do (já ultrapassado) *software CAD* – podendo estas coexistir, ainda assim, com o (tão enraizado) ideal clássico da obra total.

De facto, para que a Escola se pense e autocritique internamente, também os seus agentes deverão caminhar nesse sentido; ora, os trabalhos realizados em sala de aula e a consequente aprendizagem estimulada e adquirida não deve, por isso, limitar-se a esse (tão limitador) espaço. Dito de outro modo, a confrontação e estimulação potenciadas pela apresentação pública dos trabalhos desenvolvidos, assim como o debate de ideias decorrente da mesma, alargado a todos os agentes, parece ser motivo suficiente e necessário para a Escola parar, num determinado espaço e num determinado período de tempo comuns.

A Exposição TAPE (Trabalhos Apresentados a Projeto para Exposição) procura, em certa medida, afigurar-se enquanto momento de exibição pública dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes do DARQ. A primeira edição pretendia, desde logo, “reunir os trabalhos realizados nos dez anos do curso de arquitectura do DARQ, no âmbito das disciplinas de projeto, no sentido de integrarem um conjunto de eventos comemorativos da 1ª década”⁶³. Do mesmo modo, terão decorrido exposições com objetivos semelhantes, no âmbito de outras disciplinas, entre as quais o Desenho, a Teoria e História da Arquitetura – destacando-se tais exposições por não serem, à dissemelhança da TAPE, seletivas na apresentação dos trabalhos dos estudantes. Pese embora

⁶¹ Paulo Providência & Gonçalo Canto Moniz, “Ensinar pelo Projecto”, *Joelho 04*, 2013, 11

⁶² Alexandre Alves Costa, “Cinco pensamentos de nexos inexplicáveis”, *ECDJ 2*, Março, 2004, 64

⁶³ Departamento de Arquitetura, “Regulamento TAPE”, *ECDJ 2*, Março, 2004, 16

a importância da apresentação pública dos trabalhos desenvolvidos no meio académico, por ser, desde logo, processo de ensino-aprendizagem, tais iniciativas pecam, em certa medida, por decorrerem, na sua extensa maioria, na limitação do claustro, excluindo o contacto da comunidade com os exercícios de reflexão desenvolvidos no Departamento de Arquitetura.⁶⁴

Neste sentido, ressalva-se a importância da existência de um arquivo físico e digital do Departamento de Arquitetura que permita, através dos trabalhos desenvolvidos e das diversas atividades e iniciativas provocadas, mapear e construir uma narrativa que possibilite compreender a história do DARQ. Tratar-se-ia, pois, da construção de uma memória que, por ser coletiva, seria parcial, mas que, no fundo, se construiria a partir de sucessos e conflitos, enredos, narrativas e personagens tão essenciais quanto distintos – estimulando a continuação do percurso até então traçado, tendo por base, tão imperativamente, a inquisição, a dúvida e o questionamento energético e vivaz.

Admite-se, por conseguinte, que além da construção de um autoconhecimento introspetivo, a Escola deve pensar-se extramuros; caminhar em sentido inverso significará propiciar uma postura endogâmica e absolutamente afastada do real. No fundo, a ideia que aqui se pretende estabelecer é a de que a relação com a cidade e com a comunidade, sendo absolutamente essencial ao percurso dos arquitetos, deve ser exponenciada pelo ensino com uma tal responsabilidade social e ética⁶⁵. De facto, “a verdadeira escola, já sabemos, continua a ser a da vida”⁶⁶; como tal, toma-se assim necessária a elencagem de problemas que, em íntima relação com o real, permitam antever e dar forma ao futuro, ao mesmo tempo que possibilitem dotar os estudantes de competências de resposta ao devir – nem sempre antecipadas – e, assim, criar as bases necessárias para um diálogo que se aspira cada vez mais vasto e inclusivo.

Não se quer com isto dizer que a construção, *per se*, daquilo que se projeta seja, de facto, solução una; por se tratar de uma impossibilidade relacionada com questões de escala e por dizer respeito, em última instância, a uma aprendizagem conduzida de modo essencialmente pessoal, terá sido entendida, até então, como impossibilidade. Contudo, tal relação pode proporcionar-se

⁶⁴ Denote-se, contudo, que a Exposição TAPE 2018-2019 decorreu, pela primeira vez, fora do ambiente académico, no CAPC Sereia, expressando o desejo de uma Escola em diálogo e manifesta expansão. À semelhança desta, também a Exposição “Vistas Urbanas de Cidades Ideias de Giuliano da Sangallo (c.º 1480-1485)” em 2018 e a Exposição “Barrières de Paris de Claude-Nicolas Ledoux” em 2020, nas quais se terão apresentado os trabalhos desenvolvidos no âmbito de História da Arquitetura I e II, decorreram além-claustro, desta vez, no Edifício Chiado, em parceria com a Câmara Municipal de Coimbra.

⁶⁵ Cf. Alexandre Alves Costa, “Cinco pensamentos de nexo inexplicável”, *ECDJ 2*, Março, 2000, 64

⁶⁶ Pedro Maurício Borges, “A propósito da Exposição TAPE...”, *ECDJ 2*, Março, 2000, 14



17 | Debate “Qual o nosso futuro na Universidade”, Março, 2019

através das ferramentas de construção do projeto; desde logo, através de temas de projeto que intentem o debate de questões pluridisciplinares, para o qual deverão contribuir os mais diversos e distintos especialistas e, simultaneamente, através do estímulo do contacto com a realidade do local de intervenção, através do cruzamento de perspetivas com as comunidades locais⁶⁷, incentivando a participação das mesmas e propiciando, *a posteriori*, momentos expositivos de apresentação do trabalho desenvolvido.

Em todo o caso, o projeto de arquitetura enquanto “instrumento de pedagogia e pesquisa”⁶⁸ é, por si só (e quando potenciado nesse sentido), um instrumento de diálogo entre os estudantes de arquitetura e a cidade, entre a escola e a comunidade arquitetónica, através do qual se estabelecem encontros e confrontos enriquecedores, ora para a escola enquanto coletivo, ora para os seus agentes enquanto indivíduos.

Do argumento anterior decorre, ainda, a importância dos intercâmbios entre diferentes Departamentos e Faculdades; é desejável que a escola de arquitetura contamine tanto quanto se deixa contaminar pluridisciplinarmente, pois “é através da experiência e interação com o exterior que se vai definindo o seu, digamos, espírito”⁶⁹. Ora, tal contaminação – de ritmos, dinâmicas e aprendizagens –, permitiria a criação de uma rede complexa, contemplando diferentes contextos, diferentes formas de estar, ensinar e aprender, que possibilitariam o crescimento do DARQ além do seu claustro, além do Porto e de Lisboa e, tão somente assim, “entre Coimbra e o Mundo”⁷⁰.

Deste entendimento resulta, por fim, uma perspetiva menos corpórea, pese embora de atuação mais imediata; isto é, estabelece-se o juízo de que o Departamento de Arquitetura parece carecer de três pilares igualmente basilares: motivação, participação e comunicação. Tais características, embora construíveis, são simultaneamente cíclicas; determinadas gerações são manifestamente mais atentas, interventivas e reacionárias do que outras e, por isso, em determinados momentos a Escola será efetivamente mais quente e, noutros, certamente mais fria. Do mesmo modo, também a Escola parece caminhar a dois ritmos distintos, nem sempre cruzados: o ritmo dos estudantes, consideravelmente mais curto e, por isso, menos linear e mais acutilante, e o ritmo

⁶⁷ Reconheça-se, neste estreito sentido, o trabalho de investigação desenvolvido por Maria Catré, a propósito do papel das escolas de arquitetura enquanto espaço de sensibilização e preparação dos estudantes no que à importância do diálogo com a comunidade em relação com o projeto diz respeito. Maria Catré, “*Conhecer a realidade social do lugar de projeto em contexto académico*” (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2017)

⁶⁸ Gonçalo Canto Moniz Et Jorge Figueira, “Nota Prévia”, *Joelho 04*, Abril, 2013, 9

⁶⁹ Raúl Hestnes Ferreira, “Comunicação”, *ECDJ 2*, Março, 2000, 89

⁷⁰ Paulo Varela Gomes, “Entre Coimbra e o Mundo”, *ECDJ 2*, Março, 2000, 51



18 | Cartaz de divulgação da iniciativa DARQ Reboot, 2005

dos docentes que, pela sua presença mais longa, determinam a estabilização de um sistema de ensino. Ora, o que aqui se pretende expor é que nem sempre estes ritmos se intersejam; uma contaminação diagonal exige um certo tempo – inexistente num curso de arquitetura que caminha para ser cada vez mais curto e cada vez mais fugaz.

O que se propõe, como desfecho, é que a Escola de Arquitetura, em Coimbra, se envolva numa discussão coletiva e se apresente (efetivamente) capaz de “capturar o que de incerto se fala nos corredores, ou o que ainda não foi dito ou experimentado”⁷¹. De facto, as perspetivas traçadas ao longo da investigação não são visionárias, tampouco, novas; no fundo, estas deambulam entre os encontros informais e as salas de aula, existindo, por isso, um longo caminho a percorrer.

Movimentos estudantis na construção da Escola

O debate em torno da escola – neste caso, de Arquitetura, em Coimbra – vê-se refletido, mais amplamente, em manifestos, manifestações e movimentos de contestação estudantil, representando estes, no fundo, uma tal ânsia de verbalização reivindicativa de um modo de estar e pensar sobre determinado assunto. Tais iniciativas decorrem, tendencialmente, quando o processo Escola se discute e decorre, tão somente, em sentido horizontal, num registo pouco abrangente, inclusivo e, tampouco, transparente.

Ora, o argumento anteriormente exposto procura indicar que o que se aspira, mais concretamente, com tais manifestos, manifestações e movimentos é, no fundo, expressar a vontade estudantil em *construir* (também) *uma Escola*. As ações enunciadas procurariam, portanto, denunciar as fragilidades e limitações do espaço-escola, aspirando consequências concretas e positivas – confirmando, pois, o papel absolutamente preponderante dos agentes sensíveis da Escola nesse sentido. Assim, procura-se estabelecer um entendimento quanto à forma e efeitos de tais ações, aos olhos dos movimentos estudantis decorridos no DARQ, tão provocatórios quanto necessários e, em certa medida, anárquicos; destacam-se, ora então, o *DARQ Reboot*, *F.A.C.A*, *Romance à Parte*, *(CLAUSTRO)fobia*, *Nu e Há Baixa*.

DARQ Reboot, decorrido a 27 e 28 de Abril de 2005, teve na sua origem um momento de contestação dos estudantes do Departamento de Arquitetura, despertado por uma fragilidade física da Escola. A propósito da inexistência de sala para os alunos do primeiro ano, e logo após a publicação de um manifesto estudantil, fixado em todas as paredes do Departamento no mesmo

⁷¹ Jorge Figueira, Gonçalo Canto Moniz & Nuno Correia, “O pior nome”, *ECDJ* 2, Março, 2000, 3



19 | Frase pintada pelo movimento F.A.C.A.
no claustro do DARQ, 2012

dia, os alunos desencadeariam uma iniciativa que previa, na sua génese, o questionamento do funcionamento e do ensino do Departamento de Arquitetura. Tal inquietação, estimulada pelo que acreditavam ser a “avançada extinção do espírito de escola e lento estrangulamento da operacionalidade do DARQ”⁷², reuniria, a 16 de Fevereiro 2005, estudantes e docentes, procurando estes concretizar um momento profícuo de discussão sobre as fragilidades da Escola, até então expostas pelos estudantes; seria precisamente este momento de discussão que determinaria e impulsionaria a iniciativa DARQ Reboot no seu todo.

Objetivava-se, portanto, discutir a identidade de uma escola que, podendo estar entre tanto, se acreditar estar aparentemente “inter(nada)”⁷³. Nesse sentido, a discussão ter-se-á estendido a múltiplas vozes, entre as quais alunos, docentes e ex-alunos; através destas, ter-se-á debatido a instabilidade pedagógica do Departamento de Arquitetura, partindo das fragilidades inumeradas pelos estudantes. De facto, o DARQ Reboot pretendia “gerar anti-corpos para combater o vírus apático que contamina[va] o DARQ”⁷⁴; e pese embora a discussão curta e, em certa medida, infértil, a iniciativa representaria a vontade e o poder dos alunos em pôr a Escola a falar.

“Não há escola neste romance”, por sua vez, seria o segundo manifesto expresso nas paredes do DARQ, desta vez a tinta preta; tal ação decorreria a 17 de Setembro de 2012, tratando-se, pois, de uma iniciativa de contestação estudantil, designada por F.A.C.A (Frente Ativa de Contestação Académica), cuja intenção se prendia “pela mobização estudantil e pelo despertar da consciência individual face aos problemas e (eventuais) soluções do DARQ”⁷⁵, procurando despertar a mudança. A frase pintada pelo movimento estudantil anárquico revelaria, na sua génese, a influência clara de um outro movimento estudantil, decorrido na FAUP, cuja ação se prendia, precisamente, com a exposição do manifesto “Não há romance nesta escola”. Tratando-se, portanto, de uma reinvenção da frase, pretendia-se, com tal iniciativa, questionar o “embuste, o floreado romantizado”⁷⁶ que se considerava ser a Escola de Arquitetura em Coimbra; no fundo, o que se intentava com tal intervenção era alertar para a inexistência efetiva de “uma escola autónoma, com uma forma de pensar própria e um plano curricular ajustado.”⁷⁷

A frase pintada pelo movimento F.A.C.A seria apagada dias após ter sido pintada, pois num período imediatamente posterior estaria no Departamento de Arquitetura “o arquiteto da

⁷² Tiago Borges & Rui Aristides, “Manifesto DARQ: Versão 1.1.”, Fevereiro, 2005, 1

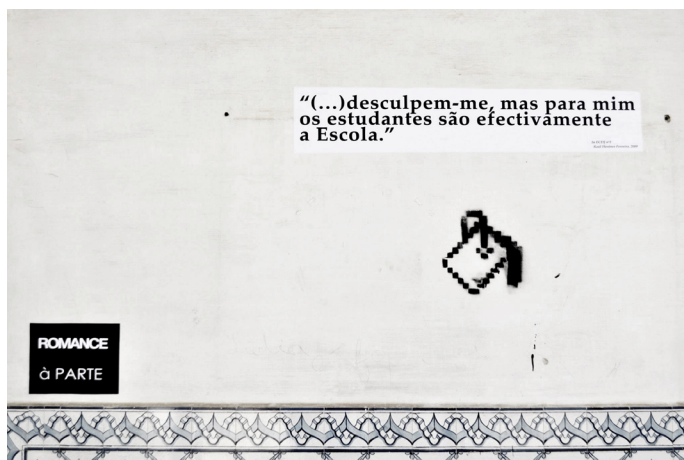
⁷³ *Ibid.*, 1

⁷⁴ *Ibid.*, 1

⁷⁵ F.A.C.A, “Comunicado”, Outubro, 2012, 1

⁷⁶ F.A.C.A. “Facada #01: o problema”, 2012, 1

⁷⁷ F.A.C.A, “Uma facada no romance que tem sido a Arquitetura por Coimbra”, *A Cabra*, (Novembro, 2012): 12



20, 21 | Intervenção do Romance à Parte no claustro do DARQ, 2012
22 | Assembleia de Alunos, Romance à Parte, 2012

Comissão da UNESCO, para avaliação do Património”⁷⁸. Ora, acabaria assim por ser silenciada a voz dos estudantes, por ordem da Reitoria da Universidade de Coimbra e acatamento da Direção do Departamento de Arquitetura, compactuando esta com a repreensão da liberdade de expressão dos estudantes. Contudo, o silêncio dos estudantes não se revelaria duradouro e, mais tarde e no mesmo local, pintar-se-ia um novo manifesto: “Fosse a vontade de calar igual à de mudar”. Assim, o movimento estudantil pretendia denunciar, uma vez mais, uma das fragilidades da Escola, provocada pelo que se acreditava ser a sua crescente estagnação, pelas tantas aspirações idealizadas e tão poucas concretizadas. À parte disso, e embora se reconhecesse que tal modo de atuar fosse “pouco recomendado e, até, ilegal”⁷⁹, acreditar-se-ia que “essas ações teriam mais impacto na Escola, gerando um debate até então inexistente”⁸⁰.

Tal atmosfera viria a desencadear a formação de um novo movimento estudantil, designado por Romance à Parte, cujo sentimento de insatisfação face ao estado da Escola seria, assumidamente, partilhado. O grupo de reflexão propunha, no fundo, debater e agir em busca de mudanças concretas e perenes, num contexto académico aparentemente carente “de uma estrutura pedagógica coerente, estimulante e actual”⁸¹. Neste sentido, procurariam, desde logo, manifestar as suas inquietações através de instalações críticas, consistindo estas na afixação nas paredes do DARQ do registo fotográfico da manifestação decorrida em 1993, e de citações proferidas por docentes do Departamento no âmbito dos Encontros de Tomar – que se acreditavam ser absolutamente distantes e representativas de metas não alcançadas.

Num momento posterior, terá sido convocada uma conversa entre a comunidade estudantil e docente, que se desejava “honesto e frontal”⁸², e na qual os estudantes apontariam, além das insuficiências físicas, “o desfasamento do comportamento dos docentes e da pouca criatividade na forma como eram transmitidos os desafios de projeto”⁸³. Estes decorreriam, por um lado, “da falta de motivação dos alunos, provocada pela desarticulação das áreas de ensino”⁸⁴ e, por outro, da falta de interação e diálogo entre estudantes e docentes, entre o DARQ e os restantes cursos da Faculdade e Universidade⁸⁵, denunciando, ora então, “uma escola encerrada nos seus próprios modelos”⁸⁶.

⁷⁸ Pedro Caiado. “Uma facada no romance que tem sido a Arquitetura por Coimbra”, *A Cabra*, (Novembro, 2012): 13

⁷⁹ Frederico Martinho, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 8 de Outubro, 2020

⁸⁰ *Ibid.*

⁸¹ Romance à Parte, “Em entrevista para o Jornal *A Cabra*”, Novembro, 2012, 3

⁸² Miguel Mesquita, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 28 de Setembro, 2020.

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ Romance à Parte, “Romance à Parte #1: Acta da Reunião”, Outubro, 2012, 1

⁸⁵ Cf. *Ibid.*, 2

⁸⁶ Miguel Mesquita, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 28 de Setembro, 2020

Uma vez mais, desconhecem-se as consequências concretas decorridas de tal movimento, pese embora se tenha exigido “a presença dos alunos nas comissões pedagógicas”⁸⁷, contribuindo para “uma escola dinâmica e conjunta”⁸⁸. Não obstante, entende-se que, em última instância, tais iniciativas estudantis terão estimulado a reflexão sobre as condições do meio, perspetivando a mudança e criando seres reflexivos, críticos e atentos ao mundo – ainda que o impacto real no espaço-escola se manifeste, em grande medida, reduzido e redutor.

Em estreita sincronia, surgiria mais tarde o (CLAUSTRO)fobia, um “meio de comunicação no interior no DARQ”⁸⁹, integrado no Núcleo de Estudantes de Arquitetura, somando-se, assim, mais um momento de debate que se desejaria, porventura, coletivo: “Sugerimos, assim, que qualquer aluno, professor ou funcionário com uma opinião a expressar o faça através desta plataforma”⁹⁰. *(CLAUSTRO)fobia #0: Construir uma escola* ambicionaria, portanto, “o início de um ciclo de reflexões do estado actual do departamento, a sua identidade e o seu panorama futuro”⁹¹; neste seguimento, procurar-se-ia combater o afastamento entre os agentes da Escola, a crescente falta de sentido de comunidade, apatia e desinteresse pela discussão do projeto escola⁹². O intuito de tal iniciativa ter-se-á concentrado, muito essencialmente, no desejo de criar um espaço de diálogo coletivo, no qual se contruísse, *quicá*, a mudança, evitando este o culminar num “ponto de rutura em que seja necessário outro movimento radicalista”⁹³ como aliás haviam sido os já mencionados DARQ Reboot, F.A.C.A e Romance à Parte – autênticos momentos de implosão.

Ora, (CLAUSTRO)fobia gritou pela mudança: “Falem! Não se calem! Expressem a vossa opinião! Mostrem que isto assim está mal! Mostrem que querem mudar! Mudem! Gritem, se for preciso! Ponham-se em cima dos bancos e gritem!”⁹⁴. Contudo, tal grito não parece ter sido encorajador o suficiente para que a Escola quisesse, efetivamente, falar e para que se concretizasse a mudança operativa; no fundo, uma vez mais, terá permanecido o descontentamento apático e silencioso dos agentes do DARQ.

A contestação face ao estado da Escola foi, como aliás se comprova, recorrente, manifestando-se

⁸⁷ Miguel Mesquita, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 28 de Setembro, 2020

⁸⁸ *Ibid.*

⁸⁹ Carlos Fraga *et al*, “Construir uma escola”, *(CLAUSTRO)fobia #0*, (Março 2015): 1

⁹⁰ *Ibid.*, 1

⁹¹ *Ibid.*, 2

⁹² *Ibid.*, 2

⁹³ *Ibid.*, 2

⁹⁴ *Ibid.*, 2



24 | Lançamento da Revista Nu #44 *Limite*, 2018

25 | 2ª Edição do Há Baixa, 2017

das mais diversas formas, algumas delas mais objetivas e operativas. Destaca-se, neste sentido, a criação da Revista *Nu* e da Associação Há Baixa que, num tom absolutamente apontado, procuraram reunir em si ferramentas específicas, concretas e absolutamente necessárias para colmatar o que se compreenderia estar em falta no espaço pedagógico oferecido pela Escola.

Neste seguimento, surge em 2002 a Revista *Nu*, fundada por estudantes do Departamento de Arquitetura, cuja motivação terá sido provocada pela clara necessidade de reforçar o campo histórico e teórico da arquitetura, que se entendia existir em pouca força e profundidade na estrutura pedagógica da Escola⁹⁵. Ora, alicerçada na comunidade académica, a *Nu* procuraria, no fundo, dar espaço e voz à inquietude sentida pelos estudantes, proporcionando um espaço de discussão e debate coletivos no qual se concretizariam o cruzamento e as contaminações entre estudantes (na sua extensa maioria), docentes e profissionais relacionados com a arquitetura. No fundo, a Revista *Nu* aspiraria tornar-se uma ferramenta para pensar arquitetura; simultaneamente, pretendia contribuir para a compreensão crítica de cenários, modelos e universos distintos, exponenciando o olhar dos estudantes e estimulando uma aprendizagem mais extensa do meio.

Por sua vez, o projeto Há Baixa procuraria, desde logo, dar resposta às fragilidades da Escola no que à aprendizagem efetivamente prática diria respeito, assim como à diminuta relação com a comunidade, que se desejaria íntima e absolutamente participada. Assim sendo, o projeto Há Baixa, fundado por um grupo de estudantes do DARQ, partindo de tal necessidade – de uma vertente prática aliada à experimentação –, procurou potenciar e valorizar, *in loco*, a cidade, o seu território e a comunidade. Com efeito, decorreram, nesse sentido, duas edições do projeto – a primeira em 2016 e a segunda em 2017 –, pretendendo-se, através de oficinas estritamente práticas, contornar a desertificação da Baixa de Coimbra, contribuindo e estimulando a sua requalificação. No fundo, e por fim, ter-se-á objetivado “a aprendizagem prática como complemento da teoria; a relação dinâmica com a comunidade da Baixa e o trabalho em rede com outras entidades em prol do bem comum”⁹⁶.

Com efeito, admite-se, de antemão, que não será realista pensar que a Escola conseguirá, porventura e tão necessariamente, responder a todas as expectativas dos estudantes no que à preparação para o futuro profissional dirá respeito. Não obstante, importará reforçar o papel da *Nu* e do Há Baixa neste sentido, compreendendo, desde logo, que ambos terão procurado preencher os vazios que se compreenderiam existir no Departamento de Arquitetura.

⁹⁵ Cf. Pedro Caiado, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 25 de Julho, 2020

⁹⁶ Francisco Albuquerque, “O processo do Há Baixa como método para a transgressão”, *Dédalo* 11, 2018, 59

No seguimento de tal pensamento, por se defender o papel dos alunos na construção do projeto escola e por se acreditar, ainda, na importância das publicações de estudantes como complemento e ferramenta tão fundamental quanto necessária e absolutamente pertinente, a Revista *Nu* afigurar-se-á, portanto, como objeto de estudo da presente investigação.

Por fim, retomando o pensamento debruçado sobre os manifestos, manifestações e movimentos (anárquicos) estudantis, poder-se-á aferir, numa breve sinopse, que tais ações evidenciam a urgência da participação no processo de construir uma escola. De facto, as palavras e os atos não se esgotam, assim como as críticas que se repetem ao longo das diversas e distintas gerações; o sentido construtivo que as mesmas apresentam, quando dialogadas e colocadas em perspectiva, significam a construção de um futuro próspero para a Escola. O sucesso dos movimentos que aqui se versam, tal como o de todas as intervenções dos principais agentes do espaço escola, mede-se pelas consequências que de si decorrem; dito de outro modo, a cada ação será absolutamente necessária uma tal consequência que estimule e permita a capacidade de prosseguir.

Assim, o que se propõe como desfecho é, fundamentalmente, que se crie e potencie o espaço formal de debate entre os agentes da Escola, no qual se coloque a questão e se estabeleçam, efetivamente, construções perenes e perentórias. Deste modo, estimular-se-á a formação de competências éticas e sociais nos estudantes que integrarem esse mesmo espaço de debate – necessariamente patentes nos futuros profissionais arquitetos que se tornarão – e, tão somente assim, se fará Escola.

REVISTA NU ENTRE CONFRONTOS, INQUIETUDES E PROVOCAÇÕES

Planeada e produzida tão somente por estudantes, a Revista *Nu* lançaria o seu primeiro número, #01 *Encruzilhadas*, em Abril de 2002, com o objetivo claro de debater e refletir sobre os mais diversos temas relacionados com a Arquitetura. Assim, a *Nu* procuraria apresentar-se como um espaço de diálogo e discussão coletivo, procurando ser um estímulo do processo de aprendizagem, descoberta e partilha¹.

Agentes: corpo e dinâmicas editoriais

A Revista *Nu* surgiria, então, pelas mãos de um grupo de estudantes – do qual Pedro Jordão² seria a figura impulsionadora – que, ao candidatar-se à direção do NUDA propunha, como principal objetivo do programa de atividades, a criação de uma revista de estudantes do Departamento de Arquitetura³. Tratava-se, portanto, da criação de um objeto experimental, necessariamente diferente, há muito ambicionado e que, a partir de então, se materializaria – com a regularidade e a qualidade suficientes para se traduzir num objeto em permanente evolução e contínuo diálogo inquieto com a arquitetura.

Procurava-se que a Revista fosse, desde logo, incisiva e provocatória, tal como o seu próprio nome desejaria transparecer. A palavra ‘nu’ atribui-lhe uma tal dimensão na qual são possíveis

¹ Cf. Pedro Jordão, “10 Anos de Nudez”, *Arte Capital*, Fevereiro, 2012

² Pedro Jordão, arquiteto formado pelo Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, foi o fundador e primeiro diretor da Revista *Nu*, no período compreendido entre 2002 e 2003, tendo dirigido os seus primeiros nove números.

³ Cf. Pedro Jordão, “10 Anos de Nudez”, *Arte Capital*, Fevereiro, 2012



26 | Números publicados pela Revista Nu

vastas interpretações; procura representar, desde logo, a imagem de um corpo que se despe à medida que intervém num determinado espaço, deixando um pouco de si e, tão validamente, que se permite vestir (tão somente) de ousadia e intensidade, de clareza e provocação ficando “cada vez mais complexa, cada vez mais completa”⁴. Ora, por mais incompatíveis e díspares que pareçam ser – e, *quiçá*, designadas a anularem-se por contradição – tais interpretações desejariam revelar aquilo que a Revista *Nu* se proporia a ser.

Neste seguimento, compreende-se que a Revista *Nu* nasce de um desejo intenso de efetivar pensamentos e debates entre colegas, que haviam surgido frequentemente e, tantas vezes, em locais informais e externos à Escola, num desejo absoluto “que o espaço da escola se prolongasse para fora”⁵ dos seus limites físicos e pedagógicos. O seu carácter livre e de experimentação definiria, logo à partida, a *Nu* enquanto importante manifesto, principalmente nos moldes e no contexto em que surge. Apesar de não ser o primeiro (e único) projeto editorial do DARQ⁶, a *Nu* apresentar-se-ia como a primeira revista de estudantes no seu contexto académico e quis ser, efetivamente, tanto mais do que isso: quis ser um corpo irrequieto num meio que não se deseja estagnado e, tão desejavelmente, “aprender onde outros têm pretensão de ensinar”⁷.

Ora, traçavam-se assim – ainda que de modo frágil e poroso – os primeiros passos da Revista *Nu*: tão vazios de certezas quanto repletos de ambições; rasgar-se-ia um percurso marcado pelo desejo de tentar ir mais longe, arriscando o “novo” e o “não-experimentado”⁸. Pretendia-se, portanto, que a *Nu* se conformasse enquanto espaço no qual se formulam e levantam (preferencialmente) questões, muito mais do que respostas; no qual se inscreve a clara vontade de estender o debate além do espaço da sala de aula e necessariamente da Escola, ao mesmo tempo que afirma quem lhe pertence. De facto, assim se viria a pautar a Revista *Nu*.

A Revista *Nu* conta, hoje, com mais de 40 números publicados ao longo de quase 20 anos, traduzindo-se estes numa base sólida e tão contínua quanto possível. A sua consistência teórica decorre de um processo de crescimento baseado quer no rigor e disciplina, quer no entusiasmo,

⁴ Pedro Jordão, “10 Anos de Nudez”, *Arte Capital*, Fevereiro, 2012

⁵ Bruno Gil, “Entrevista”, *Nu #45*, Março, 2019, 40

⁶ Em 1996, dá-se a criação da e|d|arq, projeto editorial do Departamento de Arquitetura da UC. Em 1999, lançam-se as publicações *ECDJ (Em Cima do Joelho)* e *Debaixo da Telha*, sendo que, em 2010, a *ECDJ* daria lugar à *JOELHO*, contando hoje com um total de dez publicações; comprova-se, assim, a forte e rigorosa produção teórica do DARQ.

⁷ Pedro Jordão, “10 Anos de Nudez”, *Arte Capital*, Fevereiro, 2012

⁸ “E por alguma estranha razão, existem mesmo alguns loucos, muitos mesmo, que se atrevem a arriscar o novo, o não experimentado” Pedro Jordão, “Encruzilhadas”, *Nu #01*, Abril, 2002, 3



27 | Revistas *Nu* expostas no Departamento de Arquitetura, 2003

intensidade e voracidade de todos os agentes que nela participaram e que, tão unicamente, terão contribuído para a sua pertinência e permanência. Entenda-se, de antemão, que a *Nu* é a revista de estudantes de arquitetura há mais tempo em atividade contínua no país⁹; a si será intrínseco, necessariamente, um modo de ver e refletir muito próprio e, certamente, distinto – fundamentalmente distinto –, construído a partir de uma multiplicidade de singularidades incalculáveis, a par de uma identidade que se molda entre uma infinidade de outras (tantas) possibilidades.

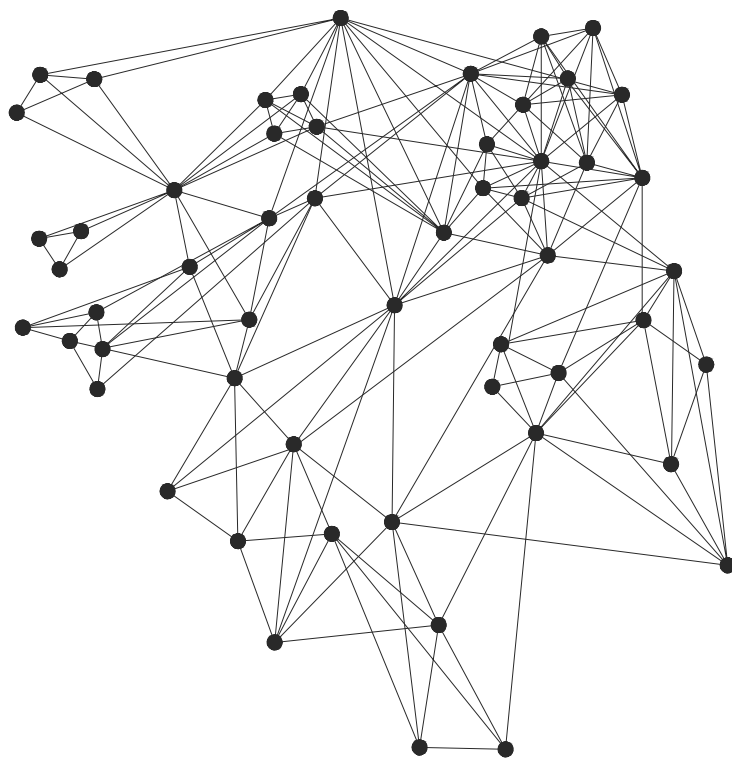
Tal compreensão desencadeia, desde logo, a consequente percepção do que aqui se pretende analisar e apreender: a evolução editorial, social e pedagógica da Revista *Nu*, aos olhos dos seus distintos espaços de intervenção, dos seus propósitos, da sua evolução e da sua adaptação às mais diversas atmosferas. Procura-se compreender, portanto, um percurso moldado a diferentes mãos, através do qual se intentará desenvolver uma visão em parte analítica e preferencialmente crítica, que não deverá ser, em momento algum, precipitada e, tampouco, frágil.

A vontade de intensificar diálogos e estimular debates entre estudantes de arquitetura definiu o ponto de partida da Revista *Nu*; efetivá-los num objeto físico traduziria, somente e se possível, um meio para atingir um fim: o crescimento individual através de uma aprendizagem coletiva sobre a disciplina. A *Nu* refletiria, pois então, “aquilo que era um corpo de estudantes”¹⁰ e o pensamento e discurso por estes estimulados, dialogando, por isso, através das interpretações e interrogações dos seus agentes – individuais e, naturalmente, coletivas.

Assim, a singularidade de cada agente determinaria diferentes modos de estar e agir coletivamente, contribuindo para a composição de um corpo editorial inevitavelmente heterogêneo e distinto de qualquer outro. Compreenda-se, portanto, que as camadas individuais de cada agente – motivadas por personalidades e percursos dissemelhantes –, bem como o modo como cada um se agrega coletivamente, influenciariam as especificidades do corpo editorial e, como tal, as suas dinâmicas e *modus operandi*, determinando, em certa medida, o modo como o objeto atuaria e se posicionaria como um todo. Neste sentido, não se poderá pensar a *Nu* como um organismo homogêneo; aos seus agentes será inerente a pluralidade intrínseca a cada ser humano, que ditará a sua condição enquanto seres distintos de “qualquer pessoa que tenha existido, exista

⁹ No período em que a Revista *Nu* foi criada, o contexto editorial português contava, até então, com apenas uma revista de estudantes: a *Unidade*, tendo esta sido fundada em 1988, pelos estudantes da FAUP (Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto). Foram publicados seis números até 1998; mais tarde, seriam publicados os números #07 (2008) e #08 (2014) - comprovando, portanto, a sua periodicidade flutuante.

¹⁰ Pedro Jordão, “10 Anos de Nudez”, *Arte Capital*, Fevereiro, 2012



28 | Diagrama de abordagem abstrata das possíveis ligações estabelecidas pelos atores quando agregados em rede

ou venha a existir”¹¹. Dito de outro modo, um tal agente contribuirá singularmente para a forma como se estruturará e se manifestará o corpo editorial da Revista *Nu*; nenhum outro o poderá fazer igualmente, dada a sua condição de pluralidade, isto é, cada um acrescentará um novo sentido ao já existente, ao já conquistado. Assim, as dinâmicas de cada corpo editorial variarão tanto quanto possível, sem que uma se possa apresentar como repetição de outra - ainda que se possam, naturalmente, traçar linhas de semelhança.

Além da pluralidade humana (condição com uma contradição de fundo, pese embora, com uma simultânea relação de pertença¹²) deverá, ainda, reconhecer-se a imprevisibilidade existente em cada ação humana, “capaz de realizar o infinitamente improvável”¹³, bem como os inúmeros discursos e forças que atuam em simultâneo sobre cada agente, assim como “um vasto leque de identidades que se aglomeram na sua direção”¹⁴.

Uma ação, quando realizada por um determinado agente agregado em rede¹⁵, dificilmente poderá ser interpretada objetivamente - esta terá decorrido em conjunto com a existência de outros atores, o que indicará que tal agente não terá sido o seu único impulsionador. No fundo, embora determinada ação possa ter sido desempenhada por um agente ‘x’, esta poderá ter sido (igualmente) motivada e provocada pelos agentes ‘y’ e ‘z’. Deveremos, portanto, compreender a ação humana enquanto *cosa* que decorre da experiência e vivência de um conjunto de atores agregados na mesma rede¹⁶.

Definir, interpretar ou delimitar o comportamento e ação dos agentes da Revista *Nu* poderá revelar-se, à primeira vista, uma impossibilidade; a relação entre agentes, corpo editorial e dinâmicas editoriais carece, portanto, de um olhar atento e operativo. É precisamente sobre os

¹¹ Hannah Arendt, *A Condição Humana* (Lisboa: Relógio d’Água, 2011), 16

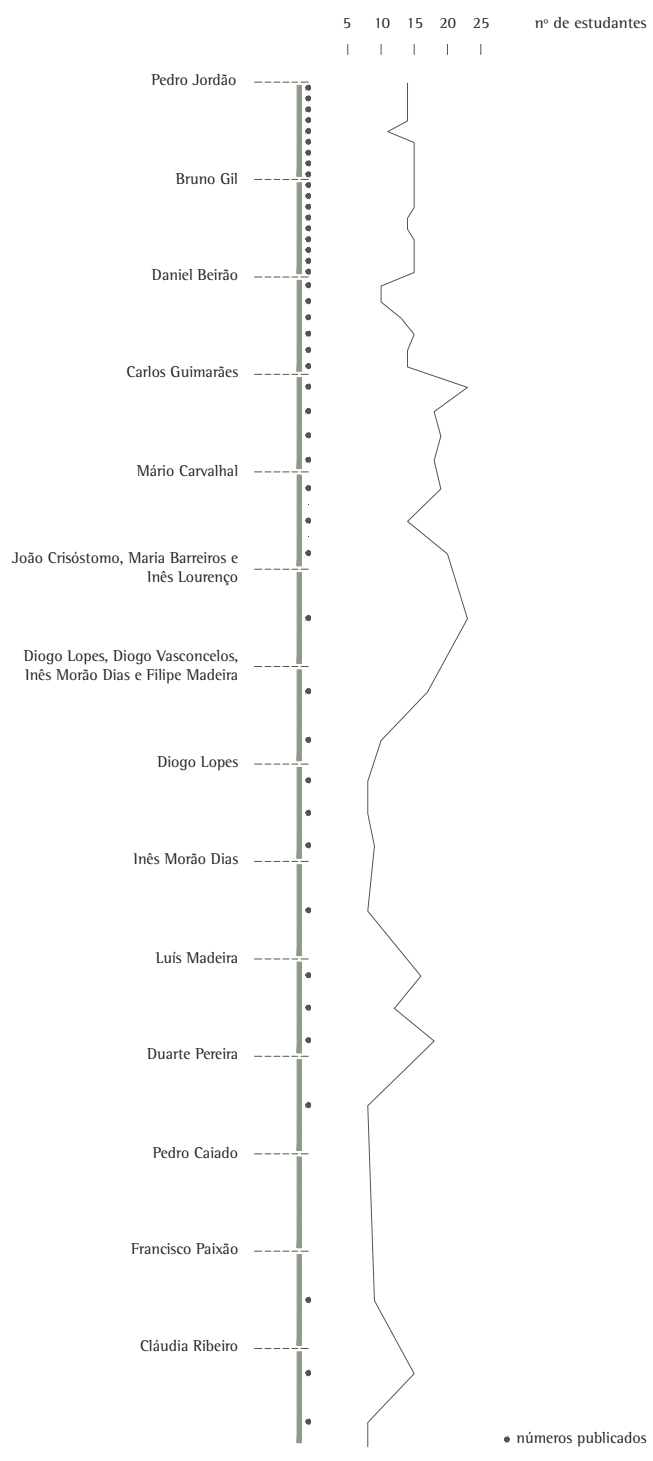
¹² “A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspeto de igualdade e de diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de se compreenderem entre si. [...] Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todo os que existem [...], os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender.” Cf *Ibid.*, 188

¹³ *Ibid.*, 191

¹⁴ Bruno Latour, *Reassembling the Social: an introduction to actor-network theory* (Oxford: Oxford University Press, 2005), 46

¹⁵ O conceito de agregação em rede, concebido por Bruno Latour e exposto em *Reassembling the Social: an introduction to actor-network theory*, prende-se com a ideia da existência de inúmeras interligações e conexões, estabelecidas por atores - podendo estes ser pessoas, animais, objetos ou instituições - quando agregados, determinando, tal agregação, especificidades e direções absolutamente diversas e distintas.

¹⁶ Cf. Bruno Latour, *Reassembling the Social: an introduction to actor-network theory* (Oxford: Oxford University Press, 2005), 54



29 | Diagrama das oscilações da composição do corpo editorial

resultados efetivados por essa relação, indissociável e sequencial, que aqui se pretende indagar – o modo como estes se sucedem e, naturalmente, se influenciam, informarão sobre os paradigmas da evolução da Revista *Nu*, determinada por contextos e atmosferas (certamente) singulares.

A Revista *Nu* é um projeto editorial desenhado a várias mãos; cada redação terá contribuído, tão particularmente, para o modo como esta se posiciona hoje, enquanto revista de estudantes inquieta e com personalidade. Reconhece-se, portanto, a importância de analisar e compreender as distintas composições das diversas redações, bem como as suas motivações, relações e afinidades. Os contributos e a participação de cada uma permitirão informar e avaliar, por um lado, a sua estrutura e posicionamento e, por outro, a temperatura da Escola, no sentido em que, em certa medida, tais condicionantes se relacionam.

O corpo editorial da *Nu*, analisado como um todo, nem sempre terá apresentado uma composição homogénea, isto é, em termos quantitativos, o número de agentes nele integrados terá sido consideravelmente dissemelhante – quando analisado o mapeamento realizado para o efeito. Neste mesmo sentido, uma análise mais aproximada permitirá comprovar a existência de oscilações, mais ou menos intensas, que se procuram aqui interpretar.

Ora, a criação da Revista *Nu* terá decorrido, por um lado, do “desejo de refletir sobre o que era o DARQ além das iniciativas dos professores”¹⁷ e para o qual terá sido determinante o Núcleo de Estudantes enquanto “elemento chave para o Departamento”¹⁸; e, por outro, da vontade estudantil em estabelecer o seu “próprio espaço para escrever, falar sobre arquitetura e debater coletivamente essas questões”¹⁹, compreendendo que já existia, na altura, a *ECDJ* – a revista dos docentes do Departamento. Nessa lógica, havia-se constituído o primeiro corpo editorial da *Nu*, composto pelos membros que se haviam candidatado ao Núcleo de Estudantes, assim como os estudantes que haviam demonstrado interesse, após lançamento de um repto à Escola nesse exato sentido.²⁰

A primeira redação da *Nu* apresentar-se ia, então, composta por um total de 14 estudantes, suficientemente representativa no que aos anos escolares diria respeito. Estimulados e empenhados em materializar a primeira revista de estudantes do DARQ, publicariam o primeiro

¹⁷ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 205)

¹⁸ *Ibid.*, 205

¹⁹ *Ibid.*, 205

²⁰ Cf. Pedro Patrão Amado, “*Dinâmicas editoriais na cultura arquitectónica: leitura crítica do posicionamento e das estratégias de comunicação da revista NU entre 2002 e 2012*” (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade Vasco da Gama, 2013), 28

número da Revista, #01 *Encruzilhadas*, em Abril de 2002. Um mês depois, é publicado #02 *Lugares*; o corpo editorial mantém-se e, progressivamente, a *Nu* parecia deixar pegadas no caminho que se desejava traçar.

Os números que se seguiriam, nos quais Pedro Jordão assumiria o papel de diretor, mantiveram a composição do corpo editorial inicial – salvo raras exceções – bem como a periodicidade mensal (auto)proposta. #09 *Sexo*, o último número dirigido pelo mesmo, é lançado em Março de 2003 e marcaria, assim, o primeiro ano de publicações ininterruptas da Revista *Nu*, que se traduziria num acontecimento absolutamente inédito no país relativamente a revistas de estudantes.

Logo após, Bruno Gil assume a direção da Revista *Nu*. O corpo editorial, embora tenha mantido a forma relativamente ao número de elementos, terá sofrido uma alteração relativa à “proporção do número de estudantes do mesmo ano”²¹. Verificar-se-ia, ora então, uma redação composta por estudantes, na sua maioria, do 5º e 6º anos, tendo estes planeado e produzido os números que se seguiriam: #10 *Ismos* (Abril 2003) ao #18 *Revistas* (Março 2004).

Neste período, a *Nu* já havia marcado pela sua intensidade, consistência e persistência; no fundo, já se havia assumido como uma publicação de teoria e crítica da arquitetura, com uma base sólida, “de tal modo que se torna reconhecida fora da Escola”²². Tal argumento é reforçado, por um lado, “pelo crescimento da *Nu* em termos de corpo editorial”²³ e, por outro, pelo seu reconhecimento exterior, comprovado pelas diversas apresentações fora do DARQ e de Coimbra²⁴. Na sequência, importará referir a presença de contributos teóricos além-Escola e além-fronteiras; com apenas dois anos de existência, a *Nu* contava já com participações de enorme relevo no que à teoria e prática da arquitetura dizem respeito, entre os quais se poderão destacar, desde logo, Eduardo Souto de Moura²⁵, Alberto Campo Baeza²⁶, Dominique Perrault²⁷, Francesco dal Co²⁸, entre tantos outros.

²¹ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 205)

²² *Ibid.*, 205

²³ *Ibid.*, 205

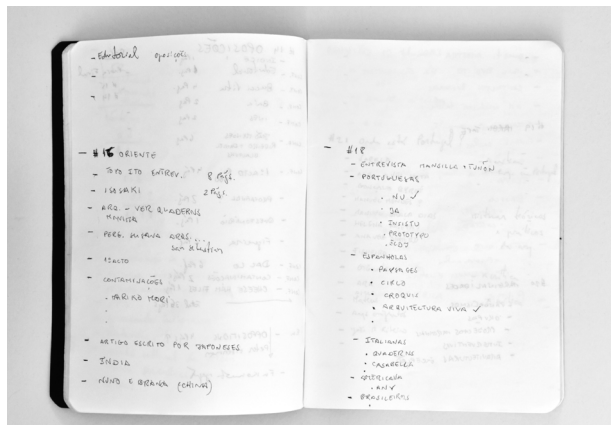
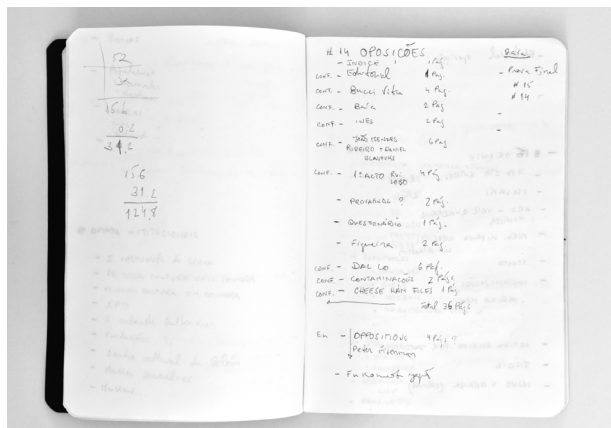
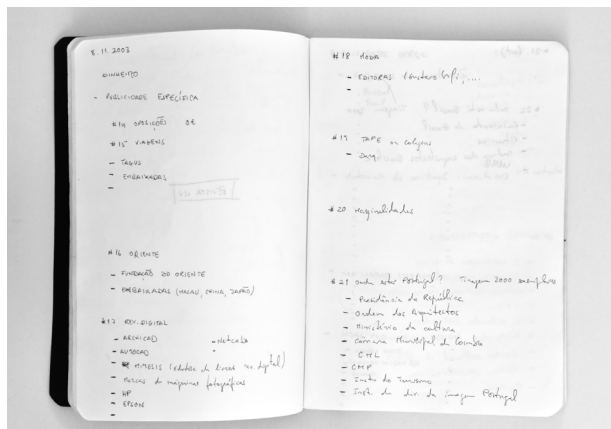
²⁴ Embora a extensa maioria dos lançamentos da Revista *Nu* tivesse decorrido em Coimbra, alguns lançamentos acabariam por decorrer fora da cidade, denunciando a ambição de reconhecimentos e o nítido desejo de extravasar limites; como aliás se sucede em: #08 *Tempo* (Fevereiro, 2003), em Lisboa; #10 *Ismos* (Abril, 2003), na FAUP; #15 *Viagens* (Dezembro, 2003), na Universidade Autónoma de Lisboa; #17 *Revolução Digital* (Março, 2004), na Casa das Artes, no Porto.

²⁵ Cf. Eduardo Souto de Moura, “Entrevista”, *Nu* #01, Abril, 2002, 10-17

²⁶ Cf. Alberto Campo Baeza, “Quiz”, *Nu* #01, Abril, 2002, 31

²⁷ Cf. Dominique Perrault, “Entrevista”, *Nu* #04, Outubro, 2002, 16-22

²⁸ Cf. Francesco dal Co, “Quiz”, *Nu* #11, Maio, 2004, 35



31, 32, 33 | Planejamento simultâneo de vários números da Revista Nu, por Bruno Gil, 2003

Ora, é possível afirmar que as direções de Pedro Jordão e Bruno Gil foram, desde logo, marcadas pela densidade e atrevimento, no sentido em que se havia procurado, durante esse período, “que a Revista ganhasse, por um lado, energia e potencial para que não parasse e, por outro, resistência e resiliência para continuar”²⁹. Tais direções souberam arriscar e ir mais longe do que aquilo que a Escola lhes havia conseguido oferecer, tanto no que escreviam, como nos contributos que conseguiriam imprimir na Revista. Tratara-se, pois, de um período de extensa e contínua produção, impulsionado pela unidade e consistência do corpo editorial. Verificasse, pois então, que uma redação estabelecida e enraizada, possibilitará, em parte, imprimir dinâmicas editoriais mais sólidas e regulares.

Tal condição seria reforçada, por um lado, pelo facto de o corpo editorial planear e discutir vários números em simultâneo, permitindo que, dada a transição de direção, não decorresse a alteração de métodos ou a quebra do ritmo de trabalho que havia sido impresso – assegurando, assim, a periodicidade mensal; e, por outro lado, pelo regime especial de edição que havia sido introduzido, garantindo “uma maior partilha de autonomia e responsabilidade editorial de cada número”³⁰, potenciando, por isso, uma discussão interna mais partilhada e propensa à diversidade de horizontes.

Em Abril de 2004 é lançado o número #19 *Colagens*, determinando este o início de um corpo editorial dirigido por Daniel Beirão. Este viria a manter-se até Outubro de 2005, apresentando, assim, uma duração superior às redações anteriores; contudo, verificar-se-iam as primeiras oscilações do corpo editorial da *Nu* e, claro está, das suas dinâmicas. Assistiu-se, num primeiro momento, a uma redução considerável da redação, justificada, desde logo, pelo “fluxo natural de estudantes – a saída de graduados, a saída e chegada de membros da redação que participaram em programas de intercâmbio”³¹. Ter-se-á traçado, por conseguinte, uma estratégia de abertura e aproximação da redação à Escola, pelo que, neste exato período, dá-se a transição “de uma composição selecionada (através de concursos de escrita) para uma composição participada”³², na qual qualquer estudante, por iniciativa própria, poderia participar.

Dada a saída do corpo editorial fundador e entrada de novos elementos, de anos escolares diversos, ter-se-á verificado, desde logo, a reavaliação da periodicidade – até então mensal –, delineando a adequação a “um novo ritmo de produção de conteúdos”³³. Simultaneamente,

²⁹ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 205)

³⁰ *Ibid.*, 206

³¹ Daniel Beirão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 211)

³² *Ibid.*, 211

³³ *Ibid.*, 212



34 | Cartaz de divulgação da iniciativa
Vem Construir a tua Revista, 2005

dar-se-ia “um processo de reapropriação da Revista, com menor enfoque nas expectativas dos leitores e maior enfoque na exteriorização de vetores de interesse dos membros da equipa e dos novos participantes nas reuniões abertas”³⁴ – reforçando a ideia que a Revista, mais do que responder a uma tal audiência, deveria responder aos interesses e intenções da redação.

De facto, a periodicidade mensal, desafiada pelas direções de Pedro Jordão e Bruno Gil, não seria recuperada por nenhuma outra direção, independentemente da sua longevidade. Tal circunstância pode indicar que a duração temporal de cada equipa – por si só e qualquer que essa seja – não significa, tão literalmente, densidade e eficiência editorial. Contudo, a direção de Daniel Beirão ficaria marcada pelo desejo de uma maior proximidade e abertura à Escola; o objetivo era, precisamente, que a Revista “não fosse apenas uma iniciativa do corpo editorial, mas organicamente parte da comunidade académica do Departamento de Arquitetura da UC”³⁵.

A publicação do número #24 *Espectáculo* (Outubro, 2005) determinaria uma nova transição de direção, na qual Carlos Guimarães assumiria o papel de diretor da Revista *Nu* durante um ano. Nesse período, decorre novamente uma quebra na publicação – são lançados apenas quatro números: do #25 *Utopia* (Novembro, 2005) ao #28 *Velocidade* (Julho, 2006). Deixaria de fazer sentido, então, perpetuar a imagem da Revista *Nu* como uma publicação periódica, pese embora o vigor e voracidade que tal condição estimularia. Assim, assumindo que tal fator seria determinante, “principalmente quando se trata de um projeto académico, sem nenhum objetivo além da aprendizagem por si só”³⁶, ter-se-á estabelecido uma ideia de periodicidade devidamente ajustada às dinâmicas vigentes, através da qual se pretenderia garantir, desde logo, um sentido de compromisso, “dedicação e envolvimento por parte da equipa”³⁷.

Não obstante, verificar-se-ia um aumento excepcional da composição do corpo editorial da *Nu*, contando este com a participação de 23 estudantes “de todos, ou quase todos, os anos”³⁸. Havia-se demonstrado, neste sentido, o desejo de divulgar a Revista entre os estudantes do Departamento de Arquitetura, tornando-a absolutamente acessível: as reuniões tornam-se livres³⁹ e a composição do corpo editorial ilimitada.

³⁴ Daniel Beirão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 212)

³⁵ *Ibid.*, 211

³⁶ Carlos Guimarães, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 217)

³⁷ *Ibid.*, 217

³⁸ *Ibid.*, 217

³⁹ Neste sentido, é divulgada a iniciativa *Vem construir a tua Revista*, cuja estratégia determinava, fundamentalmente, o livre acesso às reuniões da Revista, tornando o seu processo de discussão menos homogéneo, mais inclusivo e, por isso, certamente mais interessante.

Importará clarificar, ainda, que as redações anteriores haviam já estimulado estratégias de aproximação aos estudantes do DARQ, através do concurso *Vaga Nu*⁴⁰; porém, o mesmo contemplava um número de vagas limitadas, correspondentes ao número máximo de elementos permitidos (por regulamento) na composição da redação *Nu* e, por essa razão, o corpo editorial nunca havia excedido os quinze elementos.

O início do ano letivo seguinte ditaria uma nova transição de direção, dirigida por Mário Carvalho, na qual se publicariam três números – #29 *Modus Operandi* (Dezembro, 2006) ao #31 *Chão* (Março, 2007) – e, mais tarde, a transição para uma direção partilhada por João Crisóstomo, Inês Lourenço e Maria Barreiros, que publicaria, no final desse ano letivo, o número #32 *Ocupa* (Julho, 2007). Ambas as equipas editoriais apresentariam uma composição extensa e orgânica – dado que o objetivo traçado havia sido “ter alunos de todos os anos e, de facto, isso acontecia”⁴¹; não obstante, ficariam igualmente marcadas por ritmos irregulares, ainda que tivesse existido o esforço de “produzir o máximo de números possível, com o máximo de estudantes de anos diferentes, nem que, por vezes, o produto não fosse tão maduro”⁴².

Ora, o facto de a Revista ter permanecido intensamente acessível ao corpo estudantil – contrariamente ao que havia decorrido durante as direções de Pedro Jordão e Bruno Gil –, poderá ter estimulado uma dinâmica editorial mais participada e, por isso, mais intensa. Contudo, importa salientar, nesse mesmo sentido, a possibilidade de existirem “contingências dentro e fora da Escola que acabam por influenciar e justificar um determinado contexto, ou seja, basta existir um ano menos interessado na Revista para que exista uma quebra nesse ano específico”⁴³. Dito de outro modo, as oscilações intrínsecas a cada corpo editorial dirão respeito a um contexto absolutamente particular, motivado por vontades e intenções igualmente singulares, pese embora se tenham traçado estratégias “no sentido de preparar a equipa para as inevitáveis transições”⁴⁴, assegurando uma tal continuidade.

Diogo Lopes, Diogo Vasconcelos, Filipe Madeira e Inês Morão Dias assumiriam, no início do ano letivo seguinte e durante dois anos, a direção da Revista *Nu* e, em conjunto, publicariam os números #33 *Consumo* (Maio, 2009) e #34 *Feio* (Outubro, 2010). Mais tarde, somente Diogo Lopes assumiria o cargo de diretor e, com ele, decorria um novo fenómeno na Revista: se, por

⁴⁰ O concurso *Vagas Nu* possibilitava o preenchimento de uma vaga existente no corpo editorial da Revista, mediante submissão de um artigo subordinado a um tal tema e posterior seleção da redação.

⁴¹ Mário Carvalho, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 08 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 222)

⁴² *Ibid.*, 221

⁴³ João Crisóstomo, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 07 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 226)

⁴⁴ Mário Carvalho, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 08 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 222)



nu exposed

A NU surge no ano lectivo de 2001-2002, integrada no programa de objectivos do NUDA (Núcleo de Estudantes do dARQ), sob a direcção de Pedro Jordão. O #01 Encruzilhadas é lançado em Maio de 2002, e a NU torna-se, aí, uma revista periódica de reflexão e debate sobre temas relacionados com a arquitectura, que se propõe, essencialmente, como um pretexto de discussão e como uma ferramenta de aprendizagem para quem faz e para quem lê.

Ao longo de 7 anos, a revista foi vivendo constantes renovações que correspondem, naturalmente, às respectivas gerações que por ela passaram. Hoje, é mais um desses momentos. A primeira exposição do arquivo NU é, para nós, uma reflexão sobre aquilo que para muitos se tornou um dado adquirido no departamento, a revista de estudantes.

“E o futuro é cada palavra ainda não lida desta frase...”
(Pedro Jordão in Editorial NU #01 Encruzilhadas)

a partir de 3 de novembro na sala de exposições do dARQ

35, 36 | Cartaz de divulgação da Exposição Nu Exposed,
Novembro, 2011

um lado, se verificaria uma quebra significativa do corpo editorial, por outro, retomar-se-ia uma periodicidade há muito perdida, publicando-se neste período os números #35 *XXL* (Dezembro, 2010), #36 *Sul* (Março, 2011) e #37 *Mito* (Maio, 2011). Tais circunstâncias estariam, de certo modo, relacionadas e absolutamente subordinadas: de facto, “recuperar a cadência de publicação era claramente um objetivo”⁴⁵ pelo que, motivados por tal ambição, o corpo editorial terá estimulado uma dinâmica assente, muito fundamentalmente, em discussão internas, extensas e regulares, ainda que estas determinassem, em certa medida, “um certo fechamento, mas que não era, de todo, intencional”⁴⁶.

Evidenciava-se, assim, o desejo de recuperar a cadência e intensidade da *Nu*; (re)pensar a Revista e torná-la nada mais do que um objeto através do qual se desenvolve um espírito crítico e inquisitivo era, efetivamente, uma motivação clara – procurava-se que a Revista exprimisse as perspetivas individuais e coletivas do corpo editorial, ao invés “de cumprir uma audiência que, efetivamente, não existia”⁴⁷.

Importa referir, na sequência, que se haviam manifestado intenções de aproximar a *Nu* e o corpo estudantil; desde logo, através da *NU Exposed* – a primeira exposição do arquivo físico da Revista, que terá procurado apresentar o processo de produção, das dinâmicas e dos eventos realizados ao longo do percurso da Revista (tão fértil em histórias e acontecimentos) e, assim, questionar a *Nu* enquanto “dado adquirido”⁴⁸ no meio académico. À parte disso, os próprios lançamentos de cada número, por decorrerem de forma consideravelmente assídua no meio académico, pretenderiam intensificar o interesse dos estudantes em participar na Revista. Contudo, “essa presença tão assídua da *Nu* na Escola passava uma imagem de um comboio em andamento, no qual era difícil entrar”⁴⁹, podendo justificar, em parte, o afastamento da Revista do corpo estudantil do DARQ que havia decorrido nesse período específico.

A saída de Diogo Lopes da Revista determinaria, uma vez mais, uma nova sucessão de direção; Inês Morão Dias assumiria, no início do ano letivo, o cargo de diretora. Durante esse período, apenas um número seria lançado – #38 *Ideia* (Abril, 2012) – e a composição do corpo editorial manter-se-ia, à semelhança das redações imediatamente anteriores, consideravelmente reduzida no que ao número de elementos e representatividade dos anos escolares diz respeito.

⁴⁵ Diogo Lopes, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 231)

⁴⁶ *Ibid.*, 230

⁴⁷ *Ibid.*, 232

⁴⁸ Cf. Cartaz de apresentação da iniciativa *Nu Exposed*.

⁴⁹ Diogo Lopes, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 230)



a **nu** quer-te na primeira reunião

SEGUNDA-FEIRA, dia 30 | 18h30

O número #40 *Entrevistas – Antologia Crítica*⁵⁰ (Fevereiro, 2013), marcaria a transição da direção de Inês Morão Dias para Luís Madeira. Neste período, são lançados três números – #39 *Matéria* (Fevereiro, 2013), #41 *Gordura* (Setembro, 2013) e #42 *Memória* (Abril, 2014) – planeados e produzidos por um corpo editorial novamente extenso e vigoroso. Ora, se as redações anteriores se apresentariam compostas por um número reduzido de elementos – cuja estratégia se prendia, fundamentalmente, com a produção de conteúdos sem “qualquer perspectiva de futuro e continuidade”⁵¹ –, a direção que agora se analisa procurou “delinear um conjunto de estratégias algo didáticas, precisamente a pensar na entrada de novos elementos”⁵². Por essa razão, ter-se-á deparado com o aumento exponencial da redação da Revista, “composta por alunos de todos os anos”⁵³, excedendo os vinte elementos e alcançado, portanto, uma dimensão há muito perdida. Não obstante, as oscilações tendiam a repetir-se, uma e outra vez, nas redações que imediatamente se seguiriam.

No final desse ano letivo, Duarte Pereira assumiria a direção da Revista *Nu* precisamente num período de transição, cujas “saídas definitivas de membros pertencentes ao corpo editorial da Revista aconteceram devido a três fatores: a conclusão do curso, a entrada no último ano do curso, correspondente à elaboração da Dissertação de Mestrado e à saída do Departamento”⁵⁴. Nesse período, ter-se-ão delineado estratégias de aproximação aos alunos; contudo, embora se verificasse um entusiasmo inicial por parte dos estudantes, “ao longo do ano letivo e com a exigência do programa curricular este número ia naturalmente reduzindo”⁵⁵ – determinando, portanto, um corpo editorial constituído, tão somente, por oito elementos, sendo estes “alunos do mesmo ano ou amigos próximos de outros anos”⁵⁶.

Durante tal direção, seria publicado apenas um número – #43 *Zero* (Outubro, 2015); verificar-se-ia, novamente, uma quebra na publicação, pese embora estivesse assim determinada por decisão da equipa editorial vigente⁵⁷. No fundo, ter-se-á traçado uma estratégia para o período em questão, na qual não se privilegiaria a continuidade da Revista, determinando e justificando, portanto, o período (novamente) conturbado que se seguiria.

⁵⁰ Neste período, a *Nu* celebrava 10 anos de produção ininterrupta, marcados pela persistência e determinação dos diversos corpos editoriais. É então lançado o número #40 *Entrevistas – Antologia Crítica*, uma edição coordenada por antigos diretores da Revista, publicada em conjunto com a Trienal de Arquitetura de Lisboa.

⁵¹ Luís Madeira, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 13 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 234)

⁵² *Ibid.*, 234

⁵³ *Ibid.*, 235

⁵⁴ Duarte Pereira, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 239)

⁵⁵ *Ibid.*, 240

⁵⁶ *Ibid.*, 240

⁵⁷ Cf. *Ibid.*, 239



REUNIÃO ABERTA
revista nu

21 de setembro 17:00h
Sala do NuDA

dúvidas ou informações: revista.nu@gmail.com ou directamente com Francisco Albuquerque (3º ano),
Clara Gonçalves (4º ano), Francisco Paixão (4º ano) ou Pedro Caiado (dissertação)

38 | Cartaz de divulgação da Reunião Aberta *Nu*,
Setembro, 2016

O corpo editorial que se sucede, dirigido por Pedro Caiado, seria marcado pela ausência de publicações e, sobretudo, pelo estímulo de debates com enfoque no possível futuro da Revista. A *Nu* seria, durante esse período, definida por uma séria dificuldade de renovação do corpo editorial, dado que “muitos membros mais velhos da redação tinham terminado o curso e outros do 4º e 5º anos tinham ido de *Erasmus*”⁵⁸; tal fator incitaria, então, um conjunto de debates internos, que rapidamente se estenderiam à Escola, através de discussões públicas e horizontais.

Entenda-se que, no período referido, o corpo editorial da Revista se havia composto, muito essencialmente, por estudantes do 2º e 3º anos que, no fundo, estavam poucos preparados “para a redação de artigos ensaísticos e de crítica da arquitetura, a qual requer alguma maturidade e algum desenvolvimento das ferramentas metodológicas necessárias à reflexão e à escrita”⁵⁹. Neste sentido, pese embora a vontade e esforço dos estudantes em produzir a publicação que se seguiria, e apesar da existência de artigos que o permitissem, não se terão reunido condições suficientes para que tal se possibilitasse⁶⁰.

À parte disso, o próprio contexto do meio académico influenciaria, em certa medida o *status quo* da Revista *Nu*; mais concretamente, poder-se-á “apontar a alteração do plano de estudos como principal fator de uma alteração significativa na dinâmica entre os alunos dos vários anos e a Revista”⁶¹. No fundo, tal alteração terá desencadeado, por um lado, “uma desmultiplicação da dominância de grupos sobre a Revista”⁶², isto é, se até então a *Nu* se constituía por uma geração mais velha, estes seriam, agora, forçados a terminar mais velozmente o curso; e, por outro, terá determinado “um aumento da presença de outros anos escolares”⁶³, com interesses mais específicos, mais apontados e direcionados para a vertente prática da arquitetura.

Ora, o debate interno e externo estimulado pelo corpo editorial da Revista – já aqui mencionado – decorreria precisamente de tais transformações. Havia-se reconhecido que o modelo de funcionamento da Revista deveria ser reajustado “aos interesses e aptidões dos alunos que iriam passar a ser a parte substancial do corpo da redação”⁶⁴, pelo que importaria compreender, efetivamente, a posição e o entendimento dos estudantes e docentes do DARQ face ao caminho que se procurava, nesses, traçar.

⁵⁸ Pedro Caiado, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 25 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 243)

⁵⁹ *Ibid.*, 244

⁶⁰ *Ibid.*, 245

⁶¹ *Ibid.*, 244

⁶² *Ibid.*, 244

⁶³ *Ibid.*, 244

⁶⁴ *Ibid.*, 244

Sobre

A revista NU surge no ano letivo de 2001-2002, integrada no programa de objetivos do NuDA/AAC (Núcleo de Estudantes de Arquitectura da Associação Académica de Coimbra), enquanto espaço coletivo de expressão promovendo a criação de conhecimento e a troca de saberes entre colegas de diferentes anos.

O primeiro número, Encruzilhadas, foi lançado em Abril de 2002, e a NU torna-se, aí, uma revista periódica de reflexão e debate sobre temas relacionados com a arquitectura, que se propõe, essencialmente, como um pretexto de discussão e como uma ferramenta de aprendizagem para quem faz e para quem lê. Tendo nascido em 2002, esta é a revista de estudantes de arquitectura há mais tempo em atividade no país, com um percurso marcado pela publicação contínua.

Desde então 46 números da NU foram lançados, assumindo a revista como uma publicação de teoria e crítica, focada em temas de interesse à produção arquitectónica mas também extra-disciplinar. Assim, aos artigos de crítica produzidos pelos estudantes acrescentam-se inúmeras colaborações de nomes nacionais e internacionais ao longo dos anos. Passada sucessivamente entre gerações, a revista manteve-se sempre como espaço de reflexão para os estudantes evoluindo e transformando-se de modo a adaptar-se às suas necessidades reais e tendo em conta as mudanças no panorama nacional e internacional da arquitectura.

REVISTA NU

A revista NU é uma publicação produzida pelos estudantes do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, resultado de uma reflexão conjunta entre alunos sobre a disciplina.



ARQUIVO

Seleccionar categoria

Pesquisar

Arquivo



REVISTA NU

A revista NU é uma publicação produzida pelos estudantes do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, resultado de uma reflexão conjunta entre alunos sobre a disciplina.



ARQUIVO

Seleccionar categoria

Pesquisar

Com efeito, a Revista terá enfrentado uma das suas fases mais críticas, na qual se havia colocado em causa (intensamente) a sua continuidade. Aos poucos, a *Nu* viria a esfriar a sua presença no meio académico; o último número publicado era, então, cada vez mais distante, assim como a voracidade e intensidade de outros tempos, dado que não se terão verificado consequências concretas das estratégias então provocadas.

Em Outubro de 2017 – dois anos após a publicação do último número – seria formada uma nova equipa, desta vez pelas mãos de Francisco Paixão. À exceção do mesmo, nenhum membro do corpo editorial havia integrado uma outra redação; a *Nu* situava-se, para a extensa maioria, próxima de uma linha que limitaria o desconhecido. Tal redação desempenhou, com um certo tom de experimentalismo, um papel de (re)aprendizagem – de métodos, de dinâmicas, de paradigmas. Por um lado, terá existido, de facto, a consciência de que “apesar de o objeto físico ser o produto mais interessante, limitava a participação das pessoas”⁶⁵ no sentido em que o processo de construção até então adotado nem sempre corresponderia aos interesses e disponibilidade dos estudantes.

Por isso, ter-se-á verificado um esforço “em tornar a *Nu* um pouco mais século XXI”⁶⁶ através da criação de uma plataforma *online* que, no fundo, permitisse “integrar artigos em paralelo com o número e pudesse gerar uma dinâmica interna”⁶⁷. Por outro lado, compreendia-se que, embora se verificasse a vontade e o interesse dos estudantes em pertencer à Revista, seria absolutamente necessário “algum tempo para que a equipa se conheça, para que as pessoas se possam dar bem umas com as outras e para que possam estar à vontade para discutir os temas”⁶⁸. Neste seguimento, compreendia-se que, para resultar, a *Nu* necessitaria “de um grupo sólido que pudesse não só responder àquele número específico, mas que pudesse, no fundo, garantir uma certa continuidade”⁶⁹. Deste modo, a Revista voltaria a marcar uma presença crítica no meio académico; é publicado o número #44 *Limite*, em Maio de 2018, materializando o fervor de um corpo editorial intensamente motivado.

A redação que se seguiria, dirigida por Cláudia Ribeiro a partir do início do ano letivo seguinte, seria manifestamente influenciada pelo momento de viragem então exposto. De facto, o interesse dos estudantes pela *Nu* aumentaria gradualmente, assim como o corpo editorial, composto “por um grupo de estudantes mais regular e por estudantes que contribuíam de forma

⁶⁵ Francisco Paixão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 05 de Agosto, 2020. (Cf. Anexos, 250)

⁶⁶ *Ibid.*, 250

⁶⁷ *Ibid.*, 251

⁶⁸ *Ibid.*, 249

⁶⁹ *Ibid.*, 249

reunião aberta.



24 de setembro, 3ªfeira, 18h00
sala do nuda/nu

inauguração da livraria nu|nuda

19 Março, 3a feira



18h00
apresentação proposta vencedora
18h30
venda de livros e convívio

no claustro do dep. de Arquitectura



41 | Cartaz de divulgação da Reunião Aberta *Nu*, Setembro, 2018

42 | Cartaz de divulgação da Livraria *Nu/NUDA*, Março, 2019

pontual”⁷⁰. Assim, no sentido de compreender de que modo “a *Nu* poderia participar ativamente na Escola sem depender diretamente dos alunos”⁷¹, ter-se-ão delineado estratégias de aproximação da Revista aos estudantes do DARQ. A par das iniciativas promovidas internamente – como reuniões abertas decorridas em todo o espaço da Escola –, verificaram-se, ainda, iniciativas conjuntas com o Núcleo de Estudantes, tendo em vista, simultaneamente, a aproximação aos restantes organismos da Escola. Neste período, seriam publicados (até então) os números #45 *Entre(tanto)* (Março, 2019) e #46 *Cor* (Outubro 2019), comprovando a intenção de imprimir, novamente, dinâmicas de publicação vigorosas que traduzissem, efetivamente, a motivação do corpo editorial que se havia, então, constituído.

Ora, a análise dos diversos e distintos corpos editoriais desperta, desde logo, uma interpretação atenta de diferentes realidades, do modo como estas dialogam e se, no limite, têm transposição para o objeto físico – sem que exista, claro está, uma visão unívoca. A impossibilidade de definir um número tipo de estudantes que, ao longo do tempo, tenha integrado o corpo editorial denuncia as constantes oscilações que então decorreriam e, claro está, a singularidade e imprevisibilidade a si inerentes; contudo, as razões que as motivam são, de um modo geral, transversais a todo o arco temporal aqui analisado.

Em certa medida, poder-se-á afirmar que as oscilações do corpo editorial da Revista *Nu* resultam do percurso natural e das motivações dos seus elementos constituintes; no fundo, verificam-se tais transformações, por um lado, quando se dá a transição natural de direção – provocada pelo término do percurso académico, pelo ingresso na Dissertação de Mestrado ou pela participação em programas de mobilidade – e, por outro lado, quando decorrem picos de interesse ou desinteresse pela *Nu*, motivados ou não por acontecimentos anteriores. De facto, à medida que as gerações de alunos se sucedem, naturalmente, no meio académico, também estas metamorfoses acabam por ser impressas na própria Revista; por essa razão, tão precisamente, a questão da continuidade da Revista *Nu* terá acompanhado todo o seu percurso até aos dias que decorrem.

Neste sentido, denote-se que tais oscilações se expressariam, de certo modo, nas dinâmicas editoriais de cada redação; porém, dada a singularidade e especificidade de cada uma, não se poderá determinar tais condicionantes como sendo genericamente favoráveis ou, pelo contrário, desfavoráveis em detrimento de outras. À parte disso, existirá um certo espaço para olhar e compreender objetivamente a *Nu* através da sua composição, ou seja, das pessoas que a pensam e que a fazem. No fundo, terão existido vários e distintos níveis de intensidade impressos

⁷⁰ Inês Saraiva, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 14 de Agosto, 2020. (Cf. Anexos, 257)

⁷¹ *Ibid.*, 257

Ana Fonseca, Ana Gomes, Ana Sofia Santos, André Almeida, António Carvalho, António Correia, António Moreno, Bárbara Silva, Bruno Gil, Carina Silva, Carlos Azevedo, Carlos Guimarães, Carolina Ferreira, Carolina Ramos, Carolina Santos, Catarina Jegundo, Clara Gonçalves, Cláudia Ribeiro, Coling Lima, Daniel Beirão, Diogo Lopes, Diogo Simões, Diogo Vasconcelos, Duarte Miranda, Duarte Pereira, Eduardo Nascimento, Eugénio Borges, Flávia Bellesia, Filipa Cabrita, Filipa Oliveira, Filipe Madeira, Francesco Benatto, Francisco Albuquerque, Francisco Paixão, Frederico Martinho, Friederike Thomas, Gonçalo Lopes, Henrique Pimentel, Hugo Silva, Inês Bernardes, Inês Correia, Inês Dantas, Inês Lourenço, Inês Morão Dias, Inês Ribeiro, Irina Sales Grade, Inês Saraiva, Ivan Brito, Ivo Lapa, Jan-Vicent Barsier, Joana Alarcão, Joana Alves, Joana Couceiro, Joana Eira-Velha, Joana Martins, Joana Rita Gomes, João Crisóstomo, João Jesus, João Lapa, João Miranda, João Nunes, João Sá, José Almeida, José Brites, Luís Loureiro, Luís Lourenço, Luís Macedo, Luís Madeira, Luísa Correia, Luísa Martins, Maciej Zacher, Mafalda Maurício, Mafalda Miranda, Margarida Marques, Maria Barreiros, Mariana Campos, Mariana Roque, Marianne Ullman, Mário Carvalhal, Marta Pedro, Miguel Mesquita, Miguel Oliva, Miriam Queiroz, Nicolas Sisic, Nuno Santos, Paula Chaves, Pedro Baía, Pedro Caiado, Pedro Canotilho, Pedro Gama, Pedro Jordão, Pedro Lopes, Pedro Resende, Pedro Treno, Pedro Vieira, Rosa Bandeirinha, Rui Agnelo, Rui Aristides, Rui Baltasar, Rui Cunha, Sara Barros, Sarah Iris, Sara Martins, Sebastião Ataíde, Susana Serigado, Tânia Neves Correia, Tânia Teixeira, Tiago Borges, Tiago Ribeiro, Vera Pinto, Vicente Nequinha

na Revista, decorridos das diferentes e tão específicas atitudes e das próprias relações que se haviam estabelecido. Importa salientar, nesta lógica, que tais condicionantes se moldam quer pela personalidade do indivíduo, quer pela relação de amizade que se terá definido; no fundo, importará compreender as *Políticas da Amizade*⁷² nesse mesmo sentido – da distância, da assimetria e, claro está, da singularidade.

Assim, compreendendo a *Nu* como um objeto que se estimula através da discussão, no qual cada encontro se traduz numa exploração infinita de possibilidades (arquitetónicas), poder-se-ia afirmar que um corpo editorial extenso imprimiria uma dinâmica mais diversa, mais veloz e, *quicá*, mais viva. Porém, não se poderá relacionar, tão literalmente, fatores como quantidade e qualidade – por razões já aqui analisadas. Neste seguimento, depreende-se que nem sempre um corpo editorial extenso significará, tão necessariamente, um ritmo de publicação mais vigoroso ou, tampouco, transparecerá abordagens notoriamente mais intensas e aprofundadas.

Em última análise, pode-se declarar que as dinâmicas editoriais se influenciam pelos mais diversos fatores – desde logo, pelos seus agentes, tão sensíveis quanto distintos; pelo modo como estes se agregam e estimulam relações entre si, com o meio académico e com a própria disciplina. Na sequência, dado o seu tom de subjetividade – por dizer respeito, precisamente, ao indivíduo –, cada geração importará a sua singularidade e especificidade a cada uma das equipas editoriais e, por isso, se terão manifestado tão necessária e particularmente distintas.

Publicações: temas-conceito

A Revista *Nu* tem-se construído, ao longo de quase duas décadas, a partir dos seus debates coletivos – decorridos no seio da redação ou em atmosferas exteriores, desafiados por contributos externos ou estimulados por encontros (in)formais. O desejo de refletir sobre assuntos relacionados com a disciplina, mais apontados ou, tão validamente, mais transversais, materializar-se-ia, por fim, no objeto físico representado, hoje, por quase cinquenta publicações.

Cada publicação transparece, tão necessariamente, as buscas de cada indivíduo, assim como as intenções do coletivo. A sua conceção trata, precisamente, a experiência da interrogação e o processo de construção do pensamento (em arquitetura), ao mesmo tempo que nela reside o espaço exato que permitirá o desenvolvimento de posturas críticas, estimuladas pela ambição da

⁷² Jacques Derrida, *Políticas da Amizade* (Porto: Campo das Letras, 2003)

nu *reunião*

reunião
06.11.2006

→ Ponto de Situação: novos números até ao fim do ano:

- #32 [...] *reunião*
- #33 [...] *Europa*
- #34 [...] *Planejamento*

[Consumo + Culto]:

- estêriler Promontório (Pablo Martín Barata)
- evolução e epifania do centro comercial (mercado de Tsjingou, 2004, galeria coberta) → *Pública Central*
- estratégia de implantação e impacto
- impacto sociológico
- centralidade e estímulos no centro comercial (dóctos, John Jurdy)
- recreação como fim (horu ludens)
- comércio enquanto factor de atracção (aerportos)
- liberdade (Guggenheim Las Vegas)
- arquitectura/arquitectos de culto, rotas, viagens
- sciopagria
- espacia de culto/consumo de massas (estádios, igrejas, centros comerciais)
- supermercado H&M, supermercado, no V&E
- culto: animação, consumo, religião
- grau e escala de culto
- prova final, american psycho, mall, Las Vegas, Disneyland
- MacDonalds edificio → logotipo

[Europa]:

- 50 anos da União Europeia
- Europa: velho mundo vs. Novos mundos
- multiformidade / adaptações regionais
- Arquitectura McDonald's adaptação regional (?)

Centro imitativa
Europa → batidas → arquitetura?
Think tank
→ projeto de arquitetura
→ projeto de arquitetura

Centralidade
plano de desenvolvimento
centralidade

nu *reunião*

reunião
06.11.2006

Perfeito vs. Centralidade (descentralização das agências europeias, a idiosincrasia portuguesa)

- Laboratório de estratégias de desenvolvimento (Tague...)
- Como se projecta um continente? (ensaio especulativo/projeto)
- A10 (Hans Bollig) + Woodland (guia para rotas licenciadas)
- Escultura numa rotunda - Pedro Bandeira
- Centros históricos (musealização) vs. Disneyland →
- Mobilidade
- Estado europeu (modernismo)
- a nova imagem da Europa. A&G
- globalidade / nichos / AA (think tank) → *AA* → *Mudança* → *certa unidade europeia*
- a Europa e as suas propostas actuais
- e democracy (not)
- fenómenos de descentralização - as agências europeias e a sua disseminação
- regulamento europeu de segurança
- *descentralização* → *escala da NU / Centralização*
- *descentralização*

[Planeamento Territorial + Paisagem]

- analisar a escala territorial e lançar ideias alternativas a nível do planeamento (formato workshop)
- elaborar cenários para o país
- arquitecto vs. escala territorial
- CHORA (cidade kits de agentes)
- UN Studio (Arnhem)
- festivas de verão (efeito nas rotas pré-estabelecidas)
- planeamento territorial em Portugal (W. Bossa)
- espço praxia (eduardo)
- arquitectura paisagista
- paisagem enquanto percepção
- touriste - (sec. XVIII) recolocação de paisagens
- redes urbanas, pda, rca, rca
- redes de mobilidade
- engenharia do território
- prova final: Infraçapas (cultura mobilidade, Curitiba); Percursos num território real e imaginado (Inês Dama);
- In between (terreno de zingón, Ana Grácio)
- Holanda, novo mapa do país: histos, uma outra tradição de planeamento e reacção dos arquitectos
- descontinuidades no território português: contrastes Norte/Sul
- áreas metropolitanas, análise do crescimento periférico
- balanço do País ←
- Novo Plano Nacional de Planeamento e Ordenamento do Território
- autonomia dos municípios
- elementos naturais como delimitação (Rossa)
- planeamento ambiental
- desenvolvimento sustentável

Geografia
(Projecto Global de Europa)
União regional
como projeto
multidisciplinar
Arquiteto

Anna Daning

Planejamento
territorial
paisagem

Tabela
Desenvolvimento
Sustentável

44, 45 | Planeamento coletivo em reunião Nu dos números a publicar, Novembro, 2006

descoberta e pelo cruzamento de diferentes possibilidades e de diferentes leituras – através das quais se espera “suscitar a interrogação, muito mais do que a resposta”⁷³ absolutamente única e indiscutivelmente correta e definitiva. Cada publicação é, por isso, um instrumento muito próprio e identitário, que prevê a contaminação e as peripécias em torno de si mesma; é um espaço de criação, o reflexo de referências múltiplas e vontades próprias – tão singulares –, através do qual se tem materializado a produção teórica da Revista *Nu*, tratando-se (acredita-se) de “um lugar que evoluirá no tempo e nas palavras”⁷⁴.

Assim, o objeto físico da Revista *Nu* constitui um (novo) ponto de partida para investigação; através dos instrumentos, das vontades e das relações que o têm vindo a determinar, ambiciona-se, pois então, decifrar as relações entre a *Nu* e as atmosferas mais sensíveis – intimamente relacionadas com as intenções e buscas de cada equipa editorial.

Compreenda-se, neste seguimento, que cada publicação terá partido da escolha de um determinado tema-conceito, decorrida de motivações internas ou, tão validamente, influenciada por contextos externos relacionados com a disciplina. Com as suas tão intrínsecas variações de significado, as suas tão distintas e possíveis abordagens – que se descrevem através de palavras, imagens e traços –, cada tema-conceito permitirá transmitir um tal pensamento que seria então transportado para a folha de papel e (desejavelmente) para quem a folheia. Na sequência, identifica-se a sua essência mais subsistente e, através dela, refletem-se possíveis abordagens e perceções que versam em cada tema-conceito, depurando o que comungam e o que as distingue, tão completamente.

Os temas-conceito são, no fundo, palavras que surgem quer pela sua transversalidade à arquitetura, pela sua contemporaneidade ou, também, pela sua relação com o desconhecido; são, substancialmente, palavras extensas e de entendimentos múltiplos e abrangentes – podendo cada uma delas ora confrontar-se, ora aliar-se. Em cada tema-conceito reside, ainda, o espaço para desvios, para levantar ecos – podendo percorrer-se caminhos diversos e distintos, podendo as respostas transformar-se, tão fugazmente, em dúvidas: como penas que balanceiam sem saber em que parte certa assentarão.

Propõe-se, portanto, a análise de temas-conceito específicos da Revista *Nu*, selecionados quer pelo seu contexto, quer pela pertinência que se considera existir, para que se compreenda a possível existência de uma tal tendência editorial. Procura-se compreender, assim, que

⁷³ Pedro Jordão, “We are building a new city”, *Nu* #03, Junho, 2000, 2

⁷⁴ Pedro Jordão, “Lugares”, *Nu* #02, Maio, 2002, 3



[ficha técnica]

DIRECTOR
Pedro Jordão

EDITORAÇÃO
Bruno Gil, Carina Silva, Carlos
Sousa, Carlos, Catarina Ferreira, Daniel
Silva, Pedro, Pedro Conceição, Vítor
Pinto

COLABORADORES
Adriano Cordeiro, António Chaves, Ana
Dourado, António, Sérgio Marques,
Paulo Martins, Susana Faria, Vasco
Pinto

GRÁFICO
Gustavo Neumann, Mário Gonçalves,
Álvaro Antunes

CAIXA
Bruno Gil, Pedro Jordão

IMPRESSÃO
Impressora de Coimbra, Limitada

PERIODICIDADE
mensal

TRÁFEGO
300 exemplares

ISSN
1645-1981

PROPRIEDADE
NOGMAAC - Núcleo de Arquitectura

CONTACTOS
NOGMAAC - Núcleo de Arquitectura
Departamento de Arquitectura
Faculdade de Arquitectura e Engenharia
Universidade de Coimbra
Colégio das Artes
3001-190 Coimbra

tel | fax | 351 351 239 851 390
tel | fax | 351 351 239 852 229
e-mail | nu@nuonline.com

[índice]

[editorial] encruzilhadas p03
Pedro Jordão

projecto casa barcelona p04
Nuno Costa

vamos transformá-lo em electrodinâmico p08
Jorge Figueira

referências p09
Izita Sales Graça

souto moura | a transparência dos gestos p10
Ana Dourado, Pedro Jordão & Susana Faria

novidades p18
Helder Ferreira, João Santos & Luís Martins

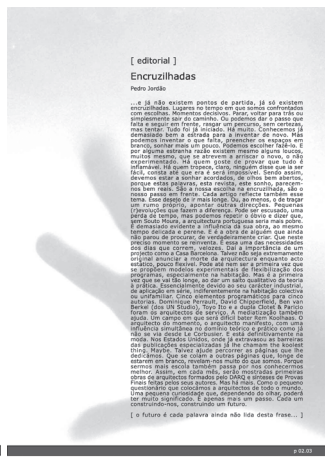
[1º acto | jubileu 2001] p22
Adriano Cordeiro

[prova final | lendário quotidiano] p26
Doriana Santos

[constatações | duchamp] p28
António Ochoa

[chassam-tam tiles] #1 p30
Vasco Pinto

[7º | aberto campo baixa] p31



temáticas se terão privilegiado ao longo do tempo; de que motivações aparentam decorrer ou pretendam suscitar; e que preocupações se poderão aferir, seja da *Nu* em relação à Escola ou vice-versa. Para o efeito, seleciona-se (pelo menos) uma publicação de cada direção da Revista *Nu*⁷⁵ - as que se terão considerado mais pertinentes e que permitam respostas mais concertas no que à contaminação *Nu*-Escola dirá respeito -, dado que as publicações jamais poderão ser entendidas separadamente do seu corpo editorial e dos seus agentes, necessariamente íntimos e indissociáveis. Como tal, cada tema-conceito, associado a uma publicação específica, informará singularmente a investigação e possibilitará aferir os caminhos traçados por aproximação, por provocação ou, tão validamente, por distanciamento.

Encruzilhadas, o primeiro número da Revista *Nu*, publicado em Abril de 2004, durante a direção de Pedro Jordão, procura ser nada mais do que o reflexo claro dos desejos de um corpo editorial jovem e ambicioso; a sua leitura incita, por isso, o deambular num mar imenso de possibilidades. Tal publicação pretende, no fundo, “inventar o que falta, preencher os espaços em branco”⁷⁶ e, portanto, revela em si a vontade de estimular, através desta, o meio académico (já conhecido), ao mesmo tempo que se deixa por ele ser estimulada. *Encruzilhadas* transparece, por isso, uma clara intimidade com a Escola; apesar de se constituir esta como uma estrada já conhecida, a *Nu* propõe, através do seu objeto físico, ser um estímulo para a criação de novas atmosferas e de novos olhares: a *Nu* desperta(-se) quando a Escola e os seus agentes cruzam caminhos.

No fundo, as duas posturas pertencem-se: se, por um lado, a *Nu* se desenvolve num tom de provocação face à Escola, sendo “evidente que os temas procuram uma espécie de refrescamento da visão disciplinar”⁷⁷; por outro, sendo a *Nu* um “objeto de curiosidade”⁷⁸ e um “caminho de procura”⁷⁹, apresentar-se-ia, tão desejavelmente, como ferramenta vigorosa, inquisitiva e estimulante para própria Escola⁸⁰. Assim, definir-se-ia o seu caminho, traçar-se-ia um rumo próprio: preencher folhas em branco com impressões digitais, através das quais a contaminação se pretenderia potenciar.

Por sua vez, *Onde está Coimbra?* – o número doze da *Nu*, publicado em Junho de 2003, durante a direção de Bruno Gil – seria, ora então, uma nova encruzilhada. Desenvolvido no âmbito da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2002, revela em si a capacidade de ver o mundo

⁷⁵ Já analisadas em *Agentes: corpo e dinâmicas editoriais*, 63

⁷⁶ Pedro Jordão, “Encruzilhadas”, *Nu* #01, Abril, 2002, 3

⁷⁷ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 207)

⁷⁸ *Ibid.*, 207

⁷⁹ *Ibid.*, 207

⁸⁰ Cf. Pedro Jordão, “10 Anos de Nudez”, *Arte Capital*, Fevereiro, 2012



Índice

[editorial] que Coimbra? Bruno Gil	p.03
Coimbra a Portugal Inês Costa	p.04
Coimbra: o caso da cidade André Correia e Filipa Costa	p.08
Cidade viva José Britez	p.10
de Luís Filipe Rocha	p.12
campus colaborativo: the wrong direction Paulo Providência	p.14
luta-olho participada Pedro Bala	p.16
gêrito Pedro Jordão	p.18
cartografia de prazer A. Jaraa Cosentino	p.20
Balsa, Imprensa Inês Costa e Filipa Carvalho	p.22
da Coimbra dos bastos e das cidades José António Bendeirinha	p.24
Coimbra: um espaço cultural	
as infra-estruturas de música de Coimbra Pedro Salinas	p.26
uma escola... de noite Carolina Ferreira e Rui Aristides	p.28
shop making sense Jorge Figueira	p.30
vídeo-álbum Inês Costa	p.32
arquitectura, natureza e amor Geórgio H. Tavares	p.34
uma cidade no meu altar Alípio Hernandez Cardoso	p.36
workshop Eugénio Borges	p.38
homenagem ao espaço de cidade Bruno Gil	p.40
novas imagens, novos postais Inês Costa	p.42
workshop Organização do Workshop	p.44

EDITORIAL
que Coimbra?
 Bruno Gil

Esse é o primeiro artigo de este número. É uma reflexão sobre a cidade de Coimbra, sobre o seu passado, o seu presente, o seu futuro. É uma reflexão sobre a identidade da cidade, sobre a sua cultura, sobre a sua história. É uma reflexão sobre a cidade que queremos, sobre a cidade que devemos ser.

[12] junho 2004



Índice

[editorial] revistas: o papel da arquitetura Bruno Gil	p.03
edifício postal e sua história A. Jaraa Cosentino	p.04
revistas, mídia e teoria Joaquim Moreno	p.06
Introdução Bruno Gil	p.08
o papel da arquitetura Inês Costa	p.10
de arquitetura e de cidade Manuel Cação Dias	p.12
Insisto na decisão Pedro Bandeira	p.14
3 propostas a Jacques Goblet A. Jaraa Cosentino e Pedro Bala	p.16
o papel da arquitetura Inês Costa	p.18
o papel da arquitetura Inês Costa	p.20
o papel da arquitetura Inês Costa	p.22
o papel da arquitetura Inês Costa	p.24
o papel da arquitetura Inês Costa	p.26
o papel da arquitetura Inês Costa	p.28
o papel da arquitetura Inês Costa	p.30
o papel da arquitetura Inês Costa	p.32
o papel da arquitetura Inês Costa	p.34
o papel da arquitetura Inês Costa	p.36
o papel da arquitetura Inês Costa	p.38
o papel da arquitetura Inês Costa	p.40
o papel da arquitetura Inês Costa	p.42
o papel da arquitetura Inês Costa	p.44



Índice

[editorial] rastrear através do tempo Bruno Gil	p.03
edifício postal e sua história A. Jaraa Cosentino	p.04
revistas, mídia e teoria Joaquim Moreno	p.06
Introdução Bruno Gil	p.08
o papel da arquitetura Inês Costa	p.10
de arquitetura e de cidade Manuel Cação Dias	p.12
Insisto na decisão Pedro Bandeira	p.14
3 propostas a Jacques Goblet A. Jaraa Cosentino e Pedro Bala	p.16
o papel da arquitetura Inês Costa	p.18
o papel da arquitetura Inês Costa	p.20
o papel da arquitetura Inês Costa	p.22
o papel da arquitetura Inês Costa	p.24
o papel da arquitetura Inês Costa	p.26
o papel da arquitetura Inês Costa	p.28
o papel da arquitetura Inês Costa	p.30
o papel da arquitetura Inês Costa	p.32
o papel da arquitetura Inês Costa	p.34
o papel da arquitetura Inês Costa	p.36
o papel da arquitetura Inês Costa	p.38
o papel da arquitetura Inês Costa	p.40
o papel da arquitetura Inês Costa	p.42
o papel da arquitetura Inês Costa	p.44

e, simultaneamente, através deste permiti-lo ver. *Onde está Coimbra?* lança questões e incita à capacidade de observar (que, compreenda-se, vai muito além de ver); questiona “que escola para que arquitectura?”⁸¹, questiona a desvalorização do papel dos arquitetos⁸² e a falta de nitidez estratégica⁸³. Analisam-se os contrastes físicos, formais e sociais da cidade, ao mesmo tempo que se invoca a sua possível densificação e voracidade; constata-se a sua estagnação desencadeada pelo peso da história e da tradição, ao mesmo tempo que se lançam provocações que incitam o progresso, que apelam a uma cidade visionária, tão naturalmente integrada no século “XXII (se possível para o XXII)”⁸⁴.

Tal publicação seria, por isso, distinta: desde logo, por procurar refletir (*in loco*) sobre Coimbra então contemporânea, tomando voz discursos diversos e distintos, que se estendem além-Escola e que, no fundo, “procuram reação”⁸⁵.

Revistas, o número dezoito da Revista *Nu*, é publicado igualmente durante a direção de Bruno Gil, em Março de 2004, e assinala, ora então, um período ininterrupto de publicações. Tal publicação aborda os fenómenos editoriais na arquitetura, a sua atualidade e o seu posicionamento – nos quais a *Nu* se integraria (de modo algo informal, ainda que pretensioso) e, por isso, falar-se-ia dela própria também. *Revistas* traça um caminho que percorre o passado, o presente e o futuro e esclarece ao que se propôs a *Nu* desde a primeira folha que, ao não querer ficar em branco, se preencheria de essencialidade; de facto, “se assim não for, a *Nu* perde o sentido”⁸⁶. Aparenta então ser possível reconhecer o perfil da *Nu*, traçado aos olhos de quem a faz – que a entende como imparcial, “construindo uma extroversão permanente no debate da arquitectura”⁸⁷; e por quem a lê – definindo-a como “simultaneamente informal e institucional”⁸⁸, exemplo de “obstinada determinação”⁸⁹.

Revistas seria, pois, o reflexo de uma ambição que se estende à Escola – verificando-se neste sentido uma tal intimidade –, quer pela extroversão permanente no debate da arquitetura, quer pelo caminho que traça em busca de uma identidade inclusiva e interdisciplinar, comunicativa, crítica e coesa.

⁸¹ Alexandre Alves Costa, “Coimbra é Portugal Inteiro”, *Nu* #12, Junho, 2003, 5

⁸² Cf. Jorge Teixeira Dias, “Coimbrices”, *Nu* #12, Junho, 2003, 7

⁸³ Cf. Paulo Providência, “Campus Colibricensis: the wrong direction”, *Nu* #12, Junho, 2003, 15

⁸⁴ Bruno Gil, “Que Coimbra?”, *Nu*, #12, Junho, 2003, 3

⁸⁵ *Ibid.*, 3

⁸⁶ Bruno Gil, “Rasgar através do toque”, *Nu* #18, Março, 2004, 3

⁸⁷ *Ibid.*, 3

⁸⁸ Nuno Grande, “Internacionalismo crítico”, *Nu* #18, Março, 2004, 13

⁸⁹ Manuel Graça Dias, “Da Coerência e da Entrega”, *Nu* #18, Março, 2004, 16

Ora, os primeiros números da Revista *Nu*, nos quais estes se inscrevem, procurariam estimular um olhar periférico sobre a disciplina, pese embora se assumisse uma tal “ligação com alguns modos de ver que eram colocados em algumas disciplinas”⁹⁰. No fundo, os temas-conceito abordados terão dito respeito, simultaneamente, a contextos particulares, por vezes íntimos com a Escola e, por isso, tão deslocados quando transportados para uma outra atmosfera – como aliás comprova o número #12 *Onde está Coimbra?* – assim como contextos externos e absolutamente abrangentes, como terão sido os números #15 *Viagens* e #17 *Revolução Digital*, podendo estes “acontecer num outro contexto, sendo assim uma abordagem além-claustro”⁹¹.

Por sua vez, *Onde está Portugal?* – o vigésimo número da Revista *Nu*, publicado em Abril de 2004, durante a direção de Daniel Beirão – materializa nada mais do que a apresentação internacional da Revista *Nu*, representando esta a crítica portuguesa na Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza, a convite do Instituto das Artes. Assim, verifica-se pela primeira vez “o esforço de internacionalização”⁹² traduzido numa publicação bilingue.

No fundo, *Onde está Coimbra?* traçou um caminho, ao pensar a cidade, que *Onde está Portugal?* viria a desbravar, efetivamente, quando propõe pensar o território. Tal publicação pretende, neste sentido, contribuir para a dinamização e valorização da identidade arquitetónica do território português, seja “nos grandes projectos, no crescimento das cidades, nos episódios caricatos da paisagem dela consequentes”⁹³. Questionam-se, então, os limites e cenários possíveis para Portugal⁹⁴, indaga-se a existência, porventura, de uma identidade (arquitetónica) nacional⁹⁵, ao mesmo tempo que se discute, sobretudo e essencialmente, o *status quo* português, então analisado “a olho *Nu*”⁹⁶.

Game Design, o vigésimo segundo número da Revista *Nu*, é publicado em Fevereiro de 2005, também durante a direção de Daniel Beirão, a propósito do *workshop* que lhe daria o nome – planeado e organizado pelos estudantes de arquitetura do DARQ e integrado na iniciativa Arte em Campo, promovida pelo Instituto das Artes no âmbito do Euro 2004. Assim, pretendia-se com a mais recente publicação lançar novas diretrizes, provocar, desconstruir e desafiar um novo entendimento do jogo de futebol, considerando-o “uma realidade passível de reinterpretção,

⁹⁰ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 208)

⁹¹ *Ibid.*, 208

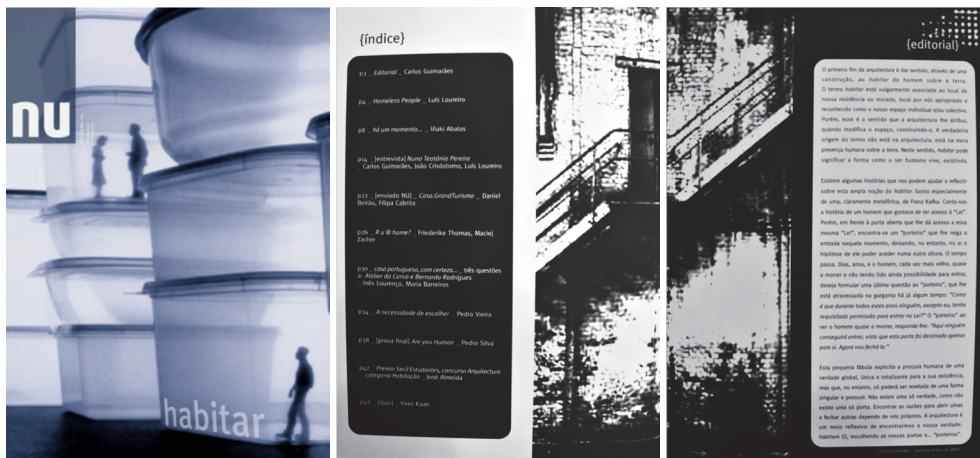
⁹² Daniel Beirão, “Editorial”, *Nu* #20, Setembro, 2004, 3

⁹³ *Ibid.*, 3

⁹⁴ Cf. Joana Couceiro *et al*, “Levantar Portugal”, *Nu* #20, Setembro, 2004, 4

⁹⁵ Cf. Pedro Gadanho, “Equações de identidade na arquitectura recente portuguesa”, *Nu* #20, Setembro, 2004, 11

⁹⁶ Carolina Santos, Daniel Beirão & Luís Loureiro, “Pulsar... a olho *Nu*”, *Nu* #20, Setembro, 2004, 43



exposta ao olhar de arquitectos e estudantes”⁹⁷. Nesse sentido, *Game Design* apresenta um conjunto de propostas que não ambicionam ser absolutamente conclusivas ou, até, inovadoras; acredita-se, então, ser tão mais desejável questionar através de imagens sedutoras os conceitos da arquitetura e, assim, espoletar uma visão mais alargada do jogo e das suas possibilidades⁹⁸. A publicação, baseada na experiência do *workshop*, reflete um pensamento que se desenvolve, primeiramente, “como uma mera provocação intelectual sem qualquer fundo de verdade arquitectónica”⁹⁹ mas que, velozmente, se traduz num processo de aprendizagem, debruçado sobre um campo que não é, efetivamente, o da arquitetura.

Contudo, tal publicação acabaria por evidenciar “a falta de disponibilidade ou, por outras palavras, total desinteresse dos profissionais de arquitetura”¹⁰⁰, assim como os agentes da Escola; ao contrário da modalidade, o *workshop* não teve, em si, a capacidade de movimentar massas. Não obstante, soube ser, na medida exata, refrescante numa Escola “que bem se podia refrescar”¹⁰¹, soube motivar numa Escola “que, de dia para dia, menos tem de motivador”¹⁰² e, por fim, soube ser coletivo numa Escola “tendencialmente individualista”¹⁰³.

Neste seguimento, compreenda-se, que tais publicações procurariam estabelecer relações “não só a partir da experiência académica, mas também através do cruzamento com outros contextos, em Portugal e no estrangeiro”¹⁰⁴; no fundo, destacam-se os temas-conceitos então versados – *Onde está Portugal? e Game Design* – pelo seu cruzamento interdisciplinar e extracurricular, concretizando-se, através da *Nu*, o espaço “para pesquisar e entender diferentes formas de pensar e praticar a arquitetura”¹⁰⁵.

Habitar, a vigésima sétima publicação da Revista *Nu*, publicada em Maio de 2006, durante a direção de Carlos Guimarães, intentaria constituir-se, por si só, como uma análise crítica das esferas arquitetónicas inerentes ao ato (precisamente) de habitar. Os seus contributos percorreriam um caminho que deambulava entre o sentido mais estreito da arquitetura e os seus universos paralelos, traduzidos num debate “fértil em ideias e opiniões, e corajosamente

⁹⁷ Daniel Beirão, “Manipular o jogo, Manipular as massas”, *Nu* #22, Fevereiro, 2005, 3

⁹⁸ Cf. António Olaio *et al*, “Futebol competição - Futebol espectáculo”, *Nu* #22, Fevereiro, 2005, 8

⁹⁹ Inês Correia, “Game Design”, *Nu* #22, Fevereiro, 2005, 45

¹⁰⁰ Rui Aristides, “Um acontecimento cultural”, *Nu* #22, Fevereiro, 2005, 45

¹⁰¹ José Brites, “Um workshop para provar que nem tudo se aprende nas aulas de projecto e o drama da extracurricularidade na licenciatura”, *Nu* #22, Fevereiro, 2005, 47

¹⁰² *Ibid.*, 47

¹⁰³ *Ibid.*, 47

¹⁰⁴ Daniel Beirão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 3 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 212)

¹⁰⁵ *Ibid.*, 213

adequado ao panorama do pensamento arquitectónico actual”¹⁰⁶. A arquitetura seria, efetivamente, o ponto de partida; através desta, procuram-se as mais diversas respostas e interpretações, compreendendo o ‘habitar’ como marca de um tempo absolutamente específico¹⁰⁷. Assim, *Habitar* constitui um meio de reflexão, através do qual se pode concluir, porventura, que “habitar significa, entre tantas outras coisas, fazer parte, definir e ocupar”¹⁰⁸.

Denote-se, ainda, uma capacidade impulsionadora e algo visionária intrínseca à Revista *Nu*; *Habitar* apresenta preocupações muito específicas e introduz possibilidades igualmente particulares que seriam, curiosamente, abordadas no *Habitar Portugal*, decorrido imediatamente a seguir.

Mais tarde, é publicado *Modus Operandi*, o número vinte e nove da Revista *Nu*, em Dezembro de 2006, durante a direção de Mário Carvalhal; tal publicação aborda, desde logo, a singularidade inerente a cada indivíduo, que se refletirá, inevitável e nitidamente, na sua prática profissional¹⁰⁹. *Modus Operandi* pretende, portanto, decifrar o impacto dos estímulos, dos métodos e da própria criatividade individual no processo de e da arquitetura; para tal, privilegia-se um pensamento estruturado, na sua essência, internamente – por estudantes e professores –, potenciando, então, a perspectiva de que nas escolas residirá a responsabilidade de “encontrar a unidade que caracteriza as gerações futuras”¹¹⁰. *Modus Operandi* desenvolve-se, à semelhança do processo criativo, entre “avanços e recuos”, entre “múltiplas questões” e “inúmeras vontades”¹¹¹ que, sem consequência imediatamente visível ou direta, debruçam o seu pensamento sobre os diferentes modos de fazer arquitetura.

Ora, se *Onde está Portugal?* e *Game Design* decorreriam, precisamente, de acontecimentos externos e dinâmicas exteriores à Revista, o mesmo não se verificaria em *Habitar* e *Modus Operandi* – assim como em temas intercalares como #26 *Identidade*¹¹². Tais temas-conceitos decorrem, muito fundamentalmente, de motivações essencialmente internas, debatidas horizontalmente, correspondentes à motivação e entusiasmo do coletivo, igualmente “importantes para o modo de fazer e pensar a Revista”¹¹³.

¹⁰⁶ Carlos Guimarães, “Editorial”, *Nu* #27, Maio, 2006, 3

¹⁰⁷ Cf. Nuno Teotónio Pereira, “Entrevista”, *Nu* #27, Maio, 2006, 15

¹⁰⁸ Luís Loureiro, “Homeless People”, *Nu* #27, Maio, 2006, 4

¹⁰⁹ Cf. Carlos Guimarães, “O ser e a praxis: o modus operandi arquitectónico”, *Nu* #29, Dezembro, 2006, 2

¹¹⁰ Filipa Cabrita, “Edit”, *Nu* #29, Dezembro, 2006, 5

¹¹¹ Carlos Guimarães, “O ser e a praxis: o modus operandi arquitectónico”, *Nu* #29, Dezembro, 2006, 2

¹¹² Cf. Carlos Guimarães, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 222)

¹¹³ Mário Carvalhal, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 08 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 217)

Ocupa, por sua vez, aparenta ganhar forma através de uma análise introspectiva; o trigésimo segundo número da Revista *Nu*, publicado em Junho de 2008, durante a direção de João Crisóstomo, Inês Lourenço e Maria Barreiros, reflete, primeiramente, o caminho traçado pela Revista, para que se possam tratar, posteriormente, os campos mais abrangentes da arquitetura.

Apresenta-se assim, como ponto de partida, o modo como a Revista terá ocupado um tal espaço de intervenção e se terá manifestado enquanto ferramenta de aprendizagem e divulgação, dentro e fora do claustro¹¹⁴, ao mesmo tempo que incita, precisamente, o inverso: a apropriação da Revista pelos agentes da Escola. Neste sentido, surge no seu interior uma provocação: “Ocupa a Nu: Escreve, desenha, cola nestas páginas. Queremos uma Nu plural no formato, ágil no processo, espontânea no resultado, motivante e motivadora”¹¹⁵; no fundo, pretendia-se que os agentes da Escola contaminassem, de facto, a *Nu*. Ora, folheiam-se páginas e devoram-se pensamentos que apelam a uma arquitetura vivida e acessível, perceptível e próxima do utilizador comum, refletindo sobre a disciplina enquanto meio de interpretação e transformação – seja do espaço, da forma, da função ou, tão simplesmente, da vida.

Feio seria, claro está, uma nova desconstrução do pensamento; publicado em Outubro de 2010, durante a direção partilhada entre Diogo Lopes, Diogo Vasconcelos, Filipe Madeira e Inês Morão Dias, o número trinta e quatro da Revista *Nu* questiona uma das premissas mais intrínsecas à arquitetura: a *venustas* vitruviana. *Feio* pretende, assim, trabalhar o limite do conceito de fealdade e analisá-lo desde a modernidade à contemporaneidade, admitindo que “identificar o feio em arquitectura pode ser uma chave para decifrar pequenas evoluções, rupturas e investigações”¹¹⁶ e, em estreito sentido, um desvio do consenso disciplinar apresentar-se-ia absolutamente necessário.

Sem qualquer influência externa além do simples e necessário desejo de questionar, *Feio* ganha contornos através da Roma desconhecida de Ettore Scola¹¹⁷; da Casa da Música, “esse projeto feio”¹¹⁸; ou do Iberê Camargo, tão “trágico”, “fruto da realidade com que se depara”¹¹⁹. Contudo, saliente-se que não se deseja fundamentar uma tal resposta; *Feio* pretende, tão somente, “combater uma normalidade intelectual”¹²⁰ e, assim, questionar (possíveis) paradigmas.

¹¹⁴ Cf. Mário Carvalhal & João Crisóstomo, “Respirar debaixo de água”, *Nu* #32, Junho, 2008, 3

¹¹⁵ Diogo Lopes & Inês Morão Dias, “Ocupa a Nu”, *Nu* #32, Junho, 2008, 34

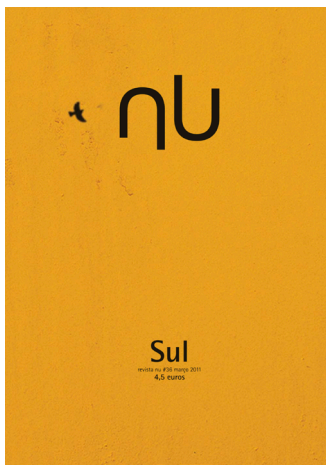
¹¹⁶ Diogo Lopes, Filipe Madeira & Inês Morão Dias, “Very Bored”, *Nu* #34, Outubro, 2010, 3

¹¹⁷ Cf. Inês Morão Dias, “Feia, porca e má”, *Nu* #34, Outubro, 2010, 8-13

¹¹⁸ Nuno Grande, “Casa da Música: um projeto feio”, *Nu* #34, Outubro, 2010, 34

¹¹⁹ Diogo Lopes, “Iberê Camargo: um edifício trágico”, *Nu* #34, Outubro, 2010, 41

¹²⁰ Diogo Lopes, Filipe Madeira & Inês Morão Dias, “Very Bored”, *Nu* #34, Outubro, 2010, 3



Sul

revista n.º 36 março 2011

[editorial]	02	Go South!	Diego Vaccaro e Frederico Mattello
[artigo perfil]	03	Sul é onde?	Natália Negralda
[o mesmo tema]	04	Na casa do Sul	Robi Ribeiro
	06	Jacinto Rodrigues	Diego Vaccaro, Frederico Mattello e Mário Cavaliari
	20	Quatro projectos no Sul	Arturo Escobar
	28	Articulando a Cidade Dividida	Jorge Mario Juregui
	34	Nos trópicos sem Le Corbusier	Ara Van Middel
	40	Bolívia, 2010	Frederico Mattello
[interview]	46	Pezo von Ellrichshausen	Diego Lopez, Filipa Madeira e Inês Matos Dias
	54	Comentários sobre o trabalho de Solano Benítez	Argemiro Bucci
[a no]	62	Pólo Sul	
edição			Diego Vaccaro e Frederico Mattello, abaco do 1.º ano do 6802

[editorial] Go South!

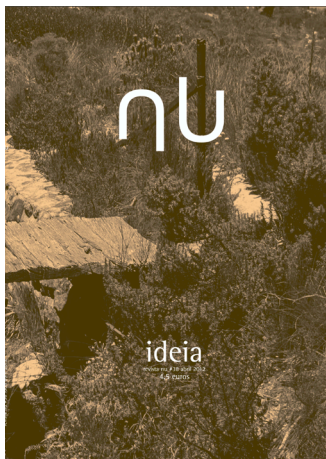
Diego Vaccaro e Frederico Mattello, abaco do 1.º ano do 6802

Mais do que um lugar geográfico ou ponto cardinal, encontrar o Sul tem uma direção imaginária que não se limita à rede de uma latitude mas que a um desejo constante de encontrar o momento e o lugar onde se encontra. Porém, também descansa com um mundo todo vez mais preenchido e saturado, moldando, para o bem ou o contrário, o Sul sempre por experiência e esperança de um momento com uma realidade e equiparidade do que futuro. Entretanto, a importância de encontrar o Sul sempre esteve, apesar da distância, com os olhos. Encontrar uma arquitetura que não tenha sido criada e sua realidade, ou um momento geográfico e sua direção, precisa ser o mesmo que se trata. No fundo, deixamos nos sentir pela sua direção, orientação e movimento, mas sobretudo buscamos pela direção, onde a cultura e a vida enquanto uma construção coletiva e a sua produção de uma realidade.

Por outro lado, interessa-nos entender a actuação da arquitetura nos diversos parâmetros territoriais do Sul. Seja ele urbano, rural ou urbano, o lugar revela-se ao mesmo tempo experimentação, experimentação e imaginação, como um território construído. Desta forma, é importante perceber de que maneira a alguns experimentos locais dependentes, desenvolvendo técnicas e estratégias, e de que forma a arquitetura se molda às condições climáticas, permitindo a habitabilidade em condições extremas, bem como a moldura que esta mesma condição influencia a modo construído. Para lá das questões técnicas, e não como importante, estamos de uma cultura onde sempre se experimenta e um sentido coletivo que, aliado a uma criatividade local, fazem do Sul uma realidade específica.

No meio desta procura, nem só se trata de um lugar, mas de um território e a cultura de como construído com diferentes realidades, longe por isso de ser, que se trata de um lugar de arquitetura do mesmo, vamos ter o sentido encontrado que não é de um lugar de arquitetura com o clima, o lugar e o clima. Talvez não de um lugar de arquitetura de um território, mas de um território. De fato e de sempre, de uma e de arquitetura urbana. De qualquer forma, no fim acabamos na Antártida para perceber que não é só de calor que se faz o Sul.

Diego de Nóbis, imagem antártica, verso, 2010



ideia

revista n.º 38 abril 2012

[editorial]	2	Arquitetura de ideias	Viviane Negralda
[edição]	4	Casa Mental, a ideia em arquitetura	Inês Matos Dias
[a no]	8	Todas as coisas são mesa para os pensamentos	modelo e circunstância, o problema da invenção
	16	Idéias-Metas de Viviane Negralda	Copyright?
	18	Um Modelo	Luís Madeira
	18	a ideia invisível	Frederico Mattello e Sebastião Abade
[interview]	26	Localising Architecture	Sean Finn Jensen
	30	Architecture as City	Florian Beigel e Philip Christou
	36	Rotina Circular	Manuela Trico
[edição]	42	Jean-Paul Jacquot	com Diego Lopez
	50	Florian Beigel e Philip Christou	com Paulo Probst
	62	Pezo von Ellrichshausen	com Inês Matos Dias
[interview]	72	as ideias e a sua plasticidade	Diego Lopez
	76	Histórica arquitetónica e processo de projecto	Tudo Probst
	80	Objetos reconstruídos	Natália Negralda
edição			Viviane Negralda, abaco do 1.º ano do 6802

[editorial] Arquitetura de ideias

Viviane Negralda, abaco do 1.º ano do 6802

O homem distingue-se de qualquer outro ser soberano pela sua capacidade de construir. Desde o início da sua existência que se procura na sociedade qualquer tipo de criação que responda, essencialmente, às suas necessidades, sendo esta procura mental, geralmente baseada na experiência pessoal e colectiva, ou através de uma forma instigada através de qualquer campo conceptual ou sensorial.

A habitação é um campo de ideias que reflete a evolução da civilização, apresentando-se cada vez de diferentes formas conforme a disciplina e que esta disciplina responde, sendo esta que na arquitectura é de se criar como espaços mentais e espaços de uma realidade. Convidando que não venha a partir para um processo mental, em arquitectura podemos ver que este processo é como uma construção intelectual que vai ligar todas as partes que constituem uma ideia.

A arquitetura não é como uma ciência exacta, e as condições a partir de uma ideia ou forma. Pode ser criada e girar em torno de uma ideia que não tenha sido sequer antes dos pontos, mas esta ideia é tratada de uma forma directa e linear, tal como o processo de criação arquitectónica. Pode ser criada através de um ciclo recorrentemente investigado. Podemos observar de formas diferentes e em situações distintas de onde é gerada, mas é a participação dos seus intervenientes que vai constituir a ideia.

Essas condições básicas de produção ou criação que buscam a forma a criar as suas primeiras concepções. Essa, como concepção de realidade, nascem em jogos no primeiro elemento de construção, como por exemplo a parede, a colunas ou uma colunata. Com o modelo da construção construída geram-se, sob a óptica da realidade, essas ideias que representam as ideias e os elementos de construção já existentes, em várias situações, sendo-se a criação de algo novo.

55 | Revista Nu #36 Sul, Março, 2011

56 | Revista Nu #38 Ideia, Abril, 2012

Nessa mesma lógica, é publicado *Sul*, o número trinta e seis da Revista *Nu*, em Março de 2011, durante a redação dirigida somente por Diogo Lopes; apresenta-se, tal publicação, como um manifesto: *Sul* trata o desejo de encontrar alternativas à conjuntura ocidental atual, tão saturada e já preenchida. Influenciado quer pelas viagens realizadas à América do Sul e África por membros do corpo editorial, quer pelos nomes que haviam surgido mais recentemente no meio, *Sul* é, simultaneamente, um grito que exige o entendimento de tal tema-conceito não como um lugar meramente geográfico, mas como um espectro no qual “imperava o cooperativismo e um sentido que, aliado a uma criatividade inata, fazem do ‘sul’ uma reflexão apetecível”¹²¹.

Sul trata, claro está, a questão geográfica associada ao tema; contudo, não entende tal condição como fator único e determinante do pensamento que se ambicionaria construir – ou não fossem imensos os caminhos que *Sul* incita a percorrer. Abordam-se, pois, as relações com o clima, com o lugar e com a cultura em territórios sulistas; compreende-se, aos olhos da disciplina, um território vasto, tão resistente, “que só poderá ser discutido a partir da sua diversidade”¹²².

Ora, uma vez mais, tais temas-conceitos decorrem de motivações internas, refletindo, portanto, “os interesses comuns dos editores”¹²³. *Feio*, assim como o #37 *Mito* – também publicado neste período –, terá procurado uma aproximação mais literária e filosófica do tema, recorrendo a Umberto Eco e Claude Lévi-Strauss, respetivamente¹²⁴; *Sul*, por sua vez, terá correspondido – assim como #35 *XXL* – “à ideia de território e da paisagem de grande escala”¹²⁵ – transparecendo, tais publicações, motivações absolutamente internas e íntimas com o corpo editorial.

Ideia, por sua vez, discute-se a vários níveis – desta vez mais extensos. No trigésimo oitavo número da *Nu*, publicado em Abril de 2012, durante a direção de Inês Morão Dias, coabitam as reflexões e intenções formuladas (primeiramente) no seio do corpo editorial e as que se constroem coletivamente, entre estudantes e arquitetos, durante o Ciclo de Conferências *Cosa Mentale: a ideia em arquitetura*¹²⁶. Tal iniciativa decorreria nos dias 15, 22 e 29 de Fevereiro de 2012, na Universidade de Coimbra, numa coorganização entre *Nu* e NUDA, através da qual se terá procurado exponenciar o sentido crítico dos participantes, ao mesmo tempo que se ambicionaria, tão intensamente, elevar o nome da Escola¹²⁷. Deste modo, procurar-se-ia agregar

¹²¹ Diogo Vasconcelos & Frederico Martinho, “Go South!”, *Nu* #36, Março, 2011, 2

¹²² Atelier do Corvo, “Quatro projectos no Sul”, *Nu* #36, Março, 2011, 21

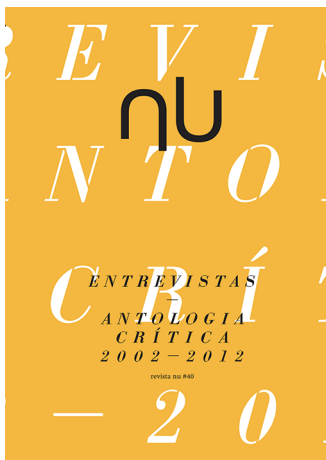
¹²³ Diogo Lopes, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 232)

¹²⁴ Cf. *Ibid.*, 232

¹²⁵ *Ibid.*, 232

¹²⁶ Cf. Subcapítulo *Eventos: um estímulo de atmosferas externas*, 145

¹²⁷ Cf. Diogo Lopes, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 233)



UMA CONSTITUIÇÃO SEM FORMA
Diogo Fonseca Lopes, Isai Morão Dias, Maria Manuel Barreiros

UMA CONSTITUIÇÃO SEM FORMA

14

FORMA

[PRÉFÁCIO]
UMA CONSTITUIÇÃO SEM FORMA
Diogo Fonseca Lopes, Isai Morão Dias, Maria Manuel Barreiros

A vontade de construir uma publicação que, na verdade, equilibra a produção teórica de uma revista nos últimos dez anos parece, por demais, pedir justificação. Porquê repetir o que já está impresso, revivizar o que já foi lido? No caso da Nu, um olhar analógico tradicional, onde se completa um ciclo de temas fundamentais e representativos da vida de uma revista, não nos parece suficiente ou adequado. Os conteúdos da Nu são cheios, de forma consistente, a completar, a completar-se completamente e as suas consequências quando aparecem, nas revistas, como ideias propostas e implementadas (nas "instalações" complementares) pelo criador que os escreveu. Assim sendo, assim, fragmentos de investigação, artigos, textos ligados ao quotidiano de cada um, sobre a prática e a teoria da arquitetura, fragmentos de vida, ligados pela realidade de cada um dos 39 revistas.

A surpreendente longevidade destes anos de vida não é, por isso, garantia de que seja possível uma rede de linear que nos permita compreender e alisar, ou facilitar uma cadeia de pensamento pela sucessão dos temas produzidos. Por outro lado, esta é a oportunidade para inventar outra passagem entre os pensamentos desde como diagrama de redução analítica e o mundo que foi sendo produzido. Nem o olhar cronológico nem o documental serviram e os seus objetivos maior: reconhecer esta diversidade de ideias e as suas possibilidades retrospectivas que, ao mesmo tempo, dar a um olhar constante definido e ao mesmo tempo a produção da Nu, a vontade de constituir na relação entre as produções de quem está a ler e a prática e o pensamento de quem pratica a disciplina. No preâmbulo da Nu, há um olhar que nos parece capaz de explicar a complexidade da vida de quem produz e quem lê. Não há uma página da revista e, por consequência, a linha dessa disciplina. Não há um momento de invenção, de invenção de ideias, de observação do cotidiano e a produção do arquitecto - nem sempre em consenso, nem sempre em compreensão mútua. Por isso tudo, encontramos devotos ao tema de cada número, as perguntas eram feitas em questão e das respostas se faziam dúvidas. Era uma de incompreensão, talvez, talvez, a vontade de compreender o que se estava a fazer para servir e os seus objetivos. Colocamos, agora, como antes, no papel de intermediários: de casa a firma como linguagem de projetos, agora a vontade de descobrir as estruturas ao público, depois de nos confrontarmos com as respostas que recebemos. Esta devolução tenta ler em paralelo o tempo de vida da revista e a produção das ideias, a partir da identificação de um conjunto de vertentes estruturais.



Memória
revista nu #42, Abril 2014

editorial

4 **E agora? Lembra-me!**
Pedro Torres e João Miranda

10 **O ADN da arquitectura**
Isai Morão

14 **La Característica Miasmática**
Miguel Mesquita

entrevistas

14 **Fala architecto**
João Mendes e Rui Aguiar

18 **Empreendedor**
Tiago Neves Correia

24 **Chamamos isto a que queremos**
Isai Morão

entrevista ao

32 **Tudo a Força à Prova**
Ana Gomes, Vasco Vasconcelos e Duarte Miranda

design gráfico

42 **Viver**
Diana Reich

46 **Videolês, Ambienta e Condições**
Pedro Casado

50 **Reflexo, questiona do transgênero**
Miguel Mesquita

é sempre com

56 **Resposta à pergunta**
Pedro Casado e Pedro Torres

60 **Isai não é uma selva (o um tempo)**
Pedro Torres

e na

66 **2013/2014**

Editorial Isai Morão, João Miranda, Pedro Torres
Entrevistas João Mendes, Rui Aguiar, Tiago Neves Correia, Miguel Mesquita, Ana Gomes, Vasco Vasconcelos, Duarte Miranda
Design gráfico Diana Reich
Ilustração Miguel Mesquita
Capa Isai Morão, João Miranda, Pedro Torres

E agora? Lembra-me!

Pedro Torres e João Miranda
Abril 2014, nº 42, pp. 4-10



O tempo não tem importância para a memória. Depende-me sempre que os meus contemporâneos, que alguns foram contemporâneos e outros, quando que se não puderam o tempo e a duração do século.

Esta memória é uma coleção das memórias. Como se desenvolveu para cada pessoa, fazendo depois um segmento para um determinado contexto e para a reconstrução.

As primeiras letras aparecem das particularidades narrativas. Uma especificidade cotidiana, reflexo em linguagem quotidiana. Vida, análise, texto, reflexo: todos os sentidos, momentos e períodos para a reconstrução de algo e desde esquecer de tudo.

As primeiras memórias aparecem nos, reflexo em um mesmo momento.

Por outro lado, a memória pode representar uma espécie de espaço, um espaço de continuidade. Quando conseguimos lembrar entre o passado e o futuro, podemos estabelecer e estabelecer uma linguagem.

Conclusão, memória é a história de percepção. A construção de imagens e histórias em memória é criação e reconstrução, um trabalho de memória e compreensão, do esquecer. É assim, e esquecer, não é esquecer.

A reconstrução de memória é um processo lento, e não há a ilusão de uma memória. A memória é uma subjeção de algo, de história e de memória, desde a memória de quem escreve e quem observa. A memória está baseada a uma de continuidade, de continuidade, de memória de quem escreve e quem observa, de memória e de memória.

vozes e pensamentos, tão singulares, sobre o que é uma ‘ideia’ em arquitetura, expressos numa publicação que desejaria debater aquele que seria, *quicá*, o tema “mais transversal a todos os temas da arquitectura”¹²⁸. *Ideia* reflete, por isso, sobre os demais processos e ferramentas, limites e possibilidades da disciplina; reflete sobre a relação entre o processo mental abstrato e a matéria concreta e corpórea; e materializa-se através de “comunicações”, “debates” e “comentários”¹²⁹, nos quais comungam distintos processos, ferramentas e intenções, pensados horizontalmente.

Entrevistas – Antologia Crítica assinalaria os dez anos de produção ininterrupta da Revista *Nu*, marcados pela persistência, consistência e resiliência dos diversos corpos editoriais, tão vigorosos. Publicado em Fevereiro de 2013, no período de transição da direção de Inês Morão Dias para Luís Madeira, o número quarenta é uma edição coordenada em conjunto com a Trienal de Arquitetura de Lisboa, reconhecendo esta a *Nu* como “um objecto que troca de mãos, demonstrando a possibilidade do legado e da transmissão pela partilha”¹³⁰. Trata-se, portanto, do reconhecimento da *Nu* além-Escola, enquanto objeto que acrescenta densidade e pertinência à reflexão crítica da arquitetura. *Entrevistas – Antologia Crítica* imprime nas suas páginas, através da (re)publicação de entrevistas até então realizadas, o desejo de condensar contributos através dos quais se possibilite decifrar uma década de reflexão e debate coletivos¹³¹. De facto, as entrevistas sincronizam em si momentos e atitudes distintas: a observação e inquietação do estudante e a produção profissional do arquiteto – o que as tornaria, necessariamente, momentos singulares de reflexão.

Ora, trata-se da primeira antologia da Revista *Nu*, através da qual se expressa, entre vastas e densas palavras, o reconhecimento da *Nu* como espaço de “ensaios”, “desejos” e “anseios”¹³², no qual se aprende “desenhando, ouvindo, refletindo e escrevendo”¹³³.

Mais tarde, é publicado *Memória*, o número quarenta e dois da Revista *Nu*, em Abril de 2014, durante a direção de Luís Madeira, tratando este, primeiramente, a coleção de memórias de quem o escreve¹³⁴, pois só assim se possibilitaria refletir coletivamente. *Memória* pretende, desde logo, compreender de que modo comungam premissas aparentemente díspares como memória construída e memória adquirida, racional e intuitiva, individual e coletiva, tão indissociáveis da

¹²⁸ Inês Morão Dias, “*Cosa Mentale*: a ideia em arquitectura”, *Nu* #38, Abril, 2012, 4

¹²⁹ *Ibid.*, 4

¹³⁰ Trienal de Arquitetura de Lisboa, “Nota Introdutória”, *Nu* #40, Fevereiro, 2013, 12

¹³¹ Cf. Diogo Lopes, Inês Morão Dias & Maria Barreira, “Uma constelação sem forma”, *Nu* #40, Fevereiro, 2013, 15

¹³² Inês Dantas, Joana Couceiro & Marta Pedro, “Entre vistas”, *Nu* #40, Fevereiro, 2013, 219

¹³³ Bruno Gil, “Desnudar aprendizagens: a propósito da *Nu* como ferramenta”, *Nu* #40, Fevereiro, 2013, 270

¹³⁴ Cf. Pedro Treno & João Miranda, “E agora? Lembra-me”, *Nu* #42, Abril, 2014, 4

arquitetura; os seus contributos argumentam que “a memória tem muito a ver com tudo o que se vive e se experiencia”¹³⁵ e que, também por isso, carrega em si um lado tão romantizado quando relativo¹³⁶.

Ora, *Memória* transparece, uma vez mais, o desejo de desafiar conceitos e *modus operandi* através de pensamentos que se constroem a partir das partes e do todo. No fundo, *Memória* trata as questões relativas à permanência da arquitetura, decorridas das “questões e linhas de investigação da redação”¹³⁷ – pelo que não resultaria de motivações exteriores ao corpo editorial. Contudo, durante essa mesma redação, havia sido lançado o número #41 *Gordura* que, por sua vez, se apresentaria intimamente relacionado e influenciado por atmosferas externas, mais especificamente, com a “arquitetura da internet”¹³⁸, caracterizada pela explosão de “imagens sensacionalistas e absolutamente imediatas”¹³⁹. Tal publicação permitiria questionar o que permanece dessas arquiteturas, mais concretamente, quando despidas de tal ‘gordura’, comprovando a coabitação de estratégias editoriais distintas numa mesma equipa editorial.

Zero, por sua vez, é a “procura do zero”¹⁴⁰; o espaço no qual coabitam provocações infantis e reflexões maduras, que navegam pela folha em branco, pelo espaço vazio – “o nu *per se*”¹⁴¹. O número quarenta e três da Revista *Nu*, publicado em Outubro de 2015, durante a direção de Duarte Pereira, estende (consideravelmente) o seu campo de abordagem: discute-se, em debates e conferências, o papel da arte e da arquitetura sem que se recorra a uma para falar da outra¹⁴²; expõe-se o pensamento de Aldo Rossi, criando correspondências com a sua produção arquitetónica¹⁴³; e reflete-se, ainda, sobre a *promenade architecturale*, as viagens e a obra de Le Corbusier¹⁴⁴. *Zero* instiga um debate a várias vozes, estendido à comunidade académica – um pouco à semelhança do que havia sido o *Cosa Mentale: a ideia em arquitetura* –, traduzindo-se, então, na construção coletiva do pensamento em arquitetura.

Limite, o número quarenta e quatro da *Nu*, publicado em Maio de 2018, durante a direção de Francisco Paixão, representa o renascer da Revista após um período marcado por debates e

¹³⁵ Fala Atelier, “Entrevista”, *Nu #42*, Abril, 2014, 23

¹³⁶ Cf. Daniel Blaufkus, “À conversa com”, *Nu #42*, Abril, 2014, 65-66

¹³⁷ Luís Madeira, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 13 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 236)

¹³⁸ *Ibid.*, 236

¹³⁹ *Ibid.* 236

¹⁴⁰ Duarte Pereira & Pedro Lopes, “Zero é zero”, *Nu #43*, Outubro, 2015, 3

¹⁴¹ *Ibid.*, 3

¹⁴² Cf. José Capela, “3 vias para o esvaziamento do projeto de arquitetura”, *Nu #43*, Outubro, 2015, 24-27

¹⁴³ Cf. Diogo Seixas Lopes, “Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi”, *Nu #43*, Outubro, 2015, 28-31

¹⁴⁴ Cf. Armando Rabaça, “EX NIHILO FIT”, *Nu #43*, Outubro, 2015, 32-37

discussões internas que, tão velozmente, se estenderiam à Escola¹⁴⁵. *Limite* é, uma vez mais, uma busca de respostas a questões construídas coletivamente em resposta a um tema “que é, por contradição à sua natureza, muito amplo e quase ilimitado”¹⁴⁶. As abordagens propostas em *Limite* são (saliente-se) ilimitadas, ainda que, por vezes, díspares; debatem-se, ora então, os limites da prática da arquitetura¹⁴⁷ e as relações entre “arte e construção, micro e macro, escala e detalhe, passado, presente e futuro”¹⁴⁸. *Limite* traduz, por fim, um debate interdisciplinar que se acredita ser tão rico quanto necessário.

Por sua vez, *Entre(tanto)*, o número quarenta e cinco da Revista *Nu*, publicado em Março de 2019, durante a direção de Cláudia Ribeiro, é desde a primeira imagem e desde a primeira palavra uma provocação. O claustro do DARQ é apresentado como ponto de partida; nele cabem todas as as inquietações e reivindicações, tão resilientes e singulares, retratadas num contexto marcado pela celebração do ensino¹⁴⁹. *Entre(tanto)* entende a arquitetura como uma disciplina em constante mutação, pelo que a sua Escola se deverá, desejavelmente, permitir a tal; entende-se, então, ser necessário estimular a contaminação entre Escola, Universidade e Cidade¹⁵⁰, estabelecendo relações constantes com o real¹⁵¹ e, assim como propiciar, tão vorazmente, encontros, diálogos e relações¹⁵². *Entre(tanto)* retrata a luta (firme) do corpo estudantil a cada tempestade¹⁵³; evoca os espaços e as vivências em íntima relação com o ensino e a aprendizagem¹⁵⁴, valoriza o espaço além da sala de aula, no qual se poderá inserir, tão simplesmente, a própria Revista¹⁵⁵. *Entre(tanto)* é, de facto, o reflexo claro de uma desejável intimidade com a Escola¹⁵⁶; é o retrato, em tom de manifesto, daqueles que não se quiseram calar.

De facto, tais publicações representam uma segunda intenção nas abordagens por estes versadas. *Limite* surge, por um lado e muito fundamentalmente, “tendo em conta a situação que se vivia na altura em relação ao estado da Revista”¹⁵⁷; no fundo, representa a ideia de

¹⁴⁵ Cf. Subcapítulo *Agentes: corpo e dinâmicas editoriais*, 87

¹⁴⁶ Francisco Paixão, “O limite do limite”, *Nu #44*, Maio, 2018, 5

¹⁴⁷ Cf. Pedro Brígida, “Entrevista”, *Nu #44*, Maio, 2018, 14-19

¹⁴⁸ António Bettencourt & Carlos Antunes, “À conversa com”, *Nu #44*, Maio, 2018, 26

¹⁴⁹ Cf. Cláudia Ribeiro, Francisco Paixão & Inês Saraiva, “Onde está a Escola?”, *Nu #45*, Março, 2019, 5

¹⁵⁰ Cf. Inês Saraiva, “Invadir”, *Nu #45*, Março, 2019, 8-9

¹⁵¹ Cf. Alexandre Alves Costa, “Entrevista”, *Nu #45*, Março, 2019, 15

¹⁵² Cf. Cláudia Ribeiro, “Basta! Pum! Basta!”, *Nu #45*, Março, 2019, 20

¹⁵³ Cf. Paula Chaves, “Seja realista, exija melhores condições”, *Nu #45*, Março, 2019, 34

¹⁵⁴ Cf. Carolina Coelho, “Escola: entre o dinamizador pedagógico... e a nossa casa”, *Nu #45*, Março, 2019, 22-27

¹⁵⁵ Cf. Bruno Gil, “À conversa com”, *Nu #45*, Março, 2019, 40

¹⁵⁶ Cf. Francisco Paixão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 05 de Agosto, 2020. (Cf. Anexos, 251)

¹⁵⁷ *Ibid.*, 251

'limite' que coletivamente se havia procurado ultrapassar, reforçando a resiliência da Revista *Nu. Entre(tanto)*, por sua vez, é nada mais do que um claro manifesto face ao estado da Escola, num período em que se havia debatido uma ideia de 'Escola de Coimbra' e se publicariam os *Cadernos DARQ*, tão somente entre docentes. Tal publicação pretenderia, pois então, ser a voz do corpo estudantil até então silenciada.

Ora, caminho até aqui percorrido, traçado pela análise de diversos temas-conceito da Revista *Nu*, não se terá manifestado absolutamente linear; as especificidades de cada um ditariam, naturalmente, essa mesma dificuldade. Cada publicação, desenvolvida em torno de um tema-conceito específico, terá procurado materializar o processo em torno do pensamento e debate do corpo editorial, igualmente singular, com motivações e perspectivas do objeto naturalmente distintas. Contudo, pode-se verificar uma tal tendência comum: a vontade de construir, a cada publicação, uma ferramenta tão recetiva quanto potenciadora de dinâmicas e atmosferas críticas – ainda que cada uma com as suas frentes.

Neste seguimento, denota-se que determinados temas-conceito revelam uma clara influência de um contexto externo específico, como aliás se verificaria em *Onde está Coimbra?*, *Onde está Portugal?*, *Game Design*, e *Entrevistas – Antologia Crítica*. Estes apresentam uma temática, e consequente abordagem, influenciada por acontecimentos que decorrem num período concreto, sejam estes relativos à cidade, ao território ou ao próprio contexto da disciplina. Contudo, importa mencionar que neles reside, simultaneamente, o desejo de estimular novas atmosferas, traduzidas em contributos densos, impressos em páginas absolutamente estimulantes.

Tal vontade e voracidade é manifestada e exponenciada, ainda, através de temas-conceito que, intencionalmente, conduzem a sua abordagem num sentido absolutamente instigador do contexto académico. Verifica-se em *Encruzilhadas*, *Revistas*, *Ocupa*, *Ideia*, *Limite* e, claro está, *Entre(tanto)*, o desejo de expressar e estimular, tão intensamente, uma posição e atitude proativas da Escola. Através destes, tornam-se claras, por um lado, as preocupações da *Nu* em relação à Escola – quer pela escolha do tema, quer pela abordagem apresentada – e, por outro, as preocupações dos próprios agentes da Escola em relação ao meio – sejam estudantes ou docentes –, participando estes, através do seu contributo, como colaboradores externos em cada publicação da Revista.

Em última instância, pode-se especular que, por ser um objeto de procura e curiosidade, e dado o seu tom mais especulativo e ensaístico do que necessariamente científico, a *Nu* terá criado o espaço necessário para que os contributos que nela se inscrevem sejam tão livres quanto despojados de qualquer atitude e abordagem mais diplomática e circunscrita – potenciando assim, *quiçá*, o desejo pela provocação.

Simultaneamente, determinadas publicações parecem não transparecer, tão claramente, uma nítida relação de contaminação com atmosferas exteriores – verificando-se tal condição em *Habitar, Modus Operandi, Feio, Sul, Memória e Zero*. Não obstante, tais temas-conceito revelam-se manifestamente conduzidos por vontades internas, traçadas pelos respetivos corpos editoriais, evidenciando a preferência pelo debate de questões incomuns, nem sempre estimuladas quer pelo contexto académico, quer pelo próprio contexto editorial.

Na sequência, a contaminação *Nu* – Escola, estimulada ao longo das publicações, tem decorrido, mais ou menos indiretamente, ao longo da história editorial da Revista. Entenda-se, contudo, que cada publicação reflete, fundamentalmente, os interesses pessoais da redação – no fundo, de quem efetivamente a faz; posteriormente, e somente então, pode transparecer, mais ou menos intensamente, a temperatura da Escola.

Por fim, reconhece-se que os temas-conceito investigados ao longo de cada publicação, não sendo absolutamente lineares, e sendo, aliás, tão particulares, não evidenciam uma tendência temática caracterizadora. Dito de outro modo, não terá sido possível descodificar, através de tal análise, a escolha privilegiada de um tema em detrimento de outro e, por ser um objeto de procura, a Revista manifesta-se incompleta o suficiente para que jamais se esgotem os temas e o diálogo. Assim, em cada publicação está impressa a sua capacidade de investigar e reagir, mas, sobretudo, aprender e estimular tão intensamente os seus agentes.

Publicações: estrutura e secções

Além dos temas-conceito analisados, também a estrutura e secções permitem aferir, tão validamente, as tendências editoriais determinadas pela Revista *Nu*. Compreender o contexto em que cada secção terá surgido e compreender, simultaneamente, de que modo cada estrutura se terá (re)ajustado às dinâmicas de cada equipa editorial, permite reunir um conjunto de dados que, analisados a fundo, se revelam capazes de informar sobre os interesses e intenções de cada publicação e, necessariamente, da Revista como um todo.

O primeiro número da Revista *Nu*, *Encruzilhadas*, definiria uma estrutura idealizada pelo corpo editorial; inserida numa lógica e contexto certamente particulares, esta ambicionaria determinar um tal posicionamento e, em certa medida, “criar uma tal identidade”¹⁵⁸. No fundo,

¹⁵⁸ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 207)

as secções pretendem, desde logo, estruturar a produção de conteúdo – como se de um programa de arquitetura se tratasse; como tal, a estrutura inicialmente adotada seria definida pelas seguintes secções: *Editorial*, *Artigos*, *Entrevista*, *1º Ato*, *Prova Final*, *Contaminações*, *Cheese-Ham Files* e *Quiz*. Cumprindo cada uma o seu propósito, com diferentes interpretações de acordo com cada publicação, verificar-se-iam, naturalmente, “secções que aconteciam para dentro da Escola e as secções que aconteciam como espécie de ligação extra-Escola”¹⁵⁹.

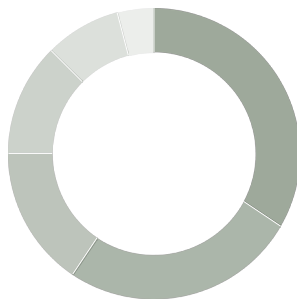
Neste seguimento, o *Editorial* procura, desde logo, revelar o tom através do qual as reflexões e abordagens expostas se conduzem; trata-se, portanto, de um conteúdo de apresentação genérica do tema-conceito privilegiado, assim como das questões e inquietações formuladas coletivamente – servindo estas de contexto para os diversos contributos e estímulos então construídos. O *Editorial* – uma viagem (antecipada) por toda a revista – é, por isso, uma secção presente em todos os números, sem exceção, cuja autoria se vai apresentando variável.

Do número #01 *Encruzilhadas* ao #34 *Feio*, o *Editorial* dependeria, na sua extensa maioria, do diretor em função – ainda que se verifiquem, pontualmente, coautorias com o subdiretor, editor ou com a direção transata. Os números #26 *Identidade*, #29 *Modus Operandi* e #32 *Ocupa*, por exemplo, apresentaram um *Editorial* desenvolvido em coautoria pela direção em função e pela direção transata, o que comprova, em certa parte, a discussão simultânea de várias publicações, associadas a temas-conceito distintos – tal como já foi referido na presente dissertação. Ora, podendo uma tal publicação ter sido iniciada durante a direção ‘x’, a mesma poderá ter sido desenvolvida e concluída durante a direção ‘y’, fazendo sentido a elaboração conjunta do *Editorial*.

Do número #35 *XXL* ao #46 *Cor*, o *Editorial* apresenta-se redigido pelo editor do número em causa; compreenda-se, neste sentido, que a figura do editor surge apenas no número #15 *Viagens*, pelo que o diretor seria, então até, o único responsável pelo planeamento e pela própria edição dos números. À parte disso, surgiria também nesse período a secção *Edit* – o espaço de expressão destinado ao editor, que se analisará de seguida.

A secção *Artigos*, por sua vez, é composta por textos críticos que desejam expor, desde logo, uma tal perceção, posicionamento e abordagem do tema-conceito em análise. Estes são produzidos pelo corpo editorial da *Nu* e por colaboradores externos – sejam estes estudantes, docentes, arquitetos ou profissionais nacionais e além-fronteiras. Trata-se de uma secção presente em todas as publicações e, por isso absolutamente central, cujos contributos vão variando e sendo

¹⁵⁹ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020. (Cf. Anexos, 207)



- corpo editorial
- arquitetos
- docentes DARQ
- estudantes DARQ
- outros profissionais
- alunos externos

Seja realista, exija melhores condições

Paula Torres e André

Mais de 1000 pessoas manifestaram em Brasília contra a falta de vagas e a precária infraestrutura das escolas de arquitetura. O protesto ocorreu no dia 17 de março, em frente ao Palácio do Planalto, com a participação de estudantes de diversas instituições de ensino superior, além de representantes de movimentos sociais e profissionais da área. O movimento exigiu melhores condições de trabalho e estudo, bem como a ampliação do acesso à educação superior em arquitetura.

De acordo com o coordenador geral do movimento, o arquiteto Paulo Torres, a luta por melhores condições não se trata apenas de interesses individuais, mas de uma demanda coletiva que envolve a qualidade do ensino e a formação profissional. Torres afirma que a falta de vagas e a precária infraestrutura das escolas são fatores que comprometem a qualidade da educação e a formação de novos profissionais da área.

Além disso, o movimento também exige a ampliação do acesso à educação superior em arquitetura, especialmente para estudantes de baixa renda e de regiões menos desenvolvidas. Torres afirma que a educação superior em arquitetura é essencial para a formação de profissionais qualificados e para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Internacionalismo crítico: o possível lugar de uma revista de Arquitetura

Néstor González*

As revistas de arquitetura são, em geral, veículos de divulgação de informações técnicas e profissionais. No entanto, elas também podem ser espaços para a reflexão crítica e a discussão de questões sociais e políticas. O internacionalismo crítico, portanto, é uma abordagem que busca integrar a prática profissional com a reflexão crítica e a participação social.

Essa abordagem é baseada na ideia de que a arquitetura não é apenas uma atividade técnica, mas também uma prática social e política. Ela envolve a interação com o contexto social e a busca por soluções que sejam relevantes e significativas para a comunidade.

O internacionalismo crítico também enfatiza a importância da colaboração e do diálogo entre profissionais de diferentes culturas e contextos. Isso envolve a troca de experiências, conhecimentos e práticas, bem como a busca por soluções inovadoras e sustentáveis que possam responder às necessidades e desafios globais.

Em suma, o internacionalismo crítico é uma abordagem que busca integrar a prática profissional com a reflexão crítica e a participação social, visando a melhoria da qualidade da arquitetura e a promoção do bem-estar social.

65 | Gráfico de análise da autoria dos Artigos
 66 | Artigo, Revista Nu #18 Revistas, Março, 2004
 67 | Artigo, Revista Nu #45 Entre(tanto), Março, 2019

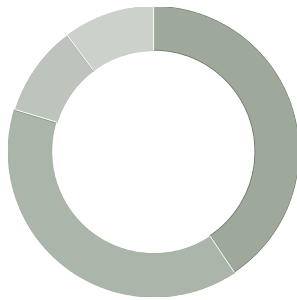
ajustados às abordagens ambicionadas e determinadas pelo corpo editorial. Cada publicação é composta, maioritariamente, por artigos desenvolvidos pelo corpo editorial da Revista *Nu*, por arquitetos, estudantes e docentes do Departamento de Arquitetura. Contudo, surgem pontualmente contributos de estudantes externos e profissionais de algum modo íntimos com a disciplina ou, tão somente, com o tema-conceito; evidencia-se, por um lado, as relações além-Escola e, por outro, a valorização dos saberes interdisciplinares.

Ora, dos números #01 *Encruzilhadas* ao #33 *Consumo*, privilegia-se o contributo de agentes exteriores à redação – especialmente dos agentes da Escola – em detrimento dos que se desenvolvem internamente; contudo, tal tendência parece inverter-se a partir do número #34 *Feio*, priorizando-se a investigação desenvolvida internamente e evidenciando o interesse de pensar a arquitetura de dentro para fora. Somente no último número, #46 *Cor*, são contemplados contributos externos, devendo-se consideravelmente ao *Call for Papers* lançado sem qualquer restrição de participação.

Por sua vez, no que a artigos desenvolvidos por arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina dirá respeito, pode-se afirmar que, salvo situações pontuais, estes revelam-se constantes. Denota-se, pois então, o desejo de cruzar ideias de arquitetura necessariamente distintas e equacionar, aos olhos dos profissionais, diferentes possibilidades de leitura de cada tema. Menos pontuais do que estes são os contributos desenvolvidos por alunos de outras faculdades e universidades, bem como os que se desenvolvem por profissionais de outras áreas mais específicas e complementares. Contudo, pese embora a sua presença algo inconstante e muito pontual, tais contributos aparentam revelar o desejo de compreender, em primeiro lugar, o pensamento construído noutras escolas e, tão simultaneamente, a ambição de contaminar a publicação com pensamentos interdisciplinares, tão essenciais à arquitetura e, naturalmente, à teoria e à crítica construídas em seu redor.

Importa referir, por fim, que a proporção entre contributos internos e externos não terá obedecido, em momento algum, a uma estratégia pré-estabelecida; a estrutura adotada dirá respeito, tão somente, ao entendimento que cada redação assumirá para uma tal publicação. Ora, os contributos dependerão e refletirão quer o desejo de estimular e valorizar leituras tendencialmente internas, quer a vontade de despertar um confronto vertical e interdisciplinar e, neste exato sentido, encontrar pontos de contacto em questões que, no limite, aparentariam ser incontornavelmente díspares.

Não obstante, entenda-se de antemão que uma publicação devidamente participada e interdisciplinar, não sendo necessariamente mais pertinente, será assumidamente (acredita-se) mais dinâmica, mais estimulante e, por isso, mais crítica.



- arquitetos portugueses
- arquitetos estrangeiros
- docentes DARQ
- outros profissionais

[entrevista] **gonçalo furtado**



A Mutaçao do Gesto Conceptual

Dinamica

Apresento aqui o resultado de uma entrevista realizada em Lisboa com o arquiteto português Gonçalo Furtado. O texto é o resultado de uma conversa que aconteceu no dia 15 de maio de 2004, no espaço de trabalho do arquiteto em Lisboa. A entrevista foi realizada por um jornalista português, o que trouxe uma perspectiva diferente da habitual. O texto é o resultado de uma conversa que aconteceu no dia 15 de maio de 2004, no espaço de trabalho do arquiteto em Lisboa. A entrevista foi realizada por um jornalista português, o que trouxe uma perspectiva diferente da habitual.



[entrevista] **DENISE SCOTT BROWN**

Uma conversa com Denise Scott Brown

O já longe percurso de Denise Scott Brown é suficientemente inquieto e intenso para que frequentemente voltemos a olhar para ele com o interesse de sempre. Temos a ideia de que a arquitetura, profissão e técnica é algo que se propõe a perceber as energias dos nossos tempos e a partilhar as suas percepções com os outros.



68 | Gráfico de análise da autoria das Entrevistas
 69 | Entrevista, Revista Nu #17 Revolução Digital, Fevereiro, 2004
 70 | Entrevista, Revista Nu #34 Feio, Outubro, 2010

Entrevista é mais uma das secções presentes em todas as publicações da Revista *Nu*, à exceção dos números #12 *Onde está Coimbra*, #20 *Onde está Portugal*, #22 *Game Design*, #38 *Ideia* e #40 *Entrevista – Antologia Crítica* que, pelos seus contextos e conteúdos particulares, divergem das restantes publicações. Trata-se de uma secção cuja motivação assenta, fundamentalmente, no desejo de concretizar um momento de partilha entre o corpo editorial – inquieto e voraz – e os profissionais entrevistados – moldados quer pelo tempo, quer pela sua prática profissional.

A *Entrevista* é protagonizada, na sua maioria, por arquitetos nacionais e internacionais, que constroem, ensinam e fazem investigação. Contudo, privilegia-se – ainda que mais pontualmente –, o contributo de profissionais de áreas interdisciplinares, tão complementares à arquitetura, estimulando e potenciando a construção de pensamentos tão densos quanto extensos. Denota-se, numa fase inicial da Revista *Nu*, uma determinada tendência para a realização de entrevistas a arquitetos portugueses, nos quais se inserem, logicamente, alguns docentes do DARQ. Tal situação justifica-se, por um lado, pelas limitações existentes no que aos meios de comunicação diria respeito e, por outro, pela vontade de questionar e provocar a prática inserida no contexto português. Destacam-se, neste sentido, os contributos de Manuel Graça Dias¹⁶⁰, João Mendes Ribeiro¹⁶¹ e Gonçalo Furtado¹⁶². Não obstante, a *Entrevista* estender-se-ia, posteriormente, a arquitetos além-fronteiras; salientam-se, ora então, os contributos de Beatriz Colomina¹⁶³, Denise Scott-Brown¹⁶⁴ e Pezo Von Ellrichshausen¹⁶⁵.

Importará referir, ainda, que o número #40 *Entrevistas – Antologia Crítica*¹⁶⁶, que republicaria um conjunto de entrevistas realizadas até então, reforçaria, precisamente, a importância da *Entrevista* enquanto instrumento de aprendizagem vertical e transversal. A *Entrevista* traduz a procura de uma tal verdade, na qual se sincronizam intenções e tempos distintos e a partir da qual as questões são postas em causa e as respostas se transformam em dúvidas¹⁶⁷.

O *Quiz*, por sua vez, representa um breve e informal questionário, realizado a longa distância, a arquitetos de todo o mundo, tratando-se, muito essencialmente, de “uma pequena curiosidade

¹⁶⁰ Cf. Manuel Graça Dias, “Entrevista”, *Nu #03*, Junho, 2002, 8-15

¹⁶¹ Cf. João Mendes Ribeiro, “Entrevista”, *Nu #05*, Novembro, 2002, 8-15

¹⁶² Cf. Gonçalo Furtado, “Entrevista”, *Nu #17*, Fevereiro, 2004, 14-21

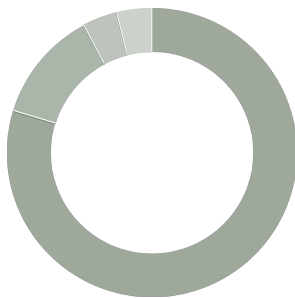
¹⁶³ Cf. Beatriz Colomina, “Entrevista”, *Nu #21*, Outubro, 2004, 14-21

¹⁶⁴ Cf. Denise Scott-Brown, “Entrevista”, *Nu #34*, Outubro, 2010, 43-49

¹⁶⁵ Cf. Pezo von Ellrichshausen, “Entrevista”, *Nu #36*, Março, 2011, 46-53

¹⁶⁶ Cf. Subcapítulo *Publicações: temas-conceito*, no qual se contextualiza, precisamente, o número #40 *Entrevistas – Antologia Crítica* da Revista *Nu*, 109

¹⁶⁷ Diogo Lopes, Inês Morão Dias & Maria Barreiros, “Uma constelação sem forma”, *Nu #40*, Fevereiro, 2013, 15



- arquitetos estrangeiros
- arquitetos portugueses
- docentes DARQ
- outros profissionais

[7]

Alberto Campo Baeza

Um dos mais importantes nomes da arquitetura espanhola, Alberto Campo Baeza desenvolveu um trabalho pessoal e original que, com um pouco de sorte, se tornou, em 2011, uma grande referência nos debates sobre arquitetura. Mas quem é Alberto Baeza? Que tipo de obra realizou desde 1968? Já estudou em algum curso de arquitetura? Conheça o trabalho de um dos mais importantes arquitetos espanhóis.

Escolha e relacione-se com:

uma cidade...

Cádiz, Espanha [descobrir]

uma obra de arquitetura...

La Tourette, Le Corbusier [descobrir]

um artista...

Picasso [saber ver]

um livro...

Passado de S. João da Cruz [ler]

um filme...

O Gato e o Gato, Luciano Vietti [descobrir]

uma experiência...

Estar no Palazzo di Roma [clicar]

uma infância...

Mas vai dar bem e Alejandro de la Sota [rever]

um objeto de consumo...

Cartão Montblanc com tira preta [escrever, desentlar]

um vídeo...

Chocóles [recortar]

uma palavra...

Anar [saber]

um lugar...

Pensar [viver]



p. 20, 31

[7]

John Pawson

Desde um dos primeiros nomes da arquitetura inglesa, John Pawson é a referência para a arquitetura de interiores moderna. Apesar de estar entre os mais conhecidos e respeitados arquitetos do mundo, não se trata de um arquiteto que se preocupa com a aparência das coisas, mas sim com a qualidade da vida. Conheça o trabalho de um dos mais importantes arquitetos ingleses.

Escolha e relacione-se com:

uma cidade...

Londres

uma obra de arquitetura...

Newy Door - O novo modelo de construção que projetou na Bolívia

um artista...

Daniel Judd e L. Portner

um livro...

Arquitetura of Truth, Ludovico Scarpa, com prefácio de Le Corbusier (Direção de Arte de Alvaro Siza em Lisboa, Portugal)

um filme...

Death of a Teasmaster

uma experiência... Uma experiência antes da morte, no início deste ano, na Esca, em que um amigo meu foi morto

uma infância...

Shira Kuzmina e a minha mulher, Catherine

um objeto de consumo...

Um garfo de prata Georgiano de três dentes

um vídeo...

Chocóles

uma palavra...

Branco

um lugar...

Trabalhar com sucesso aos 85



p. 32, 33

- 71 | Gráfico de análise da autoria do Quiz
- 72 | Quiz, Revista Nu #01 Encruzilhadas, Abril, 2002
- 73 | Quiz, Revista Nu #03 Cidades, Junho, 2002

que, dependendo do olhar, poderá ter muito significado”¹⁶⁸, podendo acrescentar um novo sentido a quem o lê. Assim, *Quiz* lança questões sintéticas aos colaboradores – na sua maioria, arquitetos além-fronteiras –, esperando respostas e correspondências ilimitadas e interdisciplinares, inevitavelmente íntimas e influenciadas.

A secção *Quiz* seria integrada na estrutura da *Nu*, de modo algo assíduo, até ao número #33 *Consumo*; a partir de então, não seria recuperada em nenhuma outra publicação. Tal fator pode ser justificado por representar tal secção uma abordagem mais sintética e menos aprofundada do tema-conceito – quando comparada com as restantes secções – ou, em última instância, dado que o conteúdo poderia ser facilmente encontrado numa outra plataforma, por intermédio dos avanços tecnológicos. Contudo, *Quiz* representa, muito fundamentalmente, uma forma de apresentar e conhecer um extenso leque de arquitetos, assim como os seus interesses mais interdisciplinares; destacam-se, entre tantos outros, Alberto Campo Baeza¹⁶⁹, John Pawson¹⁷⁰ e Mansilla & Tuñon¹⁷¹.

A secção *Contaminações*, por sua vez – e tal como a própria designação procura evidenciar –, é uma secção cujos contributos procuram contaminar a publicação, precisamente pela sua pluridisciplinaridade, não se relacionando, tão necessária e intimamente, com o tema-conceito. Assim, pode-se afirmar que os contributos apresentados são, numa primeira análise, deslocados do tema central, dada a liberdade da secção; tratam-se de conteúdos variados e variáveis, relacionados com áreas complementares que vão desde o cinema¹⁷² ao teatro¹⁷³, da literatura¹⁷⁴ à música¹⁷⁵, da escultura¹⁷⁶ à dança¹⁷⁷ e poesia¹⁷⁸, através dos quais se concretizam reflexões críticas em cruzamento com a arquitetura.

Contaminações navega, assim, por mundos paralelos à arquitetura, através dos quais se intentam apontar as suas (dis)semelhanças – o que os distingue e, no limite, do que comungam –, compreendendo estas áreas enquanto ferramentas auxiliares de pensar e de fazer arquitetura.

¹⁶⁸ Pedro Jordão, “Encruzilhadas”, *Nu* #01, Abril, 2002, 3

¹⁶⁹ Cf. Alberto Campo Baeza, “Quiz”, *Nu* #01, Abril, 2002, 31

¹⁷⁰ Cf. John Pawson, “Quiz”, *Nu* #03, Junho, 2002, 33

¹⁷¹ Cf. Mansilla & Tuñon, “Quiz”, *Nu* #13, Outubro, 2003, 35

¹⁷² Cf. Filipe Teixeira, “Cinema e Utopia”, *Nu* #25, Novembro, 2005, 36-37

¹⁷³ Cf. Nuno Costa, “XXX: de Sade a La Fura dels Baus”, *Nu* #09, Março, 2003, 34-37

¹⁷⁴ Cf. Nuno Costa, “Meet the generation”, *Nu* #02, Maio, 2002, 32-33

¹⁷⁵ Cf. Tiago Borges, “Tom Zé”, *Nu* #23, Março, 2005, 45-46

¹⁷⁶ Cf. Rui Aristides, “Plágio: Rachel Whiteread”, *Nu* #14, Novembro, 2003, 32-33

¹⁷⁷ Cf. Mário Carvalho, “Pina Bausch: danças ocultas”, *Nu* #08, Fevereiro, 2003, 32-33

¹⁷⁸ Cf. Mário Carvalho, “Al Berto: uma existência de papel”, *Nu* #04, Outubro, 2002, 32-33

Durante as direções de Pedro Jordão e Bruno Gil, tal secção seria consideravelmente privilegiada; contudo, acabaria por perder alguma força nas direções que se seguiriam. Os seus autores são, muito essencialmente, elementos do corpo editorial; no entanto, contemplam-se contributos de arquitetos, alunos e docentes do DARQ e, pontualmente, de profissionais de outras disciplinas. Tal tendência poderá apontar o desejo de uma busca pela arquitetura como *cosa* influenciada e absolutamente contaminada, denotando, desde logo, o interesse por áreas complementares ao percurso académico e profissional e, como tal, à própria disciplina. *Contaminações* é, portanto, um espaço curioso no qual se colocam hipóteses em perspetiva e através do qual se confere densidade e riqueza a cada publicação.

O *1º ato* é, essencialmente, o espaço através do qual “serão mostradas as primeiras obras de arquitetos formados pelo DARQ”¹⁷⁹; trata-se, portanto, de um espaço de apresentação e divulgação dos primeiros projetos de arquitetura dos recém-formados. Evidencia-se, assim, o desejo de acompanhar o percurso dos estudantes pós-Escola e, simultaneamente, o de retratar a relação dos mesmos com a prática profissional. Trata-se de uma secção constante durante as direções de Pedro Jordão e Bruno Gil, embora se reconheça que se possa ter tratado de “uma secção algo frágil, tendo em conta que a Escola ainda não tinha crescido o suficiente para haver arquitetos que tivessem encontrado o seu caminho”¹⁸⁰.

A partir do número #19 *Colagens*, produzido pela direção de Daniel Beirão, o *1º ato* não seria igualmente privilegiado, dado que se havia adotado “uma apropriação flexível das secções na qual o editor tinha a flexibilidade de incluir ou excluir uma secção dependendo do próprio desenvolvimento orgânico do tema”¹⁸¹. Contudo, tal secção surge mais recentemente, nos números #45 *Entre(tanto)* e #46 *Cor*, pois havia-se considerado que “fazia todo o sentido integrar novamente tal secção, principalmente por mostrar atividade por parte dos alunos e ex-alunos do DARQ”¹⁸². Neste sentido, transparece o desejo de acompanhar, uma vez mais, o primeiro contacto dos estudantes do DARQ com a prática de arquitetura, denotando, por isso, uma certa intimidade com a Escola.

Por sua vez, a secção *Prova Final* representa a “síntese de Provas Finais feitas pelos seus autores”¹⁸³, através da qual se procura divulgar os trabalhos de investigação desenvolvidos

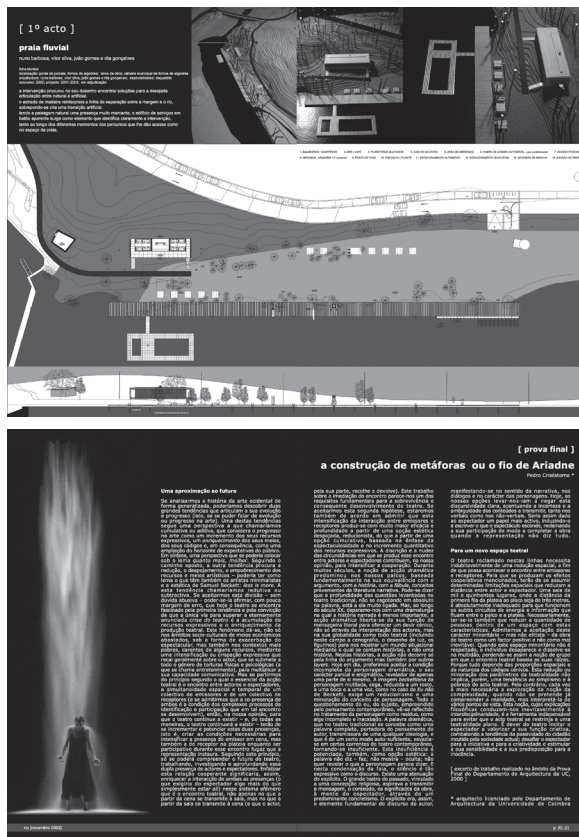
¹⁷⁹ Pedro Jordão, “Encruzilhadas”, *Nu #01*, Abril, 2002, 3

¹⁸⁰ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 207)

¹⁸¹ Daniel Beirão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 213)

¹⁸² Francisco Paixão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 05 de Agosto, 2020 (Cf. Anexos, 252)

¹⁸³ Pedro Jordão, “Encruzilhadas”, *Nu #01*, Abril, 2002, 3



pelos estudantes do DARQ. Tal secção decorre, portanto, de uma pequena reflexão do trabalho desenvolvido, sobre um tal tema de investigação – não relacionado, necessariamente, com o tema-conceito. Ora, se por um lado o *1º ato* procura evidenciar as competências dos recém-formados no que à sua prática profissional diz respeito, por outro, a *Prova Final* pretende transparecer as suas capacidades de investigar, refletir e dissertar sobre um tal assunto. No fundo, “mesmo sendo uma síntese, representava [a *Prova Final*] uma certa consistência teórica”¹⁸⁴, à semelhança do que se procuraria fazer na própria Revista.

Prova Final seria, então, uma secção assídua nas duas primeiras direções da *Nu*, pese embora não o fosse nas redações que se seguiriam. A partir do número #32 *Ocupa* a secção jamais seria recuperada – por se tratar, *quiçá*, da reprodução de uma reflexão já partilhada, publicada e, por isso, menos original; e por decorrer, nesse mesmo período, um processo de consciência autocrítica, por parte da redação, “no sentido em que, não fazendo sentido uma determinada secção, a estrutura era reinventada”¹⁸⁵.

Cheese-Ham Files, por fim, procura analisar e sintetizar, através de contributos escritos, o panorama editorial da arquitetura, retratando, desde logo, a sua pertinência e diversidade; por isso, ganhariam espaço em tal secção os destaques editoriais – dos mais formais e institucionais aos mais informais. Cada *Cheese-Ham File(s)* representa, por isso, o espaço para construir um pensamento analítico, crítico e sintético sobre o contexto no qual a *Nu*, aos poucos, se inseria e destacaria também. Tal secção teve espaço na Revista até ao número #19 *Colagens*, cujos contributos apresentados seriam, na sua maioria, da autoria de Vasco Pinto, um dos fundadores da Extra Media Arquitectura (XM) – uma livraria especializada em arquitetura, responsável pela distribuição da Revista *Nu*.

Mais tarde, a estrutura da Revista *Nu* acabaria por ser reajustada – seja através do término de determinadas secções que se considerariam menos pertinentes e adequadas ao contexto contemporâneo, seja através da adição de secções que se considerariam, então, devidamente pertinentes. Tal situação verifica-se, principalmente, durante a direção de Bruno Gil e, mais tarde, de Diogo Lopes, Diogo Vasconcelos, Filipe Madeira e Inês Morão Dias.

Surgem as secções *Edit*, *Enviados Nu*, *Conversa* e *A Nu* e *Artigo Gráfico*, respetivamente. Reconhece-se, então, a intenção de (re)adaptar a Revista à sua crescente expansão, por se considerar, por um lado, que as secções cumprem o papel de “criar uma maior preponderância

¹⁸⁴ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 208)

¹⁸⁵ João Crisóstomo, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 07 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 227)

da Revista”¹⁸⁶ e, por outro, por se compreender que, mais do que cumprir uma tal estrutura formal, absolutamente rígida, “o que fazia sentido era construir o melhor número possível”¹⁸⁷, que cumprisse as expectativas do corpo editorial.

Ora, a secção *Edit* representa o espaço destinado à expressão do editor da publicação em questão, correspondendo, precisamente, a “uma posição de autonomia e partilha de responsabilidades editoriais”¹⁸⁸. Tal secção surge, na estrutura da revista, logo após o Editorial e procura, nesse sentido, acrescentar outras (tantas) possibilidades, reflexões, sínteses e considerações, podendo traduzir, simultaneamente, o regresso a um tal ponto de partida ou, tão validamente, uma provocação por novos caminhos.

Importa referir, ainda, que o *Edit* não representaria, jamais, uma redundância; ao invés disso, procura representar um novo olhar sobre o tema-conceito, naturalmente singular, colocado em perspetiva pela figura do editor. O *Edit* surge no número #15 *Viagens* e prevalece, ainda que não assiduamente, até ao número #33 *Consumo*; na publicação imediatamente posterior o editor torna-se a figura responsável pelo Editorial, pelo que deixaria de fazer sentido a existência simultânea de ambas as secções.

A secção *Enviados Nu*, por sua vez, representa o confronto do corpo editorial com um ambiente exterior; procura-se, assim, retratar a participação destes em determinados eventos e atividades, resultando desse contacto uma reflexão crítica. A secção *Enviados Nu* surge, pela primeira vez, no número #14 *Oposições* e mantém-se nas publicações que se seguiriam, ainda que muito pontualmente e ocorrendo, simultaneamente, períodos consideravelmente extensos de interrupção. Hoje, a secção *Enviados Nu* retrata, maioritariamente, a experiência *Erasmus* dos estudantes da Revista *Nu*; privilegia-se, portanto, o confronto com as novas realidades, com os novos paradigmas sociais, pedagógicos e culturais, tão essenciais à arquitetura e questionamento da mesma.

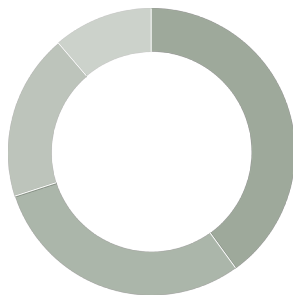
A *Conversa* – designada posteriormente por *À Conversa com* – é, por sua vez, uma secção que, numa primeira análise, se poderá perceber como “complementar a um modo de entrevista”¹⁸⁹. No fundo, ainda que absolutamente independentes uma da outra, a *Conversa* parece ambicionar acrescentar um novo (e desejavelmente distinto) olhar ao pensamento construído pela

¹⁸⁶ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 208)

¹⁸⁷ Diogo Lopes, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 232)

¹⁸⁸ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 208)

¹⁸⁹ *Ibid.*, 208



- arquitetos portugueses
- outros profissionais
- arquitetos estrangeiros
- docentes DARQ

[a conversa com]
José Gigante

Foto: Susanna, António Peres e
José Luís
Foto de Henrique e J. P. em 19
1985, reprodução por ARQ

Foto: Susanna, António Peres e
José Luís



Por muito que quisessem e nos esforçamos, em arquitectura, a matéria nasce-se nos reveses virgem e puro, tal entidade abstracta. Moldando-se e metamorfosando-se, com o ajuda da técnica, através da mão e vontade do arquitecto, ela vai dando origem a diferentes materiais aos quais se pode depois recorrer para pôr de pé as ideias. É com isto na cabeça que chamamos José Gigante ao debate. Encontramo-nos com ele na Porto, cidade onde nasceu e onde frequentou o curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes, que concluiu em 1961, para uma concessão descurada. Docente desde então, primeiro na ESBAP e mais tarde na FAUP e na FAUP, José Gigante põe-nos do valor da materialidade no método de projecto e de tudo aquilo que é necessário fazer para o tirar do papel, com o à vontade que só a experiência permite.

Quando José Gigante, o material tem sempre uma grande importância. É a forma que dá vida ao espaço e a uma forma de uso, de vida, e é importante para a arquitectura, os materiais escolhidos sempre sempre condicionam a forma do projecto que se diferencia a materialidade do espaço. Sabemos também que, de acordo com a perspectiva da forma, nunca pode esquecer a sua materialidade. Para isso, forma e matéria são sempre inseparáveis na arquitectura, mas que devemos sempre e que se podem desenvolver como eles no decorrer do projecto? Uma resposta, claro é não, mas não se trata de uma resposta, pois se decidimos a forma segundo uma perspectiva de espaço, e não para a sua "materialidade" e por isso mesmo, a forma tem a vida de que é vive e papel de construção no projecto, a di-



- 81 | Gráfico de análise da autoria da Conversa
- 82 | À Conversa com, Revista Nu #39 Matéria, Fevereiro, 2013
- 83 | Conversa, Revista Nu #29 Modus Operandi, Dezembro, 2006

Entrevista, desde logo, pela escolha do colaborador e, também, pelas questões complementares que se colocam – podendo estas desenvolver-se, claro está, por concordância ou, tão validamente, por divergência.

Tal secção apresenta em si um carácter mais dinâmico, mais comunicativo e, no limite, mais informal. Assim, cada *Conversa* materializa-se, à semelhança da *Entrevista*, através dos contributos desenvolvidos em diálogo entre o corpo editorial e entre arquitetos, docentes e outros profissionais, na sua maioria nacionais – dos quais se poderá destacar, entre tantos outros, Gonçalo Byrne¹⁹⁰, Álvaro Siza¹⁹¹ e José Gigante¹⁹². Ora, a *Conversa* surge no número #16 *Oriente*, durante a direção de Bruno Gil, mantendo-se até às publicações mais recentes – ainda que nem sempre com a mesma intensidade – e comprovando, desde logo, a importância do pensamento construído coletivamente.

O *Artigo Gráfico*, por sua vez, surge durante o número #34 *Feio* enquanto secção que se expressa através de composições gráficas – embora tenham existido, até então, artigos que ao longo das diversas publicações se expressariam somente através de imagens. Tratava-se, portanto, do uso da imagem como ferramenta de expressão igualmente válida, igualmente necessária; embora os artigos da *Nu* fossem, desde sempre, acompanhados por imagens, estas adquiriam, aqui, um distinto protagonismo. No fundo, assumia-se que a Revista poderia fazer-se através de palavras e através de imagens, mas que, por vezes, “a imagem estava mais próxima de certos temas de arquitetura”¹⁹³.

Numa lógica muito próxima, surge a secção *A Nu*; tratando-se de um espaço desenvolvido, até então, somente pelo corpo editorial. A *Nu* privilegia a expressão através de imagens, subordinadas ao tema-conceito, apresentando-se, por vezes, como complemento do *Editorial* ou, como se poderá verificar nas últimas publicações, como forma de rematar os contributos presentes na publicação.

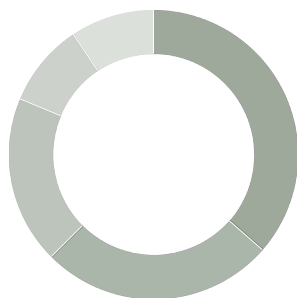
Ora, no seguimento de tais interpretações, não se poderá definir a Estrutura e respetivas Secções da Revista *Nu* como sendo absolutamente lineares. A análise aqui desenvolvida demonstra que o primeiro corpo editorial da Revista *Nu*, ao definir um ponto de partida, terá traçado, tão somente, um dos possíveis caminhos a percorrer pelas redações que se seguiriam. Com efeito,

¹⁹⁰ Cf. Gonçalo Byrne, “Conversa”, *Nu* #19, Abril, 2004, 26-31

¹⁹¹ Cf. Álvaro Siza, “Conversa”, *Nu* #29, Dezembro, 2006, 44-49

¹⁹² Cf. José Gigante, “À conversa com”, *Nu* #39, Fevereiro, 2013, 30-43

¹⁹³ Diogo Lopes, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 232)



- corpo editorial
- estudantes DARQ
- outros profissionais
- estudantes externos
- docentes DARQ

[artigo gráfico]



[artigo gráfico]



- 84 | Gráfico de análise da autoria do Artigo Gráfico
- 85 | Artigo Gráfico, Revista *Nu* #34 *Feio*, Outubro, 2010
- 86 | Artigo Gráfico, Revista *Nu* #45 *Entre(tanto)*, Março, 2019

admite-se que a Estrutura de cada publicação dependerá, necessariamente, das intenções e ambições que cada corpo editorial estabelecerá para um determinado número, bem como a pertinência que cada Secção revelará em resposta a um tal tema-conceito.

Considere-se, de igual modo, que nem sempre terá sido possível desenvolver contributos correspondentes a cada Secção; tão validamente, poderá não ter existido tal intenção em determinados momentos. De facto, em determinados momentos, ter-se-á preferido “abdicar de uma ou duas secções e lançar um número, do que estar à espera de cumprir todas secções, por vezes por tempo indeterminado”¹⁹⁴ – pelo que a Estrutura se manifestaria adaptada não só a um tal tema-conceito, mas à própria dinâmica e estratégias da redação. Saliente-se, ainda, que a Estrutura inicial da Revista terá surgido de uma intenção absolutamente operativa, através da qual se pretendia facilitar o processo de produção e publicação; em última instância, “o objetivo dessa estrutura era, por isso, permitir publicar um número por mês”¹⁹⁵. Ora, embora tivesse decorrido, em direções e publicações específicas, o desejo de preencher todas as Secções, no sentido de percorrer as mais completas e infinitas perspectivas do tema, em determinados momentos, ter-se-á valorizado um “pensamento crítico”¹⁹⁶ de tal tendência.

De facto, a existência de uma Estrutura sólida poderá determinar uma certa consistência de produção, ao mesmo tempo que possibilitará que os seus conteúdos percorram caminhos tão diversos quanto abrangentes. De igual modo, servirá tal Estrutura, por ser vasta, para que os seus agentes se apropriem dessa consoante as suas intenções e interesses mais específicos – nem sempre absolutamente íntimos com a escrita.

Publicações: artigos e abordagens

A estrutura de cada publicação terá procurado transmitir uma mensagem para a qual terão contribuído os seus conteúdos e respetivas abordagens. Neste sentido, reconhece-se a simultânea importância de desenvolver uma análise dos Artigos de cada publicação, sendo estes, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina. Reconhece-se nestes a pertinência necessária para aferir, desde logo, se os contributos privilegiados transparecem, no seu todo, uma certa intimidade com a Escola – contaminando-a e deixando-se

¹⁹⁴ Carlos Guimarães, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 218)

¹⁹⁵ Mário Carvalho, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 08 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 223)

¹⁹⁶ João Crisóstomo, Entrevista realizada no âmbito da presente presente dissertação, 07 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 227)

por esta contaminar. Para tal, importa aferir, desde logo, se estes aparentam ser um reflexo claro do programa pedagógico da Escola e se pretendem, pois então, fazer um paralelo com o que é lecionado, ou se revelam ser um estímulo no sentido inverso, pretendendo por isso incentivar novos métodos e abordagens. Importa também reconhecer, simultaneamente, se tais contributos transparecem uma grande densidade teórica ou se são, por sua vez, mais próximos da vertente prática, reconhecendo nestas especificidades a capacidade de traduzir uma tal tendência estimulada pela Escola – seja por proximidade, distanciamento ou provocação.

Deste entendimento decorre, ainda, a necessidade de referir que o processo de conceção da Revista *Nu* terá ganho contornos num contexto pedagógico aparentemente marcado pela supremacia da vertente prática, intimamente relacionada com o projeto de arquitetura. Assim, embora se tenha reconhecido a existência de “excelentes professores a nível teórico, que estimulavam o sentido crítico dos alunos”¹⁹⁷ a Revista terá procurado, fundamentalmente, preencher os silêncios da Escola através do pensamento, reflexão e, sobretudo, da curiosidade “além das horas passadas no estirador”¹⁹⁸.

Reconhecia-se no pensamento teórico a capacidade determinante para construir e estimular o próprio projeto de arquitetura desenvolvido no âmbito académico, compreendendo que “uma perspetiva sobre um projeto teria sempre que ter, de antemão, uma justificação, uma perspetiva problematizante em relação à sua realidade”¹⁹⁹. Ora, a Revista *Nu* terá procurado cumprir, na medida exata, esse mesmo propósito: ser informativa e inspiradora à vertente prática, através de uma construção mental (desejavelmente) consistente. À parte disso, por ocupar um tal posicionamento no espaço da crítica da arquitetura, o processo editorial ter-se-á ocupado, mais consistentemente, “com as questões dos ‘porquês’ das vertentes práticas ou teóricas, mais do que, até, do ‘como’ das questões”²⁰⁰, reforçando a ideia de que a prática e teoria são, efetivamente complementares; estas são, em última instância, “meios e modos distintos, mas que se influenciam mutuamente por caminhos, às vezes, difíceis de retraçar”²⁰¹.

Ora, de tais interpretações resulta o argumento de que, em certa medida, a Escola terá influenciado as intenções, as motivações e o próprio percurso da Revista *Nu*; pode-se afirmar que terá existido, em momentos específicos, “alguma ligação com alguns modos de ver que

¹⁹⁷ Mário Carvalho, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 08 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 223)

¹⁹⁸ *Ibid.*, 223

¹⁹⁹ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 209)

²⁰⁰ Daniel Beirão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 214)

²⁰¹ Diogo Lopes, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 233)

eram colocados em algumas disciplinas”²⁰². Contudo, a tendência editorial aparenta ter passado, muito fundamentalmente, por “buscar novos métodos e abordagens”²⁰³; por se encontrar na Revista o espaço “através do qual os alunos revelam o seu pensamento, mostram quais são os seus interesses – que nem sempre estariam alinhados com os interesses da Escola”²⁰⁴.

Constroem-se, deste modo, os argumentos necessários para definir a *Nu* como ferramenta de aprendizagem, através da qual se abordam conteúdos tão diversos quanto contemporâneos, sem que, para tal, tenha de decorrer uma tal legitimação por parte da Escola. Permite-se, assim, rasgar vãos, abrir portas e atravessá-las, “convocando outros universos que não os maioritariamente veiculados pela Escola”²⁰⁵ e, tão desejavelmente, “expandir horizontes e responder às questões pessoais que não eram respondidas academicamente”²⁰⁶.

Por fim, saliente-se em tom de desfecho, que embora se tenham desenvolvido conteúdos decorrentes de assuntos abordados na sala de aula e do próprio contexto do meio académico – como aliás se verifica em #45 *Entre(tanto)*²⁰⁷ – os conteúdos abordados ter-se-ão contruído, muito fundamentalmente, através da provocação e questionamento do projeto pedagógico de uma Escola que, pese embora manifestasse o desejo de se encontrar (algures) “entre Coimbra e o Mundo”²⁰⁸, terá ouvido ecoar o nome de Rem Koolhaas, tão somente pela primeira vez, através da voz do corpo editorial da Revista *Nu*²⁰⁹.

Eventos: um estímulo de atmosferas externas

A Revista *Nu* tem construído, progressivamente, um objeto físico absolutamente próprio, a partir do qual se possibilita a construção de uma autonomia disciplinar – individual e coletiva – e o desenvolvimento e a consolidação de uma linha editorial particular, de alcance nacional e internacional. Como tal, reconhece-se que as publicações até então desenvolvidas, correspondendo a temas-conceito, estruturas e abordagens específicas são, efetivamente, a

²⁰² Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 208)

²⁰³ Daniel Beirão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 213)

²⁰⁴ Carlos Guimarães, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 218)

²⁰⁵ Diogo Lopes, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 232)

²⁰⁶ Luís Madeira, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 13 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 237)

²⁰⁷ Cf. *Publicações: temas-conceito*, no qual se contextualiza, precisamente, o número #45 *Entre(tanto)* da Revista *Nu*, 113

²⁰⁸ Paulo Varela Gomes, “Entre Coimbra e o Mundo”, *ECDJ* 2, Março, 2000, 51

²⁰⁹ Cf. Mário Carvalho, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 08 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 223)



[entrevista]
Pezo von Ellrichshausen

Imagem: Peter Heilmann, São Paulo/SP, 2011

Maricela Pezo e Sofía von Ellrichshausen trabalham no Chile, numa prática jovem entre arte e arquitetura, e aperceber-mos livros e revistas e escolher o grupo da 'nova arquitetura emergente do Sul', revista que pretendemos recusar. No AICD*, onde os conhecemos, percebemos que a geração e a geração se tornam secundárias, não trabalhamos sobre uma noção ampla e pessoal de território: um território que é o Sul, suas e resistências, mas também um território que é o Chile, das referências que ramam e continuam.

De sua discussão retivemos mais do que um fascínio pela visão crítica de alguém que chega de outros parâmetros, percebemos uma reflexão continuada sobre a universalidade da pergunta de como responder com arquitetura a cenários difíceis de manejar.

We know that Sofía is from Argentina and Pezo is from Chile. How that had any influence in your education and sense of architecture?

Sofía Yes, of course. It's inevitable. In the kitchen we started with an image of an artist who studied the map of the country with his hand. This is a gesture reference to show how the place you live in influences you. Your childhood influences very much the way you think. Coming from Argentina, I think I have a very strong local influence but, due to my family heritage, I also have a lot of external references. In my house we used to watch TV, and my grandparents are German, so I always very present. Our buildings were full of foreign art and European references. My parents have traveled much before that their usual European trips were about South America. But we grew up in South America, so we have had those other references constantly present. Sometimes we have to find a way of reconciling all these diverse influences.

Pezo In relation you are guided by several references. Naturally you feel, we and ourselves that we're reacting to these references, but our aim, we have been trying to be honest with our own references, with the references that are comfortable for us. Sometimes ourselves can work in a different way to keep on what is happening in a place that they don't really understand. In our

46



Imagem: Peter Heilmann, São Paulo/SP, 2011

47

[entrevista]
Tony Fretton



Imagem: Peter Heilmann, São Paulo/SP, 2011

Tony Fretton formou-se na Architectural Association em Londres, na mesma cidade onde mantém o seu atelier desde 1982 e onde construiu o London Gallery, projeto que deu início a uma série de encomendas com influência no espaço público londinense: subterrâneas galerias de arte mas também museus e casas para artistas e colecionadores.

A sua prática, marcada pela referência social deste tipo de programas, propõe-se a trabalhar sobre a contínua construção do valor da coletividade, referendando-se através da utilização e consequente apropriação do seu imaginário comum.

De Londres, Fretton fala-nos do mito - da sua importância, das suas possibilidades e qual o papel da arquitetura na sua construção.

Maybe a common term that refers to an idealism, something which reassures the responsibility of things, and just in this sense, to its manifestation through very concrete buildings, streets, squares, buildings, things. How would you include the word 'myth' in your definition of architecture?

I think myth, myth and speeches, are embedded in architecture and buildings, obviously, without any doubt. And if architects don't make those myths, they create them and sometimes the buildings do make those myths. So it's up to architects to make their work available as myth. What do you think about that?

We think like that as well, we have become interested in myths because, since they bring in a different language, they become present in our daily life through their narrative skills and metaphors.

We find that in your buildings, interventions seem to happen with very concrete elements that appear as if they were in London, like those art studios. We also know about your photographs of London. How do you view those elements from outside?

Imagem: Peter Heilmann, São Paulo/SP, 2011

13

- 90 | Cartaz de lançamento da Nu #12, Onde está Coimbra?, Junho, 2003
- 91 | Entrevista Pezo von Ellrichshausen, Nu #36 Sul, Março, 2011
- 92 | Entrevista Tony Fretton, Revista Nu #37 Mito, Junho, 2011

coluna vertebral da Revista *Nu*. Não obstante, tal “manifestação física, o objecto final, é uma síntese demasiado curta dos encontros e desencontros que lhe dão forma”²¹⁰. Neste seguimento, propõe-se a análise e interpretação das iniciativas e eventos externos ao meio académico, através dos quais se terão potenciado estímulos às dinâmicas internas da Revista, assim como dos eventos provocados quer pela *Nu* quer pela Escola que, no fundo, permitirão comprovar a sua contaminação efetiva. De facto, terão decorrido eventos externos ao meio académico cuja consequência se terá manifestado suficientemente estimuladora para os debates internos da Revista, para a produção de conteúdos mais abrangentes e informados e, como tal, para a aprendizagem coletiva.

Tais contributos permitem, mais especificamente, a produção de conteúdos no seguimento de secções específicas – fundamentalmente entrevistas – ou, em casos mais pontuais, a produção de uma publicação em concreto. Saliente-se, desde logo, a importância do contexto da Coimbra Capital Nacional da Cultura na produção do número #12 *Onde está Coimbra*²¹¹; da Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza na produção do número #20 *Onde está Portugal*²¹²; ou da iniciativa Arte em Campo, promovida pelo Instituto das Artes, na produção do número #22 *Game Design*²¹³.

Simultaneamente, afigura relevante importância a participação do corpo editorial em eventos externos, estimulando estes “um lado mais jornalístico da Revista”²¹⁴, possibilitando “desenvolver um olhar crítico”²¹⁵ em constante contacto com “agentes culturais e com protagonistas no meio da arquitetura”²¹⁶. Destacam-se, neste sentido, as entrevistas realizadas a Ellen van Loon²¹⁷, a propósito do Seminário *O efeito Casa da Música*, decorrido na Casa das Artes do Porto; a Pezo von Ellrichshausen²¹⁸ e Tony Fretton²¹⁹, a propósito do Congresso de Arquitetura AICO, decorrido no Centro de Congressos da Alfândega do Porto; e a Kenneth Frampton²²⁰, a propósito de uma conferência realizada no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

²¹⁰ Bruno Gil, “Desnudar aprendizagens: a propósito da *Nu* como ferramenta”, *Nu* #40, Fevereiro, 2013, 270

²¹¹ Cf. *Publicações: temas-conceito*, no qual se contextualiza, precisamente, o número #12 da Revista *Nu*, 95

²¹² Cf. *Publicações: temas-conceito*, no qual se contextualiza, precisamente, o número #20 da Revista *Nu*, 99

²¹³ Cf. *Publicações: temas-conceito*, no qual se contextualiza, precisamente, o número #22 da Revista *Nu*, 99

²¹⁴ Daniel Beirão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 214)

²¹⁵ *Ibid.*, 214

²¹⁶ *Ibid.*, 214

²¹⁷ Cf. Ellen van Loon, “Entrevista”, *Nu* #25, Novembro, 2005, 14-21

²¹⁸ Cf. Pezo von Ellrichshausen, “Entrevista”, *Nu* #36, Março, 2011, 46-53

²¹⁹ Cf. Tony Fretton, “Entrevista”, *Nu* #37, Junho, 2011, 12-21

²²⁰ Tal entrevista terá sido realizada a propósito do número #42 *Memória* da Revista *Nu*; contudo, não terá sido, até então, publicada.



93 | Cartaz de lançamento da publicação *Cadernos DARQ*, 2018

94 | Lançamento da Revista *Nu* #23 Brasil, Março, 2015

No que às iniciativas estimuladas pela Escola diz respeito, reconhece-se a existência de momentos propensos à contaminação, ainda que nem sempre se estas tenham delineado nesse estreito sentido. Saliente-se, ora então, a entrevista realizada a Francesco dal Co²²¹, no âmbito da conferência *Távora guardato dall'Italia*; a publicação do número #45 *Entre(tanto)*, estimulada pela publicação dos *Cadernos DARQ* e pelas conferências *Escola de Coimbra: Encontros de Arquitetura*; ou, tão simplesmente, o lançamento do número #23 *Brasil* no contexto do DARQ Reboot²²². Compreenda-se, assim, a importância de um olhar desperto do corpo editorial para a vida que decorre além dos momentos programados pela *Nu*, para que se tire partido, precisamente, de tais atmosferas de (potencial) aprendizagem. Os momentos que se mencionam – entre tantos outros que ao longo do tempo foram decorrendo – representam, naturalmente, espaços abertos e disponíveis ao debate que, ao permitirem o cruzamento dos agentes da *Nu* com agentes externos, significarão momentos propícios e de efetiva contaminação.

Contudo, nem sempre se terá confirmado uma tal intenção de contaminação por parte do meio académico. Terão decorridos períodos específicos da Revista em que não terá existido “qualquer comunicação por parte da Escola”²²³ ou, tampouco, o desejo de integrar a Revista nas iniciativas dinamizadas pela Escola²²⁴. Não obstante, nem sempre se terá verificado, simultaneamente, uma predisposição tal por parte da *Nu* para tirar partido das iniciativas que decorreriam naturalmente no espaço da Escola. Mais concretamente, reconhece-se que apesar de o meio académico ter criado atmosferas e condições propensas à participação da *Nu* – desde conferências, debates, aulas abertas, *workshops* –, a eventual falta de tempo, oportunidade ou interesse do corpo editorial poderá justificar, precisamente, o não aproveitamento de tais oportunidades. Verifica-se, assim, “que por vezes se perdem oportunidades de retirar sinergias dessas possibilidades”²²⁵ e, claro está, da “contaminação e contributo – que têm benefícios mútuos indiscutíveis”²²⁶.

À parte disso, compreenda-se que a *Nu* tem estimulado momentos de elevada importância e relevância no que ao diálogo com o meio académico diz respeito. Reconheça-se, desde logo, a apresentação pública dos números da Revista, “usualmente acompanhadas por uma palestra ou conversa temática”²²⁷, que mesmo não tendo decorrido sempre no espaço físico da Escola, terão contado por diversas vezes com o contributo e participação ativa dos seus agentes.

²²¹ Cf. Francesco dal Co, “30 minutos com Francesco dal Co”, *Nu* #14, Novembro, 2003, 10-13

²²² Cf. Subcapítulo *Movimentos estudantis na construção da Escola*, 51

²²³ Luis Madeira, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 13 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 237)

²²⁴ Cf. Mário Carvalho, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 08 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 224)

²²⁵ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 209)

²²⁶ Inês Saraiva, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 14 de Agosto, 2020 (Cf. Anexos, 260)

²²⁷ Daniel Beirão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 214)



95, 96 | Cartaz de apresentação do Ciclo de Conferências *Cosa Mentale*: a ideia em arquitectura. Fevereiro, 2012.

Saliente-se, ainda, a chamada para artigos de livre participação, como se terá verificado, aliás, no número #12 *Onde está Coimbra?*, no qual “não houve propriamente um filtro, ou seja, todos os artigos que foram submetidos foram publicados”²²⁸ e no número #46 *Cor*, igualmente “sem limites nem restrições”²²⁹, permitindo assim que qualquer indivíduo pudesse participar na Revista de um modo mais pontual, descomprometido e intimamente relacionado com a publicação em si.

Por fim, reconhece-se a importância das reuniões abertas promovidas pela *Nu* enquanto elementos-chave na comunicação e aproximação desta com o seu meio académico, a par da apresentação oficial da Revista no início de cada ano letivo e através da qual se procuraria, fundamentalmente, “passar aos novos alunos a mensagem de que a através da *Nu* se aprende com outras pessoas, se conversa com arquitetos de todo o lado e se aprende arquitetura de todo o lado”²³⁰. Ambas as iniciativas terão sido determinantes para apresentar a *Nu* enquanto organismo aberto à participação de qualquer estudante, de qualquer ano escolar, permitindo a transformação e adaptação do corpo editorial à adesão de novos alunos, tornando as suas dinâmicas mais diversificadas, democráticas e, *quiçá*, representativas.

Em estreita sincronia, destacam-se três eventos que se consideram absolutamente pertinentes e que terão contribuído, na medida exata, para a efetiva construção da Escola: o Ciclo de Conferências *Cosa Mentale: a ideia em arquitectura*, o Ciclo de Conferências [*Zero*] e a Discussão Pública: *Que futuro para a Nu?*

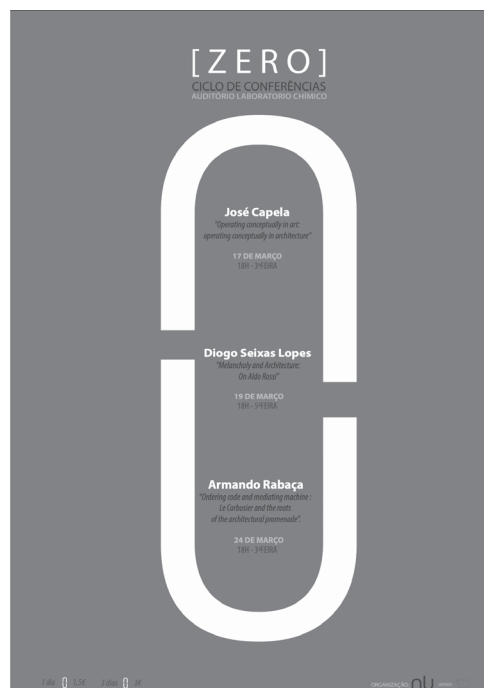
Ora, o Ciclo de Conferências *Cosa Mentale*, decorrido a 15, 22 e 29 de Fevereiro 2012, propunha, no fundo, o debate em torno do papel da ideia em arquitetura, intimamente relacionada com a capacidade de uma construção mental definir e estruturar, *a priori*, um projeto de arquitetura. Desenvolvido no âmbito da discussão interna do número #38 *Ideia, Cosa Mentale* terá consistido, muito essencialmente, num conjunto de três sessões, nas quais participaram Jean-Paul Jaccaud, Diogo Lopes, Florian Beigel e Philip Christou, Paulo Providência, Pezo von Ellrichshausen e Nuno Grande.

De facto, ter-se-á tratado de um projeto planeado e produzido de modo independente por estudantes – mais concretamente, pela Revista *Nu* e pelo Núcleo de Estudantes de Arquitetura –, através do qual se terão conciliado atitudes e ambições distintas: a vontade de trazer

²²⁸ Bruno Gil, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 206)

²²⁹ Inês Saraiva, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 14 de Agosto, 2020 (Cf. Anexos, 258)

²³⁰ Mário Carvalho, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 08 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 221)



discussão pública.



24 novembro, 18:30h
sala de exposições

97 | Cartaz de apresentação do Ciclo de Conferências [Zero] Março, 2015

98 | Cartaz de apresentação da Discussão Pública: Que futuro para a Nu?, Novembro, 2016

profissionais estrangeiros, com temas de debate que “iriam influenciar os estudantes e passar para a sala de projeto”²³¹; conseguir dialogar nesse mesmo espaço com os docentes e, em última instância, potenciar uma participação mais ativa dos estudantes nesse mesmo processo. No fundo, acredita-se terem sido estas as mais frutíferas e concretas consequências decorridas no meio académico, tratando-se, assim, de “uma iniciativa que tinha o intuito de fazer Escola”²³².

Por sua vez, o Ciclo de Conferências [*Zero*] pretendia, desde logo, constituir-se como base para a criação e desenvolvimento do número #43 *Zero*, que seria publicado *a posteriori* – à semelhança do que havia acontecido no Ciclo de Conferências *Cosa Mentale*. Tal iniciativa, decorrida a 17, 19 e 24 de Março de 2015, “tinha como principal objetivo dar a conhecer a revista à comunidade estudantil e, ao mesmo tempo, enriquecer a cultura arquitetónica da Escola”²³³. Nesse seguimento, ter-se-á contado com a participação de professores e arquitetos investigadores portugueses – Armando Rabaça, Diogo Seixas Lopes e José Capela – que haviam concluído a Tese de Doutoramento recentemente e, como tal, refletiriam, a partir das suas investigações, o tema ‘zero’ nas suas particularidades e derivações.

Ter-se-á tratado de uma iniciativa através da qual se desejaria potenciar a sinergia *Nu* – Escola, estimulando o debate tão diagonalmente quanto possível. Revê-se tal na contaminação, quer na Escola, quer na própria Revista, por se reunirem, no mesmo espaço físico, docentes, estudantes e arquitetos investigadores, numa discussão aberta que teria, posteriormente, transposição para para a discussão interna em torno de si mesma e, necessariamente, para o objeto físico.

Por fim, a Discussão Pública, que levantava, precisamente, a questão “Que futuro para a *Nu*?” decorreria de um debate inicialmente interno, no qual se terá concluído que a Revista deveria, efetivamente, “ser mais diversificada na sua estrutura, podendo direcionar-se em parte para a prática do projeto e análise de obra, sem excluir, no entanto, o modelo de artigos ensaísticos que já compunham a sua matriz”²³⁴. No período em questão, o corpo editorial da *Nu* compreendia que a Revista, sendo composta por estudantes, deveria corresponder às expectativas, intenções e ambições do corpo estudantil que nela participava. Nesse sentido, se se havia confirmado que o desejo desses estudantes se alinhava, mais concretamente, com a vertente prática da arquitetura, o *modus operandi* da Revista deveria caminhar nesse mesmo sentido. Dito de outro modo, “o foco da Revista teria de se adaptar – não o

²³¹ Diogo Lopes, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 233)

²³² *Ibid.*, 233

²³³ Duarte Pereira, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 10 de Agosto, 2020 (Cf. Anexos, 239)

²³⁴ Pedro Caiado, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 25 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 246)



99 | Lançamento Revista *Nu* #18 *Revistas*, Março, 2004

100 | Lançamento Revista *Nu* #44 *Limite*, Maio, 2018

101 | Lançamento Revista *Nu* #46 *Cor*, Outubro, 2019

disciplinar, porque esse seria sempre a arquitetura, mas os temas e as próprias metodologias”²³⁵.

Neste seguimento, decorre a 24 de Novembro de 2016 a Discussão Pública: *Que futuro para a Nu?*, na qual terão participado os docentes Armando Rabaça e Desirée Pedro. Procurava-se compreender, simultaneamente, a perspetiva dos docentes e estudantes do Departamento de Arquitetura face ao *status quo* da Revista, absolutamente marcado pela alteração do Plano de Estudos²³⁶. Tal debate, terá sido “bastante participado e elucidativo da opinião dos alunos e dos professores”²³⁷; contudo, “apesar de as conclusões que se retiraram do debate serem interessantes e motivantes, no sentido em que houve uma confluência de opinião dos participantes quanto a algumas direções a tomar”²³⁸, não se terá verificado, simultaneamente, “resultado concreto nenhum”²³⁹. Não obstante, destaca-se tal iniciativa pela criação, no meio académico e por ação do corpo editorial da Revista *Nu*, do espaço necessário para se colocar a questão, comprovando a importância dos restantes agentes para a construção da *Nu* e, *quiçá*, da Escola;

De facto, tem-se verificado a existência de iniciativas através das quais a sinergia e contaminação entre *Nu* e a Escola terão decorrido, mais ou menos intensamente, mais ou menos frutiferamente. Contudo, importa salientar, neste sentido, que apesar da presença da *Nu* na Escola através de eventos ter sido algo assídua, nem sempre se terá definido tal condição como estratégia absolutamente necessária. Dito de outro modo, terão existido no meio académico organismos paralelos à Revista que previam, precisamente, o preenchimento desses vazios e desses silêncios – desde logo, o Núcleo de Estudantes, a Associação Há Baixa ou, tão validamente, os movimentos estudantis (já analisados).

Ora, as deduções e os argumentos até então construídos, apresentados e justificados confluem na reflexão que entre *agentes, publicações e eventos*, a *Nu* tem construído, efetivamente, (mais um pedaço de) Escola – com os seus instrumentos próprios, dinâmicas específicas e tendências editoriais tão particulares, que se conduzem pluralmente e que, tão subtilmente, vão espreitando entre palavras e imagens.

²³⁵ Pedro Caiado, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 25 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 246)

²³⁶ Cf. *Agentes: corpo e dinâmicas editoriais*, no qual se contextualiza, precisamente, tal situação, 85

²³⁷ Pedro Caiado, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 25 de Julho, 2020 (Cf. Anexos, 245)

²³⁸ *Ibid.*, 246

²³⁹ Francisco Paixão, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 05 de Agosto, 2020 (Cf. Anexos, 250)

CONTAMINAÇÕES COMO TERMÓMETRO DE MOTIVAÇÕES E DINÂMICAS

Da síntese que terá resultado das contaminações entre o espaço físico, social e pedagógico do DARQ e a Revista *Nu*, decorre, ora então, a necessidade de uma transposição efetiva para outros contextos – para outras escolas de arquitetura e, como tal, para outras revistas de estudantes. Tal análise e interpretação permitirá aferir de que motivações terão decorrido tais iniciativas estudantis, em relação com o seu contexto – potenciada pelos seus agentes, pelas suas publicações e, necessariamente, pelos momentos de confronto –, para que se compreendam, por fim e muito fundamentalmente, as semelhanças, paralelismos e especificidades com as atmosferas de contaminação entre a Revista *Nu* e o DARQ.

Um olhar sobre a FAUP: Revista *Unidade*, *Dédalo* e *Ma*

Esta análise pretende reforçar, neste mesmo seguimento, que a *Nu* e o DARQ, tão somente, não serão o único par possível de análise no que a confrontos e inquietações no meio académico dirá respeito. Como aliás se verificará, terão decorrido do contexto editorial estudantil um conjunto considerável de revistas de estudantes, cada uma com as suas especificidades, com os seus atores e com as suas redes – e, como tal, fará sentido reconhecê-las.

Destacam-se, então, as revistas *Unidade*, *Dédalo* e *Ma*, integradas no contexto académico da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). Para que se compreenda devidamente o aparecimento das publicações de estudantes no contexto académico da FAUP é perentória a compreensão das especificidades e paradigmas que se faziam sentir, nesse exato momento, e que, muito essencialmente, se terão pretendido interrogar – como aliás se verificará.

Ora, num período em que a Faculdade de Arquitetura do Porto se elevaria internacionalmente

O mundo é esta revista. Unidade. Não que se acredite no que é possível mas precisamente no contrário. Esta revista é o nosso mundo de pernas para o ar. Desconfortável é ser cinzento todas as manhãs, cumprir o cigarro, gesticular desânimo. O espaço manobra-se e ser indiferente é uma forma de terrorismo.



Depois de "Somos quase livres", já como Associação de Estudantes, a seguir parecia querer transformar-se rapidamente em "Estados quase presos". Um peso imortalizava outros, compreendendo que se associasse de estudantes é ser político, onde ser político é ser tecnocrata. Não, "respeitador" fraco. A hierarquia subia, a modéstia estrugiu e ser possível é voltar-se for sobre sempre.

Estávamos alguns passados. Longe de quem usava as palavras "respeito" e "boa imagem" enquanto ficavam e invejados, representando a maior vontade de agir atuando agressividade ou insuando representado. Porque as vezes somos barões e orgão e mordões como o mundo e às vezes queremos que com ele não perdemos os sentidos. Na RUA Universitária não se responsabiliza com peso que tenhamos dito a seguir na Escola, na imbução moralista do dever e do bom senso apontar a decisão, realmente justa.

E nós mordemos "A arquitetura morda", o factor devida, a dimensão que ficou a mais dentro de todos, uma festa. Queríamos uma festa que nos deixasse e festejasse. Com a arquitetura de resposta a nossa vida, não vivemos nem cura.

Na escola ou não se associou. Dois passados. Não se associa porque não se associa e sempre presentes dizem brilho a antiga ideia.

A Escola. Um espaço de desconhecimento, ali, às vezes, porque isso é essencial, mas não de raiz nem de indiferença. A Escola não parece que é mais e confunde a sua legítima política. O tom simultaneamente místico e realista, místico e radical das palavras de A. Siza e das palavras de A. Alves Costa, estando certamente comprometido a todos os níveis institucionais, talvez quebra-se, dilua-se no nome discurso na tarefa. A Escola vive entre estes tempos, afetos, distantes, total e outro bem mais "pálpavel".

Deus mais presente e pouco capaz totalmente colmo, pouco, sem sabor. Esta espécie de equidistância, permitindo dispor-se, se admitindo contudo alguma forma de esperança.

Entretanto algumas coisas ficaram pelo caminho. O departamento "Além do futuro" criado para estudar o programa de vida "Somos de colar um", não tinha decididamente qualquer futuro na RUA Universitária. Tendo sido bastante suficientemente académicos ou suficientemente "respostáveis". ... São porque não são Universitários tipo firma, honra tipo ago. Prefere a sua vez mais do que estar a lidar e transmitir o mundo em play-back, a cortar paralela das filas. Está no top das filas, abençoado seja.

Por esta altura só nos restava entrar perdidos. Foi o que fomos. "Nada há romance nesta época!" era a ordem de quem se "trouxe as noivas" a todos os quartos. Como se realmente descolamos a condição plena de ser estudantes.

Estar desperto e inquietante, desgar rancor, eu acredito sempre assim. E assim dizer "sem consigo e sempre sempre estudantes". Na verdade, quanto se entra no Pavilhão Carlos Paredes de arquitectura Alves Siza.

E agora a revista. É uma soma de pedacinhos Unidos, em compasso. "O tempo precisa sempre um tempo" era o mote escolhido para o livro de texto que se faziam, organizando em realidade de tempo sobre um tempo de realidade. E "porque não se homens quem faz a tempo", propõe-se a invenção fugaz dos nomes, a cruz do corpo da vida. João Miguel, Manuel Jorge, Manuel Mendes e muitos outros, impulsionam-se neste número de revista porque nos têm acompanhado e trazido novos sentidos.

A arquitectura surge como "o condutor não aceite" fundo temático da revista. Surge em forma de catálogo de espaços. "A escola de um porta - 27 trabalhos encorajados", realizada com praticidade de 27 alunos com o objectivo de analisar nas entrelinhas feitas a António Lima, A. Alves Costa e Manuel Graça Dias, três momentos de A. Siza.

JOSÉ MANUEL PEREIRA



Queremos falar contigo.
Queremos o teu número de telefone.
Queremos homens essenciais para essenciais delitas.
Então que se chegar.
Agora mórdo!

quer pelas suas figuras – mais concretamente, pela de Álvaro Siza –, quer pelas novas instalações, por uma tal ideia de identidade e, no fundo, por estar em voga, despoletava-se uma atmosfera de descontentamento por parte do corpo estudantil que então interrogava: “Não há romance nesta escola?”¹.

Havia-se sentido, no espaço da Escola, o desejo claro de denunciar um tal sentimento de desilusão, motivado pelas incertezas, insuficiências e indefinições pedagógicas do contexto académico; potenciava-se, assim, entre outras iniciativas², a criação da Revista *Unidade* – “um espaço de descontentamento”³, tão livre quanto pretensioso, determinando, através deste, “a criação de um lugar, muitas vezes indispensável, de distância crítica e até de respiração”⁴.

Pretender-se-ia, com tal publicação, concretizar um espaço de intervenção transformadora e absolutamente crítica no sentido da proposição, jamais passiva ou, tampouco, indiferente. Assim, ambicionava-se que a *Unidade* traduzisse, desde logo, a “vontade de agir simulando agressividade ou insinuando insensatez”⁵, contribuindo para a participação efetiva na vida da Escola e provocando, tão desejavelmente, o debate horizontal entre agentes. Saliente-se, neste sentido, que o próprio debate interno da Revista se terá manifestado, na medida exata, horizontal; comprova-se, aliás, pelos contributos de Alexandre Alves Costa e Manuel Graça Dias (*Unidade 1*), Paulo Varela Gomes e João Luís Carrilho da Graça (*Unidade 2*) e Nuno Portas e Fernando Távora (*Unidade 3*) no que ao debate do *romance* que aparentava ser o ensino da arquitetura na FAUP terá dito respeito.

O primeiro número da Revista *Unidade*, publicado em Julho de 1988, com direção de Jorge Figueira, esclarece-se como “uma conquista”⁶ marcada quer pela transição, quer pela convergência; no fundo, “poder-se-á também dizer que a *Unidade* significou a criação de um espaço com as suas próprias coordenadas, numa Escola tida como avessa a outros destinos que não o seu”⁷. Assim, coabitaria no primeiro número da *Unidade* uma abordagem mais circunscrita à Escola, numa lógica de contaminação, bem como as abordagens mais

¹ Intervenção estudantil pintada nos muros da Quinta da Póvoa, pelos estudantes da FAUP.

² Saliente-se, desde logo, o Manifesto redigido pelos estudantes do 2º ano, em 1987/1988, apresentando este um conjunto de críticas essencialmente genéricas do funcionamento do curso de arquitetura; o Manifesto *Somos Quase Livres!*, a propósito da campanha eleitoral da Lista 1, candidata à Associação de Estudantes da FAUP, em 1987; e, por fim, a criação do *Departamento Desilusão!* – responsável pela publicação da Revista *Unidade*.

³ Jorge Figueira, “O mundo é esta revista”, *Unidade 1*, Julho, 1988, 3

⁴ Jorge Figueira, “Submarinos e subsídios”, *Unidade 3*, Junho, 1992, 3

⁵ Jorge Figueira, “O mundo é esta revista”, *Unidade 1*, Julho, 1988, 3

⁶ *Ibid.*, 3

⁷ Jorge Figueira, “Lembrar e esquecer: a unidade (1988-1992)”, *Nu #18*, Março, 2004, 50

distantes da esfera desta e, em certa parte, da própria arquitetura – tratando, tão validamente, conteúdos das suas áreas mais complementares⁸.

Ora, se o primeiro número da *Unidade* teria sido despoletado, fundamentalmente, pelas inquietações e intervenções anárquicas de alguns estudantes da FAUP, também a *Unidade 2*, publicada em Novembro de 1989, seria notoriamente influenciada pelo manifesto “Ousar, Experimentar”, assinado por “dez indivíduos do 4º e 5º ano”⁹ – procurando este refletir, desde logo, sobre a visão e posição de tais agentes em relação ao *status quo* da Escola. Tal manifesto terá pretendido denunciar, em última instância, a dinâmica escola-atelier, “manifestamente insuficiente como forma de ensino”¹⁰, assim como a desvalorização da teoria enquanto parte integrante do processo de projeto, não existindo, pois, “uma orientação pedagógica clara e interveniente, que perturbe e motive os estudantes”¹¹.

Se, por um lado, “Ousar, Experimentar” pretenderia pôr uma Escola a falar, a *Unidade 2*, por sua vez, terá potenciado, precisamente, a criação de um espaço para tal, permitindo o confronto entre estudantes e docentes, estimulando a contaminação do meio académico. Ter-se-á, por isso, incitado os docentes a refletir criticamente sobre os problemas que haviam sido enunciados – em tom de provocação –, destacando-se, desde logo, os contributos de Nuno Portas, que havia encarado tal manifesto como um “aviso sério no ambiente da escola em geral”¹² ou Alexandre Alves Costa, denunciando a pedagogia escola-atelier como “pervertida, no somatório dos discursos individuais de docentes/arquitectos sem disponibilidade para pensar e construir uma plataforma pedagógica comum”¹³.

De facto, ter-se-á proposto coletivamente a discussão e qualificação do ensino na FAUP, quer pela voz dos estudantes, cuja posição se representaria pelo “Ousar, Experimentar” e pela *Unidade*, quer pelos docentes, que não se manifestariam indiferentes a tal contexto de alvoroço estudantil – verificando-se, conseqüentemente, a reformulação do Plano de Estudos¹⁴.

⁸ Os conteúdos da *Unidade 1* terão privilegiado, simultaneamente, abordagens íntimas com a poesia, pintura, música e cinema.

⁹ Cf. Manifesto *Ousar, Experimentar*, divulgado em Dezembro de 1988 e publicado, mais tarde, na *Unidade 2*. Saliente-se, ainda, que os autores de tal manifesto seriam, curiosamente, membros do *Departamento Desilusão!* e da Revista *Unidade*.

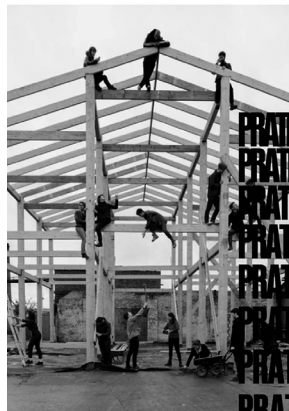
¹⁰ Eugénio Macedo *et al.*, “Ousar, Experimentar”, *Unidade 2*, Novembro, 1989, 58

¹¹ *Ibid.*, 58

¹² Nuno Portas, “Respostas de várias personalidades da FAUP ao folheto”, *Unidade 2*, Novembro, 1989, 61

¹³ Alexandre Alves Costa, “Ousar Pensar a Escola”, *Unidade 2*, Novembro, 1989, 73

¹⁴ Tal reformulação decorrida em 1994, terá procurado, precisamente, colmatar as falhas pedagógicas a nível teórico, assim como a comunicação horizontal dos conteúdos programáticos - já denunciadas pela *Unidade*.



PRATICASEMTRANSGRESSAOPRATICASE
PRATICASEMTRANSGRESSAOPRATICAS
PRATICASEMTRANSGRESSAOPRATICA
PRATICASEMTRANSGRESSAOPRATIC
PRATICASEMTRANSGRESSAOPRATI
PRATICASEMTRANSGRESSAOPRAT
PRATICASEMTRANSGRESSAOPRÁ
PRATICASEMTRANSGRESSAOPR
PRATICASEMTRANSGRESSAOP
PRÁTICAS EM TRANSGRESSÃO

DÉDALO

LANÇAMENTO DA REVISTA
+CONFERÊNCIA

**FRAN EDGERLEY
ASSEMBLE STUDIO**



07/01 | 19.00H | AUDITÓRIO FERNANDO TÁVORA | FAUP

106 | Cartaz do lançamento da *Dédalo 2017: Práticas em Transgressão*, Janeiro 2019

Se os dois primeiros números da *Unidade* decorreriam, manifestamente, do desejo de aprofundar um crescente diálogo com a Escola e, *quicá*, à contaminação desta, a *Unidade 3*, por sua vez, deslocaria as atenções para fora da esfera da Escola – determinado, em certa medida, tal tendência nos números que se seguiriam. Assim, a *Unidade 4* (1994), a *Unidade 5* (Maio, 1997), a *Unidade 6* (Setembro, 1998), a *Unidade 7* (Dezembro 2008) e, por fim, a *Unidade 8* (Novembro, 2014) terão desafiado, mais precisamente, o ato de olhar pela janela, encarando as problemáticas arquitetónicas contemporâneas – não necessariamente relacionadas com a Escola.

No seguimento de tais análises e interpretações decorre, por fim, o argumento de que a Revista *Unidade* ter-se-á manifestado enquanto espaço de reflexão, discussão e contaminação do processo de aprendizagem; no fundo, terá permitido estimular um olhar crítico e progressista dos agentes da Escola, descodificando discursos e inquietações e clarificando atitudes e posições. Em síntese, reconhece-se que, pese embora a sua publicação flutuante, a presença da *Unidade* no meio académico ter-se-á demonstrado pertinente, persistente e reacionária o suficiente para deixar cicatrizes no seu contexto académico.

Paralelamente, surgiria uma nova publicação: a Revista *Dédalo*, ainda que as motivações não se revelassem necessariamente coincidentes com o projeto editorial estudantil já existente e aqui analisado. Criada em 2006, a *Dédalo* procuraria – em parte à semelhança da *Unidade* –, “discutir e abordar conteúdos da disciplina da arquitetura”¹⁵; contudo, não se pretenderia fazê-lo de modo absolutamente ancorado a um tal discernimento condizente com as perceções académicas, ou seja, ter-se-á procurado, em última instância, escapar “do autismo intelectual da FAUP, tendo sempre no horizonte a dialéctica da arquitectura com outras disciplinas”¹⁶.

Os números publicados terão refletido, precisamente, tal desejo; manifestava-se a vontade de decifrar conceitos mais abrangentes da disciplina, como ‘forma’ (*Dédalo 1*), ‘movimento’ (*Dédalo 2*) e ‘matéria’ (*Dédalo 3*), assim como as questões mais específicas da profissão, da cidade e das suas políticas (*Dédalo 10: Who lives next door?*). Terá existido, ainda, o espaço para se questionar a vida que se desenrolaria no meio académico e, pese embora o seu “assumido tom não-institucional, irreverente na total liberdade editorial”¹⁷, a *Dédalo* terá refletido “as motivações internas que, por sua vez, e pelo cunho estudantil de uma faculdade de arquitectura, serão dificilmente indiferentes às circunstâncias da Escola”¹⁸.

¹⁵ Pedro Neto, “Editorial”, *Dédalo 1*, Fevereiro, 2017, 2

¹⁶ *Ibid.*, 2

¹⁷ Fernando Pimenta, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 04 de Outubro, 2020

¹⁸ *Ibid.*



ÍNDICE

6	Sobre a mesa Coleccionar	54	Coleção
8	O homem que sorria por trás da janela David La	62	Michael (Peter Lina) Luis Gama (Hélio Lina) ECL Arquitectos
22	Sobre marcos, Sobre a realidade como fábrica Alba Neves	68	Alberto Corpe Baeta Christine Kelly Eduardo Neves Evo Wondol Gareth Williams Isidoro Lacerda Thomas Kröger
23	Mapas e mapas Teresa Chu	70	François Viera & Campos David Laing (ECL) Kengo Kuma Oliver Larrea Thomas Podszuscher Yoon Kwon Yoon Kwon Yoon Kwon Yoon Kwon Yoon Kwon
24	Corpo inconhecido, coleção e um espetáculo perdido Ana Luísa Cames	75	Emília Jorge Ribeiro
30	Seminar Johannes (Hubert) Hubert		
34	A Resposta Bela Simões		
36	Coleccionar é possibilitar um ex que fica Diana Cames		
37	Fragmentos Rafael Lopez		
38	Estímulo e Práticas de Arquitectura passadas e presentes Cristina Lopes		
44	Coleccionar Cristina Lopes		
48	Coleccionismo Rafael Lopez		
49	O Velho		
50	O Horizonte		
51	Coleção de arte Normando Torres		

Os últimos números publicados pela Revista *Dédalo* – *Dédalo 2017: Processos de Criatividade e Práticas em Transgressão* – terão reforçado, precisamente, essa vontade; por decorrer de uma chamada à participação, potenciando uma desejável contaminação “à qual responderam em maioria colegas de diversos anos e ciclos de estudos”¹⁹; por outro lado, por reunir em si contributos que ambicionariam, desde logo, “uma relação discursiva e participativa expectáveis com a Escola”²⁰.

Tal argumento permite concluir que, sendo a *Dédalo* uma publicação estudantil que se pretende crítica e interventiva, de reflexão e exploração de temáticas diversas e contemporâneas, traduz-se, muito essencialmente, num veículo fértil no que ao “questionamento das relações entre aquilo que é uma prática produtiva da arquitectura e aquilo que é uma prática pedagógica”²¹ dirá respeito.

Mais recentemente, em 2016, surge um novo projeto editorial no contexto académico da FAUP – a Revista *Ma* – contribuindo este, desde logo, para um ambiente escolar fértil e estimulador no que à produção de conteúdos críticos diz respeito. Tal publicação surge, muito fundamentalmente, do desejo de “aproximar e colocar em confronto diversas ideias e opiniões, que incitem o espírito crítico e o diálogo”²². Trata-se, portanto, de “uma plataforma de partilha entre os diversos elementos da comunidade”²³, procurando esta suscitar o interesse e curiosidade de estudantes e docentes, potenciando em simultâneo o “conhecimento, aprendizagem e, acima de tudo, a partilha”²⁴.

Na Revista *Ma* inscrevem-se intenções e motivações que transparecem uma tal intimidade com as atmosferas escolares, assim como as que, naturalmente, dizem respeito ao contexto da arquitectura. Mais concretamente, se por um lado se terá procurado decifrar temáticas “relacionadas com o universo arquitetónico, que permitissem despertar diferentes pensamentos e modos de ver”²⁵, por outro, ter-se-á tentado traduzir aquilo que seria, no fundo, “um registo anual do que havia acontecido na Faculdade, com participações coletivas do departamento editorial, alunos e professores interessados em participar”²⁶.

¹⁹ Fernando Pimenta, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 04 de Outubro, 2020

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*

²² Raquel Statmiller *et al*, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Outubro, 2020

²³ Ana L. Castro *et al*, “Editorial”, *Ma #01*, Setembro, 2017, 6

²⁴ Raquel Statmiller *et al*, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Outubro, 2020

²⁵ *Ibid.*

²⁶ *Ibid.*

Ora, se o primeiro número da Revista *Ma* – Coleccionar – denotaria a intenção de “explorar de forma própria e convicta, inspirar ou, simplesmente, incentivar à reflexão sobre o tema proposto”²⁷; o segundo número – *Compór* –, por sua vez, decorreria de intenções manifestamente influenciadas pelo contexto académico, mais concretamente, com a celebração dos 30 anos da Associação de Estudantes e da sua “coleção de memórias, festas, eventos, revistas, viagens, exposições, debates e discussões”²⁸.

Comprova-se, portanto, a possibilidade de intenções nem sempre concordantes coabitarem. Não obstante, e apesar de se inserir num contexto académico específico e, por isso, “absorver e refletir sobre os momentos que em si decorrem”²⁹, a *Ma* terá procurado, desde logo, “manter uma posição relativamente neutra”³⁰ na escolha das temáticas debatidas. Mais particularmente, ter-se-ão privilegiado temáticas “suficientemente abrangentes, que permitissem um diálogo amplo, livre e reflexivo, integrando diversos contextos arquitetónicos”³¹. No seguimento de tais premissas, comprova-se, uma vez mais, a pertinência de tais iniciativas estudantis e a sua influência no meio em que, naturalmente, decorrem. A Revista *Ma*, mais especificamente – através do seu objeto físico, das conversas, apresentações e lançamentos a si associados –, terá permitido, precisamente, “dar voz à reflexão pessoal e coletiva, possibilitando a cristalização temporal do que se defende em determinado momento, onde cada edição transparece as reflexões e pensamentos da geração envolvida”³².

Assim, o que se propõe como desfecho é, muito fundamentalmente, que tais projetos editoriais estudantis possibilitam, tão incessantemente, estimular o espaço escolar em que decorrem – não só pelos conteúdos transmitidos, mas pela partilha e instigação entre estudantes, docentes e outros profissionais. À parte disso, compreende-se que a coabitação destes organismos – mais residuais e, em certa parte, menos transversais – terão complementado e enriquecido o espaço de reflexão da Escola, com as suas ambições e inquietações tão específicas, pelo que se reconhece a sua pertinência enquanto ferramentas de aprendizagem através das quais se constrói Escola.

Em síntese, a *Unidade*, a *Dédalo* e a *Ma* terão, em última instância, estimulado o espaço para uma tal possibilidade de intervenção e reivindicação democráticas nas dinâmicas e perceções estudantis, face à Escola enquanto instituição e projeto de ensino.

²⁷ Ana L. Castro *et al*, “Editorial”, *Ma* #01, Setembro, 2017, 6

²⁸ Raquel Stattmiller *et al*, Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação, 03 de Outubro, 2020

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

³² *Ibid.*



108 | *Cosa Mentale*: a ideia em arquitectura, 2012
109 | Lançamento da Revista *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019

DARQ e Revista Nu: sinergias, afinidades e contradições

Embora a presente investigação se constitua, na sua génese, por motivações fundamentalmente pessoais, ter-se-á pretendido, desde logo, construir um pensamento crítico, devidamente fundamentado, com rigor teórico, e cujo ceme se terá suportado por uma abordagem de desenvolvimento horizontal – como se de um rizoma se tratasse.

De facto, a análise e interpretação da evolução editorial, social e pedagógica da Revista *Nu* terá permitido reunir uma amostra daquilo que terão sido, em parte, as contaminações entre esta e o Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra. Ora, embora se reconheça a impossibilidade de definir, *a priori*, uma proporção direta entre ambos, é inegável a existência de uma tal ligação – seja por sincronia, oposição ou complementaridade.

Para tal, terá contribuído a construção de um olhar objetivo sobre a Revista, aos olhos da sua composição, da sua estrutura e dos seus conteúdos, assim como do DARQ, das suas especificidades e paradigmas, tendo em vista, ora então, compreender de que modo as contaminações terão decorrido. Denote-se, neste mesmo sentido, que tal percurso jamais se definiria como sendo absolutamente linear, precisamente por se representar por avanços, recuos e desvios assumidos.

No seguimento de tal argumento, importa referir, de antemão, que as contaminações decorridas não definirão, tão necessariamente e por si só, que a *Nu* transparecerá um reflexo do DARQ; em última análise, poder-se-á afirmar que, em momentos específicos, a Revista poderá assumir-se como um termómetro da Escola, da sua intensidade, da sua dedicação e das suas intenções – sendo precisamente este caminho que doravante se pretenderá desbravar.

A Revista *Nu* tem-se construído de modo tão paralelo à Escola quanto motivado por esta; isto é, se por um lado se tem manifestado enquanto projeto editorial coletivo com uma certa autonomia, no que à produção de conteúdos e permanência enquanto ferramenta de aprendizagem dirá respeito; por outro, a sua própria construção tem sido estimulada, muito essencialmente, pela ambição de preencher alguns vazios que se considera existir na estrutura pedagógica da Escola. Ter-se-á comprovado, assim, que pese embora o silêncio de uma das partes, a outra não tenderá, tão necessariamente, a calar-se.

Compreende-se que a *Nu* terá permitido, de facto, deixar-se influenciar pelas atmosferas, atitudes e intenções da Escola; não obstante, terá determinado uma tal influência sobre o meio académico – seja pelo seu contributo enquanto espaço de discussão, seja pela produção de conteúdo crítico ou, tão simplesmente, pelos eventos que terão potenciado, em última análise, uma tal elevação da Escola. Neste sentido, compreende-se que os momentos de contaminação



110 | António Bettencourt e Carlos Antunes à conversa com a *Nu*, 2018

111 | Alexandre Alves Costa à conversa com a *Nu*, 2019

terão, efetivamente, decorrido no meio acadêmico, ainda que, por vezes, com maior ou menor frequência e intensidade – reconhecendo na *Nu* a intenção de estimular esses confrontos e (possíveis) contaminações.

Tal interpretação é suportada, desde logo, pela densidade de contributos de agentes do DARQ – docentes e estudantes externos ao corpo editorial – impressos quer no objeto físico, quer no processo de construção mental das diversas publicações, denunciando o desejo de considerar e expor um modo de ver algo periférico à Revista. À parte disso, reforça a premissa estabelecida a preferência por temas-conceitos que, tão naturalmente, decorreriam de atmosferas íntimas com o meio acadêmico e através dos quais se expressaria – maioritariamente por oposição – um modo de pensar sobre tal contexto aos olhos do corpo editorial. Por fim, também os eventos e iniciativas estimulados pela *Nu* terão apresentado, na sua génese, uma vontade efetiva de potenciar um diálogo a um nível, diga-se, estratosférico, devidamente inclusivo e transparente, tendo em vista a contaminação.

Entende-se que a Revista *Nu* reflete, em primeira instância, as intenções e motivações do seu corpo editorial, assim como as dinâmicas por este estimuladas, não significando por isso que nela se transpareçam, tão direta e necessariamente, as intenções e motivações do corpo estudantil ou, tampouco, do corpo docente³³. Neste sentido, acredita-se que afirmar, tão levianamente, que a *Nu* é, efetivamente, um reflexo da Escola significará desenvolver uma perspetiva generalizada, cuja conclusão se baseará, tão somente, em premissas falaciosas. Desde logo, porque implicaria concordar que um corpo editorial mais vigoroso e vivaz decorreria, necessariamente, de um contexto académico igualmente desperto; de facto, ter-se-ão verificado momentos e tendências que comprovam, precisamente, o oposto.

Veja-se que no período exato em que o contexto académico se marcaria pela presença de movimentos estudantis anárquicos, cuja génese pretenderia, tão intensamente, alvoroçar o debate em torno da construção de Escola³⁴, a Revista *Nu*, por sua vez, terá ocupado o seu espaço de debate e intervenção em torno de questões intimamente relacionadas com a arquitetura³⁵. Simultaneamente, no período em que do contexto académico decorreriam os debates unilaterais

³³ Entenda-se, de antemão, que estudantes e docentes não se constituem como corpos autónomos, tampouco dicotómicos. Uma interpretação em sentido inverso incorre o risco de desenvolver um tal generalização quando, no fundo, o que se terá pretendido na presente investigação, em última análise, terá sido mapear agentes e momentos mais ou menos ativos e vigorosos, pretendendo, ora então, compreender fenómenos ao invés de determinar um tal padrão abstrato.

³⁴ Cf. Subcapítulo *Movimentos estudantis na construção da Escola*, 51

³⁵ Cf. Subcapítulo *Publicações: temas-conceito*, 91

em torno da ideia de 'Escola de Coimbra', somente a Revista *Nu* terá manifestado a inquietação e a intenção de participar ativamente nesse debate e, através do questionamento, dar voz ao corpo estudantil.

No fundo, o que se propõe como desfecho é o entendimento de que os momentos de confronto e contaminação se revelam absolutamente indispensáveis no que à construção de uma ideia de Escola dirá respeito. Dado o sentido de tal argumento, conclui-se que, se por um lado a Revista *Nu* terá contribuído, na medida exata, para um contexto académico mais atento e inquieto, por outro, as atitudes, perspectivas e inquietações dos agentes da Escola deverão, tão necessariamente, caminhar nesse mesmo sentido.

Tal premissa poderá ser transporta, claramente, para o contexto em que decorreriam as revistas de estudantes na Faculdade de Arquitetura do Porto. Embora se tenham desenrolado estas em ambientes físicos, sociais e pedagógicos particulares – distintos dos da Revista *Nu* principalmente pela sua dimensão superior no que ao espaço físico e número de agentes diz respeito – reconhece-se o desejo comum de pensar arquitetura e, tão validamente, pensar Escola - reconhecendo que algo lhe faltaria. Tais organismos revelaram em si a capacidade de acompanhar a História, descodificando-a e contando-a através das imagens e palavras (por vezes ingénuas, atrevidas e descomprometidas) dos seus protagonistas; estendendo-se estas para o meio académico.

Saliente-se, por fim, a importância de um contexto académico no qual se levantam questões, no qual a dúvida se revela notoriamente mais importante e pertinente do que qualquer certeza; sendo mais relevante afirmar do que interrogar, discutir do que, tão simplesmente, descrever. De facto, em arquitetura opera-se na incerteza e, como tal, os agentes da Escola deverão explorar, precisamente, esse caminho.

A REVISTA NU ENQUANTO ESPAÇO (INFORMAL) DE APRENDIZAGEM

Partindo da premissa de que o espaço escolar, além de promover interações absolutamente formais, deverá criar, tão validamente, oportunidades e condições estimuladoras de encontros e contactos informais entre os seus agentes – contribuindo para o seu processo de aprendizagem –, sublinha-se, em estreita sincronia, o papel da Revista *Nu* na provocação de aprendizagens informais – diretamente, entre pares, e transversalmente, estendida aos agentes da Escola.

Como aliás se terá exposto, a experiência de aprendizagem contemporânea decorre muito além da sala de aula e reconhece, tão simultaneamente, as atividades extracurriculares enquanto espaços e momentos igualmente propensos à sua concretização. Por este motivo, considera-se que a importância das experiências pedagógicas não letivas e informais se adensa quando analisada e interpretada aos olhos da Revista *Nu*, do seu contexto, das suas intenções e intervenções – tão necessariamente específicas e relevantes na construção de possibilidades propensas à aprendizagem ativa entre os agentes da comunidade escolar. Nesse sentido, salienta-se a pertinência da *Nu* enquanto revista de estudantes – uma outra via para a aprendizagem da arquitetura – através da qual se intensifica o debate disciplinar em torno da disciplina, reunindo em si um inestimável valor, quer a nível pedagógico, quer a nível cultural.

De facto, a Revista *Nu* tem-se apresentado como ferramenta de aprendizagem, decorrida em contexto informal, na qual se refletem e discutem abordagens (por vezes) alternativas às privilegiadas no percurso estritamente curricular. Trata-se, portanto, de um espaço de exploração e debate de temas íntimos com a arquitetura, potenciando-se, assim, um complemento à formação que decorre paralelamente na Escola.

Tal argumento comprova a importância da *Nu* enquanto organismo informal, estimulador de encontros e confrontos (essencialmente) entre pares, concretizando quer pelos números

publicados, quer pelas atividades e iniciativas que desenvolve – e através das quais se complementa e constrói (também) a própria Escola. No fundo, acredita-se que a Revista *Nu* representa um veículo para a exploração das curiosidades e inquietações do corpo editorial, atuando de forma operativa, e traduzindo-se, tão simultaneamente, num transmissor de conhecimento para o qual a sala de aula, por si só, não se terá manifestado suficiente.

A Revista *Nu* tem representado, por isso, o esbater das fronteiras no que às possibilidades educativas diz respeito; e, precisamente por não procurar transparecer um certo tom institucional – tampouco íntimo ou condizente com os conteúdos privilegiados nos espaços formais do meio académico –, tem potenciando uma atmosfera escolar mais crítica, diversa e desperta.

Com tal argumento pretende-se afirmar, no fundo, que a sala de aula nem sempre se revela, tão unicamente, o espaço de aprendizagem por excelência. As experiências educativas que decorrem entre tantos outros espaços, cenários e possibilidades, e nos quais coexistem processos e atividades férteis e propensas à aprendizagem – ainda que nem sempre formais e programadas –, representam, simultaneamente, uma mais valia no processo ensino-aprendizagem e no desempenho escolar dos agentes da Escola.

Tal entendimento considera que da articulação entre experiências formais e informais resulta a criação e construção de um ambiente escolar mais completo, mais estimulado e estimulador – no fundo, mais vivo.

No seguimento destas reflexões, e como antecipado anteriormente, afigura-se a Revista *Nu* como ferramenta de aprendizagem; desde logo, por representar uma plataforma de debate entre colegas, no qual se potencia o desenvolvimento de instrumentos através dos quais se estimula e complementa o sentido crítico dos contextos da disciplina – constituindo-se, assim, como espaço fundamental na formação de estudantes ativos, dinâmicos e atentos.

Simultaneamente, importa reconhecer a Revista *Nu* enquanto espaço coletivo no qual se concretizam e potenciam as interações sociais entre indivíduos, concretizada através do trabalho desenvolvido em equipa e no qual coabitam, necessariamente, modos de estar e apreender nem sempre coincidentes. Tal dinâmica permite, assim, desenvolver competências de diálogo e compreensão fulcrais e indispensáveis para o futuro pessoal e profissional dos seus agentes.

Ora, a perceção supracitada possibilita suportar e servir de charneira, precisamente, para o argumento que imediatamente se procurará expor. De facto, o contexto em que a disciplina decorre hoje, por ser veloz e imediato, exige a presença de um pensamento crítico e acutilante dos seus profissionais, colocando em perspetiva os projetos, a encomenda, as condições sociais,



ambientais e políticas em que decorrem – por isso, a reflexão em arquitetura manifesta-se, neste ponto, absolutamente determinante.

Em última instância, propõe-se como hipótese a premissa de que a *Nu* se assume enquanto plataforma capaz de construir, na medida exata, essas bases tão necessárias; reconhece-se, por isso, que esta tem incentivado a construção de uma bagagem teórica que contribui para essa capacidade de pensamento em arquitetura – ainda que com a leveza e a frescura tão características que o contexto estudantil naturalmente pressupõe.

Em síntese, entende-se que a Revista *Nu* representa um papel inestimável no meio acadêmico, seja pela sua intensidade, seja pela dedicação e revelação que, gradualmente, foi expondo e imprimindo em tal contexto. Não obstante, não se poderá deixar de reconhecer, por um lado, a importância e urgência desta se apresentar devidamente contemporânea, adequada e inserida nos tempos que decorrem; e, por outro, legitima-se a ideia de que a existência da *Nu* no contexto acadêmico não deverá impedir, em momento algum, que outras iniciativas igualmente pertinentes – *quicá* com âmbitos distintos – decorram com uma tal naturalidade e eficácia.

Mais específica e concretamente, o que se pretende defender é a pertinência da Revista se reinventar; o seu contexto poderá, em determinado momento, não justificar a sua existência nos moldes e dinâmicas em que decorre e, precisamente por isso, uma tal adaptação e conformidade seriam tão desejáveis quanto perentórias. Deverá a *Nu*, ora então, responder particularmente ao desejo dos seus agentes e ao tempo em que decorre, com uma leveza tal que potencie o desenrolar das suas ações e que permita não se manifestar refém de um passado ou de uma vontade que não lhe pertence.

Simultaneamente, deseja-se que a Revista *Nu* possa, em última instância, estimular a criação de outros projetos – mais fragmentados, pese embora igualmente complementares –, com ambições e campos de ação específicos. Tais organismos, existindo, permitirão falar de uma comunidade estudantil atenta, consubstanciada e desafiante, que procura a sua voz e o seu próprio espaço de intervenção, contribuindo quer para a instigação da Escola, quer da própria disciplina.

Em síntese, reconhece-se que a Revista *Nu*, por ter sido tão subversiva, tem constituído um papel de extrema relevância no estímulo da expressão estudantil e da instigação das suas posições individuais e coletivas, sempre com um tom de inpedência relativamente à sua estrutura académica – didático-pedagógica ou institucional. Emergindo e submergindo, a *Nu* tem criado um espaço fértil de interrogação, inquietude e explosão do seu meio; tem refletido a saúde do corpo estudantil enquanto massa crítica, assumindo a responsabilidade e propriedade dos seus discursos e posições – através dos quais, tão destemidamente, se aprende arquitetura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, Francisco. “O processo do Há Baixa como método para a transgressão”. *Dédalo 11: Práticas em Transgressão*, 2018.

Almada Negreiros, José de. Manifesto Anti-Dantas e por extenso. Porto: Assírio & Alvim, 2013.

Alves Costa, Alexandre. “Ousar Pensar a Escola”. *Unidade 2*, Dezembro, 1989.

Alves Costa, Alexandre *et al.* “Escola de Coimbra...” *In Encontros de Tomar: I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*, 7. Coimbra: e|d|arq, 1997.

Alves Costa, Alexandre. “Ok Técnico”. *ECDJ 2: 10 Anos de Arquitectura no Colégio das Artes*, Março, 2000.

Alves Costa, Alexandre. “Coimbra é Portugal Inteiro”. *Nu #12 Onde está Coimbra?*, Junho, 2003.

Alves Costa, Alexandre. “Entrevista”. *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.

Arendt, Hannah. *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

Aristides, Rui. “Plágio: Rachel Whiteread”. *Nu #14 Oposições*, Novembro, 2003.

Aristides, Rui. “Um acontecimento cultural”. *Nu #20 Onde está Portugal?*, Fevereiro, 2005.

“Arquitectura ‘barricada’”. *Diário de Coimbra*, 24 de Abril, 2001.

Atelier do Corvo. “Quatro projecto no Sul”. *Nu #36 Sul*, Março, 2011.

Bandeirinha, José António. “Matriochka Portugalia”. *Nu #19 Colagens*, Abril, 2004.

Bandeirinha, José António & Canto Moniz, Gonçalo. “O Workshop como Projecto de Investigação”. *ECDJ 11: Construir (na) Memória*, Abril, 2008.

- Bandeirinha, Rosa. “O Limiar do Claustro: Origens e Práticas do Departamento de Arquitectura”. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2013.
- Beirão, Daniel. “Editorial”. *Nu #20 Onde está Portugal?*, Setembro, 2004.
- Beirão, Daniel. “Manipular o jogo, Manipular as massas”. *Nu #22 Game Design*, Fevereiro, 2005.
- Beirão, Daniel. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 03 de Julho, 2020.
- Bettencourt, António & Antunes, Carlos. “À conversa com”. *Nu #44 Limite*, Maio, 2018.
- Blaufkus, Daniel. “À conversa com”. *Nu #42 Memória*, Abril, 2014.
- Borges, Pedro Maurício. “A propósito da exposição TAPE...”. *ECDJ 2: 10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes*, Março, 2000.
- Borges, Tiago & Aristides, Rui. “Manifesto DARQ: Versão 1.1”. Coimbra, Fevereiro, 2005.
- Borges, Tiago. “Tom Zé”. *Nu #23 Brasil*, Março, 2005.
- Bransford, John D., Brown, Ann L. & Cocking, Rodney R. *How People Learn: Brain, Mind, Experience and School*. Washington, DC: National Academics Press, 2000.
- Brígida, Pedro. “Entrevista”. *Nu #44 Limite*, Maio, 2018.
- Brites, José. “Um workshop para provar que nem tudo se aprende nas aulas de projecto e o drama extra-curricular na licenciatura”. *Nu #22 Game Design*, Fevereiro, 2005.
- Byrne, Gonçalo. “Ok Técnico”. *ECDJ 2: 10 Anos de Arquitectura no Colégio das Artes*, Março, 2000.
- Byrne, Gonçalo. “Conversa”. *Nu #19 Colagens*, Abril, 2004.
- Cabrita, Filipa. “Edit”. *Nu #29 Modus Operandi*, Dezembro, 2006.
- Caiado, Pedro. “Uma facada no romance que tem sido a Arquitectura por Coimbra”. *A Cabra*, (Novembro 2012): 12-13.
- Caiado, Pedro. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 25 de Julho, 2020.
- Campo Baeza, Alberto. “Quiz”. *Nu #01 Encruzilhadas*, Abril, 2002.
- Canto Moniz, Gonçalo & Figueira, Jorge. “Nota Prévia”. *Joelho 4*, Abril, 2013.
- Capela, José. “3 vias para o esvaziamento do projeto de arquitetura”. *Nu #43 Zero*, Outubro, 2015.

- Carvalho, Mário. "Al Berto: uma existência de papel". *Nu #04 Mecanismos*, Outubro, 2002.
- Carvalho, Mário. "Pina Bausch: danças ocultas". *Nu #08 Tempo*, Fevereiro, 2003.
- Carvalho, Mário. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 08 de Julho, 2020.
- Carvalho, Mário & Crisóstomo, João. "Respirar debaixo de água". *Nu #32 Ocupa*, Junho, 2008.
- Castro, Ana L. *et al.* "Editorial". *MA #01 Coleccionar*, Setembro, 2017.
- Catré, Maria. "*Conhecer a realidade social do lugar de projeto em contexto académico*". Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2017.
- Chaves, Paula. "Seja realista, exija melhores condições". *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.
- Coelho, Carolina. "Cumplicidades no espaço escolar de hoje." *ARQ'A 109* (Setembro/Outubro 2013).
- Coelho, Carolina. "Place and action: The school building as an enhancer of learning process" *In Architectonics: Mind, Land & Society*, 311-319. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2013.
- Coelho, Carolina. "*Life within architecture from design process to space use*" Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2017.
- Coelho, Carolina. "Escola: entre o dinamizador pedagógico... e a nossa casa". *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.
- Colomina, Beatriz. "Entrevista". *Nu #21 Marginalidades*, Outubro, 2004.
- Correia, Inês. "Game Design". *Nu #22 Game Design*, Fevereiro, 2005.
- Costa, Nuno. "Meet the beat generation". *Nu #02 Lugares*, Maio, 2002.
- Costa, Nuno. "XXX: de Sade a La Fura dels Baus". *Nu #09 Sexo*, Março, 2003.
- Couceiro, Joana *et al.* "Levantar Portugal". *Nu #20 Onde está Portugal?*, Setembro, 2004.
- Crisóstomo, João. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 07 de Julho, 2020.
- dal Co, Francesco. "30 minutos com Francesco dal Co". *Nu #14 Oposições*, Novembro, 2003.
- dal Co, Francesco. "Quiz". *Nu #11 Tecnologias*, Maio, 2004.
- Dantas, Inês, Couceiro, Joana & Pedro, Marta. "Entre vistas". *Nu #40 Entrevistas - Antologia Crítica*, Fevereiro, 2013.

- Departamento de Arquitectura. "Regulamento TAPE". *ECDJ 2: 10 Anos de Arquitectura no Colégio das Artes*, Março, 2000.
- Derrida, Jacques. *Políticas da Amizade*. Porto: Campo das Letras, 2003.
- F.A.C.A. "Comunicado". Outubro, 2012.
- F.A.C.A. "Facada #01: o problema". Outubro, 2012.
- F.A.C.A. "Uma facada no romance que tem sido a Arquitectura por Coimbra". *A Cabra*, Novembro 2012.
- Fala Atelier. "Entrevista". *Nu #42 Memória*, Abril, 2014.
- Figueira, Jorge. "O mundo é esta revista". *Unidade 1*, Julho, 1988.
- Figueira, Jorge. "Submarinos e subsídios". *Unidade 3*, Junho, 1992.
- Figueira, Jorge. "Notas sobre o I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra". In *Encontros de Tomar: I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*, 76-81. Coimbra: e|d|arq, 1997.
- Figueira, Jorge. "Lembrar e esquecer: a unidade (1988-1992)". *Nu #18 Revistas*, Março, 2004.
- Figueira, Jorge. "O Departamento de Arquitectura. E a seguir?". In *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC*, 7-11. Coimbra: e|d|arq, 2018.
- Figueira, Jorge, Canto Moniz, Gonçalo & Correia, Nuno. "O pior nome". *ECDJ 2: 10 Anos de Arquitectura no Colégio das Artes*, Março, 2000.
- Figueira, Jorge et al. *Cadernos DARQ 2010-2016: Ensino de Arquitectura e de Design e Multimédia no Departamento de Arquitectura da FCTUC*. Coimbra: e|d|arq, 2018.
- Fraga, Carlos et al. "Construir uma escola". *(CLAUSTRO)fobia #0*, (Março 2015): 1-2.
- Freton, Tony. "Entrevista". *Nu #37 Mito*, Junho, 2011.
- Furtado, Gonçalo. "Entrevista". *Nu #17 Revolução Digital*, Fevereiro, 2014.
- Gadanho, Pedro. "Equações de identidade na arquitectura recente portuguesa". *Nu #20 Onde está Portugal?*, Setembro, 2004.
- Gigante, José. "À conversa com". *Nu #39 Matéria*, Fevereiro, 2013.

- Gil, Bruno. "Que Coimbra?". *Nu #12 Onde está Coimbra?*, Junho, 2003.
- Gil, Bruno. "Rasgar através do toque". *Nu #18 Revistas*, Março, 2004.
- Gil, Bruno. "Escola de Arquitectura, hoje". Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2005.
- Gil, Bruno. "Desnudar aprendizagens: a propósito da Nu como ferramenta de aprendizagem". *Nu #40 Entrevistas - Antologia Crítica*, Fevereiro, 2013.
- Gil, Bruno. "À conversa com". *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.
- Gil, Bruno. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 10 de Julho, 2020.
- Graça Dias, Manuel. "Entrevista". *Nu #03 Cidades*, Junho, 2002.
- Graça Dias, Manuel. "Da Coerência e da Entrega". *Nu #18 Revistas*, Março, 2004.
- Grande, Nuno. "Internacionalismo crítico". *Nu #18 Revistas*, Março, 2004.
- Grande, Nuno. "Casa da Música: um projeto feio". *Nu #34 Feio*, Outubro, 2010.
- Guimarães, Carlos. "Editorial". *Nu #27 Habitar*, Maio, 2006.
- Guimarães, Carlos. "O ser e a praxis: o modus operandi arquitectónico". *Nu #29 Modus Operandi*, Dezembro, 2006.
- Guimarães, Carlos. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 03 de Julho, 2020.
- Heitor, Teresa. "Potential Problems and Challenges in Defining International Design Principles for Schools" in *OECD/PEB: Expert's group Meetings on Evaluating Quality in Educational Facilities*, 44-54. Lisboa, 2005
- Hertzberger, Herman. *Space and Learning: Lessons in Architecture 3*. Rotterdam: 010 Publishers, 2008.
- Hestnes Ferreira, Raúl. "Comunicação". *ECDJ 2: 10 anos de Arquitectura no Colégio das Artes*, Março, 2000.
- Jordão, Pedro. "Encruzilhadas". *Nu #01 Encruzilhadas*, Abril, 2002.
- Jordão, Pedro. "Lugares". *Nu #02 Lugares*, Maio, 2002.
- Jordão, Pedro. "We are building a new city". *Nu #03 Cidades*, Junho, 2002.
- Jordão, Pedro. "10 Anos de Nudez". *Arte Capital*, Fevereiro, 2012.

- Latour, Bruno. *Reassembling the Social: an introduction to actor-network theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- Lobo, Rui. “A propósito da edição das actas dos encontros”. *ECDJ 2**: *Encontros sobre o Ensino da Arquitectura*, Março, 2000.
- Lopes, Diogo. “Iberê Camargo: um edifício trágico”. *Nu #34 Feio*, Outubro, 2010.
- Lopes, Diogo. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 10 de Julho, 2020.
- Lopes, Diogo & Morão Dias, Inês. “Ocupa a Nu”. *Nu #32 Ocupa*, Junho, 2008.
- Lopes, Diogo, Madeira, Filipe & Morão Dias, Inês. “Very Bored”. *Nu #34 Feio*, Outubro, 2010.
- Lopes, Diogo, Morão Dias, Inês & Barreiros, Maria. “Uma constelação sem forma”. *Nu #40 Entrevistas - Antologia Crítica*, Fevereiro, 2013.
- Loureiro, Luís. “Homeless People”. *Nu #27 Habitar*, Maio, 2006.
- Macedo, Eugénio *et al.* “Ousar, Experimentar”. *Unidade 2*, Dezembro, 1989.
- Madeira, Luís. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 13 de Julho, 2020.
- Mansilla, Luis M. & Tuñon, Emilio. “Quiz”. *Nu #13 Pecado*, Outubro, 2003.
- Martinho, Frederico. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 08 de Outubro, 2020.
- Mendes Ribeiro, João. “Entrevista”. *Nu #05 Áreas de Contaminação*, Novembro, 2002.
- Mesquita, Miguel. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 28 de Outubro, 2020.
- Moore, Gary T. & Lackney, Jeffrey A. *Educational Facilities for the Twenty-First Century: Research Analysis and Design Patterns*. Milwaukee: Wisconsin University, School of Architecture and Urban Planning, 1994.
- Morão Dias, Inês. “Feia, Porca e Má”. *Nu #34 Feio*, Outubro, 2010.
- Morão Dias, Inês. “Cosa Mentale: a ideia em arquitectura”. *Nu #38 Ideia*, Abril, 2012.
- Neto, Pedro. “Editorial”. *Dédalo 1*, Fevereiro, 2007.
- Núcleo de Estudantes de Arquitetura. “Comunicação no 4º Encontro de Tomar”. 27 de Maio, 1999.
- Núcleo de Estudantes de Arquitetura. “Relatório Final das Jornadas Pedagógicas 2015-2016” Julho, 2016.

Núcleo de Estudantes de Arquitetura. “Manifesto Arquitetura na Ruína 2.0”. Outubro, 2018.

Olaio, António *et al.* “Futebol competição – Futebol espectáculo”. *Nu #22 Game Design*, Fevereiro, 2005.

Paixão, Francisco. “O limite do limite”. *Nu #44 Limite*, Maio, 2018.

Paixão, Francisco. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 05 de Agosto, 2020.

Patrão Amado, Pedro. “*Dinâmicas editoriais na cultura arquitectónica: leitura crítica do posicionamento e das estratégias de comunicação da revista NU entre 2002 e 2012*” Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade Vasco da Gama, 2013.

Pawson, John. “Quiz”. *Nu #03 Cidades*, Junho, 2002.

Pereira, Duarte. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 10 de Agosto, 2020.

Pereira, Duarte & Lopes, Pedro. “Zero é zero”. *Nu #43 Zero*, Outubro, 2015.

Perrault, Dominique. “Entrevista”. *Nu #04 Mecanismos*, Outubro, 2002.

Pezo von Ellrichshausen. “Entrevista”. *Nu #36 Sul*, Março, 2011.

Pimenta, Fernando. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 04 de Outubro, 2020.

Portas, Nuno. “Respostas de várias personalidades da FAUP ao folheto”. *Unidade 2*, Novembro, 1989.

Providência, Paulo. “Campus Colibricensis: the wrong direction”. *Nu #12 Onde está Coimbra?*, Junho, 2003.

Providência, Paulo & Canto Moniz, Gonçalo. “Ensinar pelo Projecto”. *Joelho 4*, 2013.

Providência, Paulo. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 29 de Setembro, 2020.

Rabaça, Armando. “EX NIHILLO FIT”. *Nu #43 Zero*, Outubro, 2015.

Ribeiro, Cláudia. “Basta! Pum! Basta!”. *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.

Ribeiro, Cláudia, Saraiva, Inês & Paixão, Francisco. “Onde está a Escola?”. *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.

Romance à Parte. “Romance à Parte #1: Acta da Reunião”. Outubro, 2012.

Romance à Parte. “Em entrevista para o Jornal *A Cabra*”. Novembro, 2012.

Santos, Carolina, Beirão, Daniel & Loureiro, Luís. “Pulsar... a olho Nu”. *Nu #20 Onde está Coimbra?*, Setembro, 2004.

- Saraiva, Inês. "Invadir". *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.
- Saraiva, Inês. Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 14 de Agosto, 2020.
- Schneider, Mark. *Do School Spaces Affect Academic Outcomes?* Washington, DC: National Clearinghouse for Educational Spaces, 2002.
- Scott-Brown, Denise. "Entrevista". *Nu #34 Feio*, Outubro, 2010.
- Seixas Lopes, Diogo. "Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi". *Nu #43 Zero*, Outubro, 2015.
- Silva, Marco. "Escola de Arquitectura em Debate: Entre os (des)Encontros, Entre Porto e Lisboa". Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2017.
- Siza, Álvaro. "Conversa". *Nu #29 Modus Operandi*, Dezembro, 2006.
- Stattmiller, Raquel *et al.* Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação. 03 de Outubro, 2020.
- Teixeira Dias, Jorge. "Coimbrices". *Nu #12 Onde está Coimbra?*, Junho, 2003.
- Teixeira, Filipe. "Cinema e Utopia". *Nu #25 Utopia*, Novembro, 2005.
- Teotónio Pereira, Nuno. "Entrevista". *Nu #27 Habitar*, Maio, 2006.
- Treno, Pedro & Miranda, João. "E agora? Lembra-me". *Nu #42 Memória*, Abril, 2014.
- Trienal de Arquitectura de Lisboa. "Nota Introdutória". *Nu #40 Entrevistas - Antologia Crítica*, Fevereiro, 2013
- van Loon, Ellen. "Entrevista". *Nu #25 Utopia*, Novembro, 2005.
- Varela Gomes, Paulo. "Entre Coimbra e o Mundo." *ECDJ 2: 10 Anos de Arquitectura no Colégio das Artes*, Março, 2000.
- Vasconcelos, Diogo & Martinho, Frederico. "Go South!". *Nu #36 Sul*, Março, 2011.

ÍNDICE DE IMAGENS

- (p. 20) 1 | Diagrama de abordagem abstrata do espaço-escola. Imagem de autoria própria.
- (p. 24) 2, 3 | Diagrama ilustrativo da sala articulada *versus* sala básica. Desenvolvido pela autora com base nas figuras [1] e [2] “Articulation leads to multiple centres” in Hertzberger, Herman. *Space and Learning: Lessons in Architecture 3*. Rotterdam: 010 Publishers, 2008.
- (p. 28) 4 | Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra. Fotografia de autoria própria.
- (p. 30) 5 | Vista aérea do Departamento de Arquitetura em relação com a zona Alta e Baixa de Coimbra. Fotografia de Francisco Paixão.
- (p. 32) 6 | Manifestação Barricada, 2001. Fotografia de Nélia Filipe.
7 | Manifestação Arquitetura na Ruína 2.0, 2018. Fotografia de Diogo Jorge.
- (p. 34) 8 | Proposta de Intervenção, Planta do Piso 1. Desenho de Paulo Providência.
9 | Proposta de Intervenção, Corte AA'. Desenho de Paulo Providência.
- (p. 36) 10 | *Olhar lá para fora*. Paixão, Francisco. “Olhar lá para fora”. Revista *Nu #44 Limite*, Maio, 2018.
- (p. 38) 11 | *Biblioteca, Dep. Arquitetura, Universidade de Coimbra com 4 pinturas de António Olaio*. Fotografia de José Maças de Carvalho.
- (p. 40) 12,13 | Cartaz de divulgação da Assembleia Geral de Alunos, 2018. Arquivo digital do Núcleo de Estudantes de Arquitetura.
14 | Cartaz de divulgação das Jornadas Pedagógicas, 2016. Arquivo digital do Núcleo de Estudantes de Arquitetura.

- (p. 44) 15 | Exposição TAPE 2011-2012, DARQ, Setembro, 2012. Arquivo digital do Núcleo de Estudantes de Arquitetura.
16 | Exposição TAPE 2018-2019, CAPC Sereia, Fevereiro, 2020. Fotografia de Hugo Silva.
- (p. 48) 17 | Debate “Qual o nosso futuro na Universidade?”, Março, 2019. Fotografia de Hugo Silva.
- (p. 50) 18 | Cartaz de divulgação da iniciativa DARQ Reboot, 2005. Arquivo digital da Revista *Nu*.
- (p. 52) 19 | Frase pintada pelo movimento F.A.C.A no claustro do DARQ, 2012. Arquivo físico do Romance à Parte.
- (p. 54) 20, 21 | Intervenção do Romance à Parte no claustro do DARQ, 2012. Arquivo digital do Romance à Parte.
22 | Assembleia de Alunos, Romance à Parte, 2012. Arquivo digital do Romance à Parte.
- (p. 56) 23 | Folheto de divulgação do (CLAUSTRO)fobia. *(CLAUSTRO)fobia: Construir uma escola*, Março, 2015.
- (p. 58) 24 | Lançamento da Revista *Nu* #44 *Limite*, 2018. Arquivo digital da Revista *Nu*.
25 | 2ª Edição do Há Baixa, 2017. Disponível em <https://www.facebook.com/habaixa>.
- (p. 64) 26 | Números publicados pela Revista *Nu*. Arquivo digital da Revista *Nu*.
- (p. 66) 27 | Revistas *Nu* expostas no Departamento de Arquitetura, 2003. Arquivo físico da Revista *Nu*.
- (p. 68) 28 | Diagrama de abordagem abstrata das possíveis ligações estabelecidas pelos atores quando agregados em rede. Desenvolvido pela autora com base nas teorias defendidas por Bruno Latour, in Latour, Bruno. *Reassembling the Social: an introduction to actor network theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- (p. 70) 29 | Diagrama das oscilações da composição do corpo editorial. Imagem de autoria própria.
- (p. 72) 30 | Lançamento da Revista *Nu* #12 *Onde está Coimbra?* em destaque nos órgãos de comunicação social, 2012. Arquivo físico da Revista *Nu*.
- (p. 74) 31, 32, 33 | Planeamento simultâneo de vários números da Revista *Nu*, por Bruno Gil, 2003. Caderno de Bruno Gil.
- (p. 76) 34 | Cartaz de divulgação da iniciativa Vem Construir a tua Revista, 2005. Arquivo físico da Revista *Nu*.
- (p. 80) 35, 36 | Cartaz de divulgação da Exposição *Nu Exposed*, Novembro, 2011. Arquivo digital da Revista *Nu*.

- (p. 82) 37 | Cartaz de divulgação da Reunião Aberta *Nu*, Setembro, 2014. Arquivo digital da Revista *Nu*.
- (p. 84) 38 | Cartaz de divulgação da Reunião Aberta *Nu*, Setembro, 2016. Arquivo digital da Revista *Nu*.
- (p. 86) 39, 40 | Plataforma digital da Revista *Nu*. Disponível em <https://revistanu.net>
- (p. 88) 41 | Cartaz de divulgação da Reunião Aberta *Nu*, Setembro, 2018. Arquivo digital da Revista *Nu*.
42 | Cartaz de divulgação da Livraria *Nu*/NUDA, Março, 2019. Arquivo digital da Revista *Nu*.
- (p. 90) 43 | Elementos constituintes do corpo editorial da Revista *Nu* entre 2002 e 2020. Imagem de autoria própria.
- (p. 92) 44, 45 | Planeamento coletivo em reunião *Nu* dos números a publicar, Novembro, 2006. Arquivo físico da Revista *Nu*.
- (p. 94) 46 | Revista *Nu* #01 *Encruzilhadas*, Abril, 2002.
- (p. 96) 47 | Revista *Nu* #12 *Onde está Coimbra?*, Junho, 2003.
48 | Revista *Nu* #18 *Revistas*, Março, 2004.
- (p. 98) 49 | Revista *Nu* #20 *Onde está Portugal?*, Setembro, 2004.
50 | Revista *Nu* #22 *Game Design*, Fevereiro, 2005.
- (p. 100) 51 | Revista *Nu* #27 *Habitar*, Maio, 2006.
- (p. 102) 52 | Revista *Nu* #29 *Modus Operandi*, Dezembro, 2006.
- (p. 104) 53 | Revista *Nu* #33 *Ocupa*, Junho, 2008.
54 | Revista *Nu* #34 *Feio*, Outubro, 2010.
- (p. 106) 55 | Revista *Nu* #36 *Sul*, Março, 2011.
56 | Revista *Nu* #38 *Ideia*, Abril, 2012.
- (p. 108) 57 | Revista *Nu* #40 *Entrevistas – Antologia Crítica*, Fevereiro, 2013.
58 | Revista *Nu* #42 *Memória*, Abril, 2004.
- (p. 110) 59 | Revista *Nu* #43 *Zero*, Outubro, 2015.
60 | Revista *Nu* #44 *Limite*, Maio, 2018.
- (p. 112) 61 | Revista *Nu* #45 *Entre(tanto)*, Março, 2019.

- (p. 118) 62 | Gráfico de análise da autoria dos Editoriais. Imagem de autoria própria.
63 | Editorial, Revista *Nu #10 Ismos*, Abril, 2003. Gil, Bruno. “Editorial”. Revista *Nu #10 Ismos*, Abril, 2003.
64 | Editorial, Revista *Nu #35 XXL*, Dezembro, 2010. Madeira, Filipe. “XXL”. Revista *Nu #35 XXL*, Dezembro, 2010
- (p. 120) 65 | Gráfico de análise da autoria dos Artigos. Imagem de autoria própria.
66 | Artigo, Revista *Nu #18 Revistas*, Março, 2004. Grande, Nuno. “Internacionalismo crítico: o possível lugar de uma revista de Arquitectura”. Revista *Nu #18 Revistas*, Março, 2004.
67 | Artigo, Revista *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019. Chaves, Paula. “Seja realista, exija melhores condições”. Revista *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.
- (p. 122) 68 | Gráfico de análise da autoria das Entrevistas. Imagem de autoria própria.
69 | Entrevista, Revista *Nu #17 Revolução Digital*, Fevereiro, 2004. Furtado, Gonçalo. “Entrevista”. Revista *Nu #17 Revolução Digital*, Fevereiro, 2004.
70 | Entrevista, Revista *Nu #34 Feio*, Outubro, 2010. Scott-Brown, Denise. “Entrevista”. Revista *Nu #34 Feio*, Outubro, 2010.
- (p. 124) 71 | Gráfico de análise da autoria do Quiz. Imagem de autoria própria.
72 | Quiz, Revista *Nu #01 Encruzilhadas*, Abril, 2002. Campo Baeza, Alberto. “Quiz”. Revista *Nu #01 Encruzilhadas*, Abril, 2002.
73 | Quiz, Revista *Nu #03 Cidades*, Junho, 2002. Pawson, John. “Quiz”. Revista *Nu #03 Cidades*, Junho, 2002.
- (p. 126) 74 | Gráfico de análise da autoria do Contaminações. Imagem de autoria própria.
75 | Contaminações, Revista *Nu #08 Tempo*, Fevereiro, 2002. Carvalhal, Mário. “Pina Bausch: danças ocultas”. Revista *Nu #08 Tempo*, Fevereiro, 2002.
76 | Contaminações, Revista *Nu #09 Sexo*, Março, 2003. Nuno. “XXX: de Sade a La Fura dels Baus”. Revista *Nu #09 Sexo*, Março, 2003.
- (p. 128) 77 | 1º Acto, Revista *Nu #10 Ismos*, Abril, 2003. Barbosa, Nuno et al. “Praia Fluvial”. Revista *Nu #10 Ismos*, Abril, 2003.
78 | Prova Final, Revista *Nu #05 Áreas de Contaminação*, Novembro, 2002. Crisóstomo, Pedro. “A construção de metáforas ou o fio de Ariadne”. Revista *Nu #05 Áreas de Contaminação*, Novembro, 2002.
- (p. 130) 79 | Edit, Revista *Nu #15 Viagens*, Dezembro, 2002. Dantas, Inês. “Maomé e a Montanha”. Revista *Nu #15 Viagens*, Dezembro, 2002.
80 | Enviados Nu, Revista *Nu #42 Memória*, Abril, 2014. Gomes, Miranda, Nequinha, Vicente & Miranda, Duarte. “Toda a Europa à Proa”. Revista *Nu #42 Memória*, Abril, 2014.

- (p. 132) 81 | Gráfico de análise da autoria da Conversa. Imagem de autoria própria.
82 | À Conversa com, Revista *Nu #39 Matéria*, Fevereiro, 2013. Gigante, José. “À conversa com”. Revista *Nu #39 Matéria*, Fevereiro, 2013.
83 | Conversa, Revista *Nu #29 Modus Operandi*, Dezembro, 2006. Siza, Álvaro. “Conversa”. Revista *Nu #29 Modus Operandi*, Dezembro, 2006.
- (p. 134) 84 | Gráfico de análise da autoria do Artigo Gráfico. Imagem de autoria própria.
85 | Artigo Gráfico, Revista *Nu #34 Feio*, Outubro, 2010. Sisic, Nikolas. “Artigo gráfico” Revista *Nu #34 Feio*, Outubro, 2010.
86 | Artigo Gráfico, Revista *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019. Benatto, Francesco. “Artigo gráfico”. Revista *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.
- (p. 136) 87 | Artigo, Revista *Nu #01 Encruzilhadas*, Abril, 2002. Ferreira, Hélder, Santos, João & Martins, Luís. “Kool(lhaas)”. Revista *Nu #01 Encruzilhadas*, Abril, 2002.
88 | Artigo, Revista *Nu #33 Consumo*, Maio, 2009. Margarido, Raquel. “Site is best, Best is Best”. Revista *Nu #33 Consumo*, Maio, 2009.
89 | Artigo, Revista *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019. Ribeiro, Cláudia. “Basta! Pum! Basta!”. Revista *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019.
- (p.140) 90 | Cartaz de lançamento da *Nu #12 Onde está Coimbra?*, Junho, 2003. Arquivo físico da Revista *Nu*.
91 | Entrevista Pezo von Ellrichshausen, *Nu #36 Sul*, Março, 2011. von Ellrichshausen. “Entrevista”. Revista *Nu #36 Sul*, Março, 2011.
92 | Entrevista Tony Fretton, *Nu #37 Mito*, Junho, 2011. Fretton, Tony. “Entrevista”. Revista *Nu #37 Mito*, Junho, 2011.
- (p. 142) 93 | Cartaz de lançamento da publicação *Cadernos DARQ*, 2018. Cartaz divulgado através dos meios internos do Departamento de Arquitetura.
94 | Lançamento da Revista *Nu #23 Brasil*, Março, 2015. Arquivo físico da Revista *Nu*.
- (p. 144) 95, 96 | Cartaz de apresentação do Ciclo de Conferências *Cosa Mentale*: a ideia em arquitectura. Fevereiro, 2012. Arquivo digital da Revista *Nu*.
- (p. 146) 97 | Cartaz de apresentação do Ciclo de Conferências [Zero], Março, 2015. Arquivo digital da Revista *Nu*.
98 | Cartaz de apresentação da Discussão Pública: Que futuro para a Nu?, Novembro, 2016. Arquivo digital da Revista *Nu*.
- (p. 148) 99 | Lançamento da Revista *Nu #18 Revistas*, Março, 2004. Arquivo físico da Revista *Nu*.
100 | Lançamento da Revista *Nu #44 Limite*, Maio, 2018. Arquivo digital da Revista *Nu*.
101 | Lançamento da Revista *Nu #46 Cor*, Outubro, 2019. Arquivo digital da Revista *Nu*.

- (p. 152) 102 | “O mundo é esta revista”, *Unidade 1*, Julho, 1988. Figueira, Jorge. “O mundo é esta revista”. *Unidade 1*, Julho, 1988.
- (p. 154) 103 | Manifesto “Ousar, Experimentar”, *Unidade 2*, Novembro, 1989. Macedo, Eugénio *et al.* “Ousar, Experimentar”, *Unidade 2*, 1989, 58.
104 | Artigo de Nuno Portas, *Unidade 2*, Novembro, 1989. Portas, Nuno. “Respostas de várias personalidades da FAUP ao folheto”. *Unidade 2*, Novembro, 1989.
105 | Artigo de Alexandre Alves Costa, *Unidade 2*, Novembro, 1989. Alves Costa, Alexandre. “Ousar Pensar a Escola”. *Unidade 2*, Novembro, 1989.
- (p. 156) 106 | Cartaz do lançamento da *Dédalo 2017: Práticas em Transgressão*, Janeiro, 2019. Disponível em <https://www.facebook.com/revistadedalo>
- (p. 158) 107 | Revista *Ma: Colecionar*, Setembro, 2017. Disponível em <https://www.facebook.com/revista.ma.aefaup>
- (p. 162) 108 | *Cosa Mentale: a ideia em arquitectura*, 2012. Arquivo digital da Revista *Nu*.
109 | Lançamento da Revista *Nu #45 Entre(tanto)*, Março, 2019. Arquivo digital da Revista *Nu*.
- (p. 164) 110 | António Bettencourt e Carlos Antunes à conversa com a *Nu*, 2018. Arquivo digital da Revista *Nu*.
111 | Alexandre Alves Costa à conversa com a *Nu*, 2019. Arquivo digital da Revista *Nu*.
- (p. 172) 112 | Contaminação *Nu*-Escola. Arquivo digital da Revista *Nu*.

ANEXOS

As entrevistas que aqui se apresentam foram realizadas no âmbito da presente dissertação, informando e complementando estas o percurso traçado pela Revista *Nu*. Pretendeu-se, por isso, reunir alguns dos seus protagonistas, ouvir-lhes a voz, e descodificar as tendências editoriais que, cruzadas com as suas dinâmicas e especificidades individuais e coletivas, terão permitido decifrar o pequeno mundo que se considera ser a *Nu* enquanto revista de estudantes (*que vive em constante movimento*).

Para o efeito, foram entrevistados:

Bruno Gil, Diretor da Revista *Nu* dos números #10 *Ismos* ao #18 *Revistas* [205-210]

Daniel Beirão, Diretor da Revista *Nu* dos números #19 *Colagens* ao #24 *Espectáculo* [211-215]

Carlos Guimarães, Diretor da Revista *Nu* dos números #25 *Utopia* ao #28 *Velocidade* [216-220]

Mário Carvalhal, Diretor da Revista *Nu* dos números #29 *Modus Operandi* ao #31 *Chão* [221-225]

João Crisóstomo, Diretor da Revista *Nu* durante o número #32 *Ocupa* [226-229]

Diogo Lopes, Diretor da Revista *Nu* dos números #33 *Consumo* ao #37 *Mito* [230-233]

Luís Madeira, Diretor da Revista *Nu* dos números #39 *Matéria* ao #42 *Memória* [234-238]

Duarte Pereira, Diretor da Revista *Nu* durante o número #43 *Zero* [239-242]

Pedro Caiado, Diretor da Revista *Nu* entre os números #43 *Zero* e #44 *Limite* [243-247]

Francisco Paixão, Diretor da Revista *Nu* durante o número #44 *Limite* [248-256]

Inês Saraiva, Subdiretora e Editora da Revista *Nu* dos números #45 *Entre(tanto)* ao #46 *Cor* [257-261]

Entrevista a Bruno Gil

10 de Julho, 2020

A vontade de intensificar diálogos e estimular debates entre estudantes de arquitetura definiu o ponto de partida da Revista *Nu*; assim, a *Nu* refletiria o pensamento e o discurso do corpo de estudantes que nela participaria. Tendo a *Nu* surgido como principal objetivo do programa de atividades do NUDA, como se deu o processo de formação do primeiro corpo editorial da Revista?

A formação da Revista decorreu da própria mudança de equipa do NUDA. Havia a vontade de assumir o Núcleo de Estudantes e, no fundo, a formação do Núcleo acabaria por se rever na própria Revista, tanto na equipa como na mensagem que se procurava transmitir. O Núcleo tinha sido formado há poucos anos e, por isso, existia uma vontade muito grande de usar o NUDA como um elemento chave para o Departamento, ou seja, havia o desejo de refletir sobre o que era o DARQ além das iniciativas dos professores. Portanto, a *Nu* surge a partir daí. A *Nu* foi, no fundo, uma espécie de sincronia de vontades; contudo, teve de haver quase uma visão profissional de como poderia a *Nu* acontecer, para que tivesse relevância efetiva e para que fosse além da Escola. Nós pretendíamos puxar a Escola para fora, revelar aquilo que nós pensávamos e, talvez por isso, começaram a surgir colaborações com figuras que não eram do Departamento – isso é algo consistente ao longo dos primeiros números. Por sua vez, na altura já existia a *ECDJ*, que estava a ganhar vida – o primeiro número tinha surgido em 1999 – e, no fundo, também nós gostaríamos de ter o nosso próprio espaço para escrever, falar sobre arquitetura e debater coletivamente

essas questões. No fundo, a *Nu* era uma mistura entre o que era a nossa presença enquanto alunos, mas também enquanto amigos, além das aulas. O processo de criação da Revista foi, por isso, muito natural, embora reconheça que o Pedro Jordão foi essencial para efetivar essa mesma vontade.

O corpo editorial que seria então formado, acabaria por se manter inalterado (salvo raríssimas exceções) durante os primeiros dois anos. Compreende-se, assim, que uma redação estabelecida e enraizada, possibilitará imprimir dinâmicas editoriais mais sólidas e, portanto, regulares – principalmente quando se dá uma transição de direção. Que condicionantes e estratégias mais específicas acredita terem determinado o sucesso destes primeiros dois anos, que seriam marcados pela publicação assídua?

Nos primeiros números, nós procurámos que a Revista ganhasse, por um lado, energia e potencial para que não parasse e, por outro, resistência e resiliência para continuar. A certa altura, a *Nu* exporta-se de tal modo que se torna reconhecida fora da Escola; contudo, essa questão não era, ao mesmo tempo, acompanhada pelo crescimento da *Nu* em termos de corpo editorial e, por isso, penso que houve aí um desfasamento da escala da Revista e do modo como a *Nu* se ia densificando – com uma cadência grande, pese embora por vezes questionável. Em relação ao corpo editorial, houve algumas alterações que têm a ver com a proporção do número de estudantes do mesmo ano, ou seja, algumas pessoas do meu

ano estavam de *Erasmus*, durante o primeiro ano da *Nu* e, quando regressam de *Erasmus*, entram na redação – daí que a proporção seja maior no que diz respeito a uma geração mais velha. Contudo, é importante mencionar que, na realidade, essas pessoas já colaboravam formal e informalmente com a Revista, através das entrevistas realizadas, por exemplo. Por isso, não devemos olhar só para a redação que aparece na ficha técnica, mas devemos também perceber de que modo estas pessoas, que participavam de forma mais cruzada, tinham alguma preponderância nas dinâmicas da Revista. O que aconteceu foi que, de facto, as pessoas da redação mantiveram-se de forma mais ou menos consistente no segundo ano da *Nu*. A continuidade com o primeiro ano foi importante, mas foram igualmente importantes as transformações da Revista em termos de produção e publicação, que têm a ver com uma maior partilha de autonomia e responsabilidade editorial de cada número – e essas transformações foram motivadas não só por mim, mas por toda a redação.

Durante esse período, foram delineadas e concretizadas estratégias de aproximação da *Nu* aos estudantes do DARQ?

Era importante perceber, desde logo, se a *Nu* seria uma revista do corpo de estudantes ou uma revista da redação e, por isso, como é que nós poderíamos abrir a Revista e dizer que a *Nu* é dos estudantes e não de um grupo específico. Por isso, procurámos abrir as reuniões de redação, através de reuniões abertas, embora nem sempre tivesse existido participação; fizemos uma

chamada para artigos, para o número #12 *Onde está Coimbra*, na qual não houve propriamente um filtro, ou seja, todos os artigos que foram submetidos foram publicados. Não sei se houve mais iniciativas que nós provocássemos, mas se algum aluno manifestasse intenção de publicar na Revista, nós estávamos totalmente recetivos, embora não fosse muito recorrente. Havia, de facto, uma abertura à participação, mas essa mensagem nem sempre poderia passar.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista *Nu*. Que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais e no processo de trabalho em equipa?

Penso que existem duas perspetivas: uma que tem a ver com a própria identidade da Revista e outra que tem a ver com a própria estrutura que está por detrás da Revista, ou seja, como é que ela acontece, como é que se dinamiza, como ocorre o trabalho em equipa. Estas são duas perspetivas que andam a par, de mãos dadas, mas que são, no fundo, alteradas de acordo com a transição e mudança de direção. Muitas das vezes, até se poderá dizer que a identidade da Revista é um reflexo da direção. Eu sou um pouco crítico em relação a isso, pois não sei se, dada a mudança de diretor, a Revista mudará em termos de identidade e conteúdos; acho que, provavelmente, a Revista muda naquilo que não é visível e que tem a ver com a própria construção de estruturas que sustentam a Revista, seja na equipa, na própria relação que se faz com outros agentes, sejam da

Escola ou de outros contextos. Costumo dizer – e penso que não é totalmente desprovido de sentido se olharmos para todas as revistas – que a *Nu* ganhou uma espécie de autonomia, ou de vida (se é sequer possível), que se desliga das pessoas que a produzem. Muitas das vezes não tem a ver com os temas, mas como o modo como estes são trabalhados; acho que muito mais circunstanciais são os temas do que o modo como são trabalhados – e isso perdura muito mais no tempo.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro, refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de acontecimentos externos – relacionados com a Escola ou com o contexto da disciplina?

Acho que nos primeiros números é evidente que os temas procuram uma espécie de refrescamento da visão disciplinar e do modo como a *Nu* poderá ser contaminada por outras áreas. Existe a ocupação de lugares intermédios, que têm a ver com a posição de ‘o que é ser arquiteto’, mas não deixando, ao mesmo tempo, de falar sobre aqueles lugares mais centrais, vistos com uma perspectiva centrífuga em termos de visão do mundo – e essa mundividência é muito evidente na colocação da Revista.

Parece-me que a *Nu* é objeto de curiosidade e isso é estrutural; há uma tendência que une uma visão conceptual do modo como se olha para as periferias, tanto dos lugares como da disciplina, e se procura essa compreensão. A *Nu* é um caminho de procura e, por isso, é um objeto relativamente incompleto em termos de temas; os objetos podem ser os mais locais, mas a perspectiva continua a ser semelhante se estivermos a olhar para um outro contexto, mesmo que não tenha sítio circunscrito. Esse modo de olhar os objetos a partir de uma perspectiva mutável, ou olhar para os conceitos a partir do objeto, parece-me muito interessante – e esse diálogo é muito forte na Revista.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista, determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspectivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, *quicá*, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da *Nu* e respetivas Secções e, mais especificamente, com a criação de novas secções?

A estrutura da Revista é importante para criar uma tal identidade, e isso foi procurado desde os primeiros números. Existiam, por isso, as secções que aconteciam para dentro da Escola e as secções que aconteciam como espécie de ligação extra-Escola. Havia o 1º acto, que era uma secção algo frágil, tendo em conta que a Escola ainda não tinha crescido o suficiente para haver arquitetos que tivessem encontrado o seu caminho e, por isso, talvez

fosse uma secção que queria ser mais do que pôde ser. Havia a Prova Final, que me parece ser exatamente o oposto do 1º acto, no sentido em que, através da Prova Final, assumíamos uma consciência daquilo que queríamos ser enquanto arquitetos e, mesmo sendo uma síntese, representava uma certa consistência teórica. O Enviado Nu, que surge no sentido de reportar algo que estava a acontecer e que, na verdade, era algo que já acontecia, então achámos que devíamos dar uma visibilidade estrutural a essa realidade. A Conversa, que também já acontecia, efetivamente, embora fosse, no fundo, complementar a um modo de entrevista. O Edit, por sua vez, surge numa relação com o editor e que tem a ver, precisamente, com uma posição de autonomia e partilha de responsabilidades editoriais. As secções, no fundo, eram importantes para criar esta sequência e repetição estrutural, com diferentes interpretações de acordo com cada número – e isso talvez tenha ajudado a criar uma maior preponderância da Revista.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos presentes em cada publicação são, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina. Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da Nu, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens?

Acho que o modo de ver da Nu talvez pudesse ter alguma ligação com alguns modos de ver que eram colocados em algumas disciplinas. Quando os professores escreviam para a Revista, por exemplo, sentiam uma liberdade em escrever associada a um modo de olhar mais especulativo e ensaístico e, por isso, percebe-se que a Nu era mais liberta no que diz respeito às convenções de escrita e publicação. Acho que há uma certa tendência para a Nu ser algo periférica. Os temas, quando surgiam, não eram propriamente específicos da Escola e, por isso, podiam acontecer na nossa Escola ou noutra; o número #12 *Onde está Coimbra*, só poderia acontecer na nossa, mas o #15 *Viagens* ou o #17 *Revolução Digital*, poderiam acontecer num outro contexto, sendo assim uma abordagem além-claustro. De facto, havia uma certa tendência, mas ao existir esta postura perante os temas e perante as pessoas que convidávamos para escrever, não seria somente a Escola a influenciar a Revista, mas vice-versa.

Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

Mais teórica, efetivamente. Nós escrevíamos sobre aquilo que líamos, sobre aquilo que conversávamos e, no fundo, sobre aquilo que apreendíamos. Existia, de facto, a pretensão de que aquilo que entendíamos em termos teóricos pudesse ser absolutamente determinante para o nosso modo de construir um projeto arquitetónico. Existia uma posição muito especulativa em relação à construção

projetual e isso refletia-se nos nossos projetos. Entendíamos que uma perspectiva sobre um projeto teria sempre que ter, de antemão, uma justificação, uma perspectiva problematizante em relação à sua realidade; por isso, penso que a tendência era precisamente essa: desconfiarmos, duvidarmos sobre aquilo que líamos, sobre aquilo que ouvíamos e, só depois, encontrar um caminho.

No período em que assumiu a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência de eventos nos quais a *Nu* e a Escola concretizassem uma contaminação, seja através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a *Nu* tivesse um papel preponderante na demarcação de uma posição?

Podia não ser algo muito frequente, mas as coisas aconteciam, de facto. No número #12 *Onde está Coimbra*, por exemplo, a contaminação não surge propriamente da Escola, mas surge o espaço para a parceria com a Coimbra Capital Nacional da Cultura, que tinha, precisamente, uma presença grande da Escola, quer do professor Jorge Figueira, quer do professor Abílio Hernandez; e houve uma articulação consequente nesse âmbito. Recordo-me que aproveitámos a presença do Francesco dal Co na conferência de encerramento do projeto TÁVORA, uma iniciativa do Departamento, para termos a conversa com ele; e terão existido, certamente, outras iniciativas – e isso é transversal na *Nu* daí em diante. É importante podermos tirar partido dessas questões, embora verifique, com alguma pena, que por vezes se

perdem oportunidades de retirar sinergias dessas possibilidades. É importante referir, também, que a *Nu* e o NUDA eram, na altura, a mesma coisa; por isso, talvez o NUDA representasse esse âmbito mais institucional e pedagógico e, talvez por isso, a *Nu* não ocupasse esse espaço.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

Naquele período, fazia algum sentido a interrupção, uma vez que existia uma cadência efetiva mensal; essa questão do final do ano letivo era algo assumido e, por isso, não era complicado retomar. Penso que as maiores quebras têm a ver, precisamente, com as motivações individuais e coletivas para que a *Nu* aconteça e, por isso, a *Nu* é um pouco o reflexo dessas motivações e dessas dinâmicas. Quase que se poderia fazer um estudo científico no sentido de perceber as vidas da *Nu*, das pessoas que a estão a autoconstruir e às quais se associam, naturalmente, picos. A *Nu* é uma ideia orgânica que, em última análise, pode nunca chegar a concretizar-se, ou pode não ser evidente essa concretização – daí que haja uma *Nu* que vai além do objeto físico. Eu gosto particularmente da frase do Manuel

Graça Dias, no número #18 *Revistas*, que diz: “Nunca se vistam de arquitectos”; essa ideia de um momento no qual quem faz a *Nu* ainda não está totalmente vestido é, de facto, muito interessante. Este processo é tudo menos linear; contudo, cientificamente, poderá haver um padrão interessante e com alguma consistência.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da Revista *Nu* para a Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a Revista *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á dizer que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

Primeiro, é importante perceber se o Departamento é, efetivamente, Escola. Eu considero que a instituição chega a ser Escola quando ela se revela como tal, quando há um sentido crítico e quando se acredita. A *Nu*, por exemplo, é uma prova de crença; enquanto a *Nu* existir, vão existindo momentos de Escola. Talvez tenha a ver com uma espécie de intensidade, dedicação e revelação, que neste caso a *Nu* propõe, mas que não se circunscreve só à *Nu* – embora a *Nu* seja um elemento que vai permanecendo. Quanto à *Nu* ser um reflexo da Escola, penso que isso será mais complicado; seria importante compreender, desde logo, se a *Nu* tem relevância para quem a lê dentro da Escola. Contudo, em certo ponto, a *Nu* é um reflexo da Escola; a Escola é muito precária, por isso a *Nu* também é precária. Mas é um reflexo da Escola também a outro nível, no que diz

respeito ao número de pessoas que tem a Escola; num outro contexto, como a FAUP, a *Nu* seria fragmentada em várias outras experiências, seria mais residual e, ao simultaneamente, menos transversal. A *Nu* acaba por ter o seu lugar e o seu espaço, mas que não permite, ao mesmo tempo, que outros microprojectos aconteçam e que eu considero importante acontecerem. É importante existirem projetos complementares, com outras ambições; se ficarmos só pela *Nu*, ou se a *Nu* não se reinventar, deixará de fazer sentido. Penso que a *Nu* não deve olhar para trás, não deve sentir o peso do passado; a leveza é determinante para o crescimento.

Entrevista a Daniel Beirão

03 de Julho, 2020

O corpo editorial da Revista *Nu* nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogénea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista *Nu*, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

Sendo a *Nu* uma revista iniciada pelos estudantes do DARQ e alicerçada na comunidade académica, os fatores que determinaram as oscilações no corpo editorial durante o meu tempo foram, por um lado, o fluxo natural de estudantes – a saída de graduados, a saída e a chegada de membros da redação que participaram em programas de intercâmbio e a chegada de colegas do primeiro ano; por outro lado, o nível de abertura da própria equipa editorial para interagir com os restantes colegas do DARQ e para integrar novos membros.

Foram delineadas e concretizadas, durante esse período, estratégias de aproximação da *Nu* aos agentes da Escola?

No momento em que assumi a direção, juntamente com o Rui Aristides, em 2004, senti que a equipa editorial da *Nu* precisava de transitar de uma composição selecionada (através de concursos de escrita) para uma composição participada, dando lugar, por exemplo, a reuniões abertas do corpo editorial em que qualquer estudante podia, de sua iniciativa, participar no processo criativo e de produção da revista. Esta foi uma forma de criar uma dinâmica de eq-

uipa que tornasse a Revista mais resiliente às oscilações na composição da equipa editorial a longo prazo. Também sentimos necessidade de aproximar a *Nu* dos estudantes através de um estímulo à leitura da revista, ou seja, alguns membros do corpo editorial começaram a fazer venda direta da Revista no claustro, com pequenas promoções pensadas para cativar novos leitores e leitoras no DARQ. Muitos diálogos começaram através desse contacto presencial, ao mesmo tempo que essa venda direta foi também muito importante para o equilíbrio orçamental da revista. Finalmente, creio que a nossa equipa beneficiou de um núcleo associativo e académico (NUDA) muito pró-ativo e disposto a interagir e a apoiar o trabalho da Revista. Creio que essas interações reforçaram um objetivo nosso: o de que Revista *Nu* não fosse apenas uma iniciativa do corpo editorial, mas organicamente parte da comunidade académica do Departamento de Arquitetura da UC.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista *Nu*. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

No momento em trabalhei na Revista *Nu*, as transições de direção eram algo normal e antecipado. Os dois diretores da Revista que me precederam eram estudantes finalistas, portanto, a passagem de testemunho estava na agenda. Também as reformulações da equipa editorial

eram consequentes, não tanto do diretor da Revista, mas da própria disponibilidade e compromisso dos seus membros. No meu caso específico, assumi a direção da *Nu* num período de drástica transição na composição da equipa: muitos membros tinham terminado a sua licenciatura, sendo a equipa reduzida para metade dos seus membros. Foi, por isso, um período desafiante. Decidimos então reavaliar a periodicidade da Revista, mensal até esse momento, e acomodá-la a um novo ritmo de produção de conteúdos. Também neste período demos lugar a um processo de reapropriação da Revista, com menor enfoque nas expectativas dos leitores e maior enfoque na exteriorização de vetores de interesse dos membros da equipa e dos novos participantes nas reuniões abertas da Revista. Creio que a *Nu*, enquanto objeto, entrou num período de metamorfose, com uma regularidade assumidamente mais flutuante na sua publicação, mas maior conversa e experimentação na área do projeto gráfico, sem perder de vista a qualidade do seu conteúdo.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

Durante a nossa direção, procurámos com toda a força que a equipa editorial se tornasse representativa de todos os estudantes de arquitetura do DARQ. No entanto, fizemo-lo abrindo a Revista e os seus processos à participação e iniciativa dos estudantes e não

através de recrutamento. Enquanto projeto editorial, a *Nu* requeria grande dedicação; sem iniciativa e um compromisso voluntário da parte dos estudantes do DARQ, não seria possível perspetivar um futuro para a Revista naquele momento.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro, refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de acontecimentos externos – relacionados com a Escola ou com o contexto da disciplina?

Creio que ambos. A *Nu* ambicionava, desde o início, um papel pioneiro no campo da crítica da arquitetura no contexto português. Creio que esse objetivo estava entrelaçado com o debate de ideias e a busca de temáticas dentro do corpo editorial e, de um modo mais pessoal, com o trabalho do editor. Creio também que esse objetivo estimulou a equipa a desenvolver os temas, não só a partir da experiência académica, mas também através do cruzamento com outros contextos, em Portugal e no estrangeiro. Procurávamos oportunidades para examinar e para introduzir vozes influentes no contexto global ou português, mas também as ideias resultantes da produção académica do nosso meio ou da prática projetual dos graduados e

docentes do DARQ. Para o corpo editorial, o trabalho da Revista constituía uma excelente oportunidade para incursões extracurriculares, para pesquisar e entender diferentes formas de pensar e praticar a arquitetura. Isso, no entanto, não impediu a Revista de, ocasionalmente, comentar acontecimentos que nos eram próximos, fosse a revisão académica de Bolonha, a atividade cultural no campo da arquitetura (exposições, debates e conferências) ou as experiências dos membros da equipa durante o seu Programa *Erasmus*. A maior parte dos temas ia-se desenvolvendo ao longo das reuniões do corpo editorial. Mais excepcionalmente, existiram iniciativas culturais que geraram parcerias com a própria Revista; recordo-me, por exemplo, da iniciativa “Arte em Campo” organizada pelo Instituto das Artes que resultou no #22 *Game Design*.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista, determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspetivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, *quicá*, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da *Nu* e respetivas Secções? Existia, por algum motivo, a ambição de cumprir todas as secções estabelecidas?

As secções ajudavam a estruturar a produção de conteúdo. Os editoriais introduziam o tema e davam as boas vindas aos leitores; no centro do desenvolvimento do tema, encontrava-se usualmente a Entrevista ou a Conversa (uma variação mais informal) e ainda as secções mais

específicas como a Prova Final (um palco para as teses de licenciatura), a secção Contaminações (de natureza extra disciplinar) ou o Quiz (questionário informal a longa distância), que acabavam por diversificar a exploração do tema. A nossa equipa adotou uma apropriação flexível das secções na qual o editor tinha a flexibilidade de incluir ou excluir uma secção dependendo do próprio desenvolvimento orgânico do tema e disponibilidade de conteúdos.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos presentes em cada publicação são, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina. Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da *Nu*, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens?

Creio que no período em que assumi a direção da *Nu* havia espaço para ambos. No entanto, penso que a nossa equipa estava mais predisposta a buscar novos métodos e abordagens.

Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

Creio que o posicionamento da Revista *Nu* no espaço da crítica da arquitetura, naturalmente,

ocupava a equipa editorial com questões dos 'porquês' das vertentes práticas ou teóricas, mais do que, até, com o 'como' das questões. O próprio formato da Revista *Nu*, tipo *fanzine*, não se predispunha a fazer apresentação de projeto, ainda que isso tenha sido, de facto, diversas vezes trabalhado. Nesse sentido, posso dizer que a Revista *Nu* era sobretudo informativa e inspiradora à vertente prática, desafiando à exploração de novas formas de pensar e projetar.

No período em que assumiu a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência de eventos nos quais a *Nu* e a Escola concretizassem uma contaminação, seja através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a *Nu* tivesse um papel preponderante na demarcação de uma posição?

A revista *Nu*, que inicialmente surgiu como uma iniciativa de membros do Núcleo de Estudantes do DARQ (NUDA), estabeleceu-se como organismo autónomo no seu segundo ano – ainda que trabalhando em colaboração e dependência organizacional do NUDA. Nesse sentido, o papel de demarcar posições em representação dos estudantes, partia da direção do próprio NUDA, que era eleita pela comunidade estudantil do DARQ. Por vezes, o diálogo entre os diferentes agentes da Escola transpareceu para a publicação, precisamente porque havia liberdade para o fazer. No entanto, o corpo editorial tinha como principal objetivo o desenvolvimento e a consolidação de uma linha editorial própria e de alcance nacional. Os

lançamentos públicos das novas publicações, que eram usualmente organizados em diferentes espaços da cidade de Coimbra, foram oportunidades não só para dar visibilidade à Revista, mas também para participar na vida da Escola. Múltiplas vezes as novas publicações da *Nu* foram apresentadas nas instalações do DARQ, usualmente acompanhadas por uma palestra ou conversa temática.

Em que momentos determinados eventos externos apresentaram ser um estímulo para as dinâmicas da *Nu*; como por exemplo, a realização de determinadas entrevistas no seguimento de um tal evento?

Penso que a atividade cultural relacionada com a arquitetura estimulava um lado mais jornalístico da Revista, que nos desafiava a estar informados e a comparecer em conferências ou exposições. Essa presença ajudava-nos a desenvolver um olhar crítico, assim como nos colocava em contacto com agentes culturais e com protagonistas no meio da arquitetura. A busca dessas oportunidades era inerente ao trabalho editorial. Um exemplo de que me recordo bem foi, precisamente, a comparência da *Nu* no debate sobre o “Efeito Casa da Música”, no qual tivemos a oportunidade de entrevistar a Ellen van Loon.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se

sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

O funcionamento da *Nu* teve, no seu início e também durante a nossa direção, algo de paralelo ou autónomo ao funcionamento do DARQ. Nesse sentido, a continuidade da Revista era uma responsabilidade pessoal dos membros da equipa editorial e, em particular, dos diretores. Aquilo que tentámos fazer durante a nossa direção foi aprofundar o trabalho de antecipação desses períodos de transição. Implementamos, por exemplo, as Viagens *Nu* que eram viagens realizadas durante o verão, enfocadas em desenvolver dinâmicas de equipa e preparar o futuro da revista, integrando novos membros na equipa editorial e reunindo novas ideias num ambiente mais convivial. Penso que uma das forças da *Nu* como projeto editorial e coletivo integrado no DARQ foi, precisamente, a de inspirar um trabalho colaborativo entre estudantes e, particularmente, entre estudantes de diferentes anos e com diferentes experiências. A *Nu* era, por isso, um projeto com o potencial de reunir estudantes, docentes e profissionais da arquitetura. Nesse sentido, creio que não só é compatível como é também complementar à missão formativa do DARQ. Concorro por outro lado que, visto de uma perspetiva estritamente editorial, a *Nu* é um projeto com fragilidades por assentar, desde logo, numa base voluntária, em regime *part-time*, com recursos financeiros limitados. Contudo, Isso não impediu que esses momentos de crise se tornassem momentos de

transformação, aprendizagem e maturação, não só para o projeto editorial em si, mas também para os que nele trabalhavam.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da Revista *Nu* para a Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a Revista *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á dizer que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

Francamente, é-me difícil responder a essa pergunta. Um dos benefícios do projeto editorial da *Nu*, para quem trabalhou nela e para a Escola, foi o de mostrar abordagens alternativas na disciplina de arquitetura, além do percurso estritamente curricular. Por outro lado, penso que não é realista que a Escola responda a todas as expectativas dos estudantes na sua preparação para a carreira e para a vida. Nesse sentido, Revista *Nu* e a Escola representam âmbitos diferentes – interativos, mas diferentes.

Entrevista a Carlos Guimarães

03 de Julho, 2020

O corpo editorial da Revista Nu nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogênea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista Nu, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

Eu acredito que as oscilações acontecem como consequência do percurso natural de cada um. Recordo-me, por exemplo, que quando o Daniel Beirão assume a direção da Nu, coincide com o período em que o grupo fundador da Nu termina o curso – por serem maioritariamente de 5º e 6º ano –, e com o facto de as pessoas mais novas desse grupo inicial irem de Erasmus. Portanto, logo aí, houve uma grande transformação na equipa. Por outro lado, as oscilações acontecem também pelo simples facto de as pessoas poderem, num determinado ano, estar muito focadas e dedicadas à Nu e, no ano seguinte, tendo outros interesses, acabarem por sair. Portanto, acredito que se trata, acima de tudo, de um processo muito natural.

Foram delineadas e concretizadas, durante esse período, estratégias de aproximação da Nu aos agentes da Escola?

No ano em que eu assumi a direção (pois não sendo a única, era das poucas pessoas que tinha estado desde o início no projeto e por isso tinha uma ideia de como as coisas se poderiam desenrolar), recordo-me de existir um *forcing* da parte da Nu em tentar atrair

pessoas para a Revista, principalmente através de divulgação feita turma a turma. Também acontecia alunos mais jovens, do segundo ano mais especificamente, aderirem à Nu e trazerem consigo outros alunos, o que ajudava ao crescimento da equipa e, claro, ajudava a própria divulgação. Existiu também, desde o início e pelo menos durante o tempo em que fui diretor, uma grande relação de proximidade com o NUDA, e essa relação estimulava muito a divulgação da Nu, sem dúvida.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista Nu. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

A Nu sofre muito com essas reformulações, principalmente quando o ano acaba durante os meses de Julho e Agosto. Torna-se muito difícil retomar em Setembro, porque se dá a mudança da equipa, porque é necessário recapitular tudo – como é que a Revista se faz, como se trabalha com a gráfica, como são as reuniões, como angariar fundos, etc. Na verdade, é quase como começar do zero, com as novas dinâmicas que aquele novo grupo específico irá determinar. Os próprios perfis dos diretores marcam também as dinâmicas da Revista. Recordo-me que no início, quando o Pedro Jordão decide avançar com o projeto da Revista, ele sabia (ou intuía) que a Nu só resultaria com uma periodicidade muito rigorosa; todos os meses tinha de ser

publicado um número. Essa cadência foi muito importante, mas a verdade é que não é fácil, principalmente quando se trata de um projeto académico, sem nenhum objetivo além da aprendizagem por si só. Nem sempre é fácil impor uma dinâmica tão forte e, por vezes, os próprios diretores não teriam essa ambição. Por isso, acredito que a questão da periodicidade é determinante para as dinâmicas de cada equipa; a periodicidade é, na verdade, a única garantia que a *Nu* se vai fazer. Mesmo que o objetivo não seja lançar doze números por ano, como nas primeiras equipas, determinar que naquele ano íamos lançar seis números, era muito importante – tratava-se de um compromisso, por isso teria de existir dedicação e envolvimento por parte da equipa; a *Nu* teria de fazer parte da agenda.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

No início da Revista, nas duas primeiras direções, a equipa era formada essencialmente por alunos do 5º e 6º ano e alguns alunos mais novos, mas poucos. Quando o Daniel Beirão assume a direção, essa tendência muda um pouco e a *Nu* começa a ter alunos mais novos, sobretudo do segundo, terceiro e quarto ano. Durante a minha direção, posso dizer que existia uma heterogeneidade grande, com alunos de todos, ou quase todos, os anos. As duas primeiras direções eram formadas por um

grupo de alunos do mesmo ano, que se dava muito bem e que tinha o desejo de fazer as coisas acontecer; por essa razão, mantiveram a periodicidade durante quase vinte números. Quando a equipa é menos homogénea, as dinâmicas são mais complexas, mas ao mesmo tempo envolve mais pessoas, com interesses distintos, o que é bom. Por isso, há coisas boas e coisas más.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro, refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de acontecimentos externos – relacionados com a Escola ou com o contexto da disciplina?

Ambos. Recordo-me que quando eu assumi a direção, já existiam números que estavam a ser planeados na direção anterior, por exemplo, já se estava a pensar no *Habitar*. Não me recordo totalmente de todos, mas sei que o *Habitar* já estava a ser preparado; o *Identidade*, por exemplo, foi motivado pelo subdiretor (o Luís Loureiro), que estava muito entusiasmado com esse tema específico e queria explorá-lo. Mas os temas surgiam, apesar de tudo, da discussão da equipa. Recordo-me que tínhamos sempre vários temas em cima da mesa e discutíamos que artigos, que entrevistas ou que projetos

poderiam estar relacionados com cada um. Depois dessa leitura, decidíamos que temas teriam pernas para andar. Tudo, ou quase tudo, era debatido em grupo.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista, determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspetivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, *quicá*, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da *Nu* e respetivas Secções? Existia, por algum motivo, a ambição de cumprir todas as secções estabelecidas?

A Estrutura da *Nu* funciona quase como um programa de arquitetura, por isso, torna-se mais fácil pensar a Revista quando as secções estão bem definidas, facilitando a própria abordagem de cada número. Contudo, recordo-me que, apesar das primeiras direções tentarem cumprir todas as secções, durante a minha direção em particular, nós acabávamos por fugir um pouco – não intencionalmente, mas porque, por vezes, não encontrávamos nada que fizesse sentido ou que acrescentasse algo àquele número específico. Mas, mesmo não havendo essa rigidez das primeiras direções, a estrutura estava lá, ou seja, nós preferíamos abdicar de uma ou duas secções e lançar o número, do que estar à espera de cumprir todas as secções, por vezes por tempo indeterminado.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos presentes em cada publicação são, mais

concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina. Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da *Nu*, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens?

Muitas vezes, era claramente uma provocação. Mas a nota prévia é que havia claramente dois tipos de alunos que se interessavam pela *Nu*: os que gostavam muito do meio académico e das dinâmicas editoriais/teóricas e que, por isso, eram mais alinhados com a Escola; e os mais rebeldes, que acreditavam que o que a Escola lhes ensinava não era suficiente e que procuravam, através da Revista, novas abordagens. Esses dois perfis existiam, de facto, e sempre coabitaram. Penso que no início da *Nu*, por exemplo, talvez existisse mais alinhamento e menos rebeldia. Quando o Pedro Jordão cria a Revista, tratava-se de criar um projeto editorial sério, competente, com a intenção de mostrar que a Escola de Coimbra tinha alunos que de facto sabiam pensar e levar projetos deste género para a frente. Mais tarde, a *Nu* acabaria por ser usada como arma de contracultura, através da qual os alunos relevam o seu pensamento, mostram quais são os seus interesses – que nem sempre estariam alinhados com os interesses da Escola. Penso que na minha altura, apesar de tudo, houve espaço para as duas atitudes; mas, por exemplo, o artigo desdobrável do número *Espectáculo* é

pura provocação, puro devaneio.

Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

Teórica. No início, sem dúvida, teórica; pelo menos até eu sair da *Nu*, o objetivo era saber pensar, saber escrever, construir uma opinião e uma ideia. Era um exercício teórico muito mais do que prático.

No período em que assumiu a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência de eventos nos quais a *Nu* e a Escola concretizassem uma contaminação, seja através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a *Nu* tivesse um papel preponderante na demarcação de uma posição?

Havia a necessidade de angariar fundos, para pagarmos as publicações, que obrigava a *Nu* a organizar um conjunto de eventos mais populares – lembro-me, por exemplo, de organizamos uma festa de Carnaval para pagar um número. Fazíamos também, algumas vezes, vendas de revistas no claustro, o que nos ajudava também, por outro lado, a comunicar a Revista. Mas uma das coisas que eu achava muito interessante, tanto quanto fazer a Revista, era apresentá-la publicamente e reunir duas ou três pessoas para uma conversa. Lembro-me que trouxemos o Pancho Guedes e o Hans Ibelings; aproveitamos o facto de os dois terem vindo a Coimbra para fazer um lançamento da Revista

com eles na Livraria XM. Não era um evento fácil, principalmente sendo organizado por alunos, mas era um sentimento de orgulho.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

Sendo uma revista feita por estudantes do DARQ, a *Nu* é claramente influenciada pelo ritmo do DARQ. Durante todo este tempo, penso que ninguém terá conseguido encontrar um modelo diferente que, ao mesmo tempo, funcionasse melhor – e recorde-me desse debate existir desde que a *Nu* surgiu. Os alunos do DARQ representam o DARQ e a Revista, sendo feita por alguns desses alunos, depende da iniciativa deles. Eu, por muito que tente, não consigo dissociar uma coisa da outra.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da *Nu* para Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á afirmar que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

O reflexo uma da outra, diretamente, não diria. Não é porque em determinados anos a *Nu* produziu mais números que isso significaria que a Escola tinha mais pujança ou que, por sua vez, os alunos se interessavam mais; não creio que haja uma relação direta. A *Nu* trouxe, principalmente no início, muita notoriedade acadêmica para a Escola. Eu lembro-me que quando a *Nu* aparece, não havia mais Escola nenhuma no país com aquela capacidade de gerar conteúdo, sobretudo vindo de estudantes e com aquele ritmo e cadência – e a própria Escola ganhou muito com isso. Mas acho que a *Nu*, neste momento, é um veículo para os alunos procurarem um caminho além da arquitetura – porque a arquitetura pode ser muita coisa além do próprio projeto prático e a Revista oferece essas perspectivas porque permite pesquisar e trabalhar em equipa, com pessoas com interesses diferentes. Agora, se a Escola e a Revista andam a velocidades similares? Sinceramente não vejo que a velocidade da *Nu* seja, em algum momento, condicionada pela Escola; não acredito que exista essa relação.

Entrevista a Mário Carvalhal

08 de Julho, 2020

O corpo editorial da Revista Nu nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogénea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista Nu, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

Eu fiz parte da direção que fundou a Nu, portanto, posso dizer que, tirando o período em que eu estive de *Erasmus*, acompanhei de perto as primeiras cinco direções da Revista. Durante o primeiro ano, na direção do Pedro Jordão, a redação era, no fundo, o Núcleo de Estudantes e, se não me engano, as reuniões da Revista e do Núcleo aconteciam simultaneamente. No ano que se segue, a redação era igualmente fixa, embora o diretor fosse, então, o Bruno Gil. Quando se dá novamente a transição de direção – que coincide com o período em que vou de *Erasmus* –, o que acontece é que se dá uma debandada de quem fazia a Revista, que, no fundo, eram as pessoas as pessoas mais velhas e que, por isso, ou estavam a fazer a Prova Final ou já tinha, de facto, acabado o curso. Nesse período em que há uma saída muito rápida do corpo editorial, quem assume a direção é o Daniel Beirão que, deparado com um corpo editorial vazio e com um modelo de funcionamento que tinha falhado na questão da continuidade, propõe um novo modelo, mais aberto, mais fluido, no qual qualquer estudante poderia participar. Portanto, quando eu volto de *Erasmus*, a dinâmica da Revista já era essa; no fundo, contava-se com um núcleo duro,

minimamente fixo, e com um outro grupo de pessoas que, com uma participação menos regular, acabariam por contribuir bastante para a discussão. Durante o período em que o Daniel Beirão assume a direção, criam-se também as Viagens Nu, que foram muito importantes para a discussão de novos temas e para a construção e coesão da redação enquanto equipa. Durante a minha redação, a nossa maior preocupação foi, de facto, produzir o máximo de números possível, com o máximo de estudantes de anos diferentes, nem que, por vezes, o produto não fosse tão maduro. Por isso, penso que foi muito importante a Nu tornar-se efetivamente aberta.

Foram delineadas e concretizadas, durante esse período, estratégias de aproximação da Nu aos agentes da Escola?

Recordo-me claramente de fazermos *forcing* com a direção do Departamento para marcamos presença na Sessão de Abertura do ano letivo. Nesse momento específico, recordo-me de fazer uma apresentação na qual tentamos passar aos novos alunos a mensagem de que através da Nu se aprende com outras pessoas, se conversa com arquitetos de todo o lado e se aprende arquitetura de todo o lado. Recordo-me de um segundo em que, resumidamente, reuni vários números da Revista e fui à sala do primeiro ano falar com os alunos; nesse momento, juntou-se a mim um grupo de alunos que acabaria por entrar na Revista e que acabaria, mais tarde, por dar continuidade à Nu.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram,

desde sempre, recorrentes na Revista Nu. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

O meu esforço foi o de que a transição de direção não significasse necessariamente começar do zero; mas isso implica, ao mesmo tempo, que a discussão seja aberta, que aconteça com estudantes de vários anos e que, principalmente, sejam distribuídas responsabilidades, criando condições no sentido de preparar a equipa para as inevitáveis transições. Os editores de cada número, por exemplo, eram alunos mais novos, precisamente porque estávamos a pensar na questão da continuidade.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

O objetivo era ter alunos de todos os anos e, de facto, isso acontecia.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro,

refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de acontecimentos externos – relacionados com a Escola ou com o contexto da disciplina?

Penso que existem os três momentos, ou seja, temas que surgem a partir de *brainstorming* dentro da equipa, de modo horizontal – sendo esta estratégia a mais recorrente; temas que aparecem como sugestão de alguém – mesmo não pertencendo necessariamente à equipa – e que, por isso, decidia partilhar com a redação; e temas motivados por acontecimentos externos e por dinâmicas exteriores à Revista, como acontece no #22 *Game Design* ou no #12 *Onde Está Coimbra*. Portanto, penso que esses três momentos foram recorrentes e foram todos importantes para o modo de fazer e pensar a Revista Nu.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista, determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspetivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, *quicá*, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da Nu e respetivas Secções? Existia, por algum motivo, a ambição de cumprir todas as secções estabelecidas?

Considero que a estrutura era adaptada às necessidades de cada tema em específico. Por exemplo, durante a direção do Pedro Jordão, a estrutura organizava-se de um modo muito operativo: existia o Editorial; as Crónicas,

escritas por pessoas convidadas; os Artigos, escritos por alunos; a Entrevista; e um conjunto de secções que se faziam sozinhas e que, por isso, eram muito importantes – desde logo, o 1º acto, tratando-se da primeira obra dos antigos alunos do DARQ e que retrava, precisamente, a ambição da Revista em publicitar o trabalho por estes desenvolvido; a Prova Final, divulgando o trabalho teórico que se fazia no DARQ, também por alunos; o Contaminações, retratando outras áreas; o Cheese-Ham Files e o Quiz. O objetivo desta estrutura era, por isso, permitir publicar um número por mês. Mais tarde, a estrutura acabaria por se perder um pouco, ou seja, existiram número nos quais, por opção, não existia o Contaminações ou, por sua vez, existiam duas entrevistas. A estrutura absolutamente rígida foi-se perdendo; contudo, na minha direção, a ideia era recuperar essa estrutura e mantê-la ao máximo, no sentido de facilitar o processo de produção e publicação.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos presentes em cada publicação são, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina. Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da Nu, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens?

Não sei como está o curso hoje, mas naquela

altura, Projeto tinha uma dimensão gigante; e, no fundo, a Revista servia como espaço de reflexão e busca de um sentido teórico além do projeto. A Escola tinha, naquele período, excelentes professores a nível teórico, que estimulavam o sentido crítico dos alunos. Recordo-me, por exemplo, que o Paulo Varela Gomes nos dizia: “Eu não estou aqui para vos ensinar nada além de vos ensinar a aprender”; e isso marcou-me profundamente. No fundo, a Revista cumpria o papel de estimular a curiosidade e era, de facto, um espaço para o pensamento e para a reflexão, além das horas passadas no estirador. Por essa razão, penso que a Nu não é, de todo, um paralelo com o que é lecionado na Escola; nunca o foi. Quando saiu o artigo do Rem Koolhaas na Revista, ninguém falava de Koolhaas na Escola, ninguém sabia, sequer, o que era o *Delirious New York*. Tal como dizia também o Paulo Varela Gomes, o objetivo da Escola era o de “construir uma Escola entre o Porto e Lisboa, entre Coimbra e o Mundo”, só que a parte do mundo não era muito (ou quase anda) presente no ensino do projeto no Departamento.

Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

Teórica, sem dúvida.

No período em que assumiu a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência de eventos nos quais a Nu e a Escola concretizassem uma contaminação, seja

através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a *Nu* tivesse um papel preponderante na demarcação de uma posição?

Durante o período em que estive na *Nu*, a Escola nunca organizou nenhuma iniciativa para a qual a *Nu* fosse convidada a participar. A relação *Nu*-Escola nunca foi muito profícua, mas penso que essa questão terá a ver com a fase em que a Escola estava, pois havia, de facto, um enorme desligamento. Contudo, em termos de iniciativas e eventos, penso que a *Nu*, a certas alturas, promovia mais eventos do que a própria Escola.

Em que momentos determinados eventos externos apresentaram ser um estímulo para as dinâmicas da *Nu*; como por exemplo, a realização de determinadas entrevistas no seguimento de um tal evento?

A entrevista que fizemos ao Norman Foster, por exemplo, para o número *Europa* (que acabaria por não ser publicado), aconteceu na Trienal de Arquitetura de Lisboa; a entrevista ao Álvaro Siza, para o #29 *Modus Operandi*, aconteceu no seguimento de uma conferência de apresentação do projeto da Biblioteca da Faculdade de Direito, que decorreu em Coimbra. Obviamente que, existindo eventos em que os elementos da *Nu* vão ou, por sua vez, existindo eventos nos quais se reúnam, em Coimbra, figuras interessantes para entrevistar, por uma questão de poupança de recursos, havia o hábito de se dar essa contaminação. Contudo, no seu todo, não era a prática mais recorrente,

e não era sequer por aí que se decidiam os contributos para cada número.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

Sim e não; depende de cada modelo de funcionamento da *Nu*. Por exemplo, o Pedro Jordão conseguiu editar nove números num ano, portanto, essa dinâmica é possível, embora esteja associada precisamente a um modelo de funcionamento específico. Os modelos de funcionamento mudam a cada direção, porque as pessoas são diferentes e as dinâmicas são também necessariamente diferentes. Contudo, em todos, existem coisas que correm menos bem, mas que servem, ao mesmo tempo, de motivação para o ano seguinte e que fazem parte, por isso, de um processo constante de aprendizagem. Importa salientar que estamos a falar de estudantes e ninguém conhece melhor o ritmo de funcionamento do Departamento do que, efetivamente, os estudantes. Portanto, existindo a vontade de publicar mais números num ano, isso é totalmente possível. Contudo, penso que os modelos que não privilegiam a discussão e o debate não são, de todo, modelos de aprendizagem.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da *Nu* para Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á afirmar que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

Penso que o maior contributo da *Nu* tem sido, sobretudo, ser uma ferramenta dos alunos para colmatar as falhas pedagógicas da Escola, em regime de autoaprendizagem; por isso, a *Nu* é essencial porque cumpre, essencialmente, o papel de satisfazer a curiosidade de uma forma muito produtiva. Quando a *Nu* surgiu, a Escola era muito fechada, com uma perspetiva crítica da arquitetura portuguesa, mas que parava aí. Portanto, não saía da Escola um pensamento heterogéneo e pode-se dizer, ao mesmo tempo, que quando começam a surgir abordagens diferentes, já estamos a falar de uma geração *Nu*. Penso que a *Nu* é, precisamente, o negativo da Escola, ou seja, a *Nu* é, na verdade, o que sobra da Escola: um espaço que os alunos têm para explorar as suas curiosidades; se não houvesse a necessidade desse espaço, a aprendizagem da sala de aula bastava-lhes.

Entrevista a João Crisóstomo

07 de Julho, 2020

O corpo editorial da Revista *Nu* nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogénea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista *Nu*, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

A *Nu* surgiu de um núcleo duro, absolutamente fechado e estanque, no qual os membros eram selecionados por regime de concurso; e penso que, no fundo, a *Nu* só poderia ter começado assim: de forma segura e poderosa, permitindo planear e publicar uma revista por mês, partindo da iniciativa dos alunos – o que seria, na altura, absolutamente impensável. Tratava-se de uma estrutura quase profissional, que permitiria que a *Nu* surgisse e tivesse persistido até hoje e que, se assim não fosse, poderia ter acontecido o mesmo que aconteceu com a *Unidade*, na FAUP. Mais tarde, já com o Daniel Beirão e com o Rui Aristides, existe um pensamento e autocritica sobre o modelo de funcionamento da Revista; eles entendiam que a *Nu* era uma revista dos estudantes e não de um grupo restrito e que, por isso, o contributo de todos os estudantes era essencial para a identidade da Revista. Esta foi uma visão completamente distinta da inicial, mas que estava claramente associada a duas figuras da direção. Por isso, acredito que a forma de estruturar a *Nu* sempre dependeu de quem assumia a sua direção e foi mudando por uma questão de autocritica e pensamento teórico e social sobre a própria Revista. É importante perceber, de igual modo,

que há contingências dentro e fora da Escola que acabam por influenciar e justificar um determinado contexto, ou seja, basta existir um ano menos interessado na Revista para que exista uma quebra nesse ano específico. De facto, nem sempre é fácil manter uma certa continuidade, mas, ao mesmo tempo, é totalmente louvável uma revista de estudantes publicar quase cinquenta números; existe, sequer, numa outra escola de arquitetura, uma revista de estudantes com esta longevidade? A *Nu* é, para mim, um fenómeno inexplicável.

Foram delineadas e concretizadas, durante esse período, estratégias de aproximação da *Nu* aos agentes da Escola?

Nessa altura, procurávamos dar a *Nu* a conhecer através de eventos que realizávamos para angariar fundos, com vendas da Revista no claustro, mas a verdade é que, nesse período, a *Nu* já era a revista da Escola, já estava estabelecida.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista *Nu*. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

As transições a que eu assisti foram absolutamente naturais. Há sempre uma sobreposição da equipa que sai com a equipa que assume a Revista, há sempre um lastro

que se mantém e que, no fundo, garante essa continuidade – seja no *design*, seja na tesouraria, seja na discussão. Normalmente, o que ia acontecendo, é que os membros mais velhos saíam, geralmente porque terminavam o curso, e os mais novos lideravam o debate; era, por isso, uma passagem de testemunho que acontecia de forma muito natural.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

Penso que a composição da equipa era essencialmente orgânica. No início, era composta tendencialmente por alunos do 5º ano e da Prova Final, mas sempre existiram estudantes de todos os anos na Revista. Eu, por exemplo, quando entrei na *Nu* ainda estava no primeiro ano.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro, refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de acontecimentos externos – relacionados com a Escola ou com o contexto da disciplina?

Recordo-me que quando regresssei de *Erasmus*, herdei os números que vinham preparados da equipa anterior; o número que nós lançamos, o #32 *Ocupa*, já vinha, por isso, da direção passada. Mas recordo-me que nesse período nos concentrámos não só nos números em si, a estruturar os números seguintes, mas em saldar dívidas, em organizar o inventário da *Nu*, o arquivo físico – precisamente porque estávamos a pensar na inevitável passagem de testemunho.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista, determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspetivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, quiçá, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da *Nu* e respetivas Secções? Existia, por algum motivo, a ambição de cumprir todas as secções estabelecidas?

No início, havia realmente o desejo de cumprir essa estrutura, contudo, a equipa era crítica no sentido em que, não fazendo sentido uma determinada secção, a estrutura era reinventada. Mas havia sempre esse pensamento crítico associado, caso contrário, a estrutura era puramente orgânica.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos presentes em cada publicação são, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina.

Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da *Nu*, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens?

Procurava ser um estímulo, sem dúvida – pelo menos durante o tempo em que estive ligado à Revista. Procurávamos trazer sempre novos temas, pois sendo a *Nu* uma ferramenta de aprendizagem, não interessava tanto consolidar as convicções que a Escola já nos dava. Tratava-se exatamente de abrir outras portas, colocar em causa essas consolidações e provocar, assim, novas convicções.

Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

Dependia muito das pessoas que escreviam e do interesse dessas pessoas sobre um determinado tema; dependia também se um determinado artigo era desenvolvido por um aluno do 1º ano ou do 5º ano. Contudo, o todo é que é, de facto, importante; e eu entendia o todo como sendo equilibrado.

No período em que assumiu a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência de eventos nos quais a *Nu* e a Escola concretizassem uma contaminação, seja através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a *Nu* tivesse um papel preponderante na

demarcação de uma posição?

Aconteciam os dois momentos. Havia, por um lado, a organização de eventos que depois se abriam à Escola, como por exemplo a organização de festas para angariação de fundos; e, por outro, havia a integração da *Nu* dentro de programas mais abrangentes despoletados pela Escola. Mas houve um evento que, para mim, foi absolutamente marcante: o *DARQ Reboot*. O *DARQ Reboot* foi um dos momentos em que a Escola implodiu e que foi muito marcante para nós; a Revista teve, nesse momento, uma presença muito forte em todo o evento, mesmo que não tivesse partida da *Nu* a iniciativa. Já em momentos anteriores tinham acontecido iniciativas semelhantes, portanto, penso que será cíclico.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do *DARQ*?

Eu penso que sim. Penso que existem aqui dois planos: um tem a ver com a compatibilização a médio-longo prazo, que tem a ver com a transição de ano, ou seja, com o fecho de um ano e a preparação do ano seguinte; e a compatibilização diária, na qual era preciso

compreender de que modo se compatibilizam as muitas horas de aulas diárias com o tempo que se tem de dedicar à Revista. No primeiro caso, recordo-me que fazíamos sempre as Viagens Nu; chegando o final das aulas, fazíamos uma viagem durante uma semana, que servia precisamente para revermos o que tinha corrido bem, o que tinha corrido menos bem, que servia para explorarmos os possíveis novos temas, e que servia, acima de tudo, para construirmos um grande espírito de equipa. No segundo caso, penso que essa compatibilização é efetivamente mais difícil e talvez seja esse um dos fatores que, conjugado com outros, levam à quebra do ritmo da *Nu*. Mas, de facto, a perseverança, o altruísmo, a vontade e o compromisso sempre foram muito importantes, associados sempre à vontade de aprender o que a Escola não ensinava, tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista prático.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da *Nu* para Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á afirmar que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

Penso que a *Nu* contribui para a Escola na exata medida em que se apresenta como revista de estudantes com um grande ritmo, com um grande rigor e com uma grande vontade de complementar os alunos com algo mais. A *Nu* vai dando pequenos contributos aos alunos e,

consequentemente, à Escola; não é a *Nu*, por si, que faz a Escola, mas ajuda a colocar algumas sementes... seja pelos números que lança, seja pelas conferências que organiza, ou por todas as outras atividades que desenvolve. A *Nu* é, de facto, uma ferramenta para aprendermos a trabalhar em equipa, para lidarmos com outras opiniões, para aprendermos sobre outros temas – relacionados com a arquitetura e não só. Tudo isso, quando conjugado, ajuda a completar e a construir a própria Escola. Penso que a *Nu* pode dar pistas da velocidade da Escola, mas não acredito que seja um termómetro tão fidedigno.

Entrevista a Diogo Lopes

10 de Julho, 2020

O corpo editorial da Revista *Nu* nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogénea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista *Nu*, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

No nosso caso específico, depois duma primeira direção conjunta em 2008-09, aconteceu uma quebra determinante quando a maioria das pessoas que faziam parte da equipa saíram da Escola através do programa *Erasmus*. Durante esse período, a Revista abrandou e não foi publicado nenhum número. Acabáramos por preparar durante esse êxodo o ano seguinte, à distancia, com conversas entre nós. Quando regressámos, a Revista teve de recomeçar praticamente do zero e estávamos muito focados em produzir o máximo que conseguíssemos. Talvez por isso tenha existido um certo fechamento, mas que não era, de todo, intencional.

Foram delineadas e concretizadas, durante esse período, estratégias de aproximação da *Nu* aos agentes da Escola?

No ano da direção conjunta abrimos um concurso de artigos aberto a todos os estudantes, precisamente para tentar auscultar qualquer possibilidade de aumentar o corpo editorial. Não recebemos nenhuma contribuição, mas recebemos as críticas de um antigo diretor que defendia que a entrada de membros no corpo

editorial não devia ser legitimada através de provas de competência. A iniciativa mais direta foi essa, mas existiram outros momentos. Todos os lançamentos da *Nu* eram seguidos de conversas, fizemos uma exposição e festas no claustro, havia eventos na Escola regularmente e, para nós, essa era a maneira da *Nu* provocar interesse em qualquer aluno. Contudo, a percepção que eu tenho é que essa presença tão assídua da *Nu* na Escola passava uma imagem de um comboio em andamento, no qual era difícil de entrar. E, sendo mais autocrítico, a coesão do nosso grupo era particular, com discussões que se prolongavam para lá das reuniões, e talvez fosse difícil alguém externo se motivar para encontrar o seu espaço.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista *Nu*. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

Acho que as transições de direção são, de facto, as maiores repercussões na vida da *Nu*. O curso de arquitetura por si já é exigente, mas quando fazes parte de uma Revista é porque tens uma ambição maior do que aquela que o teu curso te estimula. Por essa razão, é inevitável que as gerações se queiram substituir e, com isso, mudar as ideias da Revista. Cada geração pensará arquitetura de forma diferente, terá universos diferentes e a Revista poder dar voz e espaço a essa inquietude.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

Eu estive na Revista desde o final do 1º ano e sempre assisti à entrada de alunos de todos os anos. Ainda assim, acho que é inevitável as pessoas mais velhas comandarem a Revista. Apenas porque têm uma experiência associada ao tempo necessário para aprender a fazer uma revista, desde a estruturação dos números à planificação do calendário do ano, da organização de reuniões à procura de financiamento, até à impressão. Contudo, não quer isso dizer que esses estudantes tenham uma maior desenvoltura teórica. Há pessoas que estão despertas para a teoria mais cedo e, por essa razão, os contributos dentro da Revista eram orgânicos e não eram determinados por esse aspecto.

No período em que assumiu o cargo de diretor, verificaram-se dois fenómenos: por um lado, uma redução considerável do número de elementos do corpo editorial e, por outro, a recuperação de uma periodicidade há muito perdida. Acredita que uma redação mais reduzida poderá, porventura, ter potenciado uma dinâmica de trabalho mais vigorosa? Por sua vez, era um desejo assumido da equipa recuperar a cadência de outrora?

Uma equipa mais focada, que partilha objetivos, permite produzir conteúdos com

maior consistência, por um lado, e com maior regularidade, por outro; no fundo, há pouco desperdício de energia. Mas não diria que isso é condição *sine qua non* para produzir; acontecia no nosso caso e servia-nos bem. Recuperar a cadência de publicação era claramente um objetivo para a nossa direção. Nós tínhamos pouco apreço pela ideia de passar meses a fazer o grafismo de um só número. Naquele contexto víamos isso como um trabalho de perfeccionismo que tocava no gosto e que esvaziava qualquer sentido de objetividade. Nós queríamos afastar-nos desse modo de fazer e, por essa razão, tentamos automatizar praticamente tudo – o grafismo, a organização dos eventos, as reuniões, os e-mails. Fizemos isso num mês, libertando o restante tempo para a escrita.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro, refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de acontecimentos externos – relacionados com a Escola ou com o contexto da disciplina?

Os temas de cada número foram muito cruzados entre os editores da nossa equipa. Falamos muito com a Inês Morão Dias sobre o *Feio* e sobre o *Mito*, com o Filipe Madeira sobre o *XXL* e com o Frederico Martinho e com o Diogo

Vasconcelos sobre o *Sul*. Estes quatro números dividem-se em dois grupos: o *Feio* e o *Mito* com aproximações mais literárias e filosóficas, ao Umberto Eco, no caso do *Feio*, e ao Claude Lévi-Strauss, no caso do *Mito*; e o *XXL* e o *Sul* que estavam agarrados à ideia de território e da paisagem de grande escala. Portanto, os temas eram decididos por nós e refletiam os interesses comuns dos editores. Eram alinhavados logo nas primeiras semanas do ano e durante as restantes reuniões discutíamos em profundidade os artigos de cada número.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista, determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspetivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, *quicá*, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da *Nu* e respetivas Secções e, mais especificamente, com o término de algumas secções já existentes?

Nós considerávamos que uma estrutura formal tinha a intenção comercial de cumprir com uma audiência que, efetivamente, não existia. Portanto, o que fazia sentido era construir o melhor número possível, que exprimisse as nossas perspetivas, sem estarmos agarrados a uma estrutura fixa. O artigo gráfico era, talvez, a única secção que considerávamos importante, porque tínhamos um interesse na imagem. Para nós, havia duas maneiras de fazer a Revista: através de palavras e através de imagens e, por vezes, a imagem estava mais próxima de certos temas de arquitetura.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos presentes em cada publicação são, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina. Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da *Nu*, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens?

Na altura eu achava a *Nu* contracorrente, embora em retrospectiva me aperceba que isso resultava de episódios esporádicos. Para te dar um exemplo, no 3º ano, dentro da Revista, nós olhávamos muito para a arquitetura de Caruso St. John, Sergison Bates, Tony Fretton. Recordo-me de ter discussões informais com um professor a propósito de estar a estudar um detalhe de janela dos Sergison Bates porque o professor me dizia que deveria ver os detalhes superiores do Souto Moura. Respondi-lhe ingenuamente que Sergison Bates me parecia melhor do que Souto Moura por *n* razões. Mas o que este episódio quer realmente dizer é que a *Nu* era, efetivamente, uma maneira de legitimar uma atitude crítica, convocando outros universos que não os maioritariamente veiculados pela Escola.

Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

Acho que a prática e a teoria não se opõem. São meios e modos distintos, mas que se influenciam mutuamente por caminhos, às vezes, difíceis de retrair. Quando estudamos muito um tema, isso terá inevitavelmente influência no projeto. Não sei se os nossos textos eram mais desenvolvidos teoricamente ou explicitamente mais próximos da prática, mas sei que eram relativamente provocatórios. No bom sentido, porque eram feitos de uma vontade pueril de construir uma perspectiva por oposição à Escola, o que me parece próprio dessa idade; mas também no mau sentido, porque sendo feitos dessa oposição sucumbiam aos vícios e ao enquadramento construídos pelos discursos da Escola.

No período em que assumiu a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência de eventos nos quais a *Nu* e a Escola concretizassem uma contaminação, seja através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a *Nu* tivesse um papel preponderante na demarcação de uma posição?

O evento mais importante foi, sem dúvida, o *Cosa Mentale*. Foi uma iniciativa que tinha o intuito de fazer Escola, com arquitetos convidados e com temas que, esperávamos nós, iriam influenciar os estudantes e passar para a sala de projeto. O *Cosa Mentale* foi um resumo daquilo que queríamos fazer na *Nu*: dar uma contribuição à construção da Escola.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades

no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

Por um lado sim, porque penso que a *Nu* tem de ser independente. Por outro lado, lembro-me de me bater para que apesar da independência de cada corpo, houvesse – como há noutras escolas europeias – uma sinérgia maior entre a Escola e as dinâmicas da *Nu*, nomeadamente na coordenação de um programa de conferências anual que dê alguma cadência à vida da Escola para lá do programa letivo tradicional.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da *Nu* para Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á afirmar que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

Espero que nunca sejam o reflexo uma da outra e esse era um elogio feito recorrentemente à *Nu*. Recordo-me que conheci a arquitetura do Rem Koolhaas através da *Nu* e isso é o que ela tem para oferecer de mais valioso: uma alternativa. A *Nu* serve para reunir pessoas que gostam de falar de arquitetura livremente.

Entrevista a Luís Madeira

13 de Julho, 2020

O corpo editorial da Revista *Nu* nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogénea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista *Nu*, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

Eu entrei na *Nu* durante o 1º ano do curso e assumi a direção no 4º ano; portanto, participei na *Nu* desde o #38 *Ideia* até ao #42 *Memória*. Durante esse período, a Inês Morão Dias, o Diogo Lopes, o Diogo Vasconcelos, o Frederico Martinho e o Filipe Madeira, que eram as pessoas que estavam a assumir a direção da *Nu*, foram de *Erasmus* e, então, a Revista acabou por ficar um pouco abandonada. Quando assumi a direção, a *Nu* já não produzia há cerca de dois anos; havia dependido sempre de alunos mais velhos para produzirem conteúdo e, por isso, o problema com o qual nos deparávamos, relativamente às oscilações, era que não havia ninguém mais velho que quisesse ou que se sentisse capaz de participar na *Nu*. Durante o período em que estive na *Nu*, as oscilações acontecem por uma série de transições decorridas no espaço de dois/três anos, aliadas ao medo que os alunos mais novos tinham em assumir a Revista e continuá-la tendo em conta, especialmente, os números e a produção de conteúdos que vinha de trás. Quando eu assumo a direção da *Nu*, juntamente com o Pedro Treno, verificamos que existia uma série de problemas a corrigir, de forma a garantir a continuidade da Revista. Por isso, começamos

a delinear um conjunto de estratégias algo didáticas, precisamente a pensar na entrada de novos elementos. Nós víamos muito potencial na Revista enquanto espaço para os alunos praticarem e publicarem o seu discurso crítico sobre questões da arquitetura e, portanto, a *Nu* não podia desaparecer. O grupo anterior era, de facto, muito fechado; era um objetivo claro terminar os números que estavam a ser planeados, mas não existia qualquer perspetiva de futuro e continuidade – caso existisse essa intenção, ela não nos era transmitida. Portanto, as oscilações devem-se, sobretudo, à inconsistência de direções, à inconsistência de editores e, mais do que isso, deve-se à falta de abertura em integrar membros com questões opostas ou complementares. No fundo, foram estas inconsistências que, durante a minha direção, tentei resolver.

Foram delineadas e concretizadas, durante esse período, estratégias de aproximação da *Nu* aos agentes da Escola?

Sim. Uma das primeiras estratégias que definimos foi introduzir o Artigo Gráfico como sendo um elemento de explicação gráfica e imediata, na qual qualquer aluno poderia participar. O Artigo Gráfico não envolvia um processo absolutamente fundamentado, como acontece na produção de conteúdos escritos, por isso, era uma página acessível a qualquer aluno, com qualquer nível de experiência. Mais tarde, também a capa acabaria por se tornar acessível, reforçando esta ideia de que qualquer aluno poderia introduzir as suas próprias ideias, desde que devidamente fundamentadas. A produção

de conteúdos teóricos, mais desenvolvidos e justificados, aliada à revisão constante desses mesmos conteúdos, afastava os alunos da Revista; por isso, essas estratégias foram importantes, principalmente para os alunos do 1º e do 2º sentirem que, de facto, existia essa abertura na *Nu*. Outra das estratégias foi reunir sempre de porta aberta, por vezes a céu aberto nos espaços da Escola, precisamente para que pudéssemos transparecer a ideia de que a *Nu* era um núcleo aberto a qualquer estudante do DARQ, afastando a *Nu* de uma ideia de exclusividade que existia anteriormente.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista *Nu*. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

As transições mais complicadas para nós, do ponto de vista técnico, foram, por um lado, a nível da composição gráfica, isto porque, no fundo, estávamos a pedir a alunos de arquitetura, que fazem desenhos de arquitetura, que montassem um corpo de texto de forma coerente, de acordo com os precedentes gráficos da Revista; e, por outro lado, outra coisa que foi extremamente complicada foi tentar quebrar o estigma de a *Nu* querer ser algo mais do que aquilo que era, ou seja, não ser uma *fanzine* e tentar ser um livro. A nível de direção, o maior problema tinha a ver com o final do ano letivo, ou seja, quando o ano letivo

terminava, dava-se uma transição de direção, o que significava que a direção seguinte estaria quase a começar do zero. Nunca houve uma ideia de continuidade; existiu sempre uma ideia muito individualista, sem perspetivas de futuro. Para mim e para o Pedro Treno, na altura, a questão da continuidade era essencial e, por isso, queríamos manter a *Nu* viva e foi precisamente por essa razão que acabamos por assumir a direção da Revista.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

A *Nu*, até então, não era representativa de maneira nenhuma. No período em que assumi a direção, a *Nu* era composta por alunos de todos os anos. Como não havia, de facto, uma equipa fixa, eu e o Pedro Treno tentamos que a *Nu* fosse o mais aberta possível para todos os alunos.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro, refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de

acontecimentos externos – relacionados com a Escola ou com o contexto da disciplina?

O conteúdo do número #39 *Matéria* é completamente alheio à minha direção; nós simplesmente terminamos aquilo que a direção passada tinha começado, mas não participamos na discussão sobre o seu conteúdo. A editora, Inês Abreu Ribeiro, coordenou connosco os conteúdos e grafismo e ‘adjudicou-nos’ a capa e a impressão do número. O #41 *Gordura* e o #42 *Memória* são, de facto, os números produzidos durante o período em que assumi a direção com o Pedro Treno. O *Gordura*, por exemplo, acontece num período de expansão do conteúdo relacionado com arquitetura da internet, de uma grande quantidade de imagens sensacionalistas e absolutamente imediatas. Este fenómeno era absolutamente avassalador para os novos membros; eles sentiam-se muito questionados com a arquitetura de ‘consumo rápido’ – Valerio Olgiati, Pezo von Ellrichshausen, etc e com os clássicos modernos – Mies, Aalto, etc, que estavam a estudar no Departamento. Neste período, havia uma linha de debate dentro da redação que estava absolutamente relacionada com os materiais, com os conceitos e, na sequência disso, interessava-nos compreender o que é que acontecia à arquitetura quando se despia, efetivamente, de todas essas gorduras sensacionais e imediatas. O tema ‘gordura’ parecia-nos, por isso, lato o suficiente para que todos conseguissem escrever, parecia-nos aberto o suficiente a inúmeras abordagens e, por isso, fez todo o sentido avançar – todo o seu conteúdo nasce, na sua totalidade, de debates internos com toda a redação. Por sua

vez, o *Memória* decorre das mesmas questões e linhas de investigação da redação, no entanto, segue uma via oposta, dedicada à permanência da arquitetura.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista, determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspetivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, *quicá*, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da *Nu* e respetivas Secções? Existia, por algum motivo, a ambição de cumprir todas as secções estabelecidas?

O nosso grande objetivo era, de facto, a manter a *Nu* ativa. Para isso, nós precisávamos de resolver aqueles que considerávamos ser os maiores problemas da *Nu*: ser dispendiosa para os alunos e ter falta de membros. A estrutura da própria Revista, na verdade, nunca foi uma coisa sobre a qual eu, pessoalmente, questionasse. No fundo, aquele era o molde da *Nu*, que vinha de trás e que nós iríamos seguir, pois estava pré-definido. Há um momento único em que o *Enviados Nu* é reintroduzido pelo Pedro Treno no #42 *Memória*, retomando uma secção que se verifica no princípio da *Nu*.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos presentes em cada publicação são, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina.

Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da *Nu*, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens?

De forma alguma os conteúdos eram relacionados com o que era lecionado na Escola. A *Nu* sempre foi vista como um incremento àquilo que estava a acontecer na Escola; sempre foi, por isso, entendida enquanto espaço no qual se poderiam debater abertamente questões relacionadas com a arquitetura, fossem quais fossem. Por isso, a *Nu* permitiu-nos expandir horizontes e responder às questões pessoais que não eram respondidas academicamente.

Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

Eram bastante teóricos. Posso dizer, até, que todos os artigos que escrevi nada tinham que ver com projetos de arquitetura construída; tinham que ver, no fundo, com coisas mais etéreas – ideias, conceitos, motivos. Contudo, sendo esta uma preferência e interesse pessoal, nunca existiu um foco na prática ou na teoria. Os ingressos teóricos, práticos ou teórico-práticos nunca foram o foco da redação; o objetivo era debater arquitetura da forma mais apropriada, qualquer que fosse.

No período em que assumiu a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência

de eventos nos quais a *Nu* e a Escola concretizassem uma contaminação, seja através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a *Nu* tivesse um papel preponderante na demarcação de uma posição?

Nunca aconteceu a Escola chamar a *Nu* para o que quer que fosse; nunca existiu qualquer comunicação por parte da Escola ou qualquer intenção por parte da direção do DARQ em apoiar a Revista. O contrário, sim, aconteceu várias vezes. Recordo-me, por exemplo, do Ciclo de Conferência [*Zero*], associado ao número #43, com o Armando Rabaça, com o José Capela e com o Diogo Seixas Lopes, que foi um momento muito importante, quer para a Revista, quer para a Escola. Também os lançamentos da *Nu* eram eventos verdadeiramente solenes, com a participação de figuras internas e externas. Mas, de facto, a Escola nunca potenciou qualquer momento, embora acredite que essa sinergia é muito importante. Não existindo esse estímulo constante aos alunos por parte da Escola, o próximo Sigfried Giedion pode estar sentado na sala de aula, mas o potencial perde-se a partir do momento em que não se abrem portas para o debate e para o pensar arquitetura.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de

funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

Penso que é compatível no sentido em que o ano letivo deveria terminar com um número lançado e o ano civil deveria terminar com o lançamento de outro. Esta dinâmica implica, no fundo, que exista trabalho distribuído para a interrupção letiva, ou seja, significa ir de férias e ter de produzir conteúdo – como entrevistas ou conversas. Contudo, visto que a *Nu* não é uma revista na qual as pessoas que a estão a produzir estão a ser remuneradas, é expectável que essa continuidade e esse sentido de responsabilidade não existam. Esta é uma prática, creio, muito interessante; a produção, que acaba por ser constante, garante também uma certa continuidade e, por isso, foi o modelo que, durante a minha direção, tentámos de algum modo cumprir.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da *Nu* para Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á afirmar que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

Sem dúvida nenhuma que o contributo da *Nu* para a Escola, e vice-versa, é o Bruno Gil; e este contributo, especialmente para o DARQ, significa ter uma figura de destaque no panorama nacional, formada no Departamento.

O Departamento de Arquitetura é extremamente estéril a nível de produção intelectual; contudo, a *Nu* coloca o DARQ no mapa – pelos mãos dos alunos e não pelos professores – e a figura do Bruno Gil é, aqui, absolutamente crucial. Se a *Nu* e a Escola podem ser um reflexo uma da outra, penso que sim, desde que aconteça uma reformulação do corpo docente, desde que exista um corpo docente criado em Coimbra e feito para Coimbra – e só assim a *Nu* e a Escola podem caminhar a par e passo; até lá, não pode existir essa relação íntima.

Entrevista a Duarte Pereira

10 de Agosto, 2020

O corpo editorial da Revista Nu nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogénea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista Nu, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

Acredito que as oscilações sentidas no período que assumi a direção da Nu se deveram ao facto de estarmos perante um período de transição na Revista. O corpo editorial que transitou da direção anterior era composto por quatro pessoas. A grande maioria das saídas definitivas de membros pertencentes ao corpo editorial da Revista aconteceram devido a três fatores: a conclusão do curso, a entrada no último ano do curso, correspondente ao da elaboração da Dissertação de Mestrado e à saída do Departamento de Arquitetura para prosseguirem estudos fora de Portugal.

Foram delineadas e concretizadas, durante esse período, estratégias de aproximação da Nu aos agentes da Escola?

Assim que assumimos a direção da Revista percebemos que o caminho mais indicado para o ano seguinte seria o de começar por organizar um ciclo de conferências no Departamento. Esta iniciativa tinha como principal objetivo dar a conhecer a Revista à comunidade estudantil e, ao mesmo tempo, enriquecer a cultura arquitetónica da Escola, através dos intervenientes convidados para as conferências.

Refiro-me ao Ciclo de Conferências [Zero] que deram origem ao número #43 Zero.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista Nu. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

Os períodos de transição são os momentos ideais para questionar, rever e melhorar a Revista, quer ao nível de conteúdo teórico quer como um objeto *per se*. Quando entrei para a Nu, no meu segundo ano – em 2012 – comecei precisamente num destes momentos de transição. O Luís Madeira tinha acabado de assumir a direção e a maioria do corpo editorial era composto por novos membros. Esta transição é perceptível a partir do número #41 Gordura através da mudança de layout e grafismo da Revista, que foi repensada por mim e pelo Luís. Em 2014, quando assumo a direção da Nu com o Pedro Lopes, tomámos uma decisão estratégica de editar apenas um número. Esta decisão deveu-se ao facto de no ano seguinte nos ser impossível de manter a direção da Revista, uma vez que iríamos estudar no estrangeiro durante 12 meses. A nossa estratégia consistiu em realizar um ciclo de conferências e daí conseguimos todo o material necessário para a edição #43 da Revista Nu.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das

equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

Durante todos os anos em que estive na *Nu*, as equipas da redação sempre foram bastante específicas. A Revista é um produto criativo que exige muito trabalho, motivação, esforço e dedicação por parte de cada um dos seus membros. Um trabalho que é exigente não só ao longo de todo o ano letivo, mas também durante as férias escolares. No início de cada ano letivo existia sempre um certo número de pessoas bastante entusiasmadas para integrar a redação, no entanto, ao longo do ano letivo e com a exigência do programa curricular este número ia naturalmente reduzindo. Desta forma, posso afirmar que o número de pessoas constante e em quem os diretores e editores depositavam total confiança era de cinco a seis pessoas. Este núcleo duro era, normalmente, composto por alunos do mesmo ano ou amigos próximos de outros anos.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro, refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de acontecimentos externos – relacionados com

a Escola ou com o contexto da disciplina?

Para decidir possíveis temas para o ano seguinte eram conduzidas várias reuniões de discussão sobre potenciais assuntos de interesse a serem desenvolvidos pelos membros da redação. Por exemplo, era sugerido um tema por um dos membros do corpo editorial, de seguida era discutido em reunião pela redação, posteriormente aceite pelo(s) diretor(es) e, mais tarde, pensado e desenvolvido pelo editor do número (regra geral a(s) pessoa(s) que trouxe esse tema para a discussão) e pelos restantes membros da redação.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista, determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspetivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, *quicá*, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da *Nu* e respetivas Secções? Existia, por algum motivo, a ambição de cumprir todas as secções estabelecidas?

A estrutura da Revista esteve sempre dividida por secções e manteve-se dessa forma durante todos os anos em que fiz parte da *Nu*. Cada número pretendia abordar um tema – por norma uma só palavra – de todos os ângulos possíveis, e a intenção dessas secções era desconstruí-lo, pô-lo a nu – um dos motivos pelos quais a Revista se chama *Nu*.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos

presentes em cada publicação são, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina. Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da Nu, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens?

Durante o período em que assumimos a direção da Revista *Nu*, o conteúdo da Revista foi pensado de forma totalmente independentemente do que era lecionado na Escola. Caso tenha acontecido, ocorreu de forma não propositada por parte do corpo editorial. A Revista sempre foi uma forma de podermos explorar novos conteúdos e novas ideias.

Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

Durante o meu percurso na Revista houve sempre a intenção de melhorar a sua base teórica e estimular o espírito crítico dos seus membros e leitores. Tentámos sempre que cada artigo permitisse ao autor aprender sobre o tema, mas ao mesmo tempo mostrar a sua visão ao leitor através de um fundamento teórico sustentado por referências, citações, e obras de autores de relevo. No que diz respeito à argumentação e hipóteses teóricas, todas elas eram questionadas durante as reuniões

semanais nas quais os artigos eram submetidos a discussão pela redação. Esta metodologia de análise e debate em reunião permitia não só enriquecer os membros presentes, mas também permitia que todos contribuíssem para melhorar a qualidade do artigo. Consegui perceber ao longo de todo este processo que esta metodologia foi essencial para fomentar quer o espírito crítico, quer a aceitação da crítica construtiva do corpo editorial.

No período em que assumiu a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência de eventos nos quais a Nu e a Escola concretizassem uma contaminação, seja através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a Nu tivesse um papel preponderante na demarcação de uma posição? Em que momentos determinados eventos externos apresentaram ser um estímulo para as dinâmicas da Nu; como por exemplo, a realização de determinadas entrevistas no seguimento de um tal evento?

Em 2015, organizámos o ciclo de Conferências [*Zero*], com o objetivo maior de ser uma base para a criação e desenvolvimento do número #43 *Zero*. Na base estiveram três artigos desenvolvidos pelos conferencistas e três entrevistas realizadas aos mesmos após as suas apresentações. É de salientar que foi igualmente importante a presença em conferências externas ao Departamento e à Universidade de Coimbra, sendo que algumas dessas entrevistas só foram possíveis realizar dessa forma. Muitas das grandes entrevistas, compiladas no número

#40 *Entrevistas*, foram conseguidas a partir desse método. Uma entrevista, que recordo, foi realizada ao Kenneth Frampton, antes de uma conferência no Centro Cultural de Belém, na qual era um dos conferencistas. Infelizmente, nunca chegou a ser publicada.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

Na minha opinião, a Revista é um trabalho contínuo e o seu modelo de funcionamento deve ser adaptado à equipa que a constitui. O Departamento de Arquitetura fornece o espaço e é o palco para a Revista *Nu* existir, mas não deve, nem pode ser limitador para a continuidade e existência da Revista. Isso cabe, naturalmente, ao corpo editorial.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da *Nu* para Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á afirmar que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

A Revista *Nu* é um meio de excelência para a promoção do trabalho dos alunos a nível teórico e o local onde é possível discutir e explorar temas do mundo da arquitetura que não figuram no programa escolar oferecido pelo Departamento. A *Nu* é um complemento à nossa formação, uma ferramenta que funciona em paralelo com a Escola. A *Nu* pode beneficiar de uma aproximação com os agentes da Escola para poder crescer e chegar a uma comunidade arquitectónica mais alargada; no entanto, acredito que a Revista *Nu* não deve perder a sua autonomia e independência.

Entrevista a Pedro Caiado

25 de Julho, 2020

O corpo editorial da Revista Nu nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogénea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista Nu, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

No período em que assumimos a Revista, muitos membros mais velhos da redação tinham terminado o curso e outros do 4º e do 5º ano tinham ido de *Erasmus*, pelo que acabaram por ficar apenas quatro pessoas na equipa, e essa foi uma grande dificuldade para nós. Portanto, naquele período, entraram sobretudo alunos do 2º e 3º ano, que penso que viam a *Nu* como uma oportunidade para estenderem os temas de debate para a parte prática da arquitetura – da obra e do projeto. Havia também uma intenção de escrever ou desenvolver uma parte mais ensaística, mas em alguns casos não existiam ainda as ferramentas que permitissem desenvolver esse conteúdo. Para muitos foi um embate com a escrita e com a leitura de textos de arquitetura. Recordo-me que, na primeira metade do ano, estivemos só a trabalhar em questões como a de escrever um *abstract* de artigo; esta foi uma tarefa árdua porque é um tipo de texto que, pelo seu tamanho limitado, exige uma grande clareza de ideias e onde cada palavra conta para transmitir significado. Quando atingimos um ponto onde existia um número consolidado de *abstracts*, deparamo-nos muitas vezes com a falta de capacidade ou de disponibilidade de uma parte da redação

em dar resposta ao desenvolvimento posterior que esse texto exige para se tornar num artigo, o que levou a sentimentos de frustração que conduziram ao abandono de muitos colegas.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista Nu. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

A transição e reformulação das equipas está intimamente associada à própria dinâmica do curso. À medida que as gerações de alunos se sucedem, é normal que também estas assumam a direção da Revista e a sua própria composição. Conforme a preparação dos alunos e tudo o que está associado a isso, cada geração trará a sua particularidade e a sua especificidade a cada uma das direções. Portanto, obviamente que existe essa influência em função das pessoas que lá estão.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

Penso que a associação da Revista a um grupo específico de alunos fez parte de vários momentos da sua história, mas essa não é a única forma de estruturar o seu funcionamento.

Durante a nossa direção existiu, a meu ver, uma grande alteração na dinâmica do Departamento que afetou esta questão, e que se prende com a mudança do plano de estudos. Nesta altura começa-se a desenhar o fim de um período em que o percurso disciplinar estava bastante desregulado, no sentido em que os estudantes, em vez de terminarem o curso nos cinco anos previstos, demoravam seis ou sete. Estes eram precisamente os alunos que tradicionalmente assumiam a direção da Revista e que iam deixar de existir. Por outro lado, como referi, os alunos pertencentes aos anos mais avançados do curso e que tinham parte ativa na Revista foram, quase na totalidade, em *Erasmus*. Assim, à parte de alguns alunos que, como eu, estavam a fazer a tese, eram os alunos mais novos, do 2º e 3º ano, que demonstravam interesse em participar. Portanto, a tendência que houve aqui foi, precisamente, uma desmultiplicação da dominância de grupos sobre a Revista e um aumento da presença de outros anos escolares, ou pelo menos tentou-se que assim fosse.

No período em que assumiu o papel de diretor, a *Nu* seria marcada por uma séria dificuldade de renovação do corpo editorial e, conseqüentemente, pela ausência de publicações. Tais fenómenos estimulariam um conjunto de debates, externos e extensíveis à Escola, com o intuito de debater o futuro da *Nu*. Que fatores acredita terem determinado a dificuldade de renovação do corpo editorial?

Em grande medida já respondi na pergunta anterior ao apontar a alteração do plano de estudos como principal fator de uma alteração

significativa na dinâmica entre os alunos dos vários anos e a Revista. É evidente que as alterações humanas motivadas por este fator, em si com uma origem externa à *Nu*, tiveram também conseqüências a nível interno, isto é, a nível do próprio funcionamento da estrutura e do trabalho por ela produzido. Neste período houve uma grande adesão por parte de uma geração mais nova, que estava ainda pouco preparada para a redação de artigos ensaísticos e de crítica de arquitetura, a qual requer alguma maturidade e algum desenvolvimento de ferramentas metodológicas necessárias à reflexão e à escrita. Portanto, o que motivou o debate público que iniciámos foi precisamente o facto de reconhecermos que as condicionantes que davam origem ao modelo atual da Revista, ou seja, uma revista modelada em função das capacidades e objetivos de uma geração de alunos em fase de conclusão do curso, já não se verificavam. A *Nu* tinha de mudar o seu foco e tinha de ser ajustada em função dos interesses e aptidões dos alunos que iam passar a ser a parte substancial do corpo da redação. É nesse sentido que surge o debate interno, dentro da redação, e o debate externo, com o Professor Armando Rabaça e com a Professora Desirée Pedro (o Professor Bruno Gil foi convidado mas não podia estar presente na data agendada). Se estas alterações tinham que ver com um quadro mais alargado do Departamento, era importante para nós perceber, por um lado, a opinião geral dos alunos e, por outro, o que é que os professores e acreditavam que os alunos iam desenvolver nestes primeiros anos e de que maneira isso poderia ser ou não articulado com os alunos mais avançados.

Foram delineadas e concretizadas, durante esse período, estratégias de aproximação da Nu aos agentes da Escola?

Sim. Recordo-me que fizemos duas reuniões abertas no início do ano lectivo. Também desenvolvemos sessões com intervenções de ex-diretores e ex-membros da redacção, no sentido de estes relatarem a sua experiência na Revista do ponto de vista dos objetivos que pretendiam explorar com os artigos, com a imagem gráfica, etc., mas também do ponto de vista organizativo da estrutura, de modo a dar um contexto os novos alunos que pretendiam vir a integrar a *Nu*, e também a nós próprios que integrávamos a direcção. Ainda no seguimento desta mesma estratégia de conhecimento da *Nu* e de relação com os novos alunos, procurámos promover a leitura dos próprios números da Revista, ou seja, incentivávamos que os alunos levassem uma revista por semana para casa para folhearem e lerem, e assim adquirirem uma noção do que a *Nu* tinha sido ou continuava a ser, pelo menos até muito recentemente, e para verem realmente a diversidade de formas que ela poderia tomar.

Que fatores determinariam, no fundo, a ausência de publicações?

Nós começámos a preparar um número que, tal como aqueles aos quais assisti na preparação ou em que participei, começou pelo debate do tema a que iríamos dedicar a próxima edição e, a par disso, com o debate de ideias, artigos, obras e imagens que nos sugeriam uma ligação a esse tema e que serviriam de base para artigos

a desenvolver. Como referi, tivemos um número elevado de propostas para artigo mas que não houve ou capacidade ou tempo de serem desenvolvidos. Chegámos a ponderar compor um número apenas com base nesses textos curtos, uma espécie de coletânea de pequenas observações, mas ao mesmo tempo percebemos que a real questão para o futuro da Revista residia na forma como estava a ser estruturada; o tipo de artigos que estávamos a desenvolver não se adequava já à nova geração que estava a entrar na Revista. Por outro lado, não seria justo para aqueles que tinham avançado com os seus textos ou que tinham concluído algumas peças, como era o caso das entrevistas e conversas. Poderíamos ter fechado um número com esses elementos, mas a consequência daquilo para o futuro seria pouca, pois não haveria uma continuidade – como, aliás, não houve.

Por sua vez, qual foi a receptividade e consequente participação da Escola em relação aos debates abertos organizados pela Nu? Ter-se-á concretizado uma contaminação frutífera entre ambas, com repercussões diretas na Revista?

O debate interno foi muito interessante; tratou-se de um período de descoberta da própria história da Revista, que nos permitiu compreender que a *Nu* era, de facto, uma entidade mutável, em função daquilo que os alunos pretendiam e, em certa medida, foi isso que nos permitiu olhar com naturalidade para uma eventual reformulação da Revista. O debate público, já no fim da nossa direcção, foi também bastante participado e elucidativo da

opinião dos alunos e dos professores. Houve uma grande sintonia, no sentido em que se percebeu que a Revista estava a mudar, ou seja, a nova geração de alunos não estava tão preocupada em desenvolver artigos de teoria e crítica da arquitetura e, por isso, o foco da Revista teria de se adaptar – não o disciplinar, porque esse seria sempre a arquitetura, mas os temas e as próprias metodologias. A Revista deveria, então, ser mais diversificada na sua estrutura, podendo direcionar-se em parte para a prática do projeto e análise de obra, sem excluir, no entanto, o modelo de artigos ensaísticos que já compunham a sua matriz. Tínhamos consciência que essa matriz tinha surgido da vontade de alguns alunos, muito incentivados pelos professores Mário Krüger e Paulo Varela Gomes, em colmatarem uma carência no plano de estudos nos campos histórico e teórico da arquitetura. Portanto, se essas áreas pedagógicas estavam já garantidas no plano de estudo atual (secundarizando agora outras como a disciplina de Construção), e se os alunos que passavam a integrar a Revista pertenciam, na sua maioria, a anos onde essas mesmas áreas não eram ainda abordadas, questionámos se a estrutura da Revista não deveria, então, ser adaptada. Não se pretendia que a *Nu* se transformasse numa ferramenta para fazer projeto; pretendíamos apenas diversificar as formas como a arquitetura poderia ser abordada. A perceção que eu tenho é que, apesar de as conclusões que se retiraram do debate serem interessantes e motivantes, no sentido em que houve uma confluência de opinião dos participantes quanto a algumas direções a tomar, a direcção que assumiu

a Revista imediatamente a seguir não fez uso delas. No fundo, esse debate público consubstanciou-se em muito poucas alterações, pelo menos no número que saiu logo a seguir.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

Penso que a adequação dependerá sempre daquilo que se pretende que a Revista seja. No sentido em que descrevi a sua estrutura, isto é, enquanto entidade mutável que se ajustava em função daquilo que faz sentido tendo em conta as carências dos alunos, penso que terá sempre forma de resistir a esses momentos de maior crise. Consequentemente, quando se escolhe ignorar este facto, como aconteceu após a discussão pública que organizámos, parece-me certo que o problema da continuidade voltará a ressurgir com gravidade, como se volta a verificar atualmente.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da *Nu* para Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo

uma da outra? Poder-se-á afirmar que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

Acho que dependerá muito de geração para geração. Para mim, a *Nu* foi um sítio de debate de ideias, de arquitetura – seja de projeto, seja de história, teoria ou crítica. Na altura em que entrei, o que mais me interessava era o facto de a Revista ser uma plataforma de debate semanal dos temas que os meus colegas estavam a investigar, e isso ajudava não só a conhecer outras coisas, mas também a desenvolver ferramentas e uma posição crítica dentro do campo da arquitetura. Por isso, penso que a herança da *Nu* para a Escola será sempre numa base muito pessoal; não tenho a menor dúvida que a *Nu* terá passado ao lado de imensos estudantes, tal como não tenho a menor dúvida de que significará muito para as pessoas que por lá passaram. Quanto à *Nu* e a Escola serem o espelho uma da outra, Paulo Varela Gomes disse uma vez a respeito da relação entre as cidades de Lisboa e Goa que se pretendeu em tempos que esta fosse o espelho daquela, mas que o espelho saiu embaciado. Penso que isso se poderá também dizer a respeito da *Nu*: há momentos de maior proximidade a uma direção geral do Departamento de Arquitetura, momentos em que a imagem se aproxima, mas a sua história mostra-nos que surgiu antes de um contraponto. Há alturas em que uma determinada proximidade entre a *Nu* e Escola faz sentido, mas há outras em que a *Nu* serve precisamente para termos um espaço de independência e de procura de coisas que não encontramos no resto do curso.

Entrevista a Francisco Paixão

05 de Agosto, 2020

O corpo editorial da Revista *Nu* nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogênea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista *Nu*, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

No período inicial em que eu assumi a direção da *Nu*, existiam problemas que tinham cerca de dois anos de existência. Havia uma certa ideia de que a *Nu* era, no fundo, um grupo elitista para o qual havia uma certa dificuldade para entrar, mesmo que esse não fosse o objetivo de quem fazia parte da *Nu*; e, ao mesmo tempo, sentia-se alguma falta de interesse da parte de quem lá estava em integrar alunos novos. Isso fez com que houvesse, naturalmente, o afastamento de algumas pessoas que provavelmente teriam interesse em participar, reforçando uma certa imagem de um grupo distante. Quando eu entrei para a Revista, havia um grupo formado, com um ou dois anos de redação, com uma boa relação de trabalho, mas no final desse ano letivo quase todos os elementos saíram porque foram de *Erasmus*. Nesse período, a Revista ficou com apenas três elementos, que tinham acabado de entrar e que, por isso, não tinham propriamente experiência, o que fez com que houvesse uma necessidade de voltar a integrar alguns elementos antigos, com experiência de trabalho na *Nu* ou no Núcleo e, a partir daí, criar uma nova equipa. Contudo, diria que essa imagem de elite não foi propriamente afastada: a falta de pessoas com presença no DARQ

também terá afetado a entrada de novos alunos e o próprio questionamento do futuro da *Nu*, que se começou a criar, fez com que se iniciasse um período de quase um ano em que não houve propriamente uma redação fixa, deixando a *Nu* instável. Quando eu assumi a direção, só tinha restado eu desses elementos e, por isso, foi, no fundo, começar do zero. A questão da entrada de alunos novos teve que ver com o facto de haver uma grande diferença de idades na *Nu* - havia alunos com 25 anos, criando um grande contraste com os alunos mais novos que queriam entrar, e que estando no 1º ou 2º ano teriam 20 anos ou menos - e isso poderia, de certo modo, criar algum medo. Recordo-me que quando eu entrei na Revista *Nu* esse medo não existiu porque, no fundo, entrei a convite de alguém que estava também a entrar de novo, e ambos já conhecíamos alguns elementos, então todo esse receio foi posto de lado; mas da parte de outras pessoas, esse medo pode realmente ter existido.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista *Nu*. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

A *Nu* tem um problema claro: a definição do corpo editorial é muito vaga, ou seja, não há uma candidatura de uma equipa pré-feita, com uma ideia de trabalho para assumir a direção da Revista. Isto, só por si, não é um entrave

ao funcionamento da redação, mas a *Nu*, no fundo, funciona muito pela entrada de pessoas novas e com a saída natural de outras, o que faz com que, por vezes, possa haver pessoas a menos na equipa. Por muito interesse que as pessoas que lá estão tenham em integrar o máximo de alunos dos vários anos, é preciso que exista esse interesse também da parte dos alunos. Por vezes, o problema maior não era só integrar os alunos, era conseguir fazer essa gestão de transições de equipa, que aconteciam porque os alunos iam de *Erasmus* ou porque acabavam o curso; ao mesmo tempo, é preciso algum tempo para que a equipa se conheça, para que as pessoas se possam dar bem umas com as outras e para que possam estar à vontade para discutir os temas. Na minha direção, estivemos cerca de três a seis meses em que, apesar de estarmos a trabalhar num número específico (#44 *Limite*), o objetivo era que houvesse uma reformulação da redação e que aquelas pessoas se conhecessem, se inteirassem do modo como a *Nu* funcionava – ou como poderia funcionar – e que se começasse a gerar uma ideia de grupo sólido que pudesse não só responder àquele número específico, mas que pudesse, no fundo, garantir uma certa continuidade. Penso que, eventualmente, esse processo possa não gerar produtos finais diferentes do habitual – sejam eles o número físico ou atividades paralelas; contudo, esse grupo, a existir coeso, pode gerar um conjunto de atividades extra, não existindo, não me parece que o consiga fazê-lo.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em

algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

Acho que essa tendência existe em alguns anos escolares e acho que é fácil vê-la em alguns períodos de direção específicos. Na minha direção acabou também por acontecer, mas não foi, estranhamente, com o meu ano escolar: houve uma certa representatividade, nada intencional, do 2º e 3º ano, mas que teve que ver – sem querer ser parcial – com o Núcleo de Estudantes. Acho que as duas coisas funcionam muito interligadas, não a *Nu* e o Núcleo, mas a participação e o envolvimento dos alunos com a Escola e a presença de alunos em maior número na Revista. O que aconteceu, quando eu assumi a direção da *Nu* e fiz várias reuniões abertas, foi que apareceram muitos alunos mais novos que, no fundo, estavam a acompanhar a nova fase do Núcleo. Uns anos antes, este tinha passado por um estado quase vegetativo, contudo, deu-se uma mudança de direção que acabou por aproximar os alunos a esse organismo e foram, precisamente, alguns desses alunos que integraram o corpo editorial que eu estava a dirigir. Quando eu assumi a direção da *Nu* estava no 5º ano e a maior parte dos alunos que entraram estavam no 2º ou 3º ano; poucos alunos do 4º e do 5º ano tinham interesse em estar na *Nu*, talvez por causa da tal imagem elitista – salientando, desde logo, que essa imagem elitista não surge ao calha, mas sim porque, de facto, a *Nu* funcionava muito bem na altura, tinha uma carga de produção enorme, fazia eventos de grande escala e tinha uma presença que era difícil de acompanhar

por alunos mais novos. No entanto, quando eu assumi a direção, os alunos mais novos não tinham essa percepção; a *Nu* era para eles uma coisa nova, para a qual poderiam muito facilmente entrar.

No período em que assume a direção da Revista, esta havia enfrentado uma das suas fases mais críticas, na qual se colocaria em causa a sua continuidade. A presença da *Nu* havia-se verificado, então, cada vez menos intensa e cada vez mais distante do meio académico e dos seus agentes. Como se deu o processo construção de uma nova equipa, num período em que a *Nu* era, para muito estudantes, absolutamente desconhecida? Que estratégias foram delineadas e qual a reação dos estudantes às mesmas?

É impossível falar sobre o início do meu período de direção sem falar sobre o ano imediatamente anterior. Nesse ano, nós tínhamos formado uma nova equipa, com alunos que tinham voltado de *Erasmus*, e tinha surgido um novo diretor, o Pedro Caiado, para quem existia uma ideia de continuidade; era clara a intenção de pôr alunos mais novos a trabalhar com alunos mais velhos, por exemplo, eu era subdiretor e o Henrique Pimentel e o Francisco Almeida eram os editores do número. Nessa altura, começámos a questionar como é que deveria ser o futuro da *Nu* e daí surgiu a ideia de fazermos uma espécie de reflexão; contudo, o processo de trabalho desse ano não teve nenhum resultado propriamente dito. Nós estávamos a trabalhar num número que acabaria por não ser publicado e não houve, no final desse ano letivo, resultado

concreto nenhum. Entretanto comecei também a afastar-me da redação, muito por causa do projeto Há Baixa, à semelhança de outros elementos da equipa, ainda que por motivos diferentes; então, esse grupo que estava a tentar dar continuidade à *Nu* começou a perder-se. A única coisa que se manteve sólida foi a ideia de repensar a *Nu*, isto é, se fazia sentido a *Nu* existir, com que formato deveria existir e como é que poderia estar mais próxima dos alunos – essa foi, no fundo, a conclusão do trabalho desse ano. Mesmo depois desse processo todo, sem nenhum resultado prático, eu achava que a *Nu* deveria sempre continuar enquanto grupo de discussão sobre arquitetura e, por isso, achei que fazia sentido avançar com a criação de uma nova equipa. O que eu fiz foi, no fundo, organizar um conjunto de reuniões abertas e tentar mostrar aos novos alunos aquilo que era a *Nu* e pelo menos nessas reuniões iniciais havia alunos de todos os anos. Passados alguns meses, a equipa começou a ficar mais sólida e começámos a discutir o tema do número seguinte, propostas de artigos e de atividades e continuámos a tentar fazer algumas reuniões abertas – se bem que, para nós, todas as reuniões eram abertas! Em paralelo com a discussão desse número demos continuidade ao processo de reflexão da *Nu* em si, porque a *Nu* era igual desde a sua origem, e começámos a discutir o que é que poderia surgir de novo. Na altura, percebemos que apesar de o objeto físico ser o produto mais interessante, limitava a participação das pessoas e, ao mesmo tempo, havia um interesse em tornar a *Nu* um pouco mais século XXI. Nesse sentido, surgiu a ideia de criar uma plataforma *online* que pudesse,

no fundo, integrar artigos em paralelo com o número e pudesse gerar alguma dinâmica interna, para quem entrava, e que pudesse expandir a *Nu* para fora da Escola, porque naquele período a Revista não tinha uma presença fora do meio académico. Recordo-me ainda que outra das estratégias foi fazer com que a *Nu* saísse do claustro a nível de trabalho; por isso, houve várias reuniões que foram feitas fora da sala do Núcleo.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro, refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de acontecimentos externos – relacionados com a Escola ou com o contexto da disciplina?

Acho que o tema tem de ser consensual entre as pessoas que estão na equipa ou, pelo menos, tem de ser consensual entre a direção e os editores do número, mas penso que é natural que os temas sejam do interesse pessoal de quem lá está. Pode haver, ainda, a questão de serem temas *trending*, isto é, se fossemos fazer agora um número da *Nu*, o tema podia perfeitamente ser 'pandemia'; por vezes, estes temas *trending* resultam bem porque são moda na altura, mas, por vezes, não resultam nada porque essas modas não existem. Em todos os

números em que eu estive envolvido, à exceção do *Zero*, os temas surgiram com uma segunda intenção: o *Raiz*, que não foi publicado, surgiu com uma segunda intenção no sentido em que estávamos a tentar criar uma *Nu* do zero, por isso, o número era a 'raiz' da futura *Nu*; o *Limite* foi um tema proposto tendo em conta a situação que se vivia na altura em relação ao estado da Revista, ou seja, era a ideia de 'limite' que estávamos a tentar ultrapassar; o número seguinte, apesar de não ter uma palavra óbvia, tinha uma tema claríssimo: queríamos falar de escola. Enquanto que o *Limite* era um número com uma génese muito parecida a outros números, o *Entre(tanto)* foi muito motivado pelo contexto da altura; desde logo, pela ideia de 'Escola de Coimbra' que se estava a debater, mas também pela publicação *Cadernos DARQ*, na qual não houve a participação devida dos alunos. Para nós era essencial que, numa publicação em que se tenta resumir aquilo que era a Escola num período de seis anos, houvesse uma voz mais ou menos presente dos alunos – e nós tentamos que o #45 fosse essa voz. Acho que é inevitável haver uma relação direta entre os temas que são discutidos na *Nu* e os interesses pessoais do corpo editorial; a mim sempre me pareceu que a *Nu* deve responder primordialmente às pessoas que fazem parte dela. Esta poderia ser uma visão um pouco egoísta, mas sempre me pareceu estranho trabalhar para os 500 alunos da Escola, organizar atividades e aparecerem só 50 – e o mesmo acontecia na *Nu*; parecia-me injusto que os alunos interessados na *Nu* estivessem condenados a produzir uma revista que representasse, de modo integral, a Escola.

Aquilo que é produzido pelas 12 pessoas da *Nu* deve cumprir os interesses e vontades dessas pessoas e não ficar refém das restantes 488.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista, determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspetivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, *quicá*, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da *Nu* e respetivas Secções? Existia, por algum motivo, a ambição de cumprir todas as secções estabelecidas?

As secções eram, no fundo, aquilo que nos tinha sido entregue, ou seja, uma *Nu* com um formato específico, inalterável a nível de dimensões – por nossa vontade – e com um conjunto de secções que, no fundo, poderiam variar conforme fosse o interesse dos editores de cada número. É natural que certas secções existissem sempre, como os artigos escritos que são, no fundo, a base da Revista, ou as entrevistas e conversas, porque surgem do interesse e das discussões dentro do grupo; mas há secções que acabam por fazer mais ou menos sentido, não tanto num número específico, mas num determinado período da Revista. Por exemplo, uma das secções que eu achei que fazia sentido voltar a existir era o 1º ato – uma secção que tinha caído em desuso, mas que, na minha opinião, fazia todo o sentido integrar de novo tal secção, principalmente por mostrar atividade por parte dos alunos e dos ex-alunos do DARQ. Recordo-me que houve a discussão sobre poderem existir novas secções, mas nunca

houve nada em concreto que pudesse, de facto, valer a pena integrar. Numa revista, essas secções são fundamentais, por um lado, porque tornam a produção mais fácil e, por outro, porque tornam a revista mais abrangente a nível de conteúdos. Ao mesmo tempo, as secções permitem integrar alunos com diferentes interesses – porque nem todos os alunos tinham interesse em escrever –, permitindo que todos tenham o seu desenvolvimento no processo de fazer cada número.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos presentes em cada publicação são, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e profissionais relacionados com a disciplina. Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da *Nu*, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens?

Não me parece que tenha existido alguma relação, pelo menos de modo consciente; contudo, acho que possam ter existido artigos que surgiram porque havia assuntos que eram tratados nas aulas e que os alunos pretendiam investigar mais nesse sentido, assim como o contrário, ou seja, assuntos que não eram tratados nas aulas e que na *Nu* havia esse espaço – penso que isso existia em maior número. Quer-me parecer que, sobretudo nos números da minha direção, não houve essa relação

porque os números eram feitos sem o objetivo de produzir um número espetacular, com um grau de desenvolvimento e uma densidade muito grandes. Sobretudo na *Limite*, esse não era o objetivo; o único objetivo era voltar a ter uma redação ativa, na qual as pessoas fossem capazes de produzir o número seguinte e, mais do que a qualidade dos artigos, interessávamos a qualidade da discussão. Acho que o *Entre(tanto)* acabou por ter desenvolvimentos mais densos, mesmo que, em comparação com número com o *Memória*, pudesse não parecer. Existiam sempre algumas referências ao que era lecionado nas aulas, mas que, no fundo, geravam discussão e não propriamente artigos; os artigos poderiam surgir *a posteriori* em relação a essas discussões, mas não me parece que tenha existido uma influência direta.

Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

A questão da densidade dos artigos é muito frágil, porque quer-me parecer que, em certa parte, foram os artigos muito densos que geraram o problema daquele período geracional da *Nu*. Um aluno do 1º, 2º ou 3º ano – e por vezes até de 4º e 5º ano –, lia alguns daqueles artigos e era muito difícil conseguir compreendê-los; e isso parece-me que fazia com que os alunos sentissem pouca empatia com o que estava a ser produzido e que sentissem que havia um nível de desenvolvimento para o qual não estariam preparados. Contudo, penso que há uma justificação clara para isso que tem que ver

com o facto de os artigos mais densos surgirem, sobretudo, de pessoas mais velhas, que estavam há muito tempo na *Nu* e que, por isso, tinham muita experiência nesse sentido. Nos números que surgem na minha direção acontece exatamente o contrário: os alunos eram mais novos e tinham uma experiência quase nula da *Nu*, porque tinham acabado de entrar e, por isso, é natural que os números não tenham o mesmo grau de desenvolvimento quando comparados com outros. Aquilo que interessava não era, de facto, o produto final, mas sim a discussão que lhe estava por detrás. Parece-me que essa falta de densidade, sobretudo na *Limite*, que surge pós-pandemia interna da *Nu*, possa ter gerado uma imagem estranha para algumas pessoas – sobretudo professores, diria eu; mas parece-me também que é difícil, hoje em dia, que se consiga investir tanto tempo por parte dos alunos na escrita de artigos tão densos, a não ser que estejam claramente relacionados com a investigação de Mestrado. Sinto que não há tempo suficiente para que os alunos possam despender horas, dias e semanas na produção de um artigo, em parte por causa de algum excesso de trabalho por parte do meio académico ou, noutros casos, por excesso de interesse na vida fora do meio académico. Além disso, não sei se hoje em dia as pessoas querem ler artigos densos; as pessoas estão habituadas a ler *posts* curtos no *Instagram* ou *tweets* com limite de 140 caracteres. Lembro-me que alguém terá dito que somos a geração do *Facebook* e do *Instagram* e que, de algum modo, a Revista também deveria ser dessa geração. Se há, da parte de todos, a ideia de continuidade da Revista, ela tem de

se adaptar à geração em que está – e já não estamos sequer na geração do *Facebook* e do *Instagram*, estamos na geração do *Tik-Tok*. No fundo, aquilo a que me refiro com a questão da geração do *Tik-Tok* tem que ver com o tempo e com a disponibilidade mental que temos para prestar atenção a algo; a maior parte de nós não quer perder mais do que uma hora a ler uma revista – a nossa atenção está mais curta, mais fugaz, e isso vai originar, naturalmente, artigos mais curtos e menos densos. Essa questão da geração também pode fazer a transposição para o lado virtual e tecnológico, com a tal ideia da presença na Internet – que é, no fundo, o que se pretendia com a plataforma *online*; contudo, a plataforma, mesmo dando resposta à divulgação de artigos e, eventualmente, à criação de um espaço de discussão *online*, não pode ser essa a solução. Penso que tem de haver sempre o lado presencial, das pessoas numa sala a discutirem umas com as outras; o resultado pode ser variado, mas a *Nu* enquanto espaço de discussão é que é a base da coisa. O produto final da *Nu* acaba por ser uma opção, ou seja, se é em formato físico ou *online*, se é um vídeo no *YouTube* ou no *Tik-Tok*, isso será sempre o produto final da discussão, e não a discussão em si. O que falhava, por vezes, era ter pessoas para discutir, porque quando existem pessoas a discussão existe também.

No período em que assumi a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência de eventos nos quais a *Nu* e a Escola concretizassem uma contaminação, seja através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a

***Nu* tivesse um papel preponderante na demarcação de uma posição?**

No período em que eu assumi a direção da *Nu*, não houve propriamente muitos eventos públicos, apesar de haver a intenção de os fazer; recordo-me que queríamos fazer um ciclo de conferência, à semelhança do que tinha sido o *Cosa Mentale*, mas que foi sendo sempre adiado. O que acabou por acontecer enquanto eventos públicos foram as reuniões abertas, sobretudo no período inicial, e a publicação dos números; creio que no meu período de direção não houve mais presença pública com eventos ou atividades. No entanto, também não me parece que houvesse uma grande necessidade de fazer isso porque havia no DARQ um grande conjunto de eventos paralelos à *Nu*; havia, naquela altura, um Núcleo de Estudantes a funcionar bem e havia eventos por parte da Escola. Ao mesmo tempo, esse período coincidiu com a existência do Há Baixa, ou seja, havia ainda mais atividade do que aquela que seria expectável. Em suma, havia atividade em várias áreas, desde o lado extremamente teórico ao lado extremamente prático.

Em que momentos determinados eventos externos apresentaram ser um estímulo para as dinâmicas da *Nu*; como por exemplo, a realização de determinadas entrevistas no seguimento de um tal evento?

Acho que os eventos externos são um estímulo: a publicação dos *Cadernos no DARQ* deu origem ao número #45 *Entre(tanto)* e eventualmente, a par com isso, as conferências da 'Escola de

Coimbra' e a grande discussão que se criou em torno da ideia desse título. Eventualmente poderemos ter discutido mais coisas dentro da redação, mas que não foram motivadoras para fazer um número específico, com a exceção das viagens. Lembro-me que as viagens foram fontes de inspiração muito grandes no meu período de direção: quer tenham sido viagens pessoais ou para a realização de *workshops* ou viagens de *Erasmus*. Recordo, por exemplo, os Enviados Nu que consistiram em duas participações em *workshops* em Moçambique e na Alemanha ou a própria fotografia da capa da *Limite* que foi tirada durante a participação num *workshop* de arquitetura na Madeira.

As dinâmicas da Revista Nu seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da Nu tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

É clara a dificuldade em conseguir manter uma equipa editorial no DARQ, a não ser que esta esteja relacionada com um grupo de amigos; cada aluno tem a sua vida académica, ou porque faz *Erasmus*, ou porque quer dedicar-se à Dissertação ou porque tem alguma atividade paralela e, por isso, há sempre um fluxo grande de alunos – e o que eu noto é que esse fluxo tem ficado cada vez maior! É possível olhar para a

Nu a partir de duas perspetivas: uma perspetiva mais histórica, ou seja, a Nu enquanto Revista com 18 anos, com um percurso muito forte e enquanto uma mais-valia para a Escola; e uma perspetiva da Nu enquanto grupo de discussão que tem um produto final, podendo ser ou não uma revista. Contudo, acho que as duas perspetivas acabam por ser incompatíveis; a pressão de ter esse carácter histórico de força na Escola, faz com que seja difícil ter o outro lado da discussão a funcionar normalmente, no sentido em que há quase uma obrigação de que tudo tem de ser feito com alguma periodicidade e com um determinado nível de qualidade. Há uma espécie de pressão de que a Nu tem de continuar quando, no fundo, poderia já ter acabado. Faz-me alguma confusão, por exemplo, que a Nu seja revista de estudantes única no DARQ e que, segundo sei, nunca tenha surgido uma revista que tenha só um número. Isto acontece porque, de certa forma, a Escola se fez refém da Nu e claramente os alunos sentem-se mal em criar uma revista paralela. Ao mesmo tempo, parece-me que o DARQ anda cada vez mais a um nível acelerado e que a Nu precisa de um ritmo desacelerado da parte dos alunos, para que eles possam ter tempo para se dedicarem à Nu. O confronto desses dois ritmos dificulta muito o funcionamento da Revista e, de certa forma, pode até provocar o seu fim. Acho que o questionamento das coisas é fundamental e que, por vezes, não temos coragem de pôr um fim às coisas quando elas devem, de facto, ter um fim.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da Nu para Escola; e, por sua vez, que

dinâmicas poderá a contaminação entre a *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á afirmar que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

Acho que há vários contributos da *Nu* para o DARQ; desde logo, a criação de um espaço de discussão, que ainda se mantém, a produção de um sentido crítico nos alunos que fazem parte das redações e os eventos públicos, que elevam o nome da Escola – e há que salientar aqui o *Cosa Mentale*. Acho que o maior contributo da *Nu* para Escola está em dois níveis: um mais estratosférico, no sentido de elevar a Escola em si, outro num nível mais pequeno, no sentido de elevar as pessoas que lá estão e potenciar esse sentido crítico. Não quero acreditar que a *Nu*, enquanto números produzidos, seja de facto um reflexo da Escola porque senão quereria dizer que há eventualmente alguns desequilíbrios abissais entre alguns anos; não quero acreditar que exista um reflexo entre a qualidade dos números publicados da *Nu* e a qualidade dos alunos referentes a esses anos. Pode é existir, por um lado, um grupo mais interessado e que se dá melhor, que consegue trabalhar melhor num determinado ano da *Nu* e que, por essa razão, produz números melhores; e, por outro, um conjunto mais novo, menos coeso, com menos tempo disponível noutros anos e que, por isso, produz números com menos densidade e que seriam considerados por alguns críticos da cultura arquitetónica como menos interessantes. Não quero acreditar que

haja de facto uma relação muito direta entre uma coisa e outra, nem sequer da participação dos alunos no processo 'Escola'. Portanto, acho que pontualmente pode haver, como é natural, relações diretas entre a *Nu* e a Escola, mas acho que generalizando podemos, eventualmente, chegar a conclusão erradas.

Entrevista a Inês Saraiva

14 de Agosto, 2020

O corpo editorial da Revista *Nu* nem sempre terá apresentado uma composição absolutamente homogénea; o número de estudantes por equipa tem apresentado oscilações recorrentes ao longo do tempo, transversais a todas as redações. No período em que assumiu a direção da Revista *Nu*, que fatores acredita terem determinado as oscilações na composição do corpo editorial?

Eu integrei o corpo editorial da Revista *Nu* em 2017, numa fase em que existia um propósito e um esforço de retomar – ou até mesmo recriar – a redação e a própria Revista, depois de um período sem produção de cerca de dois anos. Este contexto é importante pois antecipa o meu contributo na Revista enquanto subdiretora e editora. O exercício de repensar a *Nu* manteve-se aceso e uma das principais preocupações estava relacionada com a composição do corpo editorial e a correlação entre a Revista e a Escola. Sem produção nem atividade, a Revista desapareceu do conhecimento dos estudantes e essa, acreditávamos nós, seria uma das principais frentes a atuar, pois estava no início de toda a cadeia que a *Nu* representava. Certo é que a Revista *Nu* é reflexo do contexto da Escola e, sendo produção do interesse que os alunos nutrem por ela, está completamente dependente dessa intenção. Numa análise distanciada, no período em que pertenci à *Nu* – de 2017 a 2019 –, a redação foi composta por um grupo de estudantes mais regular e por estudantes que contribuíam de forma pontual. Estas posturas distintas são reflexo do propósito e da disposição de cada indivíduo, com as quais a direção tem de saber trabalhar de modo

a tirar benefícios, ou seja, a instabilidade e a mudança são componentes da redação e vão sempre permanecer, exatamente porque a *Nu* se constrói ao mesmo tempo que cada aluno cresce e se molda, e isso é, sem dúvida, um processo de constante mudança e adaptação. Portanto, creio que os fatores que mais afetam as oscilações do corpo editorial da Revista *Nu* estão relacionados diretamente com a forma variável como os alunos a interpretam e a vivem.

Foram delineadas e concretizadas, durante esse período, estratégias de aproximação da *Nu* aos agentes da Escola?

Os debates sobre como é que a *Nu* poderia participar ativamente na Escola sem depender diretamente da iniciativa dos alunos proporcionou várias estratégias e motivou a especulação de outras tantas ideias. Claro que, numa fase inicial, o propósito era ‘atrair o desconhecido’ e, por isso, continuámos a promover as Reuniões Abertas – atividade que já existia anteriormente – algumas delas decorridas na Sala do NUDA, outras em zonas mais expostas e menos intimistas, como no Claustro ou na Estufa. No entanto, concluímos que dessa forma não estávamos a conseguir atrair as pessoas, pois estávamos dependentes da vontade e intenção de cada indivíduo em querer conhecer e saber mais sobre a Revista; e, de facto, isso raramente acontecia porque a grande massa de alunos desconhecia a existência da Revista dada a inexistência de uma atividade contínua na Escola. Esta discussão em torno da voz da *Nu* na Escola estava tão presente que o número #45 *Entre(tanto)* foi reflexo disso

mesmo: da vontade e da necessidade que a redação tinha em discutir escola. Nesse sentido, foram delineadas outras estratégias, entre as quais a realização de instalações no espaço da Escola, procurando estas provocar a reação dos estudantes, assim como a materialização da Livraria *Nu* que, no meu ponto de vista, procurou conceber identidade ao espaço do DARQ e, no fundo, marcar presença. De facto, nesses momentos, pudemos enquanto membros da Revista estar perto do 'desconhecido' e dar a conhecer a existência da *Nu*. A par destas iniciativas, quero destacar ainda o *Call for Papers*, realizado no contexto da produção do número #46 *Cor*, e que acabaria por complementá-lo fisicamente. A resposta a este desafio que lançámos, sem limites nem restrições, abriu uma frente de discussão que não pretenderia encerrar-se na escrita de cada contributo. Este exercício despojado da responsabilidade de pertencer continuamente à redação provocou interesse e a participação que teve é, no meu entender, a confirmação de que continua a existir vontade em discutir criticamente diversos temas e contextos – ainda que nem sempre nos moldes da Revista *Nu*.

As transições de direção e consequentes reformulações das equipas editoriais foram, desde sempre, recorrentes na Revista *Nu*. A que se devem tais tendências e que repercussões acredita que possam representar estas nas dinâmicas editoriais, no processo de trabalho em equipa e, claro está, na Revista como objeto?

A transição de direção, na maioria dos casos,

está relacionada com o término do curso ou com participações no programa *Erasmus*. Claro é que a mudança de direção tem consequências diretas na Revista porque se dá, com essa transição, uma nova visão e uma nova tendência, ainda que se verifique a preocupação de agarrar a Revista a uma estrutura condutora intemporal. Creio que estabilizar a equipa da *Nu* seja uma tarefa impossível, compreendendo que os estudantes são agentes passageiros e que a Revista acompanha esses ciclos que se encerram e iniciam ano após ano. Cada reformulação da equipa implica que se crie uma nova dinâmica de grupo e uma nova estratégia de trabalho; cada transição implica uma reflexão e uma consequente reação crítica sobre o estado em que se encontra a Revista *Nu*.

Poder-se-á, ainda, reconhecer uma determinada tendência na reformulação das equipas? Isto é, poder-se-á verificar, em algum momento, que a equipa se apresentaria representativa, por exemplo, de um ano escolar ou de um grupo de colegas específico?

A Revista *Nu* funciona porque determinado grupo de pessoas – conhecidas ou não – se mostram predispostas a discutir os mais diversos temas, com o fim de produzir um número físico que transpareça, precisamente, essas preocupações e divagações. Desta forma, é claro que existe uma tendência na reformulação das equipas porque o membro que assume a direção já pertenceria ao corpo editorial até então. Desconheço o processo de reformulação das equipas antecedentes a 2017, mas acredito que não tenha sido muito

diferente. Sendo a *Nu* um grupo que se torna familiar, é naturalmente reconhecida pelos membros a entrega e a capacidade de liderança de determinada pessoa e, por isso, acredito que a tendência na reformulação das equipas seja mais do que uma escolha ou uma indicação.

No que às publicações diz respeito, mais especificamente aos temas-conceito, poder-se-á afirmar que cada número, desenvolvido em torno de um tema-conceito, materializa o processo em torno do pensamento e do debate do corpo editorial. Assim, terá existido, por um lado, uma certa tendência na escolha dos temas privilegiados? E, por outro, refletiam estes essencialmente motivações internas – sejam do diretor, editor ou corpo editorial – ou resultariam estes, por vezes, de acontecimentos externos – relacionados com a Escola ou com o contexto da disciplina?

Existem, até hoje, 46 publicações da Revista *Nu*, ou seja, 46 temas distintos com artigos díspares e uma multidão envolvida, direta ou indiretamente. Acredito que todas as possibilidades mencionadas na pergunta tenham feito parte, em algum momento, do processo da escolha do tema, mas não tenho qualquer dúvida que sem motivação interna nenhuma das outras se teria concretizado. É natural, e até desejável, que a Revista se deixe contaminar por fatores externos e que alguns deles possam, em certa medida, ser oportunidades que tornam determinado tema mais privilegiado em detrimento de outro.

A Estrutura e respetivas Secções da Revista,

determinadas por uma lógica e contexto particulares, parecem refletir, por um lado, as intenções e perspetivas de um tal corpo editorial e, por outro, parecem ambicionar determinar, *quicá*, um tal posicionamento da Revista. Que intencionalidade se pretendia transmitir com a Estrutura da *Nu* e respetivas Secções? Existia, por algum motivo, a ambição de cumprir todas as secções estabelecidas?

A materialização de qualquer revista requer reflexão, gestão, organização e estrutura e a *Nu* foi, ao longo do tempo, encontrando uma matriz dividida em secções e que, idealmente, deveria ser cumprida em cada número. No entanto, como poderá uma publicação ser tão rígida se a sua génese assenta na mutação constante, no apuramento contínuo e na evolução temporal e contextual? Cada publicação tem um tema determinado e uma estrutura base que é tão flexível quanto a equipa envolvida assim o desejar. No entanto, de número para número permanece uma coluna vertebral que aparenta uma certa consistência da Revista *Nu* no tempo. Por mais reformulações que possam existir, existe simultaneamente uma herança que se reflete na escolha de cada editor em manter tais as secções, podendo existir números em que algumas secções se perdem e números nos quais estas se recuperam.

No que ao conteúdo de cada publicação diz respeito, poder-se-á afirmar que os Artigos presentes em cada publicação são, mais concretamente, o espaço de expressão por excelência do corpo editorial, dos estudantes e docentes do DARQ e dos arquitetos e

profissionais relacionados com a disciplina. Assim, será possível verificar, no período exato em que assumiu a direção da *Nu*, que os artigos pretendiam fazer um paralelo com o que seria lecionado na Escola ou se, por sua vez, seria um estímulo e procura de novas abordagens e aprendizagens? Poder-se-á, ainda, reconhecer se estes contributos apresentavam uma grande densidade teórica ou se, por sua vez, seriam mais próximos da vertente prática?

Claramente que a *Nu* é usada como espaço de refúgio crítico pelos alunos e, por isso, tende a existir uma abordagem assente no momento em que se vive e no que se absorve na e através da Escola. Os alunos de arquitetura ficam embebidos de tal modo nos conteúdos e nos pensamentos próprios da disciplina que o que procuram para lá disso acaba por estar diretamente relacionado. Por isso, sim, os artigos, na sua generalidade, procuram comentar, articular, negar ou reafirmar conteúdos que são introduzidos pela Escola ou, simultaneamente, os conteúdos que são omitidos. Muitas vezes, o aluno pode estar vinculado a uma vertente mais teórica no curso e então procura, através da *Nu*, uma vertente mais prática usando o mesmo objeto de estudo. Outras vezes, as preocupações que surgem em projeto levam a que o aluno ambicione saber mais sobre o tema e a *Nu*, como espaço de reflexão, acaba por abrigar essa necessidade. Durante o período que estive na *Nu*, recordo-me que existiriam artigos relacionados com o objeto de projeto e outros que partiram dele, mas rapidamente abordaram temas que ultrapassam a cadeira de

projeto, na sua maioria, com uma densidade teórica maior do que necessariamente prática.

No período em que assumiu a direção da Revista, ter-se-á verificado a existência de eventos nos quais a *Nu* e a Escola concretizassem uma contaminação, seja através de eventos promovidos pela redação ou, tão simplesmente, eventos em que a *Nu* tivesse um papel preponderante na demarcação de uma posição?

Apesar de terem existido alguns momentos proporcionados pela Escola e que poderiam ter sido vantajosos para *Nu*, não chegou a existir nenhuma participação nesses a partir desses eventos e, por isso, a contaminação e o contributo – que têm benefícios mútuos indiscutíveis – acabou por não acontecer no período em que estive na *Nu*.

As dinâmicas da Revista *Nu* seriam marcadas, desde sempre, por algumas fragilidades no seu funcionamento; desde logo, pelo término do ano letivo que determinaria, por sua vez, uma quebra considerável do ritmo de trabalho. Neste caso específico, coloca-se sempre em causa a continuidade da Revista. Neste sentido, acredita que o modelo de funcionamento da *Nu* tem sido o mais adequado e compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ?

Acredito que a Revista *Nu* não tem de ser compatível com dinâmicas de funcionamento do DARQ, da mesma forma que ser estudante de arquitetura não termina e começa em cada

ano letivo. Ambos são processos contínuos que podem ter paragens e quebras que se preveem coincidentes. O funcionamento da *Nu* deve procurar ser flexível e desprendido, mas sobretudo compatível entre os membros. A dinâmica de grupo criada dentro da *Nu* deve procurar um funcionamento compatível com o ritmo de trabalho da equipa em si.

Por fim, qual terá sido o maior contributo da *Nu* para Escola; e, por sua vez, que dinâmicas poderá a contaminação entre a *Nu* e a Escola potenciar no meio académico e nos seus agentes? Acredita que estas podem ser, num determinado momento, o reflexo uma da outra? Poder-se-á afirmar que estas caminham a velocidades similares ou absolutamente distintas?

Uma escola de arquitetura tem as suas especificidades e a existência de uma ferramenta como a *Nu* é, sem dúvida, uma oportunidade para que se desenvolvam contributos variados para a Escola. Desde logo, o desenvolvimento de uma postura crítica perante os conteúdos e até mesmo perante o contexto quer da disciplina quer do mundo em geral; depois, a enriquecedora contaminação que os membros da redação provocam uns nos outros, tanto pela partilha como pela discussão; e por fim, o legado que a *Nu* arquiva em si mesma, no objeto físico, nos eventos e nos membros envolvidos, direta e indiretamente. Acredito que *Nu* faz tão parte da Escola como a Escola da *Nu* e, portanto, por muito que essa envolvimento dependa dos agentes representativos de cada uma das partes, sempre que acontece é

promissora a ambas as partes. A *Nu* será sempre refém do ritmo da Escola, mas a sua função é, precisamente, ter uma postura perante isso, refletir, discutir e provocar alterações, que surjam de modo sugestivo.